

RUBEM BRAGA LUIS FERNANDO VERISSIMO
ANTÔNIO MARIA PAULO MENDES CAMPOS
NELSON RODRIGUES IVAN LESSA VINICIUS
DE MORAES CARLOS HEITOR CONY ZUENIR
VENTURA CLARICE LISPECTOR JOÃO UBALDO
RIBEIRO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
RACHEL DE QUEIROZ ALDIR BLANC OTTO
LARA RESENDE ROBERTO DRUMMOND
ARNALDO JABOR **AS CEM MELHORES**
CRÔNICAS BRASILEIRAS FERNANDO
SABINO CHICO BUARQUE JOSÉ CARLOS
OLIVEIRA MARCELO RUBENS PAIVA FERREIRA
GULLAR MOACYR SCLiar LYGIA FAGUNDES
TELLES CAETANO VELOSO STANISLAW
PONTE PRETA MILLÔR FERNANDES MARIO
PRATA IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO Seleção:
JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS  OBJETIVA



As Cem Melhores
Crônicas Brasileiras

OBJETIVA

JOAQUIM FERREIRA DOS SANTOS

Organização e Introdução

**As Cem Melhores
Crônicas Brasileiras**

OBJETIVA

Copyright 2005 by Joaquim Ferreira dos Santos

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA OBJETIVA LTDA.

Rua Cosme Velho, 103

Rio de Janeiro - RJ - CEP: 22241-090

Tel: (21) 2199-7824 - Fax: (21) 2199-7825

www.objetiva.com.br

Coordenação editorial

Isa Pessoa

Produção editorial

Maryanne Linz

Coordenação de direitos autorais

Ana Luisa Chafir

Capa

João Baptista de Aguiar

Referências bibliográficas

Natalia Klusmann

Revisão

Rita Godoy

Rosy Lamas

Lilia Zanetti Freire

Beatriz Branquinho

Antônio dos Prazeres

Editoração eletrônica

Abreu's System

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C388

As cem melhores crônicas brasileiras / Joaquim Ferreira dos Santos, organização e introdução. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

355p. ISBN 978-85-7302-861-4

Inclui bibliografia

1. Antologias (Crônica brasileira). I. Santos, Joaquim Ferreira dos.

07-1317. CDD: 869.98008

CDU:
821.134.3(8l)-8(082)

Sumário

Introdução

Joaquim Ferreira dos Santos

De 1850 a 1920

O cronista entra em cena e flana pela cidade

O nascimento da crônica

Machado de Assis

Modern girls

João do Rio

Queixa de defunto

Lima Barreto

Máquinas de coser

José de Alencar

O livreiro Garnier

Machado de Assis

Um mendigo original

João do Rio

O câmbio e as pombas

Machado de Assis

As cartomantes

Olavo Bilac

O dia de um homem em 1920

João do Rio

De 1920 a 1950

Com a bênção dos modernistas de bermudas

Aula de inglês

Rubem Braga

Chorinho para a amiga

Vinícius de Moraes

A mulher automática

Oswald de Andrade

Genialidade brasileira

Alcântara Machado

Talvez o último desejo

Rachel de Queiroz

A Sra. Stevens

Mario de Andrade

A mosca azul

Humberto de Campos

Um milagre

Graciliano Ramos

Os discos voadores

Rachel de Queiroz

Os anos 1950

A década de ouro de uma geração de craques

Ser brotinho

Paulo Mendes Campos

Meu ideal seria escrever

Rubem Braga

Café com leite

Antônio Maria

Batizado na Penha

Vinícius de Moraes

A moça e a varanda

Sérgio Porto

Páginas das páginas

Marques Rebelo

O sapo de Arubinha

Mario Filho

Homem no mar

Rubem Braga

Garbo: novidades

Carlos Drummond de Andrade

Salvo pelo Flamengo

Paulo Mendes Campos

Complexo de vira-latas

Nelson Rodrigues

Os dois bonitos e os dois feios

Rachel de Queiroz

O inferninho e o Gervásio

Stanislaw Ponte Preta

Os amantes

Rubem Braga

Tragédia concretista

Luís Martins

A invenção da laranja

Fernando Sabino

A bolsa e a vida

Carlos Drummond de Andrade

O pior encontro casual

Antônio Maria

Os anos 1960

Discursos na rua, humor nas páginas

Perfil de Tia Zulmira

Stanislaw Ponte Preta

“Cãomício” no calçadão

José Carlos Oliveira

Conversa de pai e filha

Antônio Maria

Gente

Elsie Lessa

Antigamente

Carlos Drummond de Andrade

Coisas abomináveis

Paulo Mendes Campos

Flor de obsessão

Nelson Rodrigues

Notas de um ignorante

Millôr Fernandes

Crônica social

Clarice Lispector

Como conquistei a Violeteira

José Carlos Oliveira

Viúva inconsolável

Nelson Rodrigues

A moça e a calça

Stanislaw Ponte Preta

O milagre das folhas

Clarice Lispector

A última crônica

Fernando Sabino

Os anos 1970

Longe daqui, aqui mesmo

Londres, novembro de 1972

Campos de Carvalho

Herói. Morto. Nós

Lourenço Diaféria

A Ipanemia

Caetano Veloso

Um lugar ao sol

Chico Buarque

Coisas & Pessoas

Mario Quintana

O time de Neném Prancha

João Saldanha

Uma boneca ao relento

Ivan Lessa

Os abridores de bar

José Carlos Oliveira

A escrita é outra

Fernando Sabino

Morreu o Valete de Copos

João Antônio
Medo da Eternidade
Clarice Lispector
Ser gagá
Millôr Fernandes
Somos todos estrangeiros
Ivan Lessa

Os anos 1980
Sexo e assombrações

Ed Mort e o anjo barroco
Luís Fernando Veríssimo
O dia em que nós pegamos Papai Noel
João Ubaldo Ribeiro
Palavra de homem
Aldir Blanc
Deus é naja
Caio Fernando Abreu
Ter ou não ter namorado
Artur da Távola
Então, adeus!
Lygia Fagundes Telles
A noite em que os hotéis estavam cheios
Moacyr Scliar
Assombrações
Ivan Angelo
Velhos conhecidos
João Ubaldo Ribeiro

Zero grau de Libra

Caio Fernando Abreu

Dialogando com o público leitor

João Ubaldo Ribeiro

Os anos 1990

A vida privada virou uma comédia

O pastel e a crise

Otto Lara Resende

Um idoso na fila do Detran

Zuenir Ventura

Grande Edgar

Luis Fernando Veríssimo

Mila

Carlos Heitor Cony

Calcinhas secretas

Ignácio de Loyola Brandão

Por que sonhas, Minas?

Roberto Drummond

Sobre o amor

Ferreira Gullar

Homem que é homem

Luis Fernando Veríssimo

Minhas bunda

Mario Prata

O estrangeiro

Arthur Dapieve

Essa mocidade de hoje

Marcos Rey

Zano

Otto Lara Resende

Sexo na cabeça

Luis Fernando Veríssimo

Os anos 2000

Próxima estação, internet

Amor é prosa, sexo é poesia

Arnaldo Jabor

Quando as mulheres acordam

Xico Sá

Receita da amante ideal

Carlos Heitor Cony

Dê uma chance ao ser humano

Tutty Vasques

A mulher de

Marcelo Rubens Paiva

Pro Beleléu

André Sant'Anna

Um casal feliz

Danuza Leão

Pessoas habitadas

Martha Medeiros

Carta aberta para um amigo além-mar

João Paulo Cuenca

Para você estar passando adiante

Ricardo Freire

Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca

Arnaldo Jabor

Da arte de falar mal

Carlos Heitor Cony

Bar ruim é lindo, bicho

Antonio Prata

Referências bibliográficas

Índice por autores

Introdução

Joaquim Ferreira dos Santos

A crônica não quer abafar ninguém, só quer mostrar que faz literatura também. Textos feitos para o momento e que, pela qualidade, vão ficar para sempre. Eis o breque deste livro. As cem crônicas e os 62 autores que transformaram um gênero, chamado ora de menor, ora de literatura de bermuda, num chorrilho interminável de grandes clássicos de referência de bons momentos em nossa língua.

Salve! Viva! o monumento de nação redigido em cada linha de Dom Casmurro e Grande Sertão: Veredas, mas preste atenção agora que Rubem Braga vai começar, assim como quem não quer nada, a sua “Aula de inglês”. E uma crônica de fala mansa, sem aparentar pompa ou qualquer circunstância, como é típico da espécie, mas está entre os cem mais de qualquer coisa escrita neste país. Temos o samba, a prontidão e podemos colocar a crônica entre o que Noel Rosa listou como outras bossas. Os ingleses talvez carreguem mais no sarcasmo, os franceses talvez apostem na erudição. Problema deles. A crônica brasileira tem uma cara própria, leve, bem-humorada, amorosa, com o pé na rua. Quase 150 anos depois de instaurada nos jornais, ela apresenta uma espetacular capacidade de se reinventar e se comunicar com o leitor. Literatura é tudo aquilo que permanece. É o caso das crônicas que vêm a seguir.

Se levar a palavra ao pé da letra e destrinchar o radical grego *chrono*, tempo, você vai chegar à aborrecida definição que o dicionário dá para crônica: “Compilação de fatos históricos apresentados segundo a ordem de sucessão no tempo”. Isso pode até ter acontecido, e querem alguns que a cana de Pero Vaz de Caminha foi nossa primeira matéria no gênero. No início da história que nos interessa, a crônica que surge na relação com a imprensa, os primeiros autores recebiam como missão escrever um relato dos fatos da semana. Eram os chamados “folhetins”. Aos poucos a tarefa foi entregue a penas geniais como a de Machado de Assis, na virada para o século XX, e o gênero, sem pigarrear, sem subir à tribuna, ganhou cara própria. Passou a refletir com estilo, refinamento literário aparentemente despretensioso, o que ia pelos costumes sociais. Narrava o comportamento tias tribos urbanas, o

crescimento das cidades, o duelo dos amantes e tudo mais que se mexesse no caminhar da espécie sobre esse vale de lágrimas. Eis a crônica moderna. Ela ocupa hoje pelo menos meia página diária em todos os grandes jornais brasileiros e, quando transformada em livro, como no caso das produções de Verissimo e Arnaldo Jabor, fica durante dezenas de semanas nas listas dos mais vendidos. É, sem dúvida, um fenômeno de aceitação popular, o contato mais cotidiano do brasileiro com os grandes autores da língua.

O jornal *Espelho Diamantino* produziu a partir de 1828 a pré-história da crônica brasileira ao manter uma seção fixa para registrar os usos e costumes do período. O padre Lopes Gama em *O Carapuceiro*, em 1832, e Martins Pena, no *Correio da Moda*, em 1839, confirmaram a necessidade editorial de registrar, comentar com verve, como desse na telha, o que se via e ouvia pelas ruas. Mas foi a partir de janeiro de 1854, quando José de Alencar publicou o primeiro folhetim da série “Ao correr da pena”, no *Correio Mercantil*, que o gênero começou a ficar com o jeitão atual. Alencar, um dos fundadores da pátria, comentava com graça e leveza os acontecimentos da semana — a primeira corrida no Jockey Club, a missa do galo na Catedral — e fazia o casamento definitivo entre literatura e jornalismo. Em 1861, Joaquim Manuel de Macedo, autor do clássico *A Moreninha*, daria contribuição luxuosa ao inventar um caminho perseguido ainda hoje pelos cronistas: o *flâneur*, o andarilho que comenta o que vê pelas calçadas. No *Jornal do Commercio*, em 44 textos sob o título “Um passeio”, ele simplesmente flanava pelo Rio de Janeiro. Zé e Joaquim deixavam o gênero com pistas a serem percorridas pela multidão de cronistas dos séculos seguintes. Eles apostavam, como cláusula primeira de sobrevivência, no abuso da subjetividade e na descontração do texto para criar peças que funcionam como oásis de respiração e bom gosto no meio das crises e tragédias de um jornal.

Segundo Antonio Cândido, era o início de uma raça de “cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome vale-tudo: crônica”.

O fato escolhido como tema era desde o início um detalhe de somenos, uma desimportância qualquer, um pretexto reles para que o escritor, esse “vira-lata” talentoso, viajasse a pena e desse uma geral na humanidade. Numa das crônicas de Machado de Assis escolhida para este livro, ele fala da crise financeira de agosto de 1896, uma flutuação cambial que desvaloriza a moeda brasileira. Em nenhum momento usa a autossuficiência de um analista econômico. Não discursa. Não reverbera empáfia de doutor. Machado valoriza o comportamento, como a desvalorização financeira transborda para as pessoas nas ruas e, com humor, vai buscar inspiração nas pombas que

bicam a cabeça do apóstolo São João na igreja da Santa Cruz dos Militares. Ele não tem compromisso em informar o que está acontecendo. Está no jornal, mas não é um espaço de notícia. Abusa da liberdade, eis a palavra mágica, e isso nas mãos dos craques faz o charme da crônica brasileira.

Machado, autor de três textos nesta antologia, queria distância da solenidade dos grandes acontecimentos. Apostava no micro, declarava-se autor em que o estilo grave não cabia — era apenas “um escriba de coisas miúdas”. Ele próprio avança mais um pouco na definição do que é um cronista:

“Nasci com certo orgulho, que já agora há de morrer comigo. Não gosto que os fatos nem os homens se me imponham por si mesmos. Tenho horror a toda superioridade. Eu é que os hei de enfeitar com dois ou três adjetivos, uma reminiscência clássica, e os mais galões do estilo. Os fatos, eu é que os hei de declarar transcendentais; os homens, eu é que os hei de aclamar extraordinários.”

Desencaixotando Machado: a crônica está no detalhe, no mínimo, no escondido, naquilo que aos olhos comuns pode não significar nada, mas, puxa uma palavra daqui, “uma reminiscência clássica” dali, e coloca-se de pé uma obra delicada de observação absolutamente pessoal. O borogodó está no que o cronista escolhe como tema. Nada de engomar o verbo. É um rabo de arraia na pompa literária. Um “falar à fresca”, como o bruxo do Cosme Velho pedia. Muitas vezes uma crônica brilha, gloriosa, mesmo que o autor esteja declarando, como é comum, a falta de qualquer assunto. Não vale o que está escrito, mas como está escrito. Manuel Bandeira dizia que Rubem Braga era sempre bom, mas “quando não tem assunto então é ótimo”. Ou seja, receita de crônica é uma obra particular, onde cabem quase todos os ingredientes — mas, por favor, sempre com muito molho. As de Clarice Lispector vêm regadas de azeites da alma. As de Lima Barreto trazem no tempero alguma erva colhida num quintal suburbano.

Não faltam bons chefs e receitas nessa cozinha.

Os exemplos reunidos neste livro são clássicos elegantes desse modo particular de escrever que se rotula como crônica, uma iguaria de sal regado a gosto, onde são valorizadas todas as veleidades idiossincráticas — menos palavras desse jaez. Afetação zero. Eles posam no máximo um jeitão despretenso, próximo do coloquialismo dos papos de botequim, como costuma fazer Aldir Blanc, ou da conversa jogada fora numa praça de Copacabana, como dissimula João Antônio. Vale tudo, menos ser chato. A princípio essas crônicas tinham compromisso apenas com o efêmero, encher

meia página de jornal, manter ocupados os olhos do leitor, e serem esquecidas imediatamente. Deveriam ter a durabilidade de uma notícia. Não foi possível. João Ubaldo Ribeiro, Humberto de Campos, Carlos Heitor Cony não conseguiriam. Transportadas para a página dos livros, as nossas melhores crônicas mantêm surpreendente vitalidade e frescor.

As crônicas deste volume foram escolhidas pelo curador no uso da sua subjetividade máxima, como convém ao gênero, e desafiam a ideia de apenas narrar seu tempo. Elas acabaram indo aonde ninguém poderia imaginar. Eternas. Peças de referência com representantes de primeira ordem. João do Rio, cronista *flâneur* que cruzou os bairros e morros cariocas atrás de personagens, parecia, no início dos anos 1900, próximo do novo jornalismo que Gay Talese faria ao final do século, percorrendo Nova York atrás de tipos curiosos. João misturou tudo num grande caldeirão. Repórter? Cronista? Contista? Ele já era a geração posterior a Machado e Alencar, de uma turma de literatos que se valia da profissionalização da imprensa no Rio — Bilac, Lima Barreto, Euclides da Cunha, Benjamin Costallat — e vivia com os ganhos da publicação de suas palavrinhas nos jornais. A turma tinha um olho na imortalidade da Academia Brasileira de Letras e outro no relógio para cumprir o prazo dado pelo editor do jornal. Navegando com talento entre o acabamento literário inerente a cada um e a atualidade jornalística, o grupo deixou retratos de definição exemplar, tão nítidos quanto os de Augusto Malta e Marc Ferrez, dos principais aspectos da modernização dos costumes no Rio de Janeiro no início do século XX.

Uma crônica, como se vê, e nas próximas páginas há uma centena de exemplos deliciosos, serve para muita coisa. Vinícius de Moraes usou a prosa poética para cantar as eternas namoradas, enquanto Danuza Leão tinha um flash do que era felicidade vendo em Paris a cena do casal que compra uma echarpe. Otto Lara Resende narrou o descaso pelas notícias

do mundo diante do fato maior de que seu gatinho Zano sumiu, e Carlos Heitor Cony pranteou Mila, sua cachorrinha morta. Roberto Drummond investigou os mistérios do imaginário de Belo Horizonte e André Sant’Anna narrou suas contradições, entre o adoro e o detesto, a respeito de São Paulo.

Une todos esses textos a voz nítida de autores que abusam da primeira pessoa, do comentário e da liberdade de adotarem um idioma ora poético, ora jornalístico, ora irônico, ora perplexo, quase sempre bem-humorado. Parecem textos ligeiros, simples e superficiais, tamanha a facilidade de leitura. São pequenas obras-primas de emoção baseadas nos espantos e alegrias, decepções e surpresas do cotidiano. A namorada acordou ao lado e a cena

revelava um espetáculo deslumbrante? Xico Sá, da nova geração que usa a internet para cultivar o gênero, não teve dúvida. Era o início de uma crônica. De início, esses textos que você vai ler não tiravam qualquer onda de se perpetuarem nos almanaques das obras imortais, como é a vontade dos que escrevem um romance. Podiam ser esquecidos no dia seguinte e ninguém ficaria aborrecido com isso. Mas o que fazer se pela qualidade, pelo frescor, pelo tom amigo de conversarem com as gerações seguintes, essas crônicas transcenderam a edição do jornal, continuam atuais e fazendo bonito diante da escrita que evolui?

A base de estilo plantada por Alencar e Machado passou pelo frenético andarilho de João do Rio-e-seus-blue-caps-da-belle-époque. Em seguida ganhou o formato que ainda se lê hoje com a aparição dos escritores-roqueiros de 22. Os modernistas radicalizaram em suas propostas, em romances e poesias, o que já havia nas crônicas desde o início: a vontade de deixar a língua “à fresca”, coloquial, sem medo até, por que não?, de fazer piada. Valorizavam as pequenas cenas e, mesmo em assuntos sérios, sempre passavam ao largo de qualquer pronunciamento tingido pela seriedade. Oswald e Mario de Andrade, mais Alcântara Machado, Manuel Bandeira, todos foram cronistas de jornal. Deixaram o gênero na medida e nada mais, enxuto de belezismos, orgulhoso de suas bermudas, para que a partir dos anos 1930 entrasse em cena o texto fundamental de Rubem Braga. Ele seria o único grande escritor brasileiro a traçar toda sua obra nos limites da crônica — embora suas crônicas alargassem todos os limites do texto e muitos vissem nelas até um jeito enviesado de fazer poesia.

“Braga é o estilista cuja melhor performance ocorre sempre por escassez de assunto”, escreveu Manuel Bandeira. “Aí começa ele com o puxa-puxa, em que espreme na crônica as gotas de certa inefável poesia que é só dele. Será este o segredo de Braga: pôr nas suas crônicas o melhor da poesia que Deus lhe deu? Braga, poeta sem oficina montada e que faz poema uma vez na vida e outra na morte, descarrega os seus bálsamos e os seus venenos na crônica diária.”

O capixaba Rubem Braga, com o marco de sua “Aula de inglês”, de 1944, deu o acabamento definitivo do que seria a boa crônica brasileira — inspirado numa cena de total banalidade, o artista a transforma num monumento à inteligência e ao bom gosto. Tem humor, tem mergulho sutil na alma dos personagens, tem relato subjetivo, tem uma tremenda bossa.

Uma propaganda dos anos 1950 vendia uma toalha de plástico dizendo “parece linho, mas é Linholene”. Escrever crônicas, principalmente as

melhores, parece dos exercícios mais simples. O verbo não posa empáfia, a semântica joga com as palavras curtas, de uso comum, e os personagens não vieram do fabulário grego nem das estátuas romanas, mas de alguma esquina do bairro. Parece simples, parece Linholene, mas é linho puro. O crítico Antonio Cândido, que classificava a “persistência da crônica” como “um fenômeno interessante da literatura brasileira”, viu que havia caroço sofisticado por baixo do angu de Braga e da maravilhosa geração dos anos 1950:

“Tanto em Drummond quanto nele (Braga) observamos um traço que não é raro na configuração da moderna crônica brasileira: no estilo, a confluência de uma tradição, digamos clássica, com a prosa modernista. Essa fórmula foi bem manipulada em Minas (onde Rubem Braga viveu alguns anos decisivos da vida); e dela se beneficiaram os que surgiram nos anos 40 e 50, como Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos. E como se (imaginemos) a linguagem seca e límpida de Manuel Bandeira, coloquial e corretíssima, se misturasse ao ritmo falado de Mario de Andrade, com uma pitada do arcaísmo programado dos mineiros.”

A impressionante coleção de grifes literárias escrevendo nos jornais e revistas dos anos 1950 e 1960 ajudou a consolidar a crônica como o gênero literário mais próximo do brasileiro. Muitos leitores se aventuraram a voos mais profundos a partir do gosto que tomaram pelas páginas de Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos na revista *Manchete*. No jornal *Ultima Hora*, revezavam-se os estilos de Antônio Maria, romântico, e Stanislaw Ponte Preta, humor escrachado. No *Correio da Manhã*, no final dos anos 1950, estava Drummond; no *Jornal do Brasil*, no final dos 60, Clarice Lispector. Era uma turma de respeito ensinando o brasileiro a ler e, pela falsa simplicidade da coisa, a tentar escrever. Se Bandeira disse em poesia que o coelhinho da índia tinha sido sua primeira namorada, milhões de brasileiros poderiam repetir o mesmo em relação à crônica. Ela é a primeiríssima paixão pelas letras, através dos jornais, de um povo com pouco acesso aos livros.

Este livro tomou a liberdade de dividir a história das grandes crônicas por meio de blocos cronológicos. Poderia ter sido por intermédio dos temas mais recorrentes ao gênero como “O humor”, “A mulher”, “As cidades”, “Os costumes”, “As relações amorosas”, “Os andarilhos”. A divisão por seções pareceu mais confortável e capaz de facilitar o manuseio do livro. Ao mesmo tempo em que o leitor acompanha, didaticamente, o aparecimento em cena das sucessivas gerações de autores, curte a evolução dos novos modos na cena brasileira. Da máquina de costura industrial esbugalhando os olhos de José de Alencar ao internético Tutty Vasques, o avanço tecnológico fica mais lógico

narrado década a década. Não percam, nos anos 1950, a máquina de fazer laranja de Fernando Sabino.

Com a ordem cronológica saboreia-se também, com mais nitidez, o que cada geração vai fazendo para modificar o jeito de escrever, navegando-se da pontuação rigorosa de Machado até os imensos blocos, costurados apenas com vírgulas, de André Sant’Anna.

Das cartomantes aconselhando amantes desgovernadas, a personagem da crônica de Olavo Bilac, até as mulheres amorosamente emancipadas do ano 2000, as heroínas de Marcelo Rubens Paiva — a evolução dos costumes ganha facetas mais divertidas de se acompanhar quando obedecida a ordem cronológica de suas aparições.

Lamenta-se que, por dificuldades relativas à cessão de direitos autorais, crônicas de Manuel Bandeira e Cecília Meireles não possam fazer parte deste volume. Bandeira participaria com três textos: “A fêmea do cupim”, “O enterro de Sinhô” e “A trinca do Curvelo”. Cecília compareceria com a sequência das três viagens imaginárias que fez à sua paradisíaca Ilha do Nanja. Seriam escolhas clássicas em meio a uma lista que, de resto, ao mesmo tempo em que reconhece outros títulos emblemáticos e inevitáveis, aposta também em escolhas pouco ortodoxas. Há novos autores, como Antonio Prata, recém-iniciados na tradição, num aceno de que o futuro da crônica está garantido. As aproximações com gêneros vizinhos, como a prosa poética escolhida num dos exemplos de Vinicius de Moraes, ou o conto, no caso do texto de Lygia Fagundes Telles, também procuram provocar e mostrar a permeabilidade da crônica. Definitivamente, e eis uma de suas graças, ela dialoga sem preconceitos com tudo que lhe vai ao redor.

Seria um perfil o que escreveu Machado de Assis sobre a morte do livreiro Garnier?

Seria uma reportagem a de João do Rio sobre o mendigo original?

Seria uma simples carta de amigos o relato de João Paulo Cuenca sobre como vai sua cidade?

Os leitores não perguntam nada. Cada vez mais apaixonados, leem tudo.

A escolha das cem melhores crônicas, ao invés de evitar essas interrogações, aproximou-se delas para mostrar como são tênues, e desprezíveis, esses limites literários. Mas tudo sem academicismos, que a boa crônica não leva um papo desses a sério. Se é aguda, não é crônica, definiu Rubem Braga. Tudo sem culto de qualquer aristocracia, que ela nasceu plebéia, embrulhada em papel-jornal e com um editor gritando “Olha o prazo

do fechamento, dona Rachel de Queiroz”. Acima de tudo sem a camisa-de-força teórica que divide o mundo em abstrações do tipo literatura maior e menor.

Em que nicho se encaixa “O medo da eternidade”, de Clarice Lispector, um recorte na angústia humana através da iniciação de uma adolescente no rito da degustação da... goma de mascar?

“Salve o prazer”, eis um dístico possível para essa bandeira que aqui se desfralda.

Ao escrever do exílio para o *Pasquim*, Caetano Veloso talvez não tivesse rotulado como crônica o delirante texto sobre “a ipanemia”, mas leia só e veja se ele não tem, na manha da liberdade autoral, na enunciação do seu tempo, na leveza das linhas, todas as características da coisa. É preciso estar atento e forte. Não é um artigo, não é um ensaio, não é uma resenha — mas atenção para o refrão. É o texto com charme, que toma todas as liberdades. Coisa nossa.

“É o sujeito se expondo”, diz Carlos Heitor Cony, tentando também classificar o espírito do que seria essa coisa. “O personagem único da crônica é a primeira pessoa do singular.”

Há quem diga caber neste balaio tudo aquilo que, no jornal, se coloca entre fios gráficos e em cima escreve-se “Crônica”. É a fusão dos gêneros. Misturar as artes do espírito sensível com os fatos da atualidade, mesmo que seja aquela realidade passando embaixo apenas da sua janela. Bate-se no liquidificador das referências pessoais, e serve-se ao leitor tentando ampliar o sentido daquela banalidade. A objetividade de Sabino, o lirismo de Braga, a perspectiva dilacerada de Caio Fernando de Abreu. Todos cronistas, todos cultores da excelência de estilo, aquilo que dá transcendência e inclui seus textos entre os melhores da literatura nacional.

Aqui estão cem exemplos, da pontinha, dessa saga de quase 150 anos — mas você fique à vontade, vista a bermuda, e faça sua lista com outras provocações. É como escalar a seleção brasileira. Cada um tem a sua, com

os melhores craques e estilos de jogo. No início de 1954, Marques Rebelo enfileirou pequenos drops, meio poéticos, meio pílulas de sabedoria, no seu espaço na *Ultima Hora* e deixa claro que é possível fazer em cinco linhas — como Drummond fez em quatro capítulos no caso da bolsa perdida no ônibus — a velha, boa e reconhecível crônica.

Acima de tudo, pairou sobre a escolha destes textos a avaliação de qualidade e a capacidade de terem sobrevivido aos tempos, sem rodapés

exaustivos, e estarem ainda em permanente estado de letrinhas que flutuam como se nuvens fossem. Era uma turma que pegava leve. Antônio Maria, 110 quilos, na luta de boxe das palavras era peso pluma. O resto é ao gosto deste freguês que assina, sempre sob a supervisão carinhosa da editora Isa Pessoa, a quem agradece a trabalhadeira de durante um ano não ter lido outra coisa se não crônicas, graças a Deus, muitas crônicas. Foi um grande prazer que agora, se espera, é do leitor. Aqui e ali, em meio aos mestres do gênero, como Elsie Lessa e Carlinhos Oliveira, aparições especiais de inesperados Graciliano Ramos e Chico Buarque. Todos cronistas por alguns dias apenas, mas, como em tudo mais que fizeram, exímios também na arte de espargir sobre a nossa sensibilidade o perfume suave contido no pequeno frasco da crônica.

De 1850 a 1920

O cronista entra em cena e flana pela cidade

As cidades brasileiras iam se formando, cortadas pelas novidades das grandes avenidas, e os cronistas surgem como os historiadores imediatos desta cena emergente. Aqueles que não esperam o distanciamento crítico do tempo e já estavam ali, ao quente, descrevendo as miudezas do cotidiano que os grandes mestres da História do Brasil não se preocupavam em anotar. São as primeiras estrelas da imprensa, que se moderniza e fica profissional. João do Rio, sempre fascinado pelos estrangeirismos, perfilava a modern girl, uma garota já apaixonada pelo perfume da gasolina. Acima de tudo, ele dava o tom para a sua geração, colocando a todos nas ruas para flunar pelas calçadas e esmiuçar o comportamento da frívola city. Machado de Assis, o maior escritor brasileiro, fazia em “A semana” uma mistura equilibrada de jornalismo e literatura, mostrando com humor o que seria, segundo Gustavo Corção, a crônica brasileira: uma maneira leve de tratar as coisas graves, e uma maneira grave de tratar as coisas leves.

O nascimento da crônica

Machado de Assis

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjeturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e *La glace est rompue*; está começada a crônica.

Mas, leitor amigo, esse meio é mais velho ainda do que as crônicas, que apenas datam de Esdras. Antes de Esdras, antes de Moisés, antes de Abraão,

Isaque e Jacó, antes mesmo de Noé, houve calor e crônicas. No paraíso é provável, é certo que o calor era mediano, e não é prova do contrário o fato de Adão andar nu. Adão andava nu por duas razões, uma capital e outra provincial. A primeira é que não havia alfaiates, não havia sequer casimiras; a segunda é que, ainda havendo-os, Adão andava baldo ao naípe. Digo que esta razão é provincial, porque as nossas províncias estão nas circunstâncias do primeiro homem.

Quando a fatal curiosidade de Eva fez-lhes perder o paraíso, cessou, com essa degradação, a vantagem de uma temperatura igual e agradável. Nasceu o calor e o inverno; vieram as neves, os tufões, as secas, todo o cortejo de males, distribuídos pelos doze meses do ano.

Não posso dizer positivamente em que ano nasceu a crônica; mas há toda a probabilidade de crer que foi coetânea das primeiras duas vizinhas. Essas vizinhas, entre o jantar e a merenda, sentaram-se à porta, para debicar os sucessos do dia. Provavelmente começaram a lastimar-se do calor. Uma dizia que não pudera comer ao jantar, outra que tinha a camisa mais ensopada do que as ervas que comera. Passar das ervas às plantações do morador fronteiro, e logo às tropelias amatórias do dito morador, e ao resto, era a coisa mais fácil, natural e possível do mundo. Eis a origem da crônica.

Que eu, sabedor ou conjeturador de tão alta prosápia, queira repetir o meio de que lançaram mãos as duas avós do cronista, é realmente cometer uma trivialidade; e contudo, leitor, seria difícil falar desta quinzena sem dar à canícula o lugar de honra que lhe compete. Seria; mas eu dispensarei esse meio quase tão velho como o mundo, para somente dizer que a verdade mais incontestável que achei debaixo do sol é que ninguém se deve queixar, porque cada pessoa é sempre mais feliz do que outra.

Não afirmo sem prova.

Fui há dias a um cemitério, a um enterro, logo de manhã, num dia ardente como todos os diabos e suas respectivas habitações. Em volta de mim ouvia o estribilho geral: que calor! Que sol! É de rachar passarinho! É de fazer um homem doido!

Íamos em carros! Apeamo-nos à porta do cemitério e caminhamos um longo pedaço. O sol das onze horas batia de chapa em todos nós; mas sem tirarmos os chapéus, abríamos os de sol e seguíamos a suar até o lugar onde devia verificar-se o enterramento. Naquele lugar esbarramos com seis ou oito homens ocupados em abrir covas: estavam de cabeça descoberta, a erguer e fazer cair a enxada. Nós enterramos o morto, voltamos nos carros, e daí às

nossas casas ou repartições. E eles? Lá os achamos, lá os deixamos, ao sol, de cabeça descoberta, a trabalhar com a enxada. Se o sol nos fazia mal, que não faria àqueles pobres-diabos, durante todas as horas quentes do dia?

Modern girls

João do Rio

— Xerez? Coquetel?

— Madeira.

Eram 7 horas da noite. Na sala cheia de espelhos da confeitaria, eu ouvia com prazer o Pessimista, esse encantador romântico, o último cavalheiro que sinceramente odeia o ouro, acredita na honra, compara as virgens aos lírios e está sempre de mal com a sociedade. O Pessimista falava com muito juízo de várias coisas, o que quer dizer: falava contra várias coisas. E eu ria, ria desabaladamente, porque as reflexões do Pessimista causavam-me a impressão dos humorismos de um *clotvn* americano. De repente, porém, houve um movimento dos criados, e entraram em pé-de-vento duas meninas, dois rapazes e uma senhora gorda. A mais velha das meninas devia ter quatorze anos. A outra teria doze no máximo. Tinha ainda vestido de saia entravada, presa às pernas, como uma bombacha. A cabeça de ambas desaparecia sob enormes chapéus de palha com flores e frutas. Ambas mostravam os braços desnudos, agitando as luvas nas mãos. Entraram rindo. A primeira atirou-se a uma cadeira.

— Uff! Que já não posso!...

— Mas que pândega!

— Não é, mamãe?...

— Eu não sei, não. Se seu pai souber...

— Que tem? Simples passeio de automóvel.

A menor, rindo, aproximou-se do espelho.

Mas que vento! Que vento! Estou toda despenteada...

Mirou-se. Instintivamente olhamos para o espelho. Era uma carita de criança. Apenas estava muito bem pintada. As olheiras exageradas, as sobrancelhas aumentadas, os lábios avivados a carmim líquido faziam-lhe uma apimentada máscara de vício. Era decerto do que gostava, porque sorriu à própria imagem, fez uma caretinha, lambeu o lábio superior e veio sentar-se,

mas à inglesa, traçando a perna.

— Que toma?

— Um chope.

A outra exclamou logo:

— *Eu não, tomo whisky-and-caxambu.*

— *All right.*

— E a mama?

— Eu, minha filha, tomaria uma groselha. O senhor tem?

— Esta mamã com os xaropes!

E voltou-se. Entrava um sujeito de cerca de quarenta anos, o olho vítreo, torcendo o bigode, nervoso. O sujeito sentou-se de frente, despachou o criado, rápido, e sem tirar os olhos do grupo, em que só a pequena olhava para ele, mostrou um envelope por baixo da mesa. A pequena deu uma gargalhada, fazendo com a mão um sinal de assentimento. E emborcou com galhardia o copo de cerveja.

Nem a mim, nem ao Pessimista aquela cena podia causar surpresa. Já a tínhamos visto várias vezes. Era mais um caso de precocidade mórbida, em que entravam com partes iguais o calor dos trópicos e a ânsia de luxo, e o desespero de prazer da cidade ainda pobre. Aqueles dois rapazes, aliás inteiramente vulgares, para apertar, apalpar e debochar duas raparigas, tinham alugado um automóvel, mas tendo nele a mãe por contrapeso. A boa senhora, esposa de um sujeito de certo sem muito dinheiro, consentira pelo prazer de andar de automóvel, pelo desejo de casar as filhas, por uma série de razões obscuras em que predominaria de certo o desejo de gozar uma vida até então apenas invejada. O homem nervoso era um desses caçadores urbanos. A menina, a troco de vestidos e chapéus, iria com ele talvez.

— É a perdição! — bradou o Pessimista.

— É a vida...

— Você é de um cinismo revoltante.

— E você?

O Pessimista olhou-me:

— Eu, revolto-me!

— E o que adianta com isso?

— Satisfaço a consciência...

— Que é uma senhora cada vez mais complacente.

O Pessimista enrouqueceu de raiva. Eu, com um gesto familiar, tirei o chapéu às meninas — que imediatamente corresponderam ao cumprimento.

— Oh, diabo! Conhecê-las!

— Nunca as vi mais gordas.

— E cumprimenta-as?

— Por isso mesmo: para as conhecer. É que essas duas meninas são, meu caro Pessimista, um caso social — um expoente da vida nova, a vida do automóvel e do velívolo. O homem brasileiro transforma-se, adaptando de bloco a civilização; os costumes transformam-se; as mulheres transformam-se. A civilização criou a suprema fúria das precocidades e dos apetites. Não há mais crianças. Há homens. As meninas, que aliás sempre se fizeram mais depressa mulheres que os meninos homens, seguem a vertigem. E o mal das civilizações, com o vício, o cansaço, o esgotamento, dá como resultado crianças pervertidas. Pervertidas em todas as classes; nos pobres por miséria e fome; nos burgueses por ambição de luxo; nos ricos por vício e degeneração. Certo, há muitíssimas raparigas puras. Mas estas, que se transformaram com o Rio, estas que há dez anos tomariam sorvete, de olhos baixos e acanhados, estas são as *modem girls*.

— Um termo inglês...

— Diga antes americano — porque americano é tudo que nos parece novo. Antigamente tremeríamos de horror. Hoje, estas duas pequenas são quase nada de grave. Semivirgens? Contaminadas de *flirt*? Sei lá! É preciso conhecer o Rio atual para apanhar o pavor imenso do que poderíamos denominar a prostituição infantil. Este é o caso bonito — não se aflija — bonito à vista dos outros, porque os outros são sinistros. O que Paris e Lisboa e Londres, enfim as cidades europeias oferecem tão naturalmente, prolifera agora no Rio. A miséria desonesta manda as meninas, as crianças, para a rua e explora-as. Há matronas que negociam com as filhas de modo alarmante. Há cavalheiros que fazem de colecionar crianças um esporte tranquilo. A cidade tem mesmo, não uma só, mas muitas casas publicamente secretas, frequentadas por meninas dos doze aos dezesseis anos. Ainda outro dia vi uma menina de madeixas caídas e meia curta. Olhou-me com insolência e entrou numa casa secreta, que fica bem em frente ao ponto de bonde em que me achava. Estas talvez não façam isso ainda, estas são as eternas pedidas.

— As eternas pedidas?...

— Criaturinhas com o trópico, o vício das ruas, o apetite do luxo que não podem ter, criaturinhas que desde o colégio, desde os dez anos se enfeitam, põem pó-de-arroz, batom, e namoram. O lar está aberto aos milhares, como se diria antigamente nos dramalhões. Elas têm um noivo, quando deviam estar a pular a corda. É um rapaz alegre, que lhes ensina coisas, e pitorescamente lhes *dá o fora* tempos depois, desaparecendo. Logo aparece outro. As meninas, por vício e mesmo porque lhes pareceria deprimente não ter um apaixonado permanente, recebem esse e com ele contratam casamento. Ao cabo de dois ou três meses a cena repete-se e vem terceiro, de modo que é muito comum ouvir nas conversas das pobres mães: — “A minha filha vai casar”. — “Ah! Já sei, com aquele rapaz alto, louro?” “Não. Agora é com aquele baixo, moreno, que em tempos namorou a filha do Praxedes”...

— Você é imoral...

— Estou a descrever-lhe um mal social apenas. Não é assim? É. São as *modern girls*. E o mesmo fenômeno se reproduz na alta sociedade, com mais elegância, sem a declaração de noivado oficial, mas com um *flirt* tão íntimo que se teme pensar não ser muito mais... Quais as ideias dessas pobres criaturinhas, meu caro Pessimista? Coitadinhas! Ingenuidade, a ingenuidade do mal espontâneo. Elas são antes vítimas do nome, da situação, do momento, da sociedade. Nenhuma delas tem plena convicção do que pratica. E algum de nós, neste instante vertiginoso da cidade, tem plena consciência, exata consciência do que faz?

— Estamos todos malucos.

— Di-lo você! O fato é que de repente nos atacou uma hiperfúria de ação, um subitâneo desencadear de desejos, de apetites desaçaimados. Não é vida, é a convulsão de um mundo social que se forma. O cinismo dos homens é o cinismo das mulheres, seres um tanto inferiores, educados para agradar os homens — vendo os homens difíceis, os casamentos sérios, o futuro tenebroso. As *modern girls*! Não imagina você a minha pena quando as vejo sorrindo com imprudência, copiando o andar das *cocottes*, exagerando o desembaraço, aceitando o primeiro chegado para o *flirt*, numa maluqueira de sentidos só comparável às crises rituais do vício asiático!... Elas são modernas, elas são coquetes, elas querem aparecer, brilhar, superar. Elas pedem o louvor, o olhar concupiscente, como os artistas, os deputados, as *cocottes*; as palavras de desejo como os mais alucinados títeres da Luxúria. E tudo por imitação, porque o instante é esse, porque o momento desvairante é de um galope desenfreado de excessos sem termo, porque já não há juízo...

— Virou moralista?

— Como Diógenes, caro amigo.

Entretanto, o grupo das meninas e dos rapazes acabara as bebidas. Os rapazes estavam decerto com pressa de continuar os apertões nos automóveis.

— Vamos. Já vinte minutos.

— Não quer mais nada, mamã?

— Não, muito obrigada.

— Então, em marcha.

— Para a Beira-Mar!

— Nunca! — interrompeu um dos rapazes. — Vou mostrar-lhes agora o ponto mais escuro da cidade: o Jardim Botânico.

— Faz-se tarde. Olha teu pai, menina...

— Qual! Em dez minutos estamos lá! É um automóvel esplêndido.

— Partamos.

O bando ergueu-se. Houve um arrastar de cadeiras. Saiu a senhora gorda à frente. A menina mais velha seguia com um dos rapazes, que lhe segurava o braço. A menina menor também partia acompanhada pelo outro, que lhe dizia coisas ao ouvido. Ficamos sós — eu, o Pessimista e o homem nervoso da outra mesa, o tempo, aliás, apenas para que o homem nervoso se levantasse, e, tomando de um lenço que ficara esquecido na mesa alegre, o embrulhasse com a sua carta... A menor das pequenas voltava, rindo, a dizer alto para fora:

— Esperem, é um segundo...

Correu à mesa, apanhou o lenço com a carta, lançou um olhar malicioso ao homem, e partiu lépida, sem se preocupar com o nosso juízo.

— Essas é que são as ingênuas? — berrou o Pessimista.

— Há ingênuas e ingênuas. Ingênuas xarope-de-groselha...

— *E ingênuas whisky-and-caxambu?*

— Exatamente. Esta, porém, é menos que *whisky*, e mais que xarope — é o comum das *modern girls* o que se pode chamar...

— Uma ingênuas coquetel?

— E com ovo, excelente amigo, e com ovo!

Queixa de defunto

Lima Barreto

Antônio da Conceição, natural desta cidade, residente que foi em vida, na Boca do Mato, no Méier, onde acaba de morrer, por meios que não posso tornar público, mandou-me a carta abaixo que é endereçada ao prefeito. Ei-la:

Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Doutor Prefeito do Distrito Federal. Sou um pobre homem que em vida nunca deu trabalho às autoridades públicas nem a elas fez reclamação alguma. Nunca exerci ou pretendi exercer isso que se chama os direitos sagrados de cidadão. Nasci, vivi e morri modestamente, julgando sempre que o meu único dever era ser lustrador de móveis e admitir que os outros os tivessem para eu lustrar e eu não.

Não fui republicano, não fui florianista, não fui custodista, não fui hermista, não me meti em greves, nem em cousa alguma de reivindicações e revoltas; mas morri na santa paz do Senhor quase sem pecados e sem agonia.

Toda a minha vida de privações e necessidades era guiada pela esperança de gozar depois de minha morte um sossego, uma calma de vida que não sou capaz de descrever, mas que pressenti pelo pensamento, graças à doutrinação das seções católicas dos jornais.

Nunca fui ao espiritismo, nunca fui aos “bíblias”, nem a feiticeiros, e apesar de ter tido um filho que penou dez anos nas mãos dos médicos, nunca procurei macumbeiros nem médiuns.

Vivi uma vida santa e obedecendo às prédicas do Padre André do Santuário do Sagrado Coração de Maria, em Todos os Santos, conquanto as não entendesse bem por serem pronunciadas com toda eloquência em galego ou vasconço.

Segui-as, porém, com todo o rigor e humildade, e esperava gozar da mais dólcida paz depois de minha morte. Morri afinal um dia destes. Não descrevo as cerimônias porque são muito conhecidas e os meus parentes e amigos deixaram-me sinceramente porque eu não deixava dinheiro algum. E bom, meu caro Senhor Doutor Prefeito, viver na pobreza, mas muito melhor é morrer nela. Não se levam para a cova maldições dos parentes e amigos deserdados; só carregamos lamentações e bênçãos daqueles a quem não

pagamos mais a casa.

Foi o que aconteceu comigo e estava certo de ir direitinho para o Céu, quando, por culpa do Senhor e da Repartição que o Senhor dirige, tive que ir para o inferno penar alguns anos ainda.

Embora a pena seja leve, eu me amolei, por não ter contribuído para ela de forma alguma. A culpa é da Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro que não cumpre os seus deveres, calçando convenientemente as ruas. Vamos ver por quê. Tendo sido enterrado no cemitério de Inhaúma e vindo o meu enterro do Méier, o coche e o acompanhamento tiveram que atravessar em toda a extensão a Rua José Bonifácio, em Todos os Santos.

Esta rua foi calçada há perto de cinquenta anos a macadame e nunca mais foi o seu calçamento substituído. Há caldeirões de todas as profundidades e larguras, por ela afora. Dessa forma, um pobre defunto que vai dentro do caixão em cima de um coche que por ela rola sofre o diabo. De uma feita um até, após um trambolhão do carro mortuário, saltou do esquife, vivinho da silva, tendo ressuscitado com o susto.

Comigo não aconteceu isso, mas o balanço violento do coche machucou-me muito e cheguei diante de São Pedro cheio de arranhaduras pelo corpo. O bom do velho santo interpelou-me logo:

— Que diabo é isto? Você está todo machucado! Tinham-me dito que você era bem-comportado — como é então que você arranjou isso? Brigou depois de morto?

Expliquei-lhe, mas não me quis atender e mandou que me fosse purificar um pouco no inferno.

Está aí como, meu caro Senhor Doutor Prefeito, ainda estou penando por sua culpa, embora tenha tido vida a mais santa possível. Sou, etc., etc.

Posso garantir a fidelidade da cópia a aguardar com paciência as providências da municipalidade.

Máquinas de coser

José de Alencar

Meu caro colega. — Acho-me seriamente embaraçado da maneira por que descreverei a visita que fiz ontem à fábrica de coser de Mme. Besse, sobre a qual já os nossos leitores tiveram uma ligeira notícia neste mesmo jornal.

O que sobretudo me incomoda é o título que leva o meu artigo. Os literatos, apenas ao lerem, entenderão que o negócio respeita aos alfaiates e modistas. Os poetas acharão o assunto prosaico, e talvez indigno de preocupar os vãos do pensamento. Os comerciantes, como não se trata de uma sociedade em comandita, é de crer bem pouca atenção dêem a esse melhoramento da indústria.

Por outro lado, tenho contra mim o belo sexo, que não pode deixar de declarar-se contra esse maldito invento, que priva os seus dedinhos mimosos de uma prenda tão linda, e acaba para sempre com todas as graciosas tradições da galanteria antiga.

Aqueles lencinhos embainhados, penhor de um amante fiel, e aquelas camisinhas de cambraia destinadas a um primeiro filho, primores de arte e de paciência, primeiras delícias da maternidade, tudo isso vai desaparecer.

As mãozinhas delicadas da amante, ou da mãe extremosa, trêmulas de felicidade e emoção, não se ocuparão mais com aquele doce trabalho, fruto de longas vigílias, povoadas de sonhos e de imagens risonhas. Que coração sensível pode suportar friamente semelhante profanação do sentimento?

Declarando-se as senhoras contra nós, quase que podemos contar com uma conspiração geral, porque é coisa sabida que desde o princípio do mundo os homens gastam a metade de seu tempo a dizer mal das mulheres, e a outra metade a imitar o mal que elas fazem.

Por conseguinte, refletindo bem, só nos restam para leitores alguns homens graves e sisudos, e que não se deixam dominar pela influência dos belos olhos e dos sorrisos provocadores. Mas como é possível distrair estes espíritos preocupados com altas questões do Estado e fazê-los descer das sumidades da ciência e da política a uma simples questão de costura?

Parece-lhe isto talvez uma coisa muito difícil; entretanto tenho para mim

que não há nada mais natural. A história, essa grande mestra de verdades, nos apresenta inúmeros exemplos do grande apreço que sempre mereceu dos povos da antiguidade, não só a arte do coser, como as outras que lhe são acessórias.

Eu podia comemorar o fato de Hércules fiando aos pés de Ônfale, e mostrar o importante papel que representou, na antiguidade, a teia de Penélope, que mereceu ser cantada por Homero. Quanto à *agulha* de Cleópatra, esse lindo obelisco de mármore, é a prova mais formal de que os egípcios votavam tanta admiração à arte da costura, que elevaram aquele monumento à sua rainha, naturalmente porque ela excedeu-se nos trabalhos desse genero.

As tradições de todos os povos conservam ainda hoje o nome dos inventores da arte de vestir os homens. Entre os gregos foi Minerva, entre os lídios Aracne, no Egito Isis, e no Peru Manacela, mulher de Manco Capa.

Os chineses atribuem essa invenção ao Imperador Ias; e na Alemanha, conta a legenda que a fada Ave, tendo um amante muito friorento, compadeceu-se dele, e inventou o tecido para vesti-lo. Naquele tempo feliz ainda eram as amantes quem pagavam os gastos da moda; hoje, porém, este artigo tem sofrido uma modificação bem sensível. As fadas desapareceram, e por isso os homens vão cuidando em multiplicar as máquinas.

Só estes fatos bastariam para mostrar que importância tiveram em todos os tempos e entre todos os povos as artes que servem para preparar o traje do homem. Além disto, porém, a tradição religiosa conta que, já no Paraíso, Eva criara, com as folhas da figueira, diversas modas, que infelizmente caíram em completo desuso.

Já não falo de muitas rainhas, como Berta, que foram mestras e professoras na arte de coser e fiar; e nem das sábias pragmáticas dos Reis de Portugal a respeito do vestuário, as quais mostram o cuidado que sempre mereceu daqueles monarcas, e especialmente do grande Ministro Marquês de Pombal, a importante questão dos trajes.

Hoje mesmo, apesar do rifão antigo, todo o mundo entende que *o hábito faz o monge*; e, se não vista alguém uma calça velha e uma casaca de cotovelos roídos, embora seja o homem mais relacionado do Rio de Janeiro, passará por toda a cidade incógnito e invisível, como se tivesse no dedo o anel de Giges.

Assim, pois, é justamente para os espíritos graves, dados aos estudos profundos e às questões de interesse público, que resolvi descrever a visita à fábrica de coser de Mme. Besse, certo de que não perderei o meu tempo, e

concorrerei quanto em mim estiver para que se favoreça este melhoramento da indústria, que pode prestar grandes benefícios, fornecendo não só à população desta corte, mas também a alguns estabelecimentos nacionais.

A fábrica está situada à Rua do Rosário n² 74. Não é uma posição tão aristocrática como a das modistas da Rua do Ouvidor; porém tem a vantagem de ser no centro da cidade; e, portanto, as senhoras do tom podem facilmente e sem derrogar aos estilos da alta *fashion* fazer a sua visita a Mme. Besse, que as receberá com a graça e a amabilidade que a distingue.

Era na ocasião de uma dessas visitas que eu desejaria achar-me lá para observar o desapontamento das minhas amáveis leitoras (se é que as tenho, visto que estou escrevendo para os homens pensadores). Dizem que o espírito da indústria tem despoetizado todas as artes, e que as máquinas vão reduzindo o mais belo trabalho a um movimento monótono e regular, que destrói todas as emoções, e transforma o homem num autômato escravo de outro autômato.

Podem dizer o que quiserem; eu também pensava o mesmo antes de ver aquelas lindas maquinazinhas que trabalham com tanta rapidez, e até com tanta graça. Figurai-vos umas banquinhas de costura fingindo charão, ligeiras e cômodas, podendo colocar-se na posição que mais agradar, e sobre esta mesa uma pequena armação de aço, e podeis fazer uma ideia aproximada da vista da máquina. Um pezinho o mais mimoso do mundo, um pezinho de *Cendrillon*, como conheço alguns, basta para fazer mover sem esforço todo este delicado maquinismo.

E digam-me ainda que as máquinas despoetizam a arte! Até agora, se tínhamos a ventura de ser admitidos no santuário de algum gabinete de moça, e de passarmos algumas horas a conversar e a vê-la coser, só podíamos gozar dos graciosos movimentos das mãos; porém não se nos concedia o supremo prazer de entrever sob a orla do vestido um pezinho encantador, calçado por alguma botinazinha azul; um pezinho de mulher bonita, que é ludo quanto há de mais poético neste mundo.

Enquanto este pezinho travesso, que imaginareis, como eu, pertencer a quem melhor vos aprouver, faz mover rapidamente a máquina, as duas mãozinhas, não menos ligeiras, fazem passar pela agulha uma ourela de seda ou de cambraia, ao longo da qual vai-se estendendo com incrível velocidade um linha de pontos, que acaba necessariamente por um ponto de admiração (!).

Está entendido que o ponto de admiração é feito pelos vossos olhos, e não pela máquina, que infelizmente não entende nada de gramática, senão podia-

nos bem servir para elucidar as famosas questões do gênero do *cólera* e da ortografia da palavra *asseio*. Questões estas muito importantes, como todos sabem, porque, sem que elas se decidam, nem os médicos podem acertar no curativo da moléstia, nem o Sr. Ministro do Império pode publicar o seu regulamento da limpeza da cidade.

Voltando, porém, à nossa máquina, posso assegurar-lhes que a rapidez é tal, que nem o mais cábula dos estudantes de São Paulo ou de medicina, nem um poeta e romancista a fazer reticências, são capazes de ganhá-la a dar pontos. Se a deixarem ir à sua vontade, faz uma ninharia de trezentos por minuto; mas, se a zangarem, vai a seiscentos; e então, ao contrário do que desejava um nosso espirituoso folhetinista contemporâneo, o Sr. Zaluar, pode-se dizer que quando começa a fazer *ponto*, nunca faz *ponto*.

Mau! Já me andam os calembures às voltas! E preciso continuar; mas, antes de passar adiante, sempre aconselharei a certos oradores infatigáveis, a certos escritores cuja *verve* é inesgotável, que vão examinar aquelas máquinas a ver se aprendem delas a arte de fazer ponto. É uma coisa muito conveniente ao nosso bem-estar, e será mais um melhoramento que deveremos a Mme. Besse.

Aos Estados Unidos cabe a invenção das máquinas de coser, que hoje se têm multiplicado naquele país de uma maneira prodigiosa, principalmente depois dos últimos aperfeiçoamentos que se lhe têm feito. Mme. Besse possui atualmente na sua fábrica seis destas máquinas, e tem ainda na alfândega doze, que pretende despachar logo que o seu estabelecimento tomar o incremento que é de esperar.

Mme. Besse corta perfeitamente qualquer obra de homem ou de senhora; e, logo que for honrada com a confiança das moças elegantes, é de crer que se torne a modista do tom, embora não tenha para isto a patente de *francesa*, e não more na Rua do Ouvidor.

Além disto, como ela possui máquinas de diversas qualidades, umas que fazem a costura a mais fina, outras próprias para coser fazenda grossa e ordinária, podem também muitos estabelecimentos desta corte lucrar com a sua fábrica um trabalho, não só mais rápido e mais bem acabado como mais módico no preço.

Presentemente a fábrica já tem muito que fazer; mas, quando se possuem seis máquinas, e por conseguinte se dá três mil e seiscentos pontos por minuto, é preciso que se tenha muito pano para mangas.

Sou, meu caro colega, etc.

O livreiro Garnier

Machado de Assis

Segunda-feira desta semana, o livreiro Garnier saiu pela primeira vez de casa para ir a outra parte que não a livraria. *Revertere ad locum tuum* — está escrito no alto da porta do cemitério de S. João Batista. Não, murmurou ele talvez dentro do caixão mortuário, quando percebeu para onde o iam conduzindo, não é este o meu lugar; o meu lugar é na Rua do Ouvidor 71, ao pé de uma carteira de trabalho, ao fundo, à esquerda; é ali que estão os meus livros, a minha correspondência, as minhas notas, toda a minha escrituração.

Durante meio século, Garnier não fez outra coisa senão estar ali, naquele mesmo lugar, trabalhando. Já enfermo desde alguns anos, com a morte no peito, descia todos os dias de Santa Teresa para a loja, de onde regressava antes de cair a noite. Uma tarde, ao encontrá-lo na rua, quando se recolhia, andando vagaroso, com os seus pés direitos, metido em um sobretudo, perguntei-lhe por que não descansava algum tempo. Respondeu-me com outra pergunta: *Pourriez-vous résister, si vous étiez forcé de ne plus faire ce que vous auriez fait pendant cinquante ans?* Na véspera da morte, se estou bem-informado, achando-se de pé, ainda planejou descer na manhã seguinte, para dar uma vista de olhos à livraria.

Essa livraria é uma das últimas casas da Rua do Ouvidor; falo de uma rua anterior e acabada. Não cito os nomes das que se foram, porque não as conhecereis, vós que sois mais rapazes que eu, e abristes os olhos em uma rua animada e populosa, onde se vendem, ao par de belas jóias, excelentes

queijos. Uma das últimas figuras desaparecidas foi o Bernardo, o perpétuo Bernardo, cujo nome achei ligado aos charutos do Duque de Caxias, que tinha fama de os fumar únicos, ou quase únicos. Há casas como a Laemmert e o *Jornal do Commercio*, que ficaram e prosperaram, embora os fundadores se fossem; a maior parte, porém, desfizeram-se com os donos.

Garnier é das figuras derradeiras. Não aparecia muito; durante os 30 anos das nossas relações, conheci-o sempre no mesmo lugar, ao fundo da livraria, que a princípio era em outra casa, n. 69, abaixo da Rua Nova. Não pude conhecê-lo na da Quitanda, onde se estabeleceu primeiro. A carteira é que pode ser a mesma, como o banco alto onde ele repousava, às vezes, de estar

em pé. Aí vivia sempre, pena na mão, diante de um grande livro, notas soltas, cartas que assinava ou lia. Com o gesto obsequioso, a fala lenta, os olhos mansos, atendia a toda gente. Gostava de conversar o seu pouco. Neste caso, quando a pessoa amiga chegava, se não era dia de mala, ou se o trabalho ia adiantado e não era urgente, tirava logo os óculos, deixando ver no centro do nariz uma depressão do longo uso deles. Depois vinham duas cadeiras. Pouco sabia da política da terra, acompanhava a de França, mas só o ouvi falar com interesse por ocasião da guerra de 1870. O francês sentiu-se francês. Não sei se tinha partido; presumo que haveria trazido da pátria, quando aqui aportou, as simpatias da classe média para com a monarquia orleanista. Não gostava do império napoleônico. Aceitou a república, e era grande admirador de Gambetta.

Daquelas conversações tranquilas, algumas longas, estão mortos quase todos os interlocutores, Liaís, Fernandes Pinheiro, Macedo, Joaquim Norberto, José de Alencar, para só indicar estes. De resto, a livraria era um ponto de conversação e de encontro. Pouco me dei com Macedo, o mais popular dos nossos autores, pela *Moreninha* e pelo *Fantasma branco*, romance e comédia que fizeram as delícias de uma geração inteira. Com José de Alencar foi diferente; ali travamos as nossas relações literárias. Sentados os dois, em frente à rua, quantas vezes tratamos daqueles negócios de arte e poesia, de estilo e imaginação, que valem todas as canseiras deste mundo. Muitos outros iam ao mesmo ponto de palestra. Não os cito, porque teria de nomear um cemitério, e os cemitérios são tristes, não em si mesmos, ao contrário. Quando outro dia fui a enterrar o nosso velho livreiro, vi entrar no de S. João Batista, já acabada a cerimônia e o trabalho, um bando de crianças que iam divertir-se. Iam alegres, como quem não pisa memórias nem saudades. As figuras sepulcrais eram, para elas, lindas bonecas de pedra; todos esses mármores faziam um mundo único, sem embargo das suas flores mofinas, ou por elas mesmas, tal é a visão dos primeiros anos. Não citemos nomes.

Nem mortos, nem vivos. Vivos há-os ainda, e dos bons, que alguma coisa se lembrarão daquela casa e do homem que a fez e perfez. Editar obras jurídicas ou escolares não é mui difícil; a necessidade é grande, a procura, certa. Garnier, que fez custosas edições dessas, foi também editor de obras literárias, o primeiro e o maior de todos. Os seus catálogos estão cheios dos nomes principais, entre os nossos homens de letras. Macedo e Alencar, que eram os mais fecundos, sem igualdade de mérito, Bernardo Guimarães, que também produziu muito nos seus últimos anos, figuram ao pé de outros, que entraram já consagrados, ou acharam naquela casa a porta da publicidade e o caminho da reputação.

Não é mister lembrar o que era essa livraria tão copiosa e tão variada, em que havia tudo, desde a teologia até a novela, o jivro clássico, a composição recente, a ciência e a imaginação, a moral e a técnica. Já a achei feita; mas vi-a crescer ainda mais, por longos anos. Quem a vê agora, fechadas as portas, trancados os mostradores, à espera da justiça, do inventário e dos herdeiros, há de sentir que falta alguma coisa à rua. Com efeito, falta uma grande parte dela, e bem pode ser que não volte, se a casa não conservar a mesma tradição e o mesmo espírito.

Pessoalmente, que proveito deram a esse homem as suas labutações? O gosto do trabalho, um gosto que se transformou em pena, porque no dia em que devera libertar-se dele, não pôde mais; o instrumento da riqueza era também o do castigo. Esta é uma das misericórdias da Divina Natureza. Não importa: *laboremus*. Valha sequer a memória, ainda que perdida nas páginas dos dicionários biográficos. Perdure a notícia, ao menos, de alguém que neste país novo ocupou a vida inteira em criar uma indústria liberal, ganhar alguns milhares de contos de réis, para ir afinal dormir em sete palmos de uma sepultura perpétua. Perpétua!

Um mendigo original

João do Rio

Morreu trasanteontem, às 7 da tarde, de uma congestão, o meu particular amigo, o mendigo Justino Antônio.

Era um homem considerável, sutil e sórdido, com uma rija organização cerebral que se estabelecia neste princípio perfeito: a sociedade tem de dar-me tudo quanto goza, sem abundância mas também sem o meu trabalho — princípio que não era socialista mas era cumprido à risca pela prática rigorosa.

A primeira vez que vi Justino Antônio num alfarrabista da rua São José foi em dia de sábado. Tinha um fraque verde, as botas rotas, o cabelo empastado e uma barba de profeta, suja e cheia de lêndeadas. Entrou, estendeu a mão ao alfarrabista.

— Hoje, não tem.

— Devo notar que há já dois sábados nada me dás.

— Não seja importuno. Já disse.

— Bem, não te zangues. Notei apenas porque a recusa não foi para sempre. Este cidadão, entretanto, vai ceder-me quinhentos réis.

— Eu!

— Está claro. Fica com esta despesinha a mais: quinhentos réis aos sábados. E melhor dar a um pobre do que tomar um chope. Peço, porém, para notares que não sou um mordedor, sou mendigo, esmolo, esmolo há vinte anos. Tens diante de ti um mendigo autêntico.

— E por que não trabalha?

— Porque é inútil.

Dei sorrindo a cédula. Justino não agradeceu, e quando o vimos pelas costas, o alfarrabista indignado prorrompeu contra o malandrim que com tamanho descaro arrancava os níqueis à algibeira alheia. Achei original Justino. Como mendigo era uma curiosa figura perdida em plena cidade, capaz de permitir um pouco de fantasia filosófica em torno de sua diogênica dignidade. Mas o mendigo desaparecera, e só um mês depois, ao sair de casa,

encontrei-o à porta.

— Deves-me dois mil-réis de quatro sábados, e venho ver se me arranjas umas botas usadas. Estas estão em petição de miséria.

Fi-lo entrar, esperar à porta da saleta, forneci-lhe botas e dinheiro.

— E se me desses o almoço?

Mandei arranjar um prato farto, e com a gula de descrevê-lo, fui generoso.

— Vem para a mesa.

— A mesa e o talher são inutilidades. Não peço senão o que necessito no momento. Pode-se comer perfeitamente sem mesa e sem talher.

Sentou-se num degrau da escada e comeu gravemente o pratarraz. Depois pediu água, limpou as mãos nas calças e desceu.

— Espera aí, homem. Que diabo! Nem dizes obrigado.

— E inútil dizer obrigado. Só deste o que falta não te faria. E deste por vontade. Talvez fosse até por interesse. Deste-me as botas velhas como quem compra um livro novo. Conheço-te.

— Conheces-me?

— Não te enchas, vaidoso. Eu conheço toda a gente. Até para o mês.

— Queres um copo de vinho?

— Não. Costumo embriagar-me às quintas; hoje é segunda.

Confesso que o mendigo não me deixou uma impressão agradável.

Mas era quanto possível novo, inédito, com a sua grosseria e as suas atitudes de Sócrates de ensinamentos. E diariamente lembrava a sua figura, a sua barba cheia de lêndas... Uma vez vi-o na galeria da Câmara, na primeira fila, assistindo aos debates, e na mesma noite, entrando num teatro do Rocio, o empresário desolado disse-me:

— Ah! não imaginas a vazante! É tal que mandei entrar o Justino.

— Que Justino?

— Não conheces? Um mendigo, um tipo muito interessante, que gosta de teatro. Chega à bilheteira e diz: “Hoje não arranjei dinheiro. Posso entrar?” A primeira vez que me vieram contar a pilhéria achei tanta graça que consenti. Agora, quando arranja dez tostões compra a senha sem dizer palavra e entra. Quando não arranja repete a frase e entra. Um que mal faz?

Fui ver o curioso homem. Estava em pé na geral, prestando uma sinistra atenção às facécias de certo cômico.

— Justino, por que não te sentas?

— E inútil. Vejo bem de pé.

— Mas o empresário...

— Contento-me com a generosidade do empresário.

— Mas na Câmara estavas sentado.

— Lá é a comunhão que paga.

Insisti no interrogatório, a falar da peça, dos atores, dos prazeres da vida, do socialismo, de uma porção de coisas fúteis, a ver se o mendigo falava.

Justino conservou-se mudo. No intervalo convidei-o a tomar uma soda, por não ser quinta-feira.

— Soda é inútil. Estás a aborrecer-me. Vai embora.

Outra qualquer pessoa ficaria indignadíssima. Eu curvei resignadamente a cabeça e abalei vexado.

A voz daquele homem, branca, fria, igual, no mesmo tom, era inexorável.

— É um tipo o teu espectador — disse ao empresário.

— Ah!... ninguém lhe arranca palavra. Sabes que nunca me disse obrigado?

Eu andava precisamente neste tempo a interrogar mendigos para um inquérito à vida da miséria urbana e alguns dos artigos já haviam aparecido. Dias depois, estando a comprar charutos, entra pela tabacaria adentro o homem estranho.

— Queres um charuto?

— Inútil. Só fumo às terças e aos domingos. Os charuteiros fornecem-me. Entrei para receber os meus dois mil-réis atrasados e para dizer que não te metas a escrever a meu respeito.

— Por quê?

— Porque abomino a minha pessoa em letra de forma, apesar de nunca a ter visto assim. Se fizeres a feia ação, sou forçado a brigar contigo, sempre que te encontrar.

A perspectiva de rolar na via pública com um mendigo não me sorria.

Justino faria tudo quanto dissera. Depois era um fenômeno de hipnose. Estava inteiramente dominado, escravizado àquela figura esfingética da lama urbana, não tinha forças para resistir à sua calma e fria vontade. Oh! ouvir esse homem! Saber-lhe a vida!

Como certa vez entretanto, à 1 hora da manhã, atravessasse o equívoco e silencioso jardim do Rocio, vi uma altercação num banco. Era o tempo em que a polícia resolvera não deixar os vagabundos dormirem nos bancos. Na noite de luar, dois guardas civis batiam-se contra um vulto esquelético de grandes barbas. Acerquei-me. Era ele.

— Vamos, seu vagabundo.

— E inútil. Não vou.

— Vai à força!

— E inútil. Sabem o que é este banco para mim? A minha cama de verão há doze anos! De uma hora em diante, por direito de hábito, respeitam-na todos. Tenho visto passar muito guarda, muito suplente, muito delegado. Eles vão-se, eu fico. Nem tu, nem o suplente, nem o comissário, nem o delegado, nem o chefe serão capazes de me tirar esse direito. Moro neste banco há uma dúzia de anos. Boa-noite.

Os civis iam fazer uma violência. Tive de intervir, convencê-los, mostrar autoridade, enquanto Justino, recostado e impassível, dizia:

— Deixa. Eles levam-me, eu volto.

Afinal os guardas acederam, e Justino deitou-se completamente.

— Foi inútil. Não precisava. Mas eu sou teu amigo?

— Meu amigo?

— Certo. Nunca te pedi nada que te pudesse fazer falta e nunca te menti. Fica certo. Sou o teu melhor amigo, sou o melhor amigo de toda a gente.

— E não gostas de ninguém.

— Não é preciso gostar para ser amigo. Amigo é o que não sacrifica.

E desde então comecei a sacrificar-me voluntariamente por ele, a correr à polícia quando o sabia prêso, a procurá-lo quando o não via e desesperado porque não aceitava mais de dois mil-réis da minha bolsa, e dizia, inexorável, a cada prova da minha simpatia:

— E inútil, inteiramente inútil!

Durante três anos dei-me com ele sem saber quantos anos tinha ou onde nascera. Nem isso. Apenas ao cabo de seis meses consegui saber que fumava aos domingos e às terças, embebedava-se às quintas, ia ao teatro às sextas e às segundas, e todo dia à Câmara. Nas noites de chuva dormia no chão! Numa hospedaria; em noites secas no seu banco. Nunca tomava banho, pedia pouco, e ao menor alarde de generosidade, limitava o alarde com o seu desolador: é inútil. Teria tido vida melhor? Fora rico, sábio? Amara? Odiara? Sofrera? Ninguém sabia! Um dia disse-lhe:

— A tua vida é exemplar. És o Buda contemporâneo da Avenida.

Ele respondeu:

— É um erro servir de exemplo. Vivo assim porque entendo viver assim. Condensei apenas os baixos instintos da cobiça, exploração, depravação, egoísmo em que se debatem os homens se na consciência de uma vontade que se restringe e por isso é forte. Numa sociedade em que os parasitas tripudiam — é inútil trabalhar. O trabalho é de resto inútil. Resolvi conduzir-me sem ideias, sem interesse, no meio do desencadear de interesses confessados e inconfessáveis. Sou uma espécie de imposto mínimo, e por isso nem sou malandro, nem mendigo, nem um homem como qualquer — porque não quero mais do que isso.

— E não amas?

— Nem a mim mesmo porque é inútil. Desses interesses encadeados resolvi, em lugar de explorar a caridade ou outro gênero de comércio, tirar a percentagem mínima, e daí o ter vivido sem esforço com todos os prazeres da sociedade, sem invejas e sem excessos, despercebido como o invisível. Que fazes tu? Escreves? Tempo perdido com pretensões a tempo ganho. Que gozas tu? Teatros, jantares, festas em excesso nos melhores lugares. Eu gozo também quando tenho vontade, no dia de porcentagem no lugar que quero — o menor, o insignificante — os teatros e tudo quanto a cidade pode dar de interessante aos olhos. Apenas sem ser apontado e sem ter ódios.

— Que inteligência a tua!

— A verdadeira inteligência é a que se limita para evitar dissabores. Tu podes ter contrariedades. Eu nunca as tive. Nem as terei. Com o meu sistema, dispenso-me de sentir e de fingir, não preciso de ti nem de ninguém, retirando dos defeitos e das organizações más dos homens o subsídio da minha calma vida.

— E prodigioso.

— E um sistema, que serias incapaz de praticar, porque tu és como todos os outros, ambicioso e sensual.

Quando soube da sua morte corri ao necrotério a fazer-lhe o enterro. Não era possível. Justino tinha deixado um bilhete no bolso pedindo que o enterrassem na vala comum “a entrada geral do espetáculo dos vermes”.

Saí desolado porque essa criatura fora a única que não me dera nem me tirara, e não chorara, e não sofrera e não gritara, amigo ideal de uma cidade inteira fazendo o que queria sem ir contra pessoa alguma, livre de nós como nós livres dele, a dez mil léguas de nós, posto que ao nosso lado.

E também com certa raiva — por que não dizê-lo? — porque o meu interesse fora apenas o desejo teimoso de descobrir um segredo que talvez não tivesse.

Enfim morreu. Ninguém sabia da sua vida, ninguém falou da sua morte. Um bem? Um mal?

Nem uma nem outra coisa, porque, afinal, na vida tudo é inteiramente inútil...

O câmbio e as pombas

Machado de Assis

Contrastes da vida, que são as obras de imaginação ao pé de vós!

Vinha eu de um banco, aonde fora saber notícias do câmbio. Não tenho relações diretas com o câmbio; não sago sobre Londres, nem sobre qualquer outro ponto da terra, que é assaz vasta, e eu demasiado pequeno. Mas tudo o que compro caro, dizem-me que é culpa do câmbio. “Que quer o senhor que eu faça com este câmbio a 9?”, perguntam-me. Em vão leio os jornais; o câmbio não sobe de 9. O que faz é variar; ora é 9 $\frac{1}{8}$, ora 9 $\frac{1}{4}$, ora 9 $\frac{3}{8}$. Dorme-se com ele a 9 $\frac{15}{16}$, acorda-se a 9 $\frac{3}{4}$. Ao meio-dia está 9 $\frac{1}{2}$. Um eterno vaivém na mesma eterna casa. Sucedeu o que se dá com tudo; habituei-me a esta triste especulação de 9, e dei de mão a todas as esperanças de ver o câmbio a 10.

De repente, ouço dizer na rua que o câmbio baixaria à casa dos 8. A princípio não acreditei; era uma invenção de mau gosto para assustar a gente, ou algum inimigo achara aquele meio de fazer mal. Mas tanto me repetiram a notícia, que resolvi ir às casas argentárias saber se realmente o câmbio descera a 8. Em caminho quis calcular o preço das calças e do pão, mas não achei nada, vi só que seria mais caro. Entrei no primeiro banco, à mão, e até agora não sei qual foi. Gente bastante: todos os olhos fitavam as tabelas. Vi um 8, acompanhado de pequenos algarismos, que a cegueira da comoção não me permitiu discernir. Que me importavam estes? Um quarto, um oitavo, três oitavos, tudo me era indiferente, uma vez que o fatal número 8 lá estava. Esse algarismo, que eu presumia nunca ver nas tabelas cambiais, ali me pareceu com os seus dous círculos, um por cima do outro. Pareceu-me um par de olhos tortos e irônicos.

Perguntei a um desconhecido se era verdade. Respondeu-me que era verdade. Quanto à causa, quando lhe perguntei por ela, respondeu-me com aquele gesto de ignorância, que consiste em fazer cair os cantos da boca. Se bem me lembro, acrescentou o gesto de abrir os braços com as mãos espalmadas, que é a mesma ignorância em itálico. Compreendi que não sabia a causa; mas o efeito ali estava, e todos os olhos em cima dele, sem a consternação nem o terror que deviam ter os meus. Saí; na Rua da Alfândega,

esquina da Candelária, havia alguma agitação, certo burburinho, mas não pude colher mais do que já sabia, isto é, que o câmbio baixara a 8. Um perverso, vendo-me apavorado, assegurava a outro que a queda a 7 não era impossível. Quis ir ao meu alfaiate para que me reduzisse a nova tabela ao preço que teria de pagar pelas calças, mas é certo que ninguém se apressa em receber uma notícia má. Que pode suceder?, disse comigo; chegarmos à arozóia; será a restauração da nossa idade pré-histórica, e um caminho para o Éden, *avant la lettre*.

Enquanto seguia na direção da Rua Primeiro de Março, ouvia falar do câmbio. Quase a dobrar a esquina, um homem lia a outro as cotações dos fundos. Tinham-se vendido ações do Banco Emissor de Pernambuco a mil e quinhentos; as debêntures da Leopoldina chegaram a obter seis mil setecentos e cinquenta; das ações da Melhoramentos do Maranhão havia ofertas a quatro mil e quinhentos, mas ninguém lhes pegava. Dobrei a esquina, entrei na Rua Primeiro de Março, em direção ao Carceler. Ia costeando as vitrinas de cambistas, cheias de ouro, muita libra, muito franco, muito dólar, tudo empilhado, esperando os fregueses. Vinha de dentro um *fedor judaico* de entontecer, mas a vista das libras restituía o equilíbrio ao cérebro, e fazia-me parar, mirar, cobiçar...

— Vamos!, exclamei, olhando para o céu.

Que vi, então, leitor amigo? Na igreja da Cruz dos Militares, dentro do nicho de S. João, estavam três pombas. Uma pousava na cabeça do apóstolo, outra na cabeça da águia, outra no livro aberto. Esta parecia ler, mas não lia, porque abriu logo as asas e trepou à cabeça do apóstolo, desceu à cabeça da águia, e a que estava na cabeça da águia passou ao livro. Uma quarta pomba veio ter com elas. Então começaram todas a subir e a descer, ora parando por alguns segundos, e o santo quieto, deixando que elas lhe contornassem o pescoço e os emblemas, como se não tivesse outro ofício que esse de dar pouso às pombas.

Parei e disse comigo: Contrastes da vida, que são as obras da imaginação ao pé de vós? Nenhuma daquelas pombas pensa no câmbio, nem na baixa, nem no que há de vestir, nem no que há de comer. Kis ali a verdadeira gente crista, eis o sermão da montanha, a dous passos dos bancos, às próprias barbas destas casas de cambistas que me encham de inveja. Talvez na alma de algum destes homens viva ainda a própria alma de um antigo que ouviu o discurso de Jesus, e não trocou por este o Deus de Abraão de Isaac e de Jacó. Cuida das libras como eu, que visto e me sustento pelo valor delas, mas eis aqui o que dizem as pombas, repetindo o sermão da montanha: “Não andeis

cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestireis... Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros; e contudo, vosso pai celestial as sustenta... E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo; eles não trabalham nem fiam... Não andeis inquietos pelo cfia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará o seu cuidado; ao de hoje basta a sua própria aflição”. [S. Mateus.]

Realmente, não cuidavam de nada aquelas pombas. Onde é o ninho delas? Perto ou longe, gostam de vir aqui à águia de Patmos. Alguma vez irão ao apóstolo do outro nicho, S. Pedro, creio; mas S. João é que as namora, neste dia de câmbio baixo, como para fazer contraste com a besta do Apocalipse, a famosa besta de sete cabeças e dez cornos, — número fatídico — talvez a taxa do câmbio de amanhã [7/10].

Afinal deixei a contemplação das pombas e fui-me à farmácia, a uma das farmácias que há naquela rua. Ia comprar um remédio; pediram-me por ele quantia grossa. Como eu estranhasse o preço, replicou-me o farmacêutico: “Mas, que quer o senhor que eu faça com este câmbio a 8?” Como ao grande Gama, arrepriaram-se-me as carnes e o cabelo, mas só de ouvi-lo. A vista era boa, serena, quase risonha. Quis raciocinar, mas raciocínio é uma cousa e medicamento é outra; saí de lá com o remédio e um acréscimo de quinhentos réis no preço. Contaram-me que já não há tostões nas farmácias, nem tostões, menos ainda vinténs. Tudo custa mil-réis ou mil e quinhentos, dous mil-réis ou dous mil e quinhentos, e assim por diante. Para a contabilidade é, realmente, mais fácil; e pode ser que o próprio enfermo ganhe com isso — a confiança, metade da cura.

Na rua tornei a erguer os olhos às pombas. Só vi uma, pousada no livro. Que tens tu?, perguntei-lhe cá de baixo, por um modo sugestivo. Se é a besta de sete cabeças, não te importes que venha, contanto que não lhe cortes nenhuma. Já temos a de oito: menos de sete cabeças é nada. Pagarei nove mil-réis pelo remédio, mas antes nove que catorze, no dia em que a besta ficar descabeçada, porque então o mais barato é o melhor de todos os remédios. E a pomba, pelo mesmo processo sugestivo:

— Que tenho eu com remédios, homem de pouca fé? O ar e o mato são as minhas boticas.

Quis pedir socorro ao apóstolo; mas o mármore, — ou a vista me engana, ou o apóstolo gosta das suas pombas amigas, — o mármore sorriu e não voltou a cara para não desmentir o estatuário. Sorriu, e a pomba saltou-lhe à cabeça, para lhe tirar comida, pagar, ou para lhe dar um beijo.

As cartomantes

Olavo Bilac

Os jornais publicaram, há dias, uma longa lista de nomes de homens e de mulheres — principalmente de mulheres — que se dedicam ao estudo e à prática da quiromancia, da cartomancia, do sonambulismo, e não sei se também da lampadomancia, da alectromancia, da hidromancia, e de outras das inumeráveis subciências em que se divide a grande ciência da *mântica*, a cujos sacerdotes Severiano de Rezende dá o nome, admiravelmente bem achado, de “Charlatãs do Além”.

Parece que a polícia, depois de organizar o catálogo estatístico dessa gente, vai persegui-la sem piedade, devassando-lhe os antros proféticos, varejando-lhe as cavernas sibilinas, vascolejando-lhe as criptas misteriosas, opondo ao Tarô o Código e à trípode de Delfos o banco dos réus.

Dir-se-á, sem maior exame, encarando a coisa pela rama, que a polícia se vai assim empenhar num simples e fácil trabalho de saneamento moral, perseguindo algumas dúzias de exploradores da credulidade pública, com o mesmo direito com que persegue os passadores do “conto-do-vigário” ou de notas falsas.

Não há tal. O que a polícia vai fazer é pôr a sua mão imprudente numa tradição multissecular, numa eterna e indestrutível mentira, criada pelo medo ou pela curiosidade dos primeiros homens e sustentada pela irremediável tolice de todos os outros que lhes sucederam e lhes hão de suceder no gozo e no sofrimento dos bens e dos males da vida. Querer destruir uma mentira, que há de viver perpetuamente, e combater uma tolice, contra a qual nunca se há de achar remédio — é a preocupação mais vã de quantas podemos ter neste mundo vão. E desde já podemos lamentar que a polícia vá perder nesse trabalho ingrato e inútil um tempo preciosíssimo, que poderia ser benéfica e providencialmente aproveitado em outras empresas muito mais fáceis e urgentes. A superstição é velha e eterna como a inteligência.

Que fez a inteligência, assim que desabrochou, como uma flor luminosa, no primeiro cérebro humano? Quis saber o que era ela própria, e o que era a humanidade, e o que era a Terra, e o que era o universo. E endereçou então a tudo essa grande pergunta ansiosa e dolorosa, que ainda não teve resposta...

Naturalmente, a primeira interrogação foi dirigida ao céu distante e profundo, onde os astros esplendem, na sua eterna viagem, cegando-nos com o seu brilho e intrigando-nos com o seu segredo inatingível; nasceu assim a astrologia. Depois, a pergunta foi dirigida pelo homem a si mesmo, aos seus pensamentos, aos mistérios da sua vida fisiológica: aos sonhos, às linhas da mão, à configuração da face, à faculdade da visão, à loucura, à epilepsia, ao sonambulismo. Depois, o eterno curioso interrogou os acidentes físicos do meio que o cercava: o fogo, a luz, o ar, o curso dos rios, a inquietação do oceano, as correrias das nuvens pelo céu. Passou depois a investigar todo o reino animal: e foi assim que se fundou a classe dos arúspices que procuravam ler o futuro nas entranhas dos animais, no vôo dos pássaros, no rastejar dos répteis, no canto dos galos, nos círculos que as aves de rapina traçam no céu, no grunhir dos bácoros; depois chegou a vez do reino vegetal, do reino mineral: examinavam-se a forma e a direção dos ramos, o barulho dos galhos sacudidos pelo vento, a forma e a estrutura das folhas e das flores, o peso e o brilho das pedras preciosas, o fulgor e a dureza dos metais; fundou-se uma ciência, a *aleuromancia*, sobre o estudo da farinha! O âmbar foi adorado como uma divindade! E milhões e milhões de cérebros arderam e estouraram no trabalho vão de criar a pedra filosofal!

Tudo foi inútil; mas a inteligência não desesperou. Não há século que não veja nascer uma nova religião; e as superstições, suas filhas, nascem todos os dias — e às vezes nascem por si mesmas, espontaneamente, por um processo de autocriação; há ateus, ateus convencidos, inimigos e negadores de todas as religiões, e, entretanto, profundamente supersticiosos: não creem em Jeová, nem em Brahma, nem em Júpiter, nem em Isis — mas creem na fatalidade da concorrência de treze convivas à mesa, ou na influência do mau-olhado dos *jettatores*, ou na ascendência nefasta dos sapatos que se deixam no chão com a sola para cima.

Há quem pense que, com o progredir da civilização, diminui o número dos supersticiosos. Completa ilusão. Nunca houve tantos supersticiosos e tantas superstições como agora. A civilização causa o naufrágio e a bancarrota das religiões, mas não aplaca esta sede de saber e esta ânsia de compreender que ainda não foram satisfeitas. Morrem e sucedem-se as religiões, mas não se altera o instinto religioso; reformam-se as superstições, mas a Superstição é eterna.

Todos nós costumamos rir das crendices... E um riso exterior e postiço, com que mascaramos o nosso medo. É de crer que, para não perder o seu ganha-pão, os delegados de polícia, obedecendo às ordens do chefe, varejem as casas das cartomantes; muitos deles, porém, cumprirão esse dever com um

certo terror. E até o chefe... quem sabe que superstições terá o chefe? A investidura de tão alto cargo não destrói dentro da alma de um homem as estratificações de preconceitos que séculos e séculos de humanidade e de fraqueza têm deposto nas almas de todos os homens.

Eu, por mim, confesso que não creio na ciência das cartomantes. Mas...

Foi há muitos anos — há 22 ou 23 anos, se me não engano. Fui consultar Madama X, cartomante famosa, que tinha a sua trípode assentada num sobradinho da rua de S. José. Não sei por que lá fui: provavelmente para rir dela... Subi uma escada íngreme, andei por um corredor escuro, bati a uma porta, entrei em uma saleta quase sem luz. E, ocupando uma vastíssima poltrona, vi a profetisa; quarentona gorda e vermelha, de mãos papudas e colo enorme estalando o corpete. Recebeu-me com um sorriso cativante, e indagou logo o que ali me levava: — tinha perdido alguma coisa? Ia casar? Queria conhecer o autor de alguma carta anônima?... Expliquei que não: queria conhecer o meu futuro, queria espiar por uma fresta dessa janela sempre fechada que deita para o porvir. Ela examinou, primeiro, as linhas da minha mão esquerda, palpou-me longamente as falangetas — e, tomando o baralho, misturou as cartas, remexeu-as, estendeu-as em leque sobre a mesa — e, antes de falar do meu futuro, começou a falar do meu passado.

Não posso aqui reproduzir tudo quanto me disse. Vinte e dois anos de vida varrem na memória da gente coisas tão sérias, que pareciam eternas!... como não hão de varrer futilidades e tolices? Lembro-me só que a anafada senhora me disse tantas coisas falsas e absurdas, que desatei a rir perdidamente.

Ela, apoplética, indignou-se. Labaredas de cólera crepitaram nos seus olhos, entre as pálpebras gordas. Mas conteve-se, antegozando a vingança: e, fixando os olhos nos meus, principiou a falar do meu futuro. Já eu não ria... O futuro!... todo o terror, toda a curiosidade, todo o sofrimento da ignorância dos meus brutíssimos avós do período mioceno despertavam na minha alma: e foi com um frio agudo na medula que eu ouvi a profecia tremenda. Combinando as revelações do Tarô com uma certa interrupção da linha da vida na palma da minha mão, disse-me a sacerdotisa da rua de S. José: “O senhor há de morrer de morte violenta: desastre, assassinato ou suicídio!”

Paguei à cartomante, sorrindo — com o sorriso exterior dos fortes — e saí. Mas, ao descer a escada, vim pisando cautelosamente os degraus com medo de alguma queda. No largo da Carioca, esperei que passasse um bonde que ainda vinha longe. Aproximou-se um cão: encolhi-me. Vi um andaime: afastei-me... E assim vivi alguns meses, sempre sorrindo da profecia, e

sempre pensando nela. Já lá se vão 22 ou 23 anos! Ainda não me assassinaram, nunca me vi a braços com um desastre sério, e nunca pensei (como espero que nunca hei de pensar) no suicídio. Mas, às vezes — como agora — penso na face gorda da adivinha, nas suas mãos papudas, nos seus olhinhos coléricos, e sinto de novo na medula aquele calafrio sinistro.

Por Apoio! Para que vai a polícia perseguir as cartomantes? Para dar cabo da cartomancia? Seria preciso, primeiro, dar cabo da tolice humana — e o raio capaz de fulminar essa tara hereditária e perpétua não há de ser forjado na rua do Lavradio!

E bom notar que a cartomancia é uma das mais velhas superstições, porque é filha legítima e direta da astrologia. Essas madamas que deitam cartas são sucessoras daqueles sacerdotes da Caldéia que vaticinaram a Alexandre a conquista da Ásia. O Tarô, com as suas 78 cartas, é uma astrologia simplificada: a cartomante acredita ler nas cartas, como o astrólogo acreditava ler nos astros.

E possível que a polícia esteja segura de matar uma imbecilidade e uma especulação que há quarenta séculos se mantêm?

O “conto-do-vigário” nasceu ontem, e a polícia ainda não conseguiu extingui-lo. O “jogo do bicho” é um vício infante, e a polícia ainda nada pôde contra ele. Por quê? Porque não é difícil prender e castigar o passador do conto-do-vigário e o banqueiro do jogo do bicho; mas é impossível exterminar a raça dos tolos; e, enquanto houver tolos que queiram ser enganados, eles próprios inventarão quem os engane.

Não perca a polícia o seu tempo, que é contado, e aproveite-o em coisas úteis. Porque, sem ter deitado as cartas, e sem acreditar muito na cartomancia, já sei qual será o resultado da perseguição: em vez de cinqüen(a ou sessenta cartomantes, teremos cinco ou seis mil — e até as autoridades policiais comprarão baralhos de Tarô, e começarão a estudar a ciência perseguida...

O dia de um homem em 1920

João do Rio

Dentro de três meses as grandes capitais terão um serviço regular de bondes aéreos denominados “aerobus”. O último invento de Marconi é a máquina de estenografar. As ocupações são cada vez maiores, as distâncias menores e o tempo cada vez chega menos. Diante desses sucessivos inventos e da nevrose de pressa hodierna, é fácil imaginar o que será o dia de um homem superior dentro de dez anos, com este vertiginoso progresso que tudo arrasta...

O homem superior deitou-se às três da manhã. Absolutamente enervado por ter de aturar uma ceia com champanha e algumas cocotes milionárias, falsas da cabeça aos pés porque é falsa a sua cor, são falsas as olheiras e sobrancelhas, são falsas as pérolas e falsa a tinta do cabelo nessa ocasião, por causa da moda, em todas as belezas profissionais “beije foncé”. Acorda às seis, ainda meio escuro, por um movimento convulsivo dos colchões e um jato de luz sobre os olhos produzido pelo despertador elétrico último modelo de um trustee pavoroso.

— Caramba! Já seis!

Aperta um botão e o criado-mudo abre-se em forma de mesa apresentando uma taça de café minúscula e um cálice também minúsculo do elixir nevrostênico. Dois goles; ingere tudo. Salta da cama, toca noutro botão, e vai para diante do espelho aplicar à face a navalha maravilhosa que em trinta segundos lhe raspa a cara. Caminha para o quarto de banho, todo branco, com uma porção de aparelhos de metal. Aí o espera um homem que parece ser o criado.

— Ginástica sueca, ducha escocesa, jornais.

Entrega-se à ginástica olhando o relógio. De um canto, ouve-se uma voz fonográfica de leilão.

— Últimas notícias: hoje, à 1 da manhã, incêndio quarteirão leste, 40

prédios, 700 feridos, virtude mau funcionamento Corpo de Bombeiros. Seguro prédios 10 mil contos. Ações Corpo baixaram. Hoje, 2 e 12, um *aerobus* rebentou no ar perto do Leme. Às 12 e 45, presidente recebeu telegrama encomenda pronta Alemanha, 500 aeronaves de guerra. O cinematógrafo Pão de Açúcar em sessão contínua estabeleceu em suportes de ferro mais cinco salas. Anuncia-se o *crack* da Companhia da Exploração Geral das Zonas Aéreas do Estreito de Magalhães. Em escavações para o Palácio da Companhia do Moto Contínuo foi encontrado o esqueleto de um animal doméstico das civilizações primitivas: o burro.

Instalou-se neste momento, por quinhões, a Sociedade Anônima das Cozinhas Aéreas no Turquestão. O movimento ontem nos trens subterrâneos foi de três milhões de passageiros. As ações baixam. O movimento de *aerobus* de oito milhões havendo apenas vinte desastres. O recorde da velocidade: chega-nos da República do Congo com três dias de viagem apenas, no seu aeroplano de *course*, o notável Embaixador Zambeze. Foi lançada na Cafrária a moda das *toilettespyrilampe* feitas de tussor luminoso. Fundaram-se ontem trezentas companhias, quebraram quinhentas, morreram cinco mil pessoas. Com a avançada idade de 38 anos, o Marechal Ferrabraz deu ontem o seu primeiro tiro acertando por engano na cara do seu maior amigo, o venerando Coronel Saavedra. Impossível a cura, aplicou-se a eletrocução...

Dez minutos. O homem superior está vestido. O jornal para de falar. O Homem bate o pé e desce por um ascensor ao 17^o andar, onde estão a trabalhar quarenta secretários.

Há em cada estante uma máquina de contar, e uma máquina de escrever o que se fala. O Homem superior é presidente de cinquenta companhias, diretor de três estabelecimentos de negociações lícitas, intendente-geral da Compra de Propinas, chefe da célebre jornal *Eletro Rápido*, com uma edição diária de seis milhões de telefonógrafos a domicílio, fora os quarenta mil fonógrafos informadores das praças, e a rede gigantesca que liga as principais capitais do mundo em agências colossais. Não se conversa. O sistema de palavras é por abreviatura.

— Desminta S. C. Aéreas. Ataque governo senil vinte nove anos. Some. Escreva.

Os empregados que não sabem escrever entregam à máquina de contar a operação, enquanto falam para a máquina de escrever.

Depois o Homem superior almoça algumas pílulas concentradas de *poderosos* alimentos, sobe ao 30^o andar num ascensor e lá toma o seu cupê

aéreo que tem no vidro da frente, em reprodução cinematográfica, os últimos acontecimentos. São visões instantâneas. Ele tem que fazer passeios de inspeção às suas múltiplas empresas com receio de que o roubem, receio que aliás todos têm uns dos outros. O secretário ficou encarregado de fazer oitenta visitas telefônicas e de sensibilizar em placas fonográficas as respostas importantes. Antes de chegar ao *bureau* da sua Companhia do Chá Paulista, com sede em Guaratinguetá, o aparelho Marconi instalado no forro do cupê comunica:

— “Mande fazer quinze vestidos pirilampos. Tua Berta.”

— “Ordem Paquin dez vestidos pirilampos. Condessa Antônia.”

— “Asilo dos velhos de trinta anos fundado embaixatriz da Argélia completou 12^o aniversário. Pede proteção.”

— “Governo espera ordem negócio aeroplanos.”

— “Casa 29 das Crianças Ricas informa falecimento sua filha Ema.”

— “Guerra cavalaria aérea riograndense cessada fantasma Pinheiro miragem.”

O Homem superior aproveita um minuto de interrupção do trânsito aéreo, pelo silvo do velocipaéreo do civil de guarda da Inspetoria de Veículos no Ar, e responde sucessivamente:

— Sim, sim, sim. Perfeito. Enterro primeira classe comunique Mulher Superior, Cortejo Carpideiras Elétricas. Oculte notícia cavalaria entrevista fantasma.

E continua a receber telegramas e a responder, quer ao ir quer ao voltar da companhia onde se produz um quilo de chá por minuto para abafar a produção chinesa, porque todas as senhoras, sem ter nada que fazer (nem mesmo com os maridos), levam a vida a tomar chá — o que, segundo o Conselho Médico, embeleza a cutis e adoça os nervos. Esse Conselho, decerto, o Homem comprou por muitos milhões e foi até aquela data o único Conselho de que precisou. A ciência *super omnia*...

Ao chegar de novo ao escritório central das suas empresas, tem mais a notícia da greve dos homens do mar contra os homens do ar. Os empregados das docas revoltam-se contra a insuficiência dos salários: 58\$500 por dia de cinco horas, desde que os motoristas aéreos ganham talvez o dobro. O Centro Geral Socialista, de que o Homem superior é superiormente sócio benemérito, concorda que os vencimentos devem ser igualados numa cifra maior que a dos homens do ar. Qual a sua opinião? É preciso pensar! Sempre a questão

social! Se houvesse uma máquina de pensar? Mas ainda não há! Ele tem que resolver, tem que dar a sua opinião, opinião de que dependem exércitos humanos. Ao lado da sua ambição, do seu motor interno, deve haver uma bússola, e ele se sente, olhando o ar, donde fugiram os pássaros, igual a um desses animais de aço e carne que se debatem no espaço. Não é gente, é um aparelho.

Então, esquecido das coisas frívolas, inclusive do enterro da filha, telefona para o *atelier* do grande químico a quem sustenta vai para cinco anos, na esperança de realizar o sonho de Lavoisier: o homem surgindo da retorta; e volta a trabalhar, parado, mandando os outros, até a tarde.

Depois, sobe o relógio, ducha-se, veste uma casaca. Deve ter um banquete solene, um banquete de alimentos breves, inventado pela Sociedade dos Vegetaristas, cuja descoberta principal é a cenoura em confeitos.

O Homem superior aparece, é amável. A sua casa de jantar é uma das maravilhas da cidade, toda de cristal transparente para que poderosos refletores elétricos possam dar aos convidados, por meio de combinações hábeis, impressões imprevistas; reproduções de quadros célebres, colorações cambiantes, fulgurações de incêndio e prateados tons de luar. No *coup du milieu*, um sorvete amargo que ninguém prova, a casa é um *iceberg* tão exato que as damas tremem de frio; no conhaque final, que ninguém toma por causa do artritismo, o salão inteiro flutua num incêndio de cratera. Para cada prato vegetal há uma certa música ao longe, que ninguém ouve por ser muito enervante.

As mulheres tratam negócios de modas desde que não têm mais a preocupação dos filhos. Algumas, as mais velhas, dedicam-se a um gênero muito usado outrora pelos desocupados: a composição de versos. Os homens digladiam-se polidamente, a ver quem embrulha o outro. O Homem, de alguns, nem sabe o nome. Indica-os por uma letra ou por um número. Conhece-os desde o colégio. Insensivelmente, acabado o jantar, aquelas figuras sem a menor cerimônia partem em vários aeroplanos.

— Já sabes da morte de Ema?

— Comunicaram-me, diz a Mulher superior. Tenho de descer à terra?

— Acho prudente. Os convites são feitos, hoje, pelo jornal.

— Pobre criança! E o governo?

— Submete-se.

— Ah! Mande fazer...

— Uns vestidos pirilampos?

— Já sabes?

— É a moda.

— Sabes sempre tudo.

O Homem superior sobe no ascensor para tomar o seu cupê aéreo. Mas sente uma tremenda pontada nas costas.

Encosta-se ao muro branco e olha-se num espelho. Está calvo, com tuna dentadura postiça e corcova. Os olhos sem brilho, os beijos moles, as sobrelhas grisalhas.

É o fim da vida. Tem 30 anos. Mais alguns meses e estalará. É certo. É (atai. A sua fortuna avalia-se numa porção de milhões. Sob os seus pés fracos um Himalaia de carne e sangue arqueja. Se descansasse?... Mas não pode. É da engrenagem. Dentro do seu peito estrangularam-se todos os sentimentos. A falta de tempo, numa ambição desvairada que o faz querer tudo, a terra, o mar, o ar, o céu, os outros astros para explorar, para apanhá-los, para condensá-los na sua algibeira, impele-o violentamente. O Homem rebenta de querer tudo de uma vez, querer apenas, sem outro fito senão o de querer, para aproveitar o tempo reduzindo o próximo. Faz-se necessário ir à via terrestre que o seu rival milionário arranjou em pontes pênseis, com jacarandás em jarras de cristal e canaieiras artificiais. Nem mesmo vai ver as amantes. Também, para quê?

De novo toma o cupê aéreo e parte, para voltar tarde, decerto, enquanto a Mulher superior, embaixo, na terra, procura conservar materialmente a espécie com um jovem condutor de máquinas de 12 anos, que ainda tem cabelos.

Vai, de repente com um medo convulsivo de que o cupê aéreo abalroe um dos formidáveis aerobus, atulhados de gente, em disparada pelo azul sem fim, aos rancos.

— Para? — indaga o motorista com a vertigem das alturas.

— Para frente! Para frente! Tenho pressa, mais pressa. Caramba! Não se inventará um meio mais rápido de locomoção?

E cai, arfando, na almofada, os nervos a latejar, as tēmporas a bater, na ânsia inconsciente de acabar, de acabar, enquanto por todos os lados, em disparada convulsiva, de baixo para cima, de cima para baixo, na terra, por baixo da terra, por cima da terra, furiosamente, milhões de homens disparam

na mesma ânsia de fechar o mundo, de não perder o tempo, de ganhar, lucrar, acabar...

De 1920 a 1950

Com a bênção dos modernistas de bermudas

A semana de 22 deixou as letras brasileiras com um jeitão menos empolado, mais próximo da maneira de se falar nas ruas, e isso era na medida e nada mais para o espírito de conversa à toa, sem grandes compromissos, que caracteriza a crônica. Os modernistas de primeira hora, Mario e Oswald de Andrade, também adotaram o gênero. Trazem para a crônica de jornal a piada de seus poemas, as mulheres-musas que se dizem com glamour e brincam com o jogo de desprezar e admirar estrangeirismos tecnológicos e linguísticos. E hora de rir da “genialidade brasileira”, colocar a bola no chão e escrever de bermudas. As confissões amorosas aparecem mais abertamente nos textos, embora a dificuldade da boa relação afetiva já seja posta em discussão. O mundo fica menor. Começa a moda de entrar num cursinho de inglês para se dar bem nas relações internacionais, sejam elas de que tipo forem. Rubem Braga se inscreve num deles. Sai diplomado com um dos mais clássicos textos da língua portuguesa.

Aula de inglês

Rubem Braga

— *Is this an elephant*

Minha tendência imediata foi responder que não; mas a gente não deve se deixar levar pelo primeiro impulso. Um rápido olhar que lancei à professora bastou para ver que ela falava com seriedade, e tinha o ar de quem propõe um grave problema. Em vista disso, examinei com a maior menção o objeto que ela me apresentava.

Não tinha nenhuma tromba visível, de onde uma pessoa leviana poderia concluir às pressas que não se tratava de um elefante. Mas se tirarmos a tromba a um elefante, nem por isso deixa ele de ser um elefante; e mesmo que morra em consequência da brutal operação, continua a ser um elefante; continua, pois um elefante morto é, em princípio, tão elefante como qualquer outro. Refletindo nisso, lembrei-me de averiguar se aquilo tinha quatro patas, quatro grossas patas, como costumam ter os elefantes. Não tinha. Tampouco consegui descobrir o pequeno rabo que caracteriza o grande animal e que, às vezes, como já notei em um circo, ele costuma abanar com uma graça infantil.

Terminadas as minhas observações, voltei-me para a professora e disse convictamente:

— *No, it's not!*

Ela soltou um pequeno suspiro, satisfeita: a demora de minha resposta a havia deixado apreensiva. Imediatamente me perguntou:

— *Is it a book?*

Sorri da pergunta: tenho vivido uma parte de minha vida no meio de livros, conheço livros, lido com livros, sou capaz de distinguir um livro à primeira vista no meio de quaisquer outros objetos, sejam eles garrafas, tijolos ou cerejas maduras — sejam quais forem. Aquilo não era um livro, e mesmo supondo que houvesse livros encadernados em louça, aquilo não seria um deles: não parecia de modo algum um livro. Minha resposta demorou no máximo dois segundos:

— *No, it's not!*

Tive o prazer de vê-la novamente satisfeita — mas só por alguns

segundos. Aquela mulher era um desses espíritos insaciáveis que estão sempre a se propor questões, e se debruçam com uma curiosidade aflita sobre a natureza das coisas.

— *Is it a handkerchief*

Fiquei muito perturbado com essa pergunta. Para dizer a verdade, não sabia o que poderia ser um *handkerchief*. Talvez fosse hipoteca... Não, hipoteca não. Por que haveria de ser hipoteca? *Handkerchief*. Era uma palavra sem a menor sombra de dúvida antipática; talvez fosse chefe de serviço ou relógio de pulso ou ainda, e muito provavelmente, enxaqueca. Fosse como fosse, respondi impávido:

— *No, it's not!*

Minhas palavras soaram alto, com certa violência, pois me repugnava admitir que aquilo ou qualquer outra coisa nos meus arredores pudesse ser um *handkerchief*.

Ela então voltou a fazer uma pergunta. Desta vez, porém, a pergunta foi precedida de um certo olhar em que havia uma luz de malícia, uma espécie de insinuação, um longínquo toque de desafio. Sua voz era mais lenta que das outras vezes; não sou completamente ignorante em psicologia feminina, e antes dela abrir a boca eu já tinha a certeza de que se tratava de uma pergunta decisiva.

— *Is it an ash-tray?*

Uma grande alegria me inundou a alma. Em primeiro lugar porque eu sei o que é um *ash-tray*. Um *ash-tray* é um cinzeiro. Em segundo lugar porque, fitando o objeto que me apresentava, notei uma extraordinária semelhança entre ele e um *ash-tray*. Sim. Era um objeto de louça de forma oval, com cerca de 13 centímetros de comprimento.

As bordas eram da altura aproximada de um centímetro, e nelas havia reentrâncias curvas — duas ou três — na parte superior. Na depressão central, uma espécie de bacia delimitada por essas bordas, havia um pequeno pedaço de cigarro fumado (uma bagana) e, aqui e ali, cinzas esparsas, além de um palito de fósforos já riscado. Respondi:

— *Yes!*

O que sucedeu então foi indescritível. A boa senhora teve o rosto totalmente iluminado por uma onda de alegria; os olhos brilhavam — vitória! Vitória! — e um largo sorriso desabrochou rapidamente nos lábios. Os lábios pouco franzidos pela meditação triste e inquieta. Ergueu-se um pouco

tia cadeira e não se pôde impedir de estender o braço e me bater no ombro, ao mesmo tempo que exclamava, muito excitada:

— *Very well! Very well!*

Sou um homem de natural tímido. E ainda mais no lidar com mulheres. A efusão com que ela festejava minha vitória me perturbou; tive um susto, senti vergonha e muito orgulho.

Retirei-me imensamente satisfeito daquela primeira aula; andei na rua com passo firme e ao ver, na vitrina de uma loja, alguns belos cachimbos ingleses, tive mesmo a tentação de comprar um. Certamente teria entabulado uma longa conversação com o embaixador britânico, se o encontrasse naquele momento. Eu tiraria o cachimbo da boca e lhe diria:

— *Its not an ash-tray!*

E ele na certa ficaria muito satisfeito por ver que eu sabia falar inglês, pois deve ser sempre agradável a um embaixador ver que sua língua natal começa a ser versada pelas pessoas de boa-fé do país junto a cujo governo é acreditado.

Chorinho para a amiga

Vinícius de Moraes

Se fosses louca por mim, ah eu dava pantana, eu corria na praça, eu te chamava para ver o afogado. Se fosses louca por mim, eu nem sei, eu subia na pedra mais alta, altivo e parado, vendo o mundo pousado a meus pés. Oh, por que não me dizes, morena, que és louca varrida por mim? Eu te conto um segredo, te levo à boate, eu dou vodka pra você beber! Teu amor é tão grande, parece um luar, mas lhe falta a loucura do meu. Olhos doces os teus, com esse olhar de você, mas por que tão distante de mim? Lindos braços e um colo macio, mas por que tão ausentes dos meus? Ah, se fosses louca por mim, eu comprava pipoca, saía correndo, de repente me punha a cantar. Dançaria convosco, senhora, um bailado nervoso e sutil. Se fosses louca por mim, eu me batia em duelo sorrindo, caía fundo num golpe mortal. Estudava contigo o mistério dos astros, a geometria dos pássaros, declamando poemas assim: — *Se eu morresse amanhã... Se fosses louca por mim...* Se você fosse louca por mim, ô maninha, a gente ia ao Mercado, ao nascer da manhã, ia ver o avião levantar. Tanta coisa eu fazia, ó delícia, se fosses louca por mim! Olha aqui, por exemplo, eu pegava e comprava um lindo *peignoir* pra você. Te tirava da fila, te abrigava em chinchila, dava até um gasô pra você. Diz por que, meu anjinho, por que, tu não és louca — louca por mim? Ai, meu Deus, como é triste viver nesta dura incerteza cruel! Perco a fome, não vou ao cinema, só de achar que não és louca por mim. (E no entanto direi num aparte que até gostas bastante de mim...) Mas não sei, eu queria sentir teu olhar fulgurar contra o meu. Mas não sei, eu queria te ver uma escrava morena de mim. Vamos ser, meu amor, vamos ser um do outro de um modo total? Vamos nós, meu carinho, viver num harraco, e um luar, um coqueiro e um violão? Vamos brincar no Carnaval, liein, neguinha, vamos andar atrás do batalhão? Vamos, amor, fazer miséria, espetar uma conta no bar, você quer que eu provoque uma briga para você torcer muito por mim? Vamos subir no elevador, hein, doçura, nós dois juntos subindo, que bom! Vamos entrar numa casa de pasto, beber pinga e cerveja e xingar? Vamos, neguinha, vamos na praia passear? Vamos ver o dirigível, que é o assombro nacional? Vamos, maninha, vamos, na rua do Tampico, onde o pai matou a filha, ô maninha, com a tampa do maçarico? Vamos maninha, vamos morar em Jurujuba, andar de barco a vela, ô maninha, comer camarão graúdo? Vem cá, meu bem, vem cá, meu bem,

vem cá, vem cá, vem cá, se não vens bem depressinha, meu bem, vou contar para o seu pai. Ah, minha flor, que linda, a embriaguez do amor, dá um frio pela espinha, prenda minha, em seguida dá calor. És tão linda, menina, se te chamasses Marina, eu te levava no banho de mar. És tão doce, beleza, se te chamasses Teresa, eu teria certeza, meu bem. Mas não tenho certeza de nada, ó desgraça, ó ruína, ó Tupá! Tu sabias que em ti tem tahiti, linda ilha do amor e do adeus? Tem mandinga, tem mascate, pão-de-açúcar com café, tem chimborazo, kamtchaka, tabor, popocatepel? Tem juras, tem jetaturas e até danúbios azuis, tem igapós, jamundás, içás, tapajós, purus! — tens, tens, tens, ah se tens! Tens, tens, tens, ah se tens! Meu amor, meu amor, meu amor, que carinho tão bom por você, quantos beijos alados fugindo, quanto sangue no meu coração! Ah, se fosses louca por mim, eu me estirava na areia, ficava mirando as estrelas. Se fosses louca por mim, eu saía correndo de súbito, entre o pasmo da turba inconsútil. Eu dizia: ai de mim! Eu dizia: *Woe is me*! Eu dizia: *helàs* pra você... Tanta coisa eu diria, que não há poesia de longe capaz de exprimir. Eu inventava linguagem, só falando bobagem, só fazia bobagem, meu bem. Ó fatal pentagrama, ó lomas valentinas, ó tetrarca, ó sevícia, ó letargo! Mas não há nada a fazer, meu destino é sofrer: e seria tão bom não sofrer. Porque toda alegria tua e minha seria, se você fosse louca por mim. Mas você não é louca por mim... Mas você não é louca por mim... Mas você não é louca por mim...

A mulher automática

Oswald de Andrade

(De São Paulo) — Qual é o seu cargo?

— Esteno-dáctilo-serpente-contralto-secretária...

— Isso é novidade. Eu ouvi no rádio, naquele debate sobre a mulher moderna: esteno-dáctilo-serpente-secretária — A mulher atual!

— Ainda tem mais! Ponha *glamour*!

— Que é isso?

— *Glamour* é assim como eu sou. De concurso!

O homem pálido que esperava há duas horas examinou com os olhos a morena iodada no coral solto do vestido, sandálias de purpurina, cabelo lustroso, brincos, balangandãs e pulseiras, um beijo em ciclâmen por Salvador Dali.

— O senhor sabe? Comprei ontem um leque que cheira. E formidável! Da América!

A voz grossa trauteou “La vie en rose”.

— Dei o fora no meu *darling* porque ele não me levou à *boite* para ver o Charles Trenet. (Charles Trenet, cançonetista francês que teve grande êxito no Brasil àquele tempo). Fui com Mister Ubirajara.

— Quem é Mister Ubirajara?

— Acho que é canadense. Um gordo do anúncio. Tem gaita e possui um guarda-roupa perfeito. Dois ternos por dia! Me levou a Santo Amaro num 1950 formidável. Tomamos muitos *drinks*.

Na ante-sala de móveis mecânicos o telefone ressoou.

— Aposto que é o turco! Deixa tocar... Ele fala “negócio”. Quer saber do “negócio” dele. Como se eu estivesse aqui para dar informações!

O telefone insiste.

— O senhor sabe? Um marinheiro contrabandista foi ao meu apartamento

levar uns cortes de tropical e uns relógios suíços. Não falava nenhuma língua. Disse por gestos que era marinheiro, da Suíça. Enquanto ele se distraiu bati um relógio-pulseira e pus ele pra fora. Começou gesticulando que faltava alguma coisa. Banquei a boba. O homem falou baiano: — Deixe de besteira moça! Não gosto disso não! Me dá o relógio!

O telefone continuava. Ela arrancou num gesto o fone e berrou:

— Não me encha! Não é aqui!

Desligou violentamente. A voz do outro lado ficou dizendo humildemente:

— Esbéra, mucinha!

— Que esbéra, nada! Se ele ligar outra vez dou o telefone do Cemitério do Araçá. Vou fazer ele falar com defunto!

Houve um silêncio rápido. O homem pálido perguntou:

— A senhora é contralto?

— Sou. O que a mulher tem de melhor é a voz! — gritou desaparecendo numa porta volante. — A voz e a saliva!

Genialidade brasileira

Alcântara Machado

Confusão. Sempre confusão. Espírito crítico de antologia universal. Lado a lado todas as épocas, todas as escolas, todos os matizes. Tudo embrulhado. Tudo errado. E tudo bom. Tudo ótimo. Tudo genial.

Olhem a mania nacional de classificar palavreado de literatura. Tem adjetivos sonoros? E literatura. Os períodos rodam bonito? Literatura. O final é pomposo? Literatura, nem se discute. Tem asneiras? Tem. Muitas? Santo Deus. Mas são grandiloquentes? Se são. Pois então é literatura e da melhor. Quer dizer alguma coisa? Nada. Rima, porém? Rima. Logo é literatura.

O Brasil é o único país de existência geograficamente provada em que não ser literato é inferioridade. Toda gente se sente no dever indeclinável de fazer literatura. Ao menos uma vez ao ano e para gasto doméstico. E toda a gente pensa que fazer literatura é falar ou escrever bonito. Bonito entre nós às vezes quer dizer difícil. Às vezes tolo. Quase sempre eloquente.

O cavalheiro que encerra a sua oração com um Na antiga Roma ou como disse Barroso Na célebre batalha é orador. Orador, só? Não. Orador de gênio. O cavalheiro que termina o seu soneto com um Ó sol! É raio! Ó luz! Ó nume! Ó astro! É poeta. Também genial. E assim por diante.

Só a gente se agarrando com Nossa Senhora da Aparecida.

Essa falsa noção da genialidade brasileira é a mesma do Brasil, primeira11» país no mundo. Não há cidadão perdido em São Luiz do Paraitinga ou São João do Rio do Peixe que não esteja convencido disso. E porque o Brasil é o campeão do universo e o brasileiro o batuta da terra, tudo quanto aqui nasce e existe há de ser forçosamente o que há de melhor neste mundo de Chisto e de nós também. Todos os adjetivos arrebatados e apoteóticos são poucos para tamanha grandeza e tamanha lindeza. Ninguém pode conosco. Nós somos os cuersa mesmo.

Qualquer coisinha assume aos nossos olhos de mestiços tropicais proporções magnificentes, assustadoras, insuperáveis, nunca vistas. O Brasil é o mundo. O resto é bobagem. Castro Alves bate Vítor Hugo na curva. O problema da circulação em São Paulo absorve todas as atenções estudiosas.

Sem nós a Sociedade das Nações dá em droga. Vocês vão ver. Wagner é canja para Carlos Gomes. Em Berlim como em Sydney, em Leningrado como em Nagasaki só temos admiradores invejosos. O universo inteiro nos contempla. Eta nós!

É por isso que seria excelente de vez em quando uma cartinha como aquela de Remy de Gourmont a Figueiredo Pimentel. Um pouco de água gelada nesta fervura auriverde. Para que o trouxa brasileiro caia na realidade. E deixe-se dessa história de gênio, grandeza, importância e riquezas incomparáveis que é bobagem.

E não é verdade.

Talvez o último desejo

Rachel de Queiroz

Pergunta-me com muita seriedade uma moça jornalista qual é o meu maior desejo para o ano de 1950. E a resposta natural é dizer-lhe que desejo muita paz, prosperidade pública e particular para todos, saúde e dinheiro aqui em casa. Que mais há para dizer?

Mas a verdade, a verdade verdadeira que eu falar não posso, aquilo que representa o real desejo do meu coração, seria abrir os braços para o mundo, olhar para ele bem de frente e lhe dizer na cara: Te dana!

Sim, te dana, mundo velho. Ao planeta com todos os seus homens e bichos, ao continente, ao país, ao Estado, à cidade, à população, aos parentes, amigos e conhecidos: danem-se! Danem-se que eu não ligo, vou pra longe me esquecer de tudo, vou a Pasárgada ou a qualquer outro lugar, vou-me embora, mudo de nome e paradeiro, quero ver quem é que me acha.

Isso que eu queria. Chegar junto do homem que eu amo e dizer para ele: Te dana, meu bem! Doravante pode fazer o que entender, pode ir, pode voltar, pode pagar dançarinas, pode fazer serenatas, rolar de borco pelas calçadas, pode jogar futebol, entrar na linha de Quimbanda, pode amar e desamar, pode tudo, que eu não ligo!

Chegar junto ao respeitável público e comunicar-lhe: Danai-vos, respeitável público. Acabou-se a adulação, não me importo mais com as vossas reações, do que gostais e do que não gostais; nutro a maior indiferença pelos vossos apupos e os vossos aplausos e sou incapaz de estirar um dedo para acariciar os vossos sentimentos. Ide baixar noutra centro, respeitável público, e não amoleis o escriba que de vós se libertou!

Chegar junto da pátria e dizer o mesmo: o doce, o suavíssimo, o libérrimo te dana. Que me importo contigo, pátria? Que cresças ou aumentes, que sofras de inundação ou de seca, que vendas café ou compres ervilhas de lata, que simules eleições ou engulas golpes? Elege quem tu quiseses, o voto é teu, o lombo é teu. Queres de novo a espóra e o chicote do peão gordo que se fez teu ginete? Ou queres o manhoso mineiro ou o paulista de olho fundo? Escolhe á vontade — que me importa o comandante se o navio não é meu? A casa é tua, serve-te, pátria, que pátria não tenho mais.

Dizer te dana ao dinheiro, ao bom nome, ao respeito, à amizade e ao «mor. Desprezar parentela, irmãos, tios, primos e cunhados, desprezar o sangue e os laços afins, me sentir como filho de oco de pau, sem compromissos nem afetos.

Me deitar numa rede branca armada debaixo da jaqueira, ficar balançando devagar para espantar o calor, roer castanha de caju confeitada sem receio de engordar, e ouvir na vitrolinha portátil todos os discos de Noel Rosa, com Araci e Marília Batista. Depois abrir sobre o rosto o último romance policial de Agatha Christie e dormir docemente ao mormaço.

Mas não faço. Queria tanto, mas não faço. O inquieto coração que uma e se assusta e se acha responsável pelo céu e pela terra, o insolente coração não deixa. De que serve, pois, aspirar à liberdade? O miserável coração nasceu cativo e só no cativo pode viver. O que ele deseja é mesmo servidão e intranquilidade: quer reverenciar, quer ajudar, quer vigiar, quer se romper todo. Tem que espreitar os desejos do amado, e lhe fazer as quatro vontades, e atormentá-lo com cuidados e bendizer os seus caprichos; e dessa submissão e cegueira tira a sua única felicidade.

Tem que cuidar do mundo e vigiar o mundo, e gritar os seus brados de alarme que ninguém escuta e chorar com antecedência as desgraças previsíveis e carpir junto com os demais as desgraças acontecidas; não que o mundo lhe agradeça nem saiba sequer que esse estúpido coração existe. Mas essa é a outra servidão do amor em que ele se compraz — o misterioso sentimento de fraternidade que não acha nenhuma China demasiado longe, nenhum negro demasiado negro, nenhum ente demasiado estranho para o seu lado sentir e gemer e se saber seu irmão.

E tem o pai morto e a mãe viva, tão poderosos ambos, cada um na sua solidão estranha, tão longe dos nossos braços.

E tem a pátria que é coisa que ninguém explica, e tem o Ceará, valha-me Nossa Senhora, tem o velho pedaço de chão sertanejo que é meu, pois meu pai o deixou para mim como o seu pai já lho deixara e várias gerações antes de nós passaram assim de pai a filho.

E tem a casa feita pela nossa mão, toda caiada de branco e com janelas azuis, tem os cachorros e as roseiras.

E tem o sangue que é mais grosso que a água e ata laços que ninguém desata, e não adianta pensar nem dizer que o sangue não importa, porque importa mesmo. E tem os amigos que são os irmãos adotivos, tão amados uns quanto os outros.

E tem o respeitável público que há vinte anos nos atura e lê, e em geral entende e aceita, e escreve e pede providências e colabora no que pode. E tem que se ganhar o dinheiro, e tem que se pagar imposto para possuir a terra e a casa e os bichos e as plantas; e tem que se cumprir os horários, e aceitar o trabalho, e cuidar da comida e da cama. E há que se ter medo dos soldados, e respeito pela autoridade, e paciência em dia de eleição. Há que ter coragem para continuar vivendo, tem que se pensar no dia de amanhã, embora uma coisa obscura nos diga teimosamente lá dentro que o dia de amanhã, se a gente o deixasse em paz, se cuidaria sozinho, tal como o de ontem se cuidou.

E assim, em vez da bela liberdade, da solidão e da música, a triste alma tem mesmo é que se debater nos cuidados, vigiar e amar, e acompanhar medrosa e impotente a loucura geral, o suicídio geral. E adular o público e os amigos e mentir sempre que for preciso e jamais se dedicar a si própria e aos seus desejos secretos.

Prisão de sete portas, cada uma com sete fechaduras, trancadas com sete chaves, por que lutar contra as tuas grades?

O único desabafo é descobrir o mísero coração dentro do peito, sacudi-lo um pouco e botar na boca toda a amargura do cativo sem remédio, antes de o apostrofar. Te dana, coração, te dana!

A Sra. Stevens
Mario de Andrade

— Mme. Stevens.

— Sim, senhora, faz favor de sentar.

— Fala francês?

— ... ajudo sim a desnacionalização de Montaigne.

— Muito bem. (Ela nem sorriu por delicadeza.) O sr. pode dispor de alguns momentos?

— Quantos a Sra. quiser. (Era feia.)

— O meu nome é inglês, mas sou búlgara de família e nasci na Austrália. Isto é: não nasci propriamente na Austrália, mas em águas australianas, quando meu pai, que era engenheiro, foi pra lá.

— Mas...

— Eu sei. É que gosto de esclarecer logo toda a minha identidade, o sr. pode examinar os meus papéis. (Fez menção de tirar uma papelada da bolsa arranha-céu.)

— Oh, minha senhora, já estou convencido!

— Estão perfeitamente em ordem.

— Tenho a certeza, minha senhora!

— Eu sei. Estudei num colégio protestante australiano. Com a mocidade me tornei bastante bela e como era muito instruída, me casei com um inglês sábio que se dedicara à Metafísica.

— Sim senhora...

— Meu pai era regularmente rico e fomos viajar meu marido e eu. Como era de esperar, a índia nos atraía por causa dos seus grandes filósofos e poetas. Fomos lá e depois de muitas peregrinações, nos domiciliamos nas proximidades dum templo novo, dedicado às doutrinas de Zoroastro. Meu marido se tornara uma espécie de padre, ou melhor, de monge do templo e ficara um grande filósofo metafísico. Pouco a pouco o seu pensamento se

elevava, se elevava, até que desmaterializou-se por completo e foi vagar na plenitude contemplativa de si mesmo, fiquei só. Isto não me pesava porque desde muito meu marido e eu vivíamos, embora sob o mesmo teto, no isolamento total de nós mesmos. Liberto o espírito da matéria, só ficara ali o corpo de meu marido, e este não me interessava, mole, inerte, destituído daquelas volições que o espírito imprime à matéria ponderável. Foi então que adivinhei a alma dos chamados irracionais e vegetais, pois que se eles não possuísem o que de qualquer forma é sempre uma manifestação de vontade, estariam libertos da luta pela espécie, dos fenômenos de adaptação ao meio, correlação de crescimento e outras mais leis do Transformismo.

— Sim senhora!

— Como o Sr. vê, ainda não sou velha e bastante agradável.

— Minh...

— Eu sei. Com paciência foi dirigindo o corpo do meu marido para um morro que havia atrás do templo de Zoroastro, donde os seus olhos, para sempre inexpressivos agora, podiam ter, como consagração do grande espírito que neles habitara, a contemplação da verdade. E o deixei lá. Voltei para o bangalô e fiquei refletindo. Quando foi de tardinha escutei um canto de flauta que se aproximava. (Aqui a Sra. Stevens começa a chorar.) Era um pastor nativo que fora levar zebus ao templo. Dei-lhe hospitalidade, e como a noite viesse muito ardente e silenciosa, pequei com esse pastor! (Aqui os olhos da Sra. Stevens tomam ar de alarma.)

— Mas, Sra. Stevens, o assunto que a traz aqui a obriga a essas confissões!....

— Não é confissão, é penitência! Fugi daquela casa, horrorizada por não ter sabido conservar a integridade metafísica de meu esposo e concebi o castigo de...

— Mas...

— Cale-se! Concebi meu castigo! Fui na Austrália receber os restos da minha herança devastada e agora estou fazendo a volta ao mundo, em busca de metafísicos a quem possa servir. Cheguei faz dois meses ao Brasil, já estive na capital da República, porém nada me satisfez. (Aqui a Sra. Stevens principia soluçando convulsa.) Ontem, quando vi o Sr. saindo do cinema, percebi o desgosto que lhe causavam essas manifestações específicas da materialidade, e vim convidá-lo a ir pra Índia comigo. Lá teremos o nosso bangalô ao pé do templo de Zoroastro, servi-lo-ei como escrava, serei tua! Oh! Grande espírito que te desencarnas pouco a pouco das convulsões

materiais! Zoroastro! Zoroastro! Lá, Tombutu, Washington Luís, café com leite!...

Está claro que não foram absolutamente estas as palavras que a Sra. Stevens choveu no auge da sua admiração por mim (desculpem). Não foram essas e foram muito mais numerosas. Mas com o susto, eu colhia no ar apenas sons, assonâncias, que deram em resultado este verso maravilhoso: “lá, Tombutu, Washington Luís, café com leite”. Sobretudo faço questão do café com leite, porque quando a Sra. Stevens deu um silvo agudo e principiou desmaiando, acalmei ela como pude, lhe assegurei a impossibilidade da minha desmaterialização total e, como a coisa ameaçasse piorar, me lembrei de oferecer café com leite. Ela aceitou. Bebeu e sossegou. Então me pediu dez mil réis pra o templo de Zoroastro, coisa a que acedi mais que depressa.

Aliás, pelo que soube depois, muitas pessoas conheceram a Sra. Stevens em São Paulo.

A mosca azul
Humberto de Campos

(Carta a um frade)

“Meu imprudente e desventurado amigo Frei Cirilo. — Louvado seja Deus no seu coração e no meu.

Acabo de saber, por uma irreverência dos jornais, que vai abandonar a Ordem dos Franciscanos Descalços para unir-se, em casamento civil e público, à doce e formosa irmã Eleonora da Purificação, da Ordem das Carmelitas Calçadas. E logo a pena me buliu inquieta, como a de um pássaro doido, no desejo de lhe escrever esta carta. Sei que é temeridade, e grande, meter-se um pecador a ministrar conselhos a um santo. Não sabe a relva do campo, que os cordeiros tosquiavam, o perfume que tem o gerânio nascido no jardim de um convento. Mas um leigo, que era um soldado e muito sabia da vida, já afirmou, uma vez que, “quando um bom em tudo é justo e santo, em negócios do mundo pouco acerta”. E o casamento, meu irmão, é um negócio do mundo.

Que ideia faz você da sua própria vida ao lado de irmã Eleonora, após o casamento, e conseqüente abandono do hábito? Cada um de nós já foi monge durante algumas semanas e pode apanhar, no mundo fantástico do uru cérebro, as borboletas coloridas e leves que nele voam. Casados, irão Vocês para um chalezinho branco e azul, com glicínias emoldurando as janelas e casais de pombos arrulhando no telhado. No jardim pequenino e fresco os lírios estenderão a mão de cinco pétalas, mandando aos noivos a bênção do seu perfume casto. Debruçados na varanda florida, cada um de vocês olhará a imagem da felicidade nos olhos claros do outro. E à noite, em vez das preces rituais, os lábios desfolharão beijos. E cada beijo fará surgir, muito trêmula, e muito pura, uma pequenina estrela no céu...

Pela manhã, sairão vocês ambos pela floresta circunjacente, colhendo frutos rosados e ensopando as mãos em mel silvestre. A passagem de irmã Eleonora, fresca e cheirosa como um altar de aldeia em dia de festas, as roseiras de Deus estenderão as rosas e as árvores do Diabo encolherão os espinhos. À tarde, você ordenhará as cabras, como um pastor de Teócrito, e

levará o leite chiante e morno à fome alegre da sua pastora cristã. E unindo o rosto moreno e moço à face da esposa jovem, vocês acompanharão, de olhos úmidos, e falando baixinho, a ascensão das estrelas miúdas, que irão saindo, e subindo, como formiguinhas de fogo, do formigueiro escuro do Oriente...

Quanto é diferente, porém, a vida aqui fora, meu irmão e meu santo, mesmo quando o Amor e a Amizade são padrinhos civis ou católicos do casamento! Substituído o seu pesado hábito de franciscano por uma roupa de leigo, debalde procurará você o chalezinho branco e azul, enfeitado de glicínias e pombos. Ao vir do dia, na casa escura em que se forem vocês esconder, verá você irmã Eleonora discutir com o homem da carne, com o homem do pão, com o homem da banana-ouro ou com o homem da laranja-pedra. O leite de Arcádia, com que você sonhou, virá num boião de boca larga, procedente de Minas, com o cheiro de quinze dias de depósito. Em vez de gorjeio do passaredo livre, o chiar da manteiga derretida. Em lugar do canteiro à porta, espalhando perfume, o bonde na rua, levantando poeira. Chega, porém, o momento da recompensa. Você escuta uma voz, gritando o seu nome:

— Ci-ri-lóooo!

O seu coração de noivo entra em alvoroço. É o beijo que vem. É o prêmio de tudo. E a moeda divina, que vai pagar a dívida contraída pela sua esperança. Mas a voz de irmã Eleonora, vinda do interior da casa, completa incisivamente o chamado:

— Paga aí dois mil réis ao homem da banana!

A hora do almoço, em que você verá a seu lado, em vez do mel silvestre, a conta do telefone com uma intimação do sr. Silvester e em que não haverá nem queijo de cabra nem fruta que não tenha passado um verão na geladeira, espera você, naturalmente, a palavra terna, alimento do coração. Irmã Eleonora, mais ocupada com os pratos do que com você, interromperá, enfim, o silêncio barulhento:

— Você leu?

— ?

— O artigo do dr. Heitor Lima, homem! Você, então, não leu o que ele diz sobre o divórcio?

E irmã Eleonora, que, com o casamento, sentou praça no batalhão imenso das defensoras do sexo, irá até à sobremesa discutindo consigo mesma o problema da emancipação feminina, procurando mostrar a você que os

homens todos são animais sem alma, abortos da Natureza, criações malignas do Diabo, que vieram ao mundo para atormentar as mulheres, mas de que estas se devem libertar, de tesoura na unha ou de guarda-chuva na mão.

Para que se vai, pois, você, meter nessas complicações todas, meu piedoso frei Cirilo? Guarde o seu sonho casto, e bom, e poupe, ao mesmo tempo, o que revoluteia, todo de gaze e renda, na alma cândida de irmã Eleonora. Não mate duas borboletas de uma vez. Aproveite a oportunidade que o sacerdócio lhe oferece, e pergunte, no confessionário, a todas as mulheres que se ajoelharem nele, se há alguma que não sofreu uma decepção no casamento. Não há realidade feliz que valha a décima parte de um sonho bom. Nem há nenhuma que se assemelhe, mesmo de longe, a um sonho de mulher jovem. E não há vingança mais impiedosa do que a da mulher desiludida.

“Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

“E zumbia e voava, e voava e zumbia,
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante de Grão-Mogol”.

Deixe-se, pois, ficar no seu mosteiro, meu santo irmão. E deixe irmã Eleonora no convento em que sonha com você.

Não mate a sua mosca azul.

Um milagre

Graciliano Ramos

R28829. Anúncio miúdo publicado num jornal: “A Nossa Senhora, a quem recorri em momentos de aflição na madrugada de 11 de maio, agradeço de joelhos a graça alcançada.” Uma assinatura de mulher. Em seguida vinha o 29766, em que se ofereciam os lotes de um terreno, em prestações módicas. Esse não me causou nenhuma impressão, mas o 28829 sensibilizou-me.

A princípio achei estranho que alguém manifestasse gratidão à divindade num anúncio, que talvez Nossa Senhora nem tenha lido, mas logo me convenci de que não tinha razão. Com certeza essa alma, justamente inquieta numa noite de apuros, teria andado melhor se houvesse produzido uma Salve-Rainha, por exemplo. Infelizmente nem todos os devotos são capazes de produzir Salve-Rainhas.

Afinal essas coisas só têm valor quando se publicam. A senhora a que me refiro podia ter ido à igreja e enviado ao céu uma composição redigida por outra pessoa. Isto, porém, não a satisfaria. Trata-se duma necessidade urgente de expor um sentimento forte, sentimento que, em conformidade com o intelecto do seu portador, assume a forma de oração artística ou de anúncio. Há aí uma criatura que não se submete a fórmulas e precisa meios originais de expressão. Meios bem modestos, com efeito, mas essa alma sacudida pelo espalhafato de 11 de maio reconhece a sua insuficiência e não se atreve a comunicar-se com a Virgem: fala a viventes ordinários, isto é, aos leitores dos anúncios miúdos, e confessa a eles o seu agradecimento a Nossa Senhora, que lhe concedeu um favor em hora de aperto.

Imagino o que a mulher padeceu. A metralhadora cantava na rua, o guarda da esquina tinha sido assassinado, ouviam-se gritos, apitos, correrias, buzinar de automóveis, e os vidros da janela avermelhavam-se com um clarão de incêndio. A infeliz acordou sobressaltada, tropeçou nos lençóis e bateu com a testa numa quina da mesa da cabeceira. Enrolando-se precipitadamente num roupão, foi fechar a janela, mas o ferrolho emperrou. A fuzilaria lá fora continuava intensa, as chamas do incêndio avivavam-se. A pobre ficou um instante mexendo no ferrolho, atarantada. Compreendeu vagamente o perigo e ouviu uma bala inexistente zunir-lhe perto da orelha. Arrastando-se, quase

desmaiada, foi refugiar-se no banheiro. E aí pensou no marido (ou no filho), que se achava fora de casa, na Urca ou em lugar pior. Desejou com desespero que não acontecesse uma desgraça à família. Encostou-se à pia, esmorecida, medrosa da escuridão, tencionando vagamente formular um pedido e comprimir o botão do comutador. Incapaz de pedir qualquer coisa, arriou, caiu ajoelhada e escorou-se à banheira. Depois lembrou-se de Nossa Senhora. Passou ali uma parte da noite, tremendo. Como os rumores externos diminuíssem, ergueu-se, voltou para o quarto, estabeleceu alguma ordem nas ideias confusas, endereçou à Virgem uma súplica bastante embrulhada.

Não dormiu, e de manhã viu no espelho uma cara envelhecida e amarela. O filho (ou marido) entrou em casa inteiro, e não foi incomodado pela polícia.

A alma torturada roncou um suspiro de alívio, molhou o jornal com lágrimas e começou a perceber que tinha aparecido ali uma espécie de milagre. Pequeno, é certo, bem inferior aos antigos, mas enfim digno de figurar entre os anúncios do jornal que ali estava amarrotado e molhado.

Realmente muitas pessoas que dormiam e não pensaram, portanto, em Nossa Senhora deixaram de morrer na madrugada horrível de 11 de maio. Essas não receberam nenhuma graça: com certeza escaparam por outros motivos.

Os discos voadores

Rachel de Queiroz

Eu por mim acredito. Por que não acreditaria? Nada vejo que justifique a descrença. Acredito em tudo. Que têm 15 metros de diâmetro, que são feitos de um metal desconhecido, brilhante como prata polida, que se compõem de três círculos concêntricos dos quais só um — o do meio — gira, fazendo o engenho mover-se; acredito que deixam um rastro luminoso por onde andam — decerto a poeira fosforescente dos mundos siderais que percorreram. E acredito, principalmente, que sejam pilotados por homúnculos de meio metro de estatura, macrocéfalos, horrendos, vindos sabe Deus de que planeta, Marte, Vénus ou Saturno.

Ah, acredito. Por que não seria verdade? Todo o mundo os tem visto, no Oriente e no Ocidente, no Pacífico e no Atlântico, nas costas da Califórnia, no Peru e no Amazonas, em Maceió, no Uruguai; e até mesmo aqui no Rio teve um cavalheiro que os viu durante 45 minutos; viu-os com os seus olhos que a terra há de comer, se me permitem a expressão, e por sinal chamou a radiopatrulha, no que se mostrou homem muitíssimo avisado.

Ilusão coletiva uma conversa. Também a bomba voadora dizia-se que era ilusão coletiva. O povo sabe muito bem onde põe os olhos e os jornais contam muito mais verdades do que o supõe o ingênuo público, viciado a acreditar em desmentidos. Se tanta gente tem visto discos voadores, é porque há discos voadores. E afinal de contas, neste mundo de aparência, quem é que pode distinguir da realidade a dita aparência, e até onde se pode afirmar que uma coisa é concreta ou é ilusão dos sentidos? Arco-íris também é ilusão dos sentidos e neste mesmo instante lá está um, brilhando no céu, entre as nuvens molhadas, luminoso e autêntico como um corpo vivo...

Eu creio nos discos e tenho medo deles. Sei muitíssimo bem que são o sinal positivo do fim do mundo. Se até está nos livros, se foi profetizado há muito tempo! E por que não seria o fim do mundo? Quais são os nossos méritos assim tão grandes para nos defenderem da catástrofe? Os dez justos que faltaram a Sodoma, com razão ainda maior, nos faltariam a nós.

Quem tiver os seus pecados trate de ir-se arrependendo que a hora chegou e chegou feia. Quem não viu o que tinha de ver, procure olhar e faltar os

olhos; quem não amou ame depressa, quem não se vingou se vingue. O tempo urge — faça-se o que é mister ser feito, que o relógio já bateu. O mundo vai acabar-se.

Pelo menos o nosso mundo. Outro pode nascer dos nossos destroços, mas há de ser um mundo diferente, povoado sabe Deus por quem — só o não será pelos nossos netos, que esses não chegarão sequer a formar-se nas entranhas das nossas filhas. E estas estarão mortas conosco, belas, inocentes e malfadadas, perdendo a chama da vida antes de a poderem passar adiante.

O mundo que virá depois há de ser deles, que já nos vigiam e já preparam o caminho. Então vocês não compreendem, irmãos, que esses discos misteriosos que pairam no alto, librando-se no ar como um gavião peneirando em cima da presa, pairam no alto e depois vão-se embora são os olheiros deles, são os quintas-colunas, os esculcas das multidões de homenzinhos de cabeça grande que estão destinados a ser os nossos senhores? Depois dos observadores, chegarão os exércitos com armas tão assombrosas que, perto delas, a bomba de hidrogênio do presidente Truman é como uma ronqueira de São João. E que idade terão atingido eles, se já minguaram assim no tamanho e cresceram tanto a cabeça?

Como hão de estar apurados, refinados, 90% de matéria bruta — e não tão bruta assim, já que pode ser tão pouca? Que poderemos nós contra eles, lerdos gigantes microcéfalos, mal saídos da grosseira idade do ferro e gatinhando ainda na infância da era atômica?

Que pensarão de nós, vendo-nos tão atrasados, tão primitivos, tão irremediavelmente presos à carne e às suas misérias, divertindo-nos barbaramente com guerras de selvagens, usando engenhos grosseiros de metal rude e brutas explosões de pólvora e nitroglicerina?

Ah, tenho medo, tenho medo. Que será de nós quando eles do céu se despencarem aos cachos, tão estranhos e terríveis, implacáveis na convicção cega do divino direito da sua sobrevivência à custa da nossa? De que modo nos irão destruir ou de que meios usarão para nos escravizar — como animais de força bruta ao seu serviço? E como serão eles — transparentes, gelatinosos, todo o músculo e osso apurado em matéria nobre, cérebros andantes, <|i>asse sem vísceras, talvez libertos das baixas necessidades da comida e do repouso? E terão um peito capaz de piedade, terão olhos capazes de ver além da nossa grotesca feiura, da nossa maldade e da nossa imperfeição?

Quem sabe são anjos; e virão destruir como os anjos destroem, sem ódio,

sem prazer na carnificina, apenas cumprindo ordens mais altas, com a sua espada de fogo, coração feito de diamante, que nada empana, mas nada amolece. Contudo, também podem ter evoluído apenas na direção da besta, e como bestas na quinta-essência do aperfeiçoamento serão ferozes e implacáveis — serão os próprios descendentes do Leviatã.

Cuidado que eles estão chegando. Primeiro foi o aviso, mas em breve já não haverá avisos. Hão de baixar aos milhares e aos milhões, pequeninos e atrevidos, hão de conhecer todos os segredos, decerto se multiplicam em massa, ao sabor das vãs necessidades, produzem guerreiros e chefes ao seu gosto, terão aprendido o processo de reduzir a infância a apenas alguns meses, produzindo por sistema adiantadíssimo adultos temporões de corpo transparente e cabeça grande, no mesmo espaço de tempo que nós gastamos para fabricar um automóvel.

Ah, os que não acreditam! Ah, os que zombam! Ah, os sábios que espiam nos seus estúpidos telescópios e negam o que o olho nu enxerga! Medem as estrelas com suas réguas, e depois vêm-nos dizer que não há perigo, que nos assustamos com simples meteoro. Isso mesmo deviam declarar os pajés das tribos americanas aos guerreiros assustados que pela primeira vez avistaram as asas das caravelas subindo no horizonte. São pássaros, são raios de sol — são sonhos dos olhos! E assim os brancos chegaram, e acharam os guerreiros desprevenidos e inermes. O mesmo sucederá conosco. É mais cômodo duvidar, é muito mais fácil afirmar que tudo é engano e mentira.

E, enquanto isso, os discos voadores partem aos milhares das suas bases de céu além, e cortam zumbindo o éter vazio, e escolhem para o seu pouso o que há de mais bonito e mais sedutor no mundo — a Califórnia, o golfo do México, a Itália, as praias amenas do Atlântico Sul...

Os anos 1950

A década de ouro de uma geração de craques

Na década de 1950, o Brasil ganhou a primeira Copa do Mundo de futebol, construiu Brasília, botou nas telas o cinema novo e fez a bossa nova. A crônica, acompanhando essa onda de euforia, colocou em campo a sua geração mais espetacular de autores, um escrete de peles escrevendo diariamente em jornais. Os tempos risonhos permitiam o humorismo de Stanislaw Ponte Preta e a euforia cívica de Nelson Rodrigues nos livrando do complexo de vira-latas, enquanto o charme dos anos dourados do Rio de Janeiro enriquecia a pena de Antônio Maria nas andanças pelas noites de Copacabana. Nunca fomos tão bacanas, para usar um termo grato ao brotinho, um novo personagem do rock-and-roll das ruas, perfilado por Paulo Mendes Campos, craque do escrete mineiro de cronistas. O período consolidou a relação de carinho do gênero com o grande público consumidor, tornando a crônica uma espécie de iniciação do brasileiro ao prazer de ler.

Ser brotinho

Paulo Mendes Campos

Ser brotinho não é viver em um píncaro azulado: é muito mais! Ser brotinho é sorrir bastante dos homens e rir interminavelmente das mulheres, rir como se o ridículo, visível ou invisível, provocasse uma tosse de riso irresistível.

Ser brotinho é não usar pintura alguma, às vezes, e ficar de cara lambida, os cabelos desarrumados como se ventasse forte, o corpo todo apagado dentro de um vestido tão de propósito sem graça, mas lançando fogo pelos olhos. Ser brotinho é lançar fogo pelos olhos.

E viver a tarde inteira, em uma atitude esquemática, a contemplar o teto, só para poder contar depois que ficou a tarde inteira olhando para cima, sem pensar em nada. É passar um dia todo descalça no apartamento da amiga comendo comida de lata e cortar o dedo. Ser brotinho é ainda possuir vitrola própria e perambular pelas ruas do bairro com um ar sonso-vagaroso, abraçada a uma porção de elepês coloridos. É dizer a palavra feia precisamente no instante em que essa palavra se faz imprescindível e tão inteligente e natural. É também falar *legal* e *bárbaro* com um timbre tão por cima das vãs agitações humanas, uma inflexão tão certa de que tudo neste mundo passa depressa e não tem a menor importância.

Ser brotinho é poder usar óculos como se fosse enfeite, como um adjetivo para o rosto e para o espírito. É esvaziar o sentido das coisas que transbordam de sentido, mas é também dar sentido de repente ao vácuo absoluto. É aguardar com paciência e frieza o momento exato de vingar-se da má amiga. É ter a bolsa cheia de pedacinhos de papel, recados que os anacolutos tornam misteriosos, anotações criptográficas sobre o tributo da natureza feminina, uma cédula de dois cruzeiros com uma sentença hermética escrita a batom, toda uma biografia esparsa que pode ser atirada de súbito ao vento que passa. Ser brotinho é a inclinação do momento.

É telefonar muito, estendida no chão. É querer ser rapaz de vez em quando só para vaguear sozinha de madrugada pelas ruas da cidade. Achar muito bonito um homem muito feio; achar tão simpática uma senhora tão antipática. É fumar quase um maço de cigarros na sacada do apartamento, pensando coisas brancas, pretas, vermelhas, amarelas.

Ser brotinho é comparar o amigo do pai a um pincel de barba, e a gente vai ver está certo: o amigo do pai parece um pincel de barba. E sentir uma vontade doida de tomar banho de mar de noite e sem roupa, completamente. É ficar eufórica à vista de uma cascata. Falar inglês sem saber verbos irregulares. É ter comprado na feira um vestidinho gozado e bacanérrio.

É ainda ser brotinho chegar em casa ensopada de chuva, úmida camélia, e dizer para a mãe que veio andando devagar para molhar-se mais. E ter saído um dia com uma rosa vermelha na mão, e todo mundo pensou com piedade que ela era uma louca varrida. É ir sempre ao cinema mas com um jeito de quem não espera mais nada desta vida. É ter uma vez bebido dois gins, quatro uísques, cinco taças de champanha e uma de cinzano sem sentir nada, mas ter outra vez bebido só um cálice de vinho do Porto e ter dado um vexame modelo grande. É o dom de falar sobre futebol e política como se o presente fosse passado, e vice-versa.

Ser brotinho é atravessar de ponta a ponta o salão da festa com uma indiferença mortal pelas mulheres presentes e ausentes. Ter estudado *ballet* e desistido, apesar de tantos telefonemas de Madame Saint-Quentin. Ter trazido para casa um gatinho magro que miava de fome e ter aberto uma lata de salmão para o coitado. Mas o bichinho comeu o salmão e morreu. É ficar pasmada no escuro da varanda sem contar para ninguém a miserável traição. Amanhecer chorando, anoitecer dançando. É manter o ritmo na melodia dissonante. Usar o mais caro perfume de blusa grossa e *blue-jeans*. Ter horror de gente morta, ladrão dentro de casa, fantasmas e baratas. Ter compaixão de um só mendigo entre todos os outros mendigos da Terra. Permanecer apaixonada a eternidade de um mês por um violinista estrangeiro de quinta ordem. Eventualmente, ser brotinho é como se não fosse, sentindo-se quase a cair do galho, de tão amadurecida em todo o seu ser. É fazer marcação cerrada sobre a presunção incomensurável dos homens. Tomar uma pose, ora de soneto moderno, ora de minueto, sem que se dissipe a unidade essencial. É policiar parentes, amigos, mestres e mestras i um um ar songamonga de quem nada vê, nada ouve, nada fala.

Ser brotinho é adorar. Adorar o impossível. Ser brotinho é detestar. I)e(estar o possível. É acordar ao meio-dia com uma cara horrível, comer somente e lentamente uma fruta meio verde, e ficar de pijama telefonando kilê a hora do jantar, e não jantar, e ir devorar um sanduíche americano na esquina, tão estranha é a vida sobre a Terra.

Meu ideal seria escrever...

Rubem Braga

Meu ideal seria escrever uma história tão engraçada que aquela moça que está doente naquela casa cinzenta quando lesse minha história no jornal risse, risse tanto que chegasse a chorar e dissesse — “ai meu Deus, que história mais engraçada!”. E então a contasse para a cozinheira e telefonasse para duas ou três amigas para contar a história; e todos a quem ela contasse rissem muito e ficassem alegremente espantados de vê-la tão alegre. Ah, que minha história fosse como um raio de sol, irresistivelmente louro, quente, vivo, em sua vida de moça reclusa, enlutada, doente. Que ela mesma ficasse admirada ouvindo o próprio riso, e depois repetisse para si própria — “mas essa história é mesmo muito engraçada!”.

Que um casal que estivesse em casa mal-humorado, o marido bastante aborrecido com a mulher, a mulher bastante irritada com o marido, que esse casal também fosse atingido pela minha história. O marido a leria e começaria a rir, o que aumentaria a irritação da mulher. Mas depois que esta, apesar de sua má vontade, tomasse conhecimento da história, ela também risse muito, e ficassem os dois rindo sem poder olhar um para o outro sem rir mais; e que um, ouvindo aquele riso do outro, se lembrasse do alegre tempo de namoro, e reencontrassem os dois a alegria perdida de Wlurem juntos.

Que nas cadeias, nos hospitais, em rodas as salas de espera a minha história chegasse — e tão fascinante de graça, tão irresistível, tão colorida e Mi (tão que todos limpassem seu coração com lágrimas de alegria; que o comissário do distrito, depois de ler minha história, mandasse soltar aqueles bêbados e também aquelas pobres mulheres colhidas na calçada e lhes dissesse — “por favor, se comportem, que diabo! Eu não gosto de prender ninguém!”. E que assim todos tratassem melhor seus empregados, seus dependentes e seus semelhantes em alegre e espontânea homenagem à minha história.

E que ela aos poucos se espalhasse pelo mundo e fosse contada de mil maneiras, e fosse atribuída a um persa, na Nigéria, a um australiano, em Dublin, a um japonês em Chicago — mas que em todas as línguas ela guardasse a sua frescura, a sua pureza, o seu encanto surpreendente; e que no

fundo de uma aldeia da China, um chinês muito pobre, muito sábio e muito velho dissesse: “Nunca ouvi uma história assim tão engraçada e tão boa em toda a minha vida; valeu a pena ter vivido até hoje para ouvi-la; essa história não pode ter sido inventada por nenhum homem, foi com certeza algum anjo tagarela que a contou aos ouvidos de um santo que dormia, e que ele pensou que já estivesse morto; sim, deve ser uma história do céu que se filtrou por acaso até nosso conhecimento; é divina.”

E quando todos me perguntassem — “mas de onde é que você tirou essa história?” — eu responderia que ela não é minha, que eu a ouvi por acaso na rua, de um desconhecido que a contava a outro desconhecido, e que por sinal começara a contar assim: “Ontem ouvi um sujeito contar uma história...”

E eu esconderia completamente a humilde verdade: que eu inventei toda a minha história em um só segundo, quando pensei na tristeza daquela moça que está doente, que sempre está doente e sempre está de luto e sozinha naquela pequena casa cinzenta de meu bairro.

Café com leite

Antonio Maria

É preciso amar, sabe? Ter-se uma mulher a quem se chegue, como o barco fatigado à sua enseada de retorno. O corpo lasso e confortável, de noite, pede um cais. A mulher a quem se chega, exausto e, com a força do cansaço, dá-se o espiritualíssimo amor do corpo.

Como deve ser triste a vida dos homens que têm mulheres de tarde, em apartamentos de chaves emprestadas, nos lençóis dos outros! Como é possível deixar que a pele da amada toque os lençóis dos outros! Quem assim procede (o tom é bíblico e verdadeiro) divide a mulher com o que empresta as chaves.

Para os chamados “grandes homens” a mulher é sempre uma aventura. De tarde, sempre. Aquela mulher que chega se desculpando; e se despe, desculpando-se; e se crispa, ao ser tocada e serra os olhos, com toda força, com todo desgosto, enquanto dura o compromisso. E melhor ser-se um “pequeno homem”.

Amor não tem nada a ver com essas coisas. Amor não é de tarde, a não ser em alguns dias santos. Só é legítimo quando, depois, se pega no sono. E a um complemento venturoso, do qual alguns se descuidam. O café com leite, de manhã. O lento café com leite dos amantes, com a satisfação do prazer cumprido.

No mais, tudo é menor. O socialismo, a astrofísica, a especulação imobiliária, a ioga, todo asceticismo da ioga... tudo é menor. O homem só tem duas missões importantes: amar e escrever à máquina. Escrever com dois dedos e amar com a vida inteira.

Batizado na Penha

Vinícius de Moraes

Eu sou um sujeito que, modéstia à parte, sempre deu sorte aos outros (viva, minha avozinha diria: “Meu filho, enquanto você viver não faltará quem o elogie...”). Menina que me namorava casava logo. Amigo que estudava comigo, acabava primeiro da turma. Sem embargo, há duas coisas com relação às quais sinto que exerço um certo pé-frio: viagem de avião e esse negócio de ser padrinho. No primeiro caso o assunto pode ser considerado controverso, de vez que, num terrível desastre de avião que tive, saí perfeitamente ileso, e numa pane subsequente, em companhia de Alex Viany, Luís Alípio de Barros e Alberto Cavalcanti, nosso *Beechcraft*, enguiçado em seus dois únicos motores, conseguiu no entanto pegar um campinho interditado em Canavieiras, na Bahia, onde pousou galhardamente, para gáudio de todos, exceto Cavalcanti, que dormia como um justo.

Mas no segundo caso é batata. Afilhado meu morre em boas condições, em período que varia de um mês a dois anos. Embora não seja supersticioso, o meu coeficiente de afilhados mortos é meio velhaco, o que me faz hoje em dia declinar delicadamente da honra, quando se apresenta o caso. O que me faz pensar naquela vez em que fui batizar meu último afilhado na Igreja da Penha, há coisa de uns vinte anos.

Éramos umas cinco ou seis pessoas, todos parentes, e subimos em boa forma os trezentos e não sei mais quantos degraus da igrejinha, eu meio céptico com relação à minha nova investidura, mas no fundo tentando me convencer de que a morte de meus dois afilhados anteriores fora mera obra do acaso. Conosco ia Leonor, uma pretinha de uns cinco anos, cria da casa de meus avós paternos.

Leonor era como um brinquedo para nós da família. Pintávamos com ela e a adorávamos, pois era danada de bonitinha, com as trancinhas espetadas e os dentinhos muito brancos no rosto feliz. Para mim Leonor exercia uma função que considero básica e pela qual lhe pagava quatrocentos réis, dos grandes, de cada vez: coçar-me as costas e os pés. Sim, para mim cosquinha nas costas e nos pés vem praticamente em terceiro lugar, logo depois dos prazeres da boa mesa; e se algum dia me virem atropelado na rua, sofrendo dores, que haja

uma alma caridosa para me coçar os pés e eu morrerei contente.

Mas voltando à Penha: uma vez findo o batizado, saímos para o sol claro e nos dispusemos a efetuar a longa descida de volta. A Penha, como é sabido, tem uma extensa e suave rampa de degraus curtos que cobrem a maior parte do trajeto, ao fim da qual segue-se um lance abrupto. Vínhamos com cuidado ao lado do pai com a criança ao colo, o olho baixo para evitar alguma queda. Mas não Leonor! Leonor vinha brincando como um diabrete que era, pulando os degraus de dois em dois, a fazer travessuras contra as quais nós inutilmente a advertimos.

Foi dito e feito. Com a brincadeira de pular os degraus de dois em dois, Leonor ganhou *momentum* e quando se viu ela os estava pulando de três em três, de quatro em quatro e de cinco em cinco. E lá se foi a pretinha Penha abaixo, os braços em pânico, lutando para manter o equilíbrio e a gritar como uma possessa.

Nós nos deixamos estar, brancos. Ela ia morrer, não tinha dúvida. Se rolasse, ia ser um trambolhão só por ali abaixo até o lance abrupto, e pronto. Se conseguisse se manter, o mínimo que lhe poderia acontecer seria levantar voo quando chegasse ao tal lance, considerada a velocidade em que descia. E lá ia ela, seus gritos se distanciando mais e mais, os bracinhos se agitando no ar, em sua incontrollável carreira pela longa rampa luminosa.

Salvou-a um herói que quase no fim do primeiro lance pôs-se em sua frente, rolando um para cada lado. Não houve senão pequenas escoriações. Nós a sacudíamos muito, para tirá-la do trauma nervoso em que a deixara o tremendo susto passado. De pretinha, Leonor ficara cinzenta. Seus dentinhos batiam incrivelmente e seus olhos pareciam duas bolas brancas no negro do rosto. Quando conseguiu falar, a única coisa que sabia repetir era: “Virge Nossa Senhora! Virge Nossa Senhora!”

Foi o último milagre da Penha de que tive notícia.

A moça e a varanda

Sérgio Porto

Quem dobrasse à esquerda encontraria logo o portão. Abrindo-o, estaria no jardim — modesto jardim, onde outrora houvera uma roseira que morreu de solidão. Do jardim saía a alameda das samambaias que daria acesso à varanda. Em dias de domingo — que os havia plenos de luz e de azul — já a meio caminho, entre as samambaias, um ouvido mais familiarizado conosco, os de lá, poderia distinguir facilmente os risos da gente. Ríamos muito, naquele tempo.

Da varanda, que dizer? Algumas cadeiras de vime, a mesinha que tinha um pé mais curto que os outros e dois jarões, um em cada canto, cujas plantas (nunca lhes soubemos o nome) davam umas florzinhas amarelas e cheirosas no mês de abril, para contrariar o outono.

A entrada era uma apenas, pela direita, subindo-se a escada de mármore de três degraus. O resto da varanda era rodeado pelo patamar onde havia, no centro, uma jardineira. Depois que o último de nós ficou mais crescido e menos travesso, ali floriram gerânios.

Hoje, quem me vê não diz que eu já morei numa casa onde as cotovias faziam ninhos. Deus não me deixa mentir. No telhado da varanda, durante anos e anos, elas se hospedavam, para alegria nossa e inveja dos outros garotos da redondeza. Quando, pela primeira vez, falou-se em demolir a casa para construir o prédio feio que lá está até hoje, meu primeiro pensamento foi para os ninhos das cotovias.

Vejam só que menino puro o mundo perdeu!

Os grandes dias da varanda eram os já citados domingos, quando toda a família se reunia para alegres almoços. Dessa época restam somente dolorosas fotografias.

Já as grandes noites vieram mais tarde, quando Luisinha apareceu. Chegava — como sempre chegou — assustada com a possibilidade de o irmão tê-la seguido. Perfeito o Eduardo (para ela o Duá) na sua proverbial vagotonia.

Só depois que Luisinha se certificava que ninguém a seguira pela alameda

das samambaias (“Foi o vento, Luisinha, que balançou as folhas.”) é que vinha o primeiro chamar de “meu bem”, o primeiro beijo, morno beijo que nunca devia ter esfriado.

No dia em que ela não veio, pensei uma porção de vinganças impossíveis e votei-lhe um ódio de morte que durou quase um minuto. Era a decepção que sempre nos deixa o pecado irrealizado, logo apagada pela ideia de que não nos faltará tempo para pecar. De fato, na outra noite — hora de sempre — lá veio ela, fugindo de uma sombra para outra, para enganar o irmão. Nesse encontro nos juramos uma eterna fidelidade amorosa e fomos mais dramáticos em nossas palavras, gestos, atitudes.

Pra quê, Luisinha? Seguisses o juramento e eu te enganaria, não o seguindo, como o. fizeste, enganaste-me primeiro, para confessares depois. Choraste então, e eu também chorei sem nenhuma convicção.

Vejam vocês que rapaz fingido o mundo consertou!

Num mês de abril, de 1947, demoliram a varanda. Eu vi. Parado na rua, lá da calçada em frente, esperei que os operários derrubassem o último tijolo da última parede e voltei para o apartamento com a sensação de que, dentro de mim, algo também fora demolido.

Quanto a Luisinha, resistiu mais tempo, deixou-se demolir aos poucos. Foi preciso mais do que um simples dia de abril, foi preciso toda uma mocidade para deixá-la tal como ontem a vi.

Vocês nunca saberão que excelente moça o mundo estragou!

Páginas das páginas

Marques Rebelo

1

Sensação de esquecimento, de ausência — o bonde corre. De repente, volto ao mundo sem que nenhum movimento do mundo me tivesse solicitado. Sol brilhante, céu azul, tantos homens. O mesmo cansaço. Sinto que fiz uma pequena experiência de morrer.

2

Repouso a cabeça no teu peito, ao som do mar descem as nuvens do céu para me cobrir. Nem um sofrimento mais! Um sono fecha-me as pálpebras, como se borboleta fosse, que dormisse.

3

Quando chega a noite, bem noite, na casa os móveis dormem. Quando dormem os tapetes, os discos, as louças e os quadros na parede. Quando só o relógio e a geladeira elétrica trabalham e só as baratas têm vida, aí a mão, cheirando a cigarro, abre cansada, em qualquer página ainda em branco, o escondido diário...

4

Não encontro outro descanso senão nos teus olhos. E não é a mocidade que eu vejo brilhando no fundo dos teus olhos de vinte anos — é a eternidade.

5

Não sei se ela tão fina, tão penetrante, compreendeu a minha agonia. A tarde era opalina e eu me sentia transparente como a água azul da piscina que olhávamos. Pelas alegrias da vida pagamos tão caro, que não sei se seria melhor que fôssemos sempre infelizes.

6

Debussy derrama-se na sala como véu de luar. Os corpos se diluem, meu corpo deixa de existir, é impalpável, torna-se poeira de amor e compreensão das coisas impalpáveis e eternas.

7

O corpo branco no domingo branco. O pensamento branco como página para escrever.

Na praia

I

Se o vento zumbe temível (como agora sobre as salinas), não recriminemos o vento — ele desempenha o seu papel. Desempenhemos os nossos papéis. Eis tudo. Quantas vezes já não fomos ventos devastadores na vida das criaturas? Quantas ruínas já não deixamos atrás de nós?

II

Como um gorgueio, através do tabique:

- Eu queria ser formiguinha para entrar no quarto deles e ouvir o que estão dizendo. Dizendo ou fazendo.

A outra moça ri.

III

Eis uma coisa que Nicolau ainda não compreendeu — o céu pode ser ira I mente verde.

IV

Era mansa, discreta e distraída.

(Comoção de um minuto ao vosso lado!)

V

E o mancebo matou o dragão, casou-se com a filha do rei e viveu sempre pensando, com arrependimento, no dragão.

VI

As limitações levantam-se como cercas de espinhos, boa parte delas gerada por nós próprios, servos inconscientes de obsoletos códigos.

A que heroísmos nos impulsionam! Em que depressões nos afundam!

Para as palpitações e dores nas pernas, a ciência, consultada sob a forma pouco sutil de Gasparini, responde: são estrepolias do vago.

VII

Ela haveria de gostar desta solidão em que me afundei (o rio é largo e melancólico), solidão tão profunda que até me esqueci da cor dos seus cabelos. Há uma serenidade tão grande em tudo, que a alma da gente parece que se decanta, e, ao cabo desta semana que nos separa, sinto no fundo de mim uma grossa camada de lama que andava misturada com meus pensamentos e os meus atos.

Pedaços da noite

1

Através do vidro da mesa vejo meus pés nus, estou nu, no calor imenso. As veias estão no seu limite, diz o médico — nada de fumo.

Acendo outro cigarro, traço o meu uísque — vem um vento quente e afaga a pele como se fosse carícia de Aldina, perdida na juventude nua.

2

A vitória do grande escritor consiste em nunca ter escrito. Promete uma novela, ora biográfica, ora fantástica, o herói ora sendo homem, ora sendo flor.

3

Não guardo meus defeitos para a intimidade.

4

Foi um baque surdo às seis horas da tarde chovendo. O velho ficou estendido no asfalto como um saco mal cheio. O automóvel apagou as lanternas e sumiu.

5

Neste último ano, a única pessoa que me empregou a palavra “estética” foi o meu barbeiro, a propósito de bigodes.

6

O que mais temo: o total aniquilamento. Não pelo aniquilamento, mas pelo horror ao efêmero.

7

Júlia no fim da linha, que é como o fim do mundo:

- Não vejo a tua carinha hoje?

Uma hora depois estava esticado na poltrona amarela. Gosto de ouvi-la, como se ouve uma cascata — vem uma frescura de ninfa em cada palavra mesmo pornográfica.

8

A janela está aberta. E eu aflito para que venha no vento, que arrepia tis cortinas, as olvidadas recordações de infância, cujo mistério nunca pode uri de todo desvendado, recordações de amor — noites de amor ardentes nu calmas — recordações dos perigos passados, a morte iminente! — recordações das mentiras e medos esquecidos.

9

Nada está direito. A vida é insuportável. Mas devemos calar.

O sapo de Arubinha

Mario Filho

Ainda não foi contada direito a história do sapo de Arubinha. Pode ser, até, que Arubinha não tenha enterrado nenhum sapo em São Januário. O nome, porém, de qualquer história que se contar a respeito da praga dos doze anos terá de ter o título de “O sapo de Arubinha”. Todo mundo sabe logo do que se trata. Arubinha, depois de um *match*, rogou uma praga: “Se há um Deus no céu, o Vasco tem de passar doze anos sem ser campeão”. Por que doze anos? 12 x 0 era o placar, Vasco 12, Andaraí 0. Arubinha, quando se ajoelhou, juntou as mãos e olhou para o céu, tudo escuro lá em cima, nenhuma estrela, e a chuva caindo sem parar, tinha o doze na cabeça. Se o Vasco tivesse marcado dez, seria dez, se tivesse marcado oito, seria oito. Só um escore pequeno, de 1 x 0, de dois, de 3 x 0, no máximo, livraria o Vasco da praga do Arubinha.

O ano estava acabando, era 30 de dezembro, uma quarta-feira. Começou a chover cedo. A chuva foi pela tarde adentro, continuou pela noite afora. Ninguém pensou em transferir o jogo Vasco x Andaraí. Jogo assim, sem importância — quem não sabia que o Vasco ia vencer longe? —, não se transfere. O Andaraí alugou uns carros, saiu com o time da praça Sete, foi bater no Fluminense. Quando eram nove horas da noite, Haroldo Dias da Motta, o juiz, apareceu em campo, de calças arregaçadas, pi-piu, pi-piu. O Laúza não teve dúvidas. Quanto mais cedo os times entrassem em campo, melhor. Os jogadores do Andaraí vieram correndo, fizeram a volta do campo, levantaram hurras para as arquibancadas vazias.

E toca a esperar pelo Vasco. Haroldo Dias da Motta apitou com mais força, talvez os jogadores do Vasco não tivessem escutado. Pi-piu, pi piu, e nada do Vasco, e o time do Andaraí apanhando chuva. Dava pena ver, no meio do campo cheio de poças d’água, o juiz, os bandeirinhas, os jogadores do Andaraí, todos de braços cruzados sobre o peito, encolhidos. Um torcedor de guarda-chuva aberto gritou, lá do alto da geral: “Está na hora, bota o bacalhau para fora!”. Haroldo Dias da Motta chamou o Vasco mais uma, mais duas vezes. A porta do vestiário do Vasco eslava aberta. De lá, porém, não saiu nenhum jogador. “Seu juiz”, e o Dondom descruzou as mãos do peito, “a gente vai ficar apanhando chuva aqui toda a vida?”

Haroldo Dias da Motta deu um pulo até o vestiário do Vasco. Pedro Novais andava de um lado para o outro, de quando em quando parava, olhava para Welfare. “E o time, mister?” Rubem Esposel respondeu: “Telefonei, o time saiu há bastante tempo, já devia estar aqui”. Pedro Novais viu Haroldo Dias da Motta, agarrou-se a ele: “Tenha um pouco de paciência, Haroldo. O time está chegando. E só mais um instantinho”. Haroldo Dias da Motta voltou para o meio-de-campo. “O time do Vasco não chegou ainda.” “E o que é que a gente vai fazer, seu juiz?”, perguntou o Dondom. “Isso é com vocês”, respondeu Haroldo Dias da Motta. “Vocês podem ir lá para dentro mudar de roupa e esperar. E podem também pedir que eu comece a contar os quinze minutos.”

Se o Vasco não aparecesse em quinze minutos perderia os pontos, não haveria mais jogo. A tentação era forte, Dondom saiu correndo, o Laúza veio ao encontro dele: “Que é que há?” “O juiz quer saber se começa ou não começa a contar os quinze minutos.” O Vasco não tinha chegado ainda, talvez demorasse mais de quinze minutos para chegar, se demorasse, o Andaraí ganharia os dois pontinhos da tabela. “Espere um pouco que eu já volto”, disse o Laúza. Consulta daqui, consulta dali, uns achavam que se devia aproveitar, outros achavam que o Vasco não merecia uma coisa daquelas. Parecia que o Vasco tinha adivinhado. Rubem Esposei apareceu no vestiário do Andaraí com a novidade: uma porção de jogadores do Vasco estava no pronto-socorro. Houvera um desastre.

Os carros tinham saído cedo de São Januário. Na esquina de Figueira de Melo com Francisco Eugênio, apareceu um caminhão da limpeza pública e pegou um dos carros cheio de jogadores do Vasco. Parecia que havia feridos graves. Oscarino fora para o raio X, estava com uma costela partida. Também Rey não podia jogar, nem Rey, nem Mamede, nem Cuco. “Os outros jogadores já partiram do pronto-socorro para aqui.” A hesitação de Laúza desapareceu: o Andaraí esperaria pelo time do Vasco. “O Andaraí sabe que vai perder” — o Laúza tornou-se loquaz —, “mas não faz questão de pontos. Faz questão é da amizade do Vasco.”

O Arubinha meteu-se na conversa. “Eu só peço uma coisa: que o Vasco não abuse.” Abusar de quê? Do score. O Andaraí já ia perder, e ficava apanhando chuva, esperando pelo Vasco. “Se o Vasco vencer”, disse Rubem Esposei, “será por um score pequeno.” Não era brincadeira, um desastre daqueles na hora do jogo. Os jogadores do Vasco iam entrar em campo abalados. Talvez não aguentassem, quem devia pedir por um pouco de consideração era o Vasco, não era o Andaraí. Eu só sei que não se falou mais em quinze minutos, no meio do campo os jogadores do Andaraí continuaram

esperando e apanhando chuva.

Finalmente o Vasco apareceu. Entrou em campo, pediu pressa a Haroldo Dias da Motta. Mal o jogo começou, o Vasco deu para fazer gols. Nem parecia que tinha havido desastre. Pelo contrário: 1 x 0, dois, três, quatro, 5x0. Acabou o primeiro tempo, o Andaraí com a esperança de que o Vasco, garantida a vitória, não quisesse mais saber de gols. 5 x 0 já era um score grande, bastava. A chuva não parou de cair. Nem a chuva de cair, nem o Vasco de fazer gols. No segundo tempo marcou ainda mais do que no primeiro. Seis, sete, oito, nove, dez, onze, 12 x 0. Um número bonito, de uma dúzia. Só aí o Vasco sossegou.

Também, quando o jogo acabou, Arubinha ajoelhou-se, juntou as mãos, olhou para cima. Lá em cima estava o céu, devia estar Deus também. Arubinha não via o céu, não via Deus. Assim mesmo pediu, alto, bem alto, para que Deus escutasse: “Se há um Deus no céu, o Vasco tem de passar doze anos sem ser campeão.” Uns dizem que Arubinha não se contentou com isso. Que um dia foi a São Januário e enterrou um sapo no campo do Vasco. Aliás quem o levou para São Januário foi o próprio Vasco. O Vasco soubera da praga de Arubinha, ficou assustado, só o Arubinha podia desfazer a praga.

Não desfez. Os anos começaram a passar e o Vasco nada de ser campeão. Era o sapo, não podia ser outra coisa. O Vasco mandou revolver o campo, procurou-se uma múmia de sapo por todo canto, não se encontrou sapo algum. Vascaínos meteram a mão no bolso para o Arubinha contar onde tinha enterrado o sapo. O Arubinha disse que não tinha enterrado sapo algum. Estava falando a verdade? Era o que não se sabia. Tudo indicava que ele tinha enterrado mesmo um sapo em São Januário. O Vasco organizava um escrete, gastava um dinheirão com o time, aliás timaço. Parecia que com praga, sapo e tudo, ia ser campeão e não era, não havia jeito de ser. E o pior era a dúvida. Se fosse a praga, o Vasco teria de esperar doze anos para ser campeão. Mas a praga começava a contar de 37, quando Arubinha rogara a praga, ou de 34, quando o Vasco fora campeão pela última vez?

O Vasco até se esqueceu, e de propósito, do campeonato de 36, que ganhou fora da Liga Carioca, onde jogavam Fluminense, Flamengo e América. E a Federação Metropolitana, que tinha o Vasco, o Botafogo, o Bangu e o São Cristóvão, era a entidade oficial. Mas se fosse contar com o campeonato de 36, o da Federação Metropolitana, o Vasco teria de esperar mais, talvez só fosse campeão em 48. Por isso, todo vascaíno torceu para que a praga vigorasse a partir de 34. O Vasco só voltou a ser campeão em 45, onze anos depois.

Há sempre um desconto nessas pragas. O Botafogo sofreu por ter dado no Mangureira de 24 x 0. Mas não teve que esperar 24 anos para ser campeão de novo: esperou apenas vinte anos. Quer dizer que, se tivesse dado de quatro, nada lhe teria acontecido.

Homem no mar

Rubem Braga

De minha varanda vejo, entre árvores e telhados, o mar. Não há ninguém na praia, que resplende ao sol. O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde.

Mas percebo um movimento em um ponto do mar; é um homem nadando. Ele nada a uma certa distância da praia, em braçadas pausadas e fortes; nada a favor das águas e do vento, e as pequenas espumas que nascem e somem parecem ir mais depressa do que ele. Justo: espumas são leves, não são feitas de nada, toda sua substância é água e vento e luz, e o homem tem sua carne, seus ossos, seu coração, todo seu corpo a transportar na água.

Ele usa os músculos com uma calma energia; avança. Certamente não suspeita de que um desconhecido o vê e o admira porque ele está nadando na praia deserta. Não sei de onde vem essa admiração, mas encontro nesse homem uma nobreza calma, sinto-me solidário com ele, acompanho o seu esforço solitário como se ele estivesse cumprindo uma bela missão. Já nadou em minha presença uns trezentos metros; antes, não sei; duas vezes o perdi de vista, quando ele passou atrás das árvores, mas esperei com toda confiança que reaparecesse sua cabeça, e o movimento alternado de seus braços. Mais uns cinquenta metros, e o perderei de vista, pois um telhado o esconderá. Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros; isto me parece importante; é preciso que conserve a mesma batida de sua braçada, <• que eu o veja desaparecer assim como o vi aparecer, no mesmo rumo, no mesmo ritmo, forte, lento, sereno. Será perfeito; a imagem desse homem me faz bem.

É apenas a imagem de um homem, e eu não poderia saber sua idade, nem sua cor, nem os traços de sua cara. Estou solidário com ele, e espero que ele esteja comigo. Que ele atinja o telhado vermelho, e então eu poderei sair da varanda tranquilo pensando — “vi um homem sozinho, nadando no mar; quando o vi ele já estava nadando; acompanhei-o com atenção durante todo o tempo, e testemunho que ele nadou sempre com firmeza e correção; esperei que ele atingisse um telhado vermelho, e ele o atingiu”.

Agora não sou mais responsável por ele; cumpri o meu dever, e ele

cumpriu o seu. Admiro-o. Não consigo saber em que reside, para mim, a grandeza de sua tarefa; ele não estava fazendo nenhum gesto a favor de alguém, nem construindo algo de útil; mas certamente fazia uma coisa bela, e a fazia de um modo puro e viril.

Não desço para ir esperá-lo na praia e lhe apertar a mão; mas dou meu silencioso apoio, minha atenção e minha estima a esse desconhecido, a esse nobre animal, a esse homem, a esse correto irmão.

Garbo: novidades

Carlos Drummond de Andrade

Um semanário francês publicou a biografia de Greta Garbo, e embora não conte nada de novo sobre esse fenômeno cinematográfico desconhecido da geração mais moça, atraiu a atenção dos leitores.

A este humilde cronista, a publicação interessou sobretudo porque lhe abriu a urna das recordações; e ainda porque lhe permite desvendar um pequeno segredo velho de 26 anos, e os senhores sabem como os segredos, à força de envelhecer, perdem a significação.

Passado um quarto de século, considero-me desobrigado do compromisso assumido naquela tarde de outono, no Parque Municipal de Belo Horizonte, e revelarei uma página — meia página, se tanto — da vida particular de Greta Garbo.

Está dito na biografia de *Paris Match* que, depois de recusar o papel de vamp em *As Mulheres Adoram Diamantes*, oferecido por Louis B. Mayer, a extraordinária atriz se fechou em copas, por cinco meses, em seus aposentos do Hotel Miramar, em Santa Mônica, até obter aumento de salário. E falso. Durante esse período, Greta viajou incógnita pela América do Sul, possuída de *tedium vitae*, e foi dar com sua angulosa e perturbadora figura na capital mineira, onde apenas três pessoas lhe conheceram a identidade.

Corria o ano de 1929, e como corria: a luta pela sucessão do Presidente Washington Luís assumira desde logo aspecto violento, mas não deixávamos, eu e um grupo de amigos diletos, de frequentar o cineminha local, onde a Garbo, já em pleno fastígio da glória, desbancava todas as “estrelas” do mundo. Certa manhã, pálido e emocionado, o poeta Abgar Renault ba leu-me à porta, reclamando cooperação. Uma senhora estrangeira chegaria pelo noturno da Central, às 10 horas (isto é, às 3 da tarde, pois o trem vinha sempre atrasado). Fora-lhe recomendada por um professor sueco, cinão nos Estados Unidos, com quem Abgar se correspondia a respeito de poetas elisabetianos. Tínhamos de reservar-lhe aposentos no Grande Hotel, do Arcângelo Maletta, e proporcionar-lhe distrações campestres, mas a senhora fazia questão de não travar relações com ninguém, e se ele, Abgar, queria os meus serviços era em razão de nossa fraterna amizade.

Tomamos providências e, à tardinha, vimos descer do carro-dormitório, dentro de um capotão cinza que lhe cobria o queixo, e por trás dos primeiros óculos pretos que uma filha de Eva usou naquelas paragens, um vulto feminino estranho e seco, pisando duro em sapatões de salto baixo. Mal franziu os lábios para cumprimentar o meu amigo, olhou-me como a um carregador, e disse-nos: *I want to be alone*. Depois, manifestou os dentes num largo sorriso, como a explicar: “Mas isso não atinge a vocês.” E de lato, nos dias que se seguiram, mostrou-se cordialíssima conosco, sempre através dos conhecimentos de inglês de Abgar, já então notáveis.

Não tardei, por iluminação poética, a identificar a misteriosa viajante, que dava grandes passeios pela Serra do Curral acima, e um dia se dispôs a ir a pé a Sabará, empresa de que a dissuadimos, horrorizados. Revelei a Abgar minha descoberta e ele, arregalando os olhos, suplicou-me, por tudo quanto fosse sagrado para mim, que não contasse a ninguém. Fiz-lhe a vontade. Os outros amigos ignoraram tudo. Capanema, Emílio Moura, Milton Campos, João Pinheiro Filho, etc., olhavam-nos surpresos ante aquela relação estranha. Explicamos que se tratava de uma naturalista em férias, Miss Gustafsson. E a cidade não soube que hospedava pessoa daquela importância. E fácilimo enganar uma cidade.

Apenas o Jorge, chofer árabe que nos servia, arranhando vários idiomas, acabou pescando, por uma conversa entre Abgar e a estrangeira, quem era ela. Intimamo-lo a calar-se, sob pena de o denunciarmos como “prestista”. Éramos amigos do Governo, e este tomara posição contra o Dr. Júlio Prestes, candidato à presidência da República. Jorge encolheu-se, talvez por motivos que sempre desaconselham um encontro com a autoridade.

A véspera da partida, nossa amiga levou-nos a jantar no Grande Hotel e — lembro-me perfeitamente — fixou os olhos na mesa vizinha, onde uma família chegada da Bahia abrangia um garotinho de cerca de dois anos. Greta mirou a testa larga do guri, e disse pensativamente: “E poeta.” Tive a curiosidade de procurar no livro da gerência o nome da família: Amaral; e do neném: José Augusto. É hoje o poeta e crítico de cinema Van Jafa, que, decerto, ignora esse vaticínio.

Sáímos ao entardecer para uma volta no Parque, e lá Greta Garbo, mãos nas mãos, pediu-nos que jamais lhe revelássemos a identidade. De resto, ela própria não sabia mais ao certo quem era: as personagens que interpretara se superpunham ao “eu” original. Uma confusão... “Gostaria de ficar entre vocês para sempre, tirando leite das vaquinhas num sítio em Cocaís. *That’s a dream.*” Furtamos um papagaio do Parque e o oferecemos à amiga; reencontro

essa ave no texto de *Paris Match*, dizendo: *Hello, Greta* e imitando sua risada, entre gutural e cristalina... Como a vida passa! Mas, agora, não posso calar.

Salvo pelo Flamengo

Paulo Mendes Campos

Desde garotinho que não sou Flamengo, mas tenho pelo clube da Gávea uma dívida séria, que torno pública neste escrito. Em 1956, passei uma semana em Estocolmo, hospedado em um hotel chamado Aston. Era primavera, pelo menos teoricamente, havia um congresso internacional na cidade, os hotéis estavam lotados, criando contratempos para turistas do interior ou estrangeiros. A recepção do Aston, por exemplo, vivia sempre cheia de gente implorando por um quarto ou discutindo a respeito de uma reserva feita por telegrama ou telefone.

Estava há dois ou três dias na cidade, quando me pediram para receber um brasileiro e encaminhá-lo ao hotel, onde lhe fora reservado de fato um apartamento. Era uma hora da madrugada quando entramos no hotel e me encaminhei até o empregado do balcão, dando-lhe o nome do meu amigo e lembrando-lhe a reserva. O funcionário, homem de uns sessenta anos e de uma honesta cara escandinava, tomou uma atitude estranha e difusa, que a princípio me surpreendeu e ia acabando por me indignar: ele não confirmava a existência da reserva, nem deixava de confirmar. Como comesasse a protestar, vi que seu rosto tomava uma expressão aflita; eu entendendo cada vez menos. Quando passei a exigir o apartamento com alguma energia, o homem, trêmulo, nervoso, pediu-me desculpas e trouxe afinal a ficha de identificação. Foi aí que vi levantar-se da penumbra de uma saleta contígua o gigante.

Se o leitor conhece um homem forte, muito forte mesmo, imagine uma pessoa duas vezes mais forte, e terá uma ideia desse gigante que veio andando até nós, botando ódio pelos olhos e espetacularmente bêbado. O monstro passou por mim com desprezo e, agarrando o empregado pela gola do uniforme, entrou a sacudi-lo e insultá-lo em sueco. As vezes, éramos arrolados nessa invectiva, pois o gigante nos apontava enquanto dizia coisas. O empregado, demonstrando possuir um bom instinto de conservação, deixava-se sacolejar à vontade. Rosnando, o ciclope foi sentar-se de novo na saleta, onde só então dei pela presença de outro sujeito, também bêbado, mas sinistramente silencioso.

É hoje, pensei. Sair do meu Brasilzinho tão bom, fazer uma viagem

imensa, para ser trucidado sem explicação por um bêbado. O fato de ser na Suécia, onde arbitrários atos de violência não são comuns, ainda tornava mais absurdo, um absurdo existencialista, o meu triste fim.

Indaguei do empregado o que se passava. Ficou mudo. Insisti na pergunta, e ele, sussurrando desamparadamente, explicou-me que o gigante estava a pensar: primeiro, que não conseguira vaga no hotel por ser sueco e estar embriagado; segundo, que nós conseguiríamos por ser americanos, norteamericanos. Ora, se meu amigo de fato era meio ruivo, seu jeitão era mineiro; quanto a mim, se fosse americano, só poderia ser filho de portugueses. Por outro lado, o meu inglês amarrado não deixava a menor dúvida sobre a questão de ser ou não ser americano. Só mesmo um sueco bêbado em uma madrugada de neve e vento iria supor que fôssemos americanos. Mas agora era o próprio gigante que bradava para nós com sarcasmo e ira:

— American! American!

Fiquei um pouco mais esperançoso, acreditando que ele falasse inglês, e disse-lhe, exagerando minha alegria e meu orgulho por isso, que não éramos americanos coisa nenhuma, éramos brasileiros.

Não entendeu ou talvez pensou que estivéssemos covardemente a renegar a nossa pátria, voltando a vociferar, em um esforço linguístico que contraía todos os músculos de seu rosto:

— American! Dollar! No like!

As palavras em si significavam pouco, mas a maneira de exprimi-las era de uma eloquência que teria destruído Catilina muito mais depressa que os discursos de Cícero. Durante alguns minutos mantivemos os dois uma polêmica oratória nestes termos:

— American!

— No, Brazilian!

American!

Brazilian!

‘Essa versátil discussão ia levar-me ao abismo, quando de súbito me |>;irceu que a palavra “Brazilian” havia penetrado por fim em sua testa granítica. Descontraindo os músculos, o gigante me perguntou:

— Brazil?! No American? Brazil?

Não tinha certeza se ele estava me gozando, mas sua expressão era tão estranhamente deslumbrada e infantil que afirmei cheio de entusiasmo:

— Yes, Brazil!

Ele se levantou, cambaleou, aproximou-se, apontou meu amigo:

— Brazil?

— Brazil, Brazil.

Veio chegando, sorrindo, em pleno estado de graça, e gritou com alma, como se saudasse o nascimento de um mundo novo:

— Flamengo!! Flamengo!!

Imediatamente, o gigante entrou em transe e começou a fazer problemáticas firulas com uma bola imaginária, mas dando a entender cabalmente o quanto ele admirava (admirava é pouco: o quanto ele amava) o malabarismo dos nossos jogadores. O gigante se desencantara, virando menino. A certa altura, depois de fazer um passe de letra, parou e confessou-me com um orgulho caloroso:

— I Flamengo! I Rubens!

Ele não era sueco, não era gigante, não era bêbado, não era um ex-campeão de hóquei (conforme soube depois), era Flamengo, era Rubens. Depois cutucou-me o peito, tomado de perigosa dúvida:

— You! Flamengo?

Que o Botafogo me perdoe, mas era um caso de vida ou de morte, e também gritei descaradamente:

— Flamengo! Yes! Flamengo! The greatest one!

Complexo de vira-latas

Nelson Rodrigues

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: — “O Brasil não vai nem se classificar!”. E, aqui, eu pergunto: — Não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: — desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo passou em vão sobre a derrota. Dir-se-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse “arrancou” como poderia dizer: “extraiu” de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvida: — é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: — o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: — se o Brasil vence na Suécia, se volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: — o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades loins retas? Eu poderia responder, simplesmente, “não”. Mas eis a verdade: eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: — sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado do Flamengo. Pois bem: — não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: — qualquer jogador brasileiro,

quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de “complexo de vira-latas”. Estou a imaginar o espanto do leitor: — “O que vem a ser isso?” Eu explico.

Por “complexo de vira-latas” entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos “os maiores” é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: — e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: — porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: — o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que ele se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: — para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

Os dois bonitos e os dois feios

Rachel de Queiroz

Nunca se sabe direito a razão de um amor. Contudo, a mais frequente é a beleza. Quero dizer, o costume é os feios amarem os belos e os belos se deixarem amar. Mas acontece que às vezes o bonito ama o bonito e o feio o feio, e tudo parece estar certo e segundo a vontade de Deus, mas é um engano. Pois o que se faz num caso é apurar a feiúra e no outro apurar a boniteza, o que não está certo, porque Deus Nosso Senhor não gosta de exageros; se Ele fez tanta variedade de homens e mulheres neste mundo é justamente para haver mistura e dosagem e não se abusar demais em sentido nenhum. Por isso também é pecado apurar muito a raça, branco só querendo branco e gente de cor só querendo os da sua igualha — pois para que Deus os teria feito tão diferentes, se não fora para possibilitar as infinitas variedades das suas combinações?

O caso que vou contar é um exemplo: trata de dois feios e dois bonitos que se amavam cada um com o seu igual. E, se os dois bonitos se estimavam, os feios se amavam muito, quero dizer, o feio adorava a feia, como se ela é que fosse a linda. A feia, embalada com tanto amor, ficava numa ilusão de beleza e quase bela se sentia, porque na verdade a única coisa que nos torna bonitos aos nossos olhos é nos espelharmos nos olhos de quem nos ame.

Vocês já viram um vaqueiro encourado? E um traje extraordinariamente romântico e que, no corpo de um homem alto e delgado, faz milagres. É a espécie de réplica em couro de uma armadura de cavaleiro.

Dos pés à cabeça protege quem a veste, desde as chinelas de rosto fechado, e as perneiras muito justas ao relevo das pernas e das coxas, o guarda-peito colado ao torso, o gibão amplo que mais acentua a esbelteza do homem e por fim o chapéu que é quase a cópia exata do elmo de Mambrino. Aliás, falei que só assenta roupa de couro em homem magro e disse uma redundância, porque nunca vi vaqueiro gordo. Seria mesmo que um toureiro gordo, o que é impossível. Se o homem não for leve e enxuto de carnes, nunca poderá cortar caatinga atrás de boi, nem haverá cavalo daqui que o carregue.

Os dois heróis da minha história, tanto o feio como o bonito, eram

vaqueiros do seu ofício. E as duas moças que eles amavam eram primas uma da outra — e apesar da diferença no grau de beleza, pareciam-se. Sendo que uma não digo que fosse a caricatura da outra, mas era, pelo menos, a sua edição mais grosseira. O rosto de índia, os olhos amendoados, a cor de azeitona rosada da bonita, repetidos na feia, lhe davam uma cara fugidia de bugra; tudo que na primeira era graça arisca na segunda se tornava feiúra sonsa.

De repente, não se sabe como, houve uma alteração. O bonito, inexplicavelmente, mudou. Deixou de procurar a sua bonita. Deu para rondar a casa da outra, a princípio fingindo um recado, depois nem mais esse cuidado ele tinha. Sabe-se lá o que vira. No fundo, talvez obedecesse àquela abençoada tendência que leva os homens bonitos em procura das suas contrárias; benza-os Deus por isso, senão o que seria de nós, as feias? Ou talvez fosse porque a bonita, conhecendo que o era, não fizesse força por sustentar o amor de ninguém. Enquanto a pobre da feia — todos sabem como é — aquele costume do agrado e, com o uso da simpatia, descontar a ingratidão da natureza. E embora o seu feio fosse amante dedicado, quanto não invejaria a feia a beleza do outro, que a sua prima recebia como coisa tão natural, como o dia ser dia e a noite ser noite. Já a feia queria fazer o dia escuro e a noite clara — e o engraçado é que o conseguiu. Muito pode quem se esforça.

O feio logo sentiu a mudança e entendeu tudo. Passou a vigiar os dois. Se esta história fosse inventada poderia dizer que ele, se vendo traído, virou-se para a bonita e tudo se consertou. Mas na vida mesmo as pessoas não gostam de colaborar com a sorte. Fazem tudo para dificultar a solução dos problemas, que, às vezes, está na cara e elas não querem enxergar. Assim sendo, o feio ficou danado da vida, e nem se lembrou de procurar consolo junto da bonita desprezada; e esta, se sentindo de lado, interessou-se por um rapaz bodegueiro que não era bonito como o vaqueiro enganoso, mas tinha muito de seu e podia casar sem demora e sem condições.

Assim, ficaram em jogo só os três. O feio cada dia mais desesperado. A feia, essa andava nas nuvens, e toda vez que o “primo” (pois se tratavam de primos) lhe botava aqueles olhos verdes — eu falei que além de tudo ele ainda tinha os olhos verdes? — ela pensava que ia entrar de chão adentro, de tanta felicidade.

Mas o pior é que os dois vaqueiros ainda saíam todo o dia juntos para o campo, pois eram campeiros da mesma fazenda e se haviam habituado a trabalhar de parilha, como Cosme e Damião. Seria impossível se separarem

sem que um dos dois partisse para longe, e, é claro, nenhum deles pretendia deixar o lugar vago ao outro.

Assim estava a intriga armada, quando a feia, certa noite, ao conversar na janela com o seu bonito que lá viera furtivo, colheu um cravo desabrochado no craveiro plantado numa panela de barro e posto numa forquilha bem encostada à janela (era uma das partes dela, ter todos esses dengues de mulher bonita) e enquanto o moço cheirava o cravo, ela entrefechou os olhos e lhe disse baixinho:

— Você sabe que o outro já lhe jurou de morte?

(Vejo que esta história está ficando muito comprida — só deixando o resto para a semana que vem.)

Falei que o desprezado jurara de matar o traidor. Seria verdade? Quem sabe as coisas que é capaz de inventar uma mulher feia improvisada em bonita pelo amor de dois homens, querendo que o seu amor renda os juro mais altos de paixão?

O belo moço assustou. Gente bonita está habituada a receber da vida tudo a bem dizer de graça, sem luta nem inimizade, como seu direito natural, que os demais devem graciosamente reconhecer. As mulheres o queriam, os homens lhe abriam caminho. E não é só em coisas de amor: de pequenino, o menino bonito se habitua a encontrar facilidades, basta fazer um beijo de choro ou baixar um olho penoso, todo o mundo se comove, pede um beijo, dá o que ele quer. Já o feio chora sem graça, a gente acha que é manha, mais fácil dar-lhe uns cascudos do que lhe fazer o gosto. Assim é o mundo, e se está errado, quem o fez foi outro que não nos dá satisfações.

Pois o bonito assustou. Deu para olhar o outro de revés, ele que antes vivia tão confiado, como se achasse que a obrigação do coitado era lhe ceder a menina e ainda tirar o chapéu. Passou a ver mal em tudo. De manhã, ao montar a cavalo, examinava a cilha e os loros, os quatro cascos do animal. Ele, que só usava um canivete quando ia assinar criação, comprou ostensivamente uma faca, afiou-a na beira do açude, e só a tirava do cós para dormir. E quando saía a campo com o companheiro, em vez de irem os dois lado a lado, segundo o costume, marchava atrás, dez braças aquém do cavalo do outro.

O feio não falava nada. Fazia que não enxergava as novidades do colega. (como sempre andara armado, não careceu comprar faca para fazer par com a peixeira nova do rival. E, sendo do seu natural taciturno, continuou talado e fechado consigo.

E o outro — nós mulheres estamos habituadas a pensar que todo homem valente é bonito, mas a recíproca raramente é verdade, e nem todo bonito é valente. Este nosso era medroso. Era medroso mas amava, o que o punha numa situação penosa. Não amasse, ia embora, o mundo é grande, os caminhos correm para lá e para cá. Agora, porém, só lhe restava amar e ter medo. Ou defender-se. Mas como? O rival não fazia nada, ficava só naquela ameaça silenciosa; as juras de morte que fizera — se as fizera — de juras não tinham passado ainda. Meu Deus, e ele não era homem de briga, já não disse? Tinha a certeza de que se provocasse aquele alma fechada, morria.

Bem, as juras eram verdadeiras. O feio jurara de morte o bonito e não só de boca para fora, na presença da amada, mas nas noites de insônia, no escuro do quarto, sozinho no ódio do seu coração. Levava horas pensando em como o mataria — picado de faca, furado de tiro, moído de cacete. Só conseguia dormir quando já estava com o cadáver defronte dos olhos, bonito e branco, ah, bonito não, pois, quando o matava em sonhos, a primeira coisa que fazia era estragar aquela cara de calunga de loiça, pondo-a de tal modo feia que até os bichos da cova tivessem nojo dela. Mas como fazer? Não poderia começar a brigar, matá-lo, sem quê nem mais. Hoje em dia justiça piorou muito, não há patrão que proteja cabra que faz uma morte, nem a fuga é fácil, com tanto telégrafo, avião, automóvel. E de que servia matar, tendo depois que penar na prisão? Assim, quem acabaria pagando o malfeito haveria de ser ele mesmo. O outro talvez fosse para o purgatório, morrendo sem confissão, mas era ele que ficava no inferno, na cadeia. Aí então teve a ideia de uma armadilha. Botar uma espingarda com um cordão no gatilho... quando ele fosse abrindo a porta. Não dava certo, todo o mundo descobriria o autor da espera. Atacá-lo no mato e contar que fora uma onça... Qual, cadê onça que atacasse vaqueiro em pleno dia? E a chifrada de um touro? Difícil, porque teria que apresentar o touro, na hora e no lugar... Lembrou-se então de um caso acontecido muitos anos atrás, quase no pátio da fazenda. O velho Miranda corria atrás de uma novilha, a bicha se meteu por sob um galho baixo de mulungu, o cavalo acompanhou a novilha, e em cima do cavalo ia o vaqueiro: o pau o apanhou bem no meio da testa, lá nele, e quando o cavalo saiu da sombra do mulungu, o velho já era morto... Poderia preparar uma armadilha semelhante? Como induzir o rival?... Levou quatro dias de pesquisa disfarçada para descobrir um pau a jeito. Afinal achou um cumaru à beira de uma vereda, onde o gado passava para ir beber na lagoa. O cumaru estirava horizontalmente um braço a dois metros do chão, cobrindo a vereda logo depois que ela dava uma curva. A qualquer hora passariam de novo os dois por ali. E como só um passava pela vereda estreita, bastaria ele ficar atrás, apertar de repente o passo, meter o chicote no cavalo da frente; o outro, assustado com o disparo do cavalo, se

descuidava do pau — e era um homem morto.

Mas não deu certo. Isto é, deu certo do começo ao fim — só faltou o fim do fim. Pois logo no dia seguinte se encaminharam pela vereda, perseguindo um novilhote. O bonito na frente, o feio atrás, como previsto. Quando chegaram à curva que virava em procura do cumaru, o de trás ergueu o relho, bateu uma tacada terrível na garupa do cavalo da frente, que já era espantado do seu natural, e o animal desembestou. Mas o instinto do vaqueiro salvou-o no último instante. Sentiu um aviso, ergueu os olhos, viu o pau, deitou-se em cima da sela e deixou o cumaru para trás. Logo adiante acabava a caatinga e começava o aceiro da lagoa. O bonito sofreu afinal o cavalo. Podia ser medroso, mas não era burro, e uma raiva tão grande tomou conta dele, que até lhe destruiu o medo no coração. Sem dizer palavra, tirou a corda do laço debaixo da capa da sela, e ficou a girar na mão o relho torcido, como se quisesse laçar o novilho que também parara várias braças além, e ficara a enfrentá-los de longe. O companheiro espantou-se: será que aquele idiota esperava laçar o boi, a tal distância? Claro que não entendera como andara perto da morte... Mas o laço, riscando o ar, cortou-lhe o pensamento: em vez de se dirigir à cabeça do novilho, vinha na sua direção, cobriu-o, apertou-se em redor dele, prendeu-lhe os braços ao corpo e, se retesando num arranco, atirou-o de cavalo abaixo. Num instante o outro já estava por cima dele, com um riso de fera na cara bonita.

— Pensou que me matava, seu cachorro... Açoitou o cavalo de propósito, crente que eu rebentava a cabeça no pau... Um de nós dois tinha de morrer, não era? Pois é assim mesmo... um de nós dois vai morrer...

Enquanto falava, arquejando do esforço e da raiva, ia inquirindo na corda o homem aturdido da queda, fazendo dele um novelo de relho. Daí saiu para o mato, demorou-se um instante perdido entre as árvores e voltou com o que queria — um galho de imburana da grossura do braço de um homem. Duas vezes malhou com o pau na testa do inimigo. Esperou um pouco para ver se o matara. E como lhe pareceu que o homem ainda tinha um resto de sopro, novamente bateu, sempre no mesmo lugar.

Chegou à fazenda, com o companheiro morto à sela do seu próprio cavalo, ele à garupa, segurando-o com o braço direito, abraçado como um irmão; com a mão esquerda puxava o cavalo sem cavaleiro.

Ninguém duvidou do acidente. Foi gente ao local, examinaram o galho assassino, estirado sobre a vereda como um pau de forca. Fincaram uma cruz no lugar.

E o bonito e a feia acabaram casando, pois o amor deles era sincero, foram felizes. Ela nunca entendeu o que houvera, e remorso ele nunca teve, pois, como disse ao padre em confissão, matou para não morrer.

E a moral da história? A moral pode ser o velho ditado: faz o feio para o bonito comer. Ou então compõe-se um ditado novo: entre o feio e o bonito, agarre-se ao bonito. Deus traz os bonitos de baixo da Sua Mão.

O inferninho e o Gervásio

Stanislaw Ponte Preta

O cara que me contou esta história não conhece o Gervásio, nem se lembra quem lhe contou. Eu também não conheço o Gervásio nem quem teria contado a história ao cara que me contou, portanto, conto para vocês, mas vou logo explicando que não estou inventando nada.

Deu-se que o Gervásio tinha uma esposa dessas ditas “amélias”, embora gorda e com bastante saúde. Porém, Mme. Gervásio não era de sair de casa, nem de muitas badalações. Um cineminha de vez em quando e ela ficava satisfeita.

Mas deu-se também que o Gervásio fez 25 anos de casado e baixou-lhe um remorso meio chato. Afinal, nunca passeava, a coitada, e, diante do remoer de consciência, resolveu dar uma de bonzinho e, ao chegar em casa, naquele fim de tarde, anunciou:

— Mulher, mete um vestido melhorzinho que a gente vai jantar fora! A mulher nem acreditou, mas pegou a promessa pelo rabo e foi se empetecar. Vestiu aquele do casamento da sobrinha e se mandou com o Gervásio para Copacabana. O jantar — prometia o Gervásio — seria da maior bacanidade.

Em chegando ao bairro que o Conselheiro Acácio chamaria de “floresta de cimento armado”, começou o problema da escolha. O táxi rodava pelo asfalto e o Gervásio ia lembrando: vamos ao Nino’s? Ao Bife de Ouro? Ao Chateau? Ao Antonio’s? Chalet Suisse? Le Bistrô?

A mulher — talvez por timidez — ia recusando um por um. Até que passaram em frente a um inferninho desses onde o diabo não entra para não ficar com complexo de inferioridade. A mulher olhou o letreiro e disse:

— Vamos jantar aqui.

— Aqui??? — estranhou Gervásio. — Mas isto é um inferninho!

— Não importa — disse a mulher. — Eu sempre tive curiosidade de ver como é um negócio desses por dentro.

O Gervásio ainda escabriu um pouquinho, dizendo que aquilo não era digno dela, mas a mulher ponderou que ele a deixara escolher e, por isso, era

ali mesmo que queria jantar. Vocês compreendem, né? Mulher-família tem a maior curiosidade para saber como é que as outras se viram.

Saíram do táxi e, já na entrada, o porteiro do inferninho saiu-se com um “Boa-noite, Dr. Gervásio” marotíssimo. Felizmente a mulher não ouviu. O pior foi lá dentro, o *maitre d’hotel* abriu-se no maior sorriso e perguntou:

— Dr. Gervásio, a mesa de sempre? — e foi logo se encaminhando para a mesa de pista.

Gervásio enfiou o macuco no embornal e aguentou as pontas, ainda credulo na inocência da mulher. Deu uma olhada para ela, assim como quem não quer nada, e não percebeu maiores complicações. Mas a insistência dos serviços de inferninho é comovedora. Já estava o garçom ali ao pé do casal, perguntando:

— A senhorita deseja o quê? — e, para Gervásio: — Para o senhor o uísque de sempre, não, Dr. Gervásio?

A mulher abriu a boca pela primeira vez, para dizer:

— O Gervásio hoje não vai beber. Só vai jantar.

— Perfeito — concordou o garçom. — Neste caso, o seu franguinho desossado, não é mesmo?

O Gervásio nem reagiu. Limitou-se a balançar a cabeça, num aceno afirmativo. E, depois, foi uma dureza engolir aquele frango que parecia feito de palha e matéria plástica. O ambiente foi ficando muito mais para urubu do que para colibri, principalmente depois que o pianista veio à mesa e perguntou se o Dr. Gervásio não queria dançar com sua dama “aquele samba reboladinho”.

Daí para o fim, a única atitude daquele marido que fazia 25 anos de casado e comemorava o evento foi pagar a conta e sair de fininho. Na saída, o porteiro meteu outro “Boa-noite, Dr. Gervásio”, e abriu a porta do primeiro táxi estacionado em frente.

Foi a dupla entrar na viatura e o motorista, numa solicitude de quem está acostumado a gorjetas gordas, querer saber:

— Para o hotel da Barra, doutor?

Aí ela engrossou de vez: — Seu moleque, seu vagabundo! Então é por isso que você se “esforça” tanto, fazendo extras, não é mesmo? Responde, palhaço!

O Gervásio quis tomar uma atitude digna, mas o motorista encostou o

carro, que ainda não tinha andado cem metros, e lascou:

— Dr. Gervásio, não faça cerimônia: o senhor querendo eu dou umas bolachas nessa vagabunda, que ela se aquieta logo.

Os amantes

Rubem Braga

Nos dois primeiros dias, sempre que o telefone tocava, um de nós dois esboçava um movimento, um gesto de quem vai atender.

Mas o gesto era cortado no ar. Ficávamos imóveis, ouvindo a campainha bater, silenciar, bater outra vez. Havia um certo susto, como se aquele trinado repetido fosse uma acusação, um gesto agudo nos apontando. Era preciso que ficássemos imóveis, talvez respirando com mais cuidado até que o aparelho silenciasse.

Então tínhamos um suspiro de alívio. Havíamos vencido mais uma vez os nossos inimigos. Nossos inimigos era toda a população da cidade imensa, que transitava lá fora nos veículos dos quais nos chegava apenas um estrondo distante de bondes, a sinfonia abafada das buzinas, às vezes o ruído do elevador. Sabíamos quando alguém parava o elevador em nosso andar; tínhamos o ouvido apurado, pressentíamos os passos na escada antes que eles se aproximassem. A sala da frente estava sempre de luz apagada. Sentíamos, lá fora, o emissário do inimigo. Esperávamos, quietos. Um segundo, dois — e a campainha da porta batia, alto, rascante. Ali, a dois metros, atrás da porta escura, estava respirando e esperando um inimigo. Se abrísssemos, ele — fosse quem fosse — nos lançaria um olhar, diria alguma coisa — e então o nosso mundo estaria invadido.

No segundo dia ainda hesitamos; mas resolvemos deixar que o pão e o leite ficassem lá fora; o jornal era remetido por baixo da porta, mas nenhum de nós o recolhia. Nossas provisões eram pequenas; no terceiro dia já tomávamos café sem açúcar, no quarto a despensa estava praticamente vazia. No apartamento mal iluminado, íamos emagrecendo de felicidade, devíamos estar ficando pálidos, e às vezes, unidos, olhos nos olhos, nos perguntávamos se tudo não era um sonho; o relógio parara, havia apenas aquela tênue claridade que vinha das janelas sempre fechadas; mais tarde essa luz do dia distante, do dia dos outros, ia se perdendo, e então era apenas uma pequena lâmpada no chão que projetava nossas sombras nas paredes do quarto e vagamente escoava pelo corredor, lançava ainda uma penumbra confusa na sala, onde não íamos jamais.

Pouco falávamos: se o inimigo estivesse escutando às nossas portas, mal ouviria vagos murmúrios; e a nossa felicidade imensa era pontuada de alegrias menores e inocentes, a água forte e grossa do chuveiro, a fartura festiva de toalhas limpas, de lençóis de linho.

O mundo ia pouco a pouco desistindo de nós; o telefone batia menos e a campainha da porta quase nunca. Ah, nós tínhamos vindo de muito e muito amargor, muita hesitação, longa tortura e remorso; agora a vida era nós dois, e o milagre se repetia tão quieto e perfeito como se fosse ser assim eternamente.

Sabíamos estar condenados; os inimigos, os outros, o resto da população do mundo nos esperava para lançar seus olhares, dizer suas coisas, ferir com sua maldade ou sua tristeza o nosso mundo, nosso pequeno mundo que ainda podíamos defender um dia ou dois, nosso mundo trêmulo de felicidade, sonâmbulo, irreal, fechado, e tão louco e tão bobo e tão bom como nunca mais, nunca mais haverá.

No oitavo dia sentimos que tudo conspirava contra nós. Que importa a uma grande cidade que haja um apartamento fechado em alguns de seus milhares de edifícios; que importa que lá dentro não haja ninguém, ou que um homem e uma mulher ali estejam, pálidos, se movendo na penumbra como dentro de um sonho?

Entretanto, a cidade, que durante uns dois ou três dias parecia nos haver esquecido, voltava subitamente a atacar. O telefone tocava, batia dez, quinze vezes, calava-se alguns minutos, voltava a chamar; e assim três, quatro vezes sucessivas.

Alguém vinha e apertava a campainha; esperava; apertava outra vez, experimentava a maçaneta da porta; batia com os nós dos dedos, cada vez mais forte, como se tivesse certeza de que havia alguém lá dentro. Ficávamos quietos, abraçados, até que o desconhecido se afastasse, voltasse para a rua, para a sua vida, nos deixasse em nossa felicidade que fluía num encantamento constante.

Eu sentia dentro de mim, doce, essa espécie de saturação boa, como um veneno que tonteia, como se meus cabelos já tivessem o cheiro de seus cabelos, se o cheiro de sua pele tivesse entrado na minha. Nossos corpos tinham chegado a um entendimento que era além do amor, eles tendiam a se parecer no mesmo repetido jogo lânguido, e uma vez que, sentado de frente para a janela, por onde se filtrava um eco pálido de luz, eu a contemplava tão pura e nua, ela disse: “meu Deus, seus olhos estão esverdeando”.

Nossas palavras baixas eram murmuradas pela mesma voz, nossos gestos

eram parecidos e integrados, como se o amor fosse um longo ensaio para que um momento chamasse outro; inconscientemente compúnhamos esse jogo de um ritmo imperceptível, como um lento, lento bailado.

Mas naquela manhã ela se sentiu tonta, e senti também minha fraqueza; resolvi sair, era preciso dar uma escapada para obter víveres; vesti-me lentamente, calcei os sapatos como quem faz algo de estranho; que horas seriam?

Quando cheguei à rua e olhei, com um vago temor, um sol extraordinariamente claro me bateu nos olhos, na cara, desceu pela minha roupa, senti vagamente que aquecia meus sapatos. Fiquei um instante parado, encostado à parede, olhando aquele movimento sem sentido, aquelas pessoas e veículos irreais que se cruzavam; tive uma tonteira, e uma sensação dolorosa no estômago.

Houve um grande caminhão vendendo uvas, pequenas uvas escuras; comprei cinco quilos, o homem fez um grande embrulho de jornal; voltei carregando aquele embrulho de encontro ao peito, como se fosse a minha salvação.

E levei dois, três minutos, na sala de janelas absurdamente abertas, diante de um desconhecido, para compreender que o milagre acabara; alguém viera e batera à porta, e ela abrira pensando que fosse eu, e então já havia também o carteiro querendo recibo de uma carta registrada e, quando o telefone bateu, foi preciso atender, e o nosso mundo foi invadido, atravessado, desfeito, perdido para sempre — senti que ela me disse isso num instante, num olhar entretanto lento (achei seus olhos muito claros, há muito tempo não os via assim, em plena luz), um olhar de apelo e de tristeza, onde, entretanto, ainda havia uma inútil, resignada esperança.

Tragédia concretista

Luís Martins

O poeta concretista acordou inspirado. Sonhara a noite toda com a namorada. E pensou: lábio, lábia. O lábio em que pensou era o da namorada, a lábia era a própria. Em todo o caso, na pior das hipóteses, já tinha um bom começo de poema. Todavia, cada vez mais obcecado pela lembrança daqueles lábios, achou que podia aproveitar a sua lábia e, provisoriamente desinteressado da poesia pura, resolveu telefonar à criatura amada, na esperança de maiores intimidades e vantagens. Até os poetas concretistas podem ser homens práticos.

Como, porém, transmitir a mensagem amorosa em termos vulgares, de toda a gente, se era um poeta concretista e nisto justamente residia (segundo julgava) todo o seu prestígio aos olhos das moças? Tinha que fazer um poema. A moça chamava-se Ema, era fácil. Discou. Assim que ouviu, do outro lado da linha, o “alô” sonolento do objeto amado, foi logo disparando:

— Ema. Amo. Amas?

— Como? — surpreendeu-se a jovem. — Quem fala?

— Falo. Falas. Falemos.

A pequena, julgando-se vítima de um “trote”, ficou por conta e, como era muito bem-educada (essas meninas de hoje!), desligou violentamente, não antes de perpetrar, sem querer, um precioso “hai-kai” concretista:

— Basta, besta!

O poeta ficou fulminado. Não podia, não podia compreender. Sofreu, que também os concretistas sofrem; estava realmente apaixonado, que também os concretistas se apaixonam, quando são jovens — e todo poeta concretista é jovem. Não tinha lábia. Não teria os lábios. Por que não viajar para a Líbia? Desaparecer, sumir... Sentia-se profundamente desgraçado, inútil. Um triste. Um traste.

O consolo possível era a poesia. Sentou-se e escreveu:

“Bela. Bola. Bala.”

O que, traduzido em vulgar, vem a dar nesta banalidade: “A minha bela, não me dá bola. Isto acaba em bala.”

Não acabou, naturalmente. Tomou uma bebedeira e tratou de arranjar outra namorada, a quem dedicou um soneto parnasiano. Foi a conta. Casaram-se e são muito felizes... oh! Perdão: felizes.

A invenção da laranja

Fernando Sabino

A laranja foi um dia inventada por um grande industrial americano, cujo nome prefiro calar, mas em circunstâncias que merecem ser contadas. Fruta cítrica, succulenta e saborosa, ela começou sendo chupada às dúzias por este senhor, então um simples molecote de fazenda no interior da Califórnia. Com o correr dos anos o molecote virou moleque e o moleque virou homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas a que se sujeita uma juventude transcorrida à sombra dos laranjais: apaixonou-se pela filha do dono da fazenda, meteu-se em peripécias amorosas que já inspiraram dois filmes em Hollywood e que culminaram nas indefectíveis flores de laranjeiras, até que um dia, para encurtar, se viu ele próprio casado, com uma filha que outros moleques cobiçavam e dono absoluto da plantação.

Passou a vender laranjas. Como, porém, invencível fosse a concorrência de outras fazendas mais prósperas e a sua assim não prosperasse, resolveu um dia dar o grande passo que foi o segredo do sucesso do inventor da coca-cola, resumida num sábio conselho que lhe deram: engarrafe-a. Impressionado com essa história, resolveu engarrafar as suas laranjas.

Pior foi a emenda que o soneto, no caso a garrafa que a própria casca: depois de empatar todo o seu dinheiro numa moderna e gigantesca maquinaria de espremer laranjas, que dava conta não só das suas mas da produção de todos os outros plantadores da região, que passou a comprar, verificou que a garrafa não era o recipiente ideal para o caldo assim obtido, não só porque o preço dela não compensasse, mas também e principalmente porque o vidro não preservava devidamente as qualidades naturais do produto em estoque, que, com o correr do tempo, acabava se azedando. Tinha mania de perfeição, o nosso homem, perfeição que, tornada realidade pela eficiência da indústria moderna, e possibilitada pelas virtudes alimentícias da própria fruta, levaram-no à prosperidade que ele, hoje, sem trocadilho, desfruta.

Tendo, pois, implicado com a garrafa, e disposto a fazer chegar ao consumidor o suco da laranja com todo o cítrico frescor que a fruta diretamente chupada proporciona, houve por bem que enlatá-lo seria a solução. Lamentável engano! Cedo percebeu que o produto assim

acondicionado apresentava, entre outras desvantagens, a de não dar lucro nenhum. Mas, o que era pior, para que o suco em conserva não adquirisse, com o correr do tempo, aquele sabor característico dos alimentos enlatados, tornava-se necessário adicionar-lhe alguns ingredientes químicos — o que, evidentemente, ia de encontro à mais específica das virtudes do seu produto, que era a de ser natural.

Experimentou então as caixinhas de papelão parafinado, sem tampa, mas tão-somente com um pequeno orifício obturado, pelo qual o consumidor introduziria um canudinho, podendo assim beneficiar-se do produto sem que este se expusesse aos efeitos nocivos a que o sujeitam as mudanças de recipiente. Logo verificou, porém, que esta embalagem também apresentava sérias desvantagens, como a da sua fragilidade, quando submetida aos rigores dos transportes de cidade para cidade em grande quantidade.

Depois de tentar sem resultado todas as espécies de recipientes existentes, desde a madeira até a matéria plástica, começava a desanimar, quando lhe chamou a atenção a quantidade de casca de laranja que diariamente sua fábrica confiava à eficiência expedita dos lixeiros. Talvez a ideia tenha nascido apenas da necessidade de aliviar o trabalho deles, diminuindo o lixo e aumentando o lucro — o certo é que se pôs a cismar numa maneira de aproveitar tamanha quantidade de cascas (sabia, por experiência, que ao consumidor desagradavam as laranjas espremidas com casca) quando tal cisma se ligou à outra, relativa ao recipiente — e a ideia nasceu. Então imaginou, encomendou e mandou instalar uma aparelhagem completamente nova, destinada apenas a extrair o miolo da laranja através de um orifício, sem inutilizar-lhe a casca. Em pouco apareciam no mercado as primeiras laranjas contendo no seu interior o suco já espremido.

A ideia não foi avante. Para que a casca, assim transformada em recipiente, não murchasse em poucos dias, tornava-se necessário um beneficiamento artificial extremamente dispendioso, que garantisse o permanente frescor do caldo como só a película natural dos gomos até então fora capaz.

Eis que o nosso grande industrial descobre repentinamente que o suco, para se manter fresco e natural, deverá ser conservado no interior dos próprios gomos da laranja e os gomos no interior da própria casca, inventando assim o melhor acondicionamento de seu produto que jamais tivera a ventura de imaginar. Com a grande vantagem, entre tantas outras, de poder ir diretamente das árvores ao consumidor, o que assegurava um mínimo de trabalho e um máximo de rendimento. Deslumbrado com sua invenção,

correu à repartição pública mais próxima e encaminhou um pedido de patente. Tempos mais tarde, vendeu-a juntamente com sua aparelhagem e seus laranjais a um próspero fazendeiro da vizinhança, mudou-se para Nova Iorque e com o dinheiro comprou um rico apartamento em Park Avenue, onde, dizem, vive muito feliz, chupando laranja o dia todo.

A bolsa e a vida

Carlos Drummond de Andrade

I. O achado

Jamais em minha vida achei na rua ou em qualquer parte do globo um objeto qualquer. Há pessoas que acham carteiras, jóias, promissórias, animais de luxo, e sei de um polonês que achou um piano na praia do Leblon, inspirando o conto célebre de Aníbal Machado. Mas este escriba, nada: nem um botão.

Por isso, grande foi a minha emoção ao deparar, no assento do coletivo, com uma bolsa preta de senhora. O destino me prestava esse pequeno favor: completava minha identificação com o resto da humanidade, que tem sempre para contar uma história de objeto achado; e permitia-me ser útil a alguém, devolvendo o que lhe faria falta.

A bolsa pertencia certamente à moça morena que viajara a meu lado, e de que eu vira apenas o perfil. Sentara-se, abrira o livro e mergulhara na leitura. Eu senti vontade de dizer-lhe: “Moça, não faça isso, olhe seus olhos”, mas receei que ela visse em minhas palavras mais do que um cuidado oftalmológico, e absteve-me. Absorta na leitura, ao sair esquecera o objeto, que só me atraiu a atenção quando o lotação já ia longe.

Mas eu não estava preparado para achar uma bolsa, e comuniquei a descoberta ao passageiro mais próximo:

— A moça esqueceu isto.

Ele, sem dúvida mais experimentado, respondeu simplesmente:

— Abra.

Hesitei: constrangia-me abrir a bolsa de uma desconhecida ausente; nada haveria nela que me dissesse respeito.

— Não é melhor que eu entregue ao motorista?

— Complica. A dona vai ter dificuldade em identificar o lotação. Abrindo, o senhor encontra um endereço, pronto.

Era razoável, e diante da testemunha abri a bolsa, não sem experimentar a

sensação de violar uma intimidade. Procurei a esmo entre as coisinhas, não achei elemento esclarecedor. Era isso mesmo: o destino me dava as coisas pela metade. Fechei-a depressa.

— Leve para casa — ponderou meu conselheiro, como quem diz: — E sua. Mas acrescentou: — Procure direito e o endereço aparece.

Como ele também descesse logo depois, vi-me sozinho com a bolsa na mão, já deliberado a levá-la comigo. E para evitar que na saída o motorista me interpelasse: “Ei, ó distinto, deixa esse troço aí”, achei prudente envolvê-la no jornal que eu portava. Já percebe o leitor que, a essa altura, minha situação moral era pouco sólida, pois eu procurava esconder do motorista um objeto que não me pertencia, sob o fundamento de que pretendia restituí-lo à dona; como se eu conhecesse essa proprietária mais do que ele, motorista, que podia muito bem conhecê-la de vista; e como se eu duvidasse dele, que com igual razão podia desconfiar de mim, passageiro, quando o mais fácil seria explicar-lhe (ou não seria?) que eu duvidava, não dos motoristas em geral ou dele em particular, mas sim da eficácia do sistema de entrega de objetos perdidos em coletivos.

Assim, embuçada convenientemente a coisa, como algo tenebroso que convinha esquivar à curiosidade pública, paguei com dignidade a passagem e saltei sem impugnação. No próximo escrito, o que continha a bolsa, e o mais que sucedeu depois.

II. O conteúdo

Chegando à casa, o primeiro cuidado deste cronista foi esvaziar a bolsa e examinar-lhe o recheio, para o fim de identificar sua proprietária. Logo atinei com a conveniência de dispor os objetos em ordem, e inventariá-los, primeiro porque era minha intenção devolver tudo de maneira regular, devendo a moça verificar, em minha presença, se não faltava nenhum pertence; segundo, porque, vencida a repugnância de mexer em coisa alheia, era legítima, até científica, a curiosidade de apurar que utensílios contém uma bolsa feminina comum, em nossa época, na área cultural do Rio de Janeiro.

Bem, não continha artefatos de couro, metal ou pedra, reveladores de liábitos tribais ainda não estudados; não deslumbrava pela magnificência dos artigos de toalete nem encerrava crimes e paixões em objetos simbólicos. Eis, honestamente, o seu acervo:

2 batons; 1 lápis para cílios; 1 escovinha idem; 1 espelhinho; 1 *trousse* lolheada a ouro; 1 pente; 2 grampos; 1 vidrinho de *Nuit de Longchamp*; 1 sabonete de papel; 1 lençinho branco; 1 dito amarelo estampado, para limpar batom; 1 flanela para óculos; 1 caneta-tinteiro; 2 lápis; 1 borracha; 3 cliques; 1 canivete; 1 figa de madeira; 1 atadura adesiva; 1 ampola de Pernemon forte; 1 comprimido de magnésia bisurada; 1 bula de Xantinon B 12; 1 chaveiro com duas chaves; 1 chave maior, solta; 1 folha de papel de embrulho; 1 pedaço de barbante; 1 cartão de firma de representações; 1 nota de venda no valor de Cr\$ 4.350,00 referente a “1 camisola de luxo, 1 anágua franzida e 1 calcinha com liga”; 1 porta-níqueis com Cr\$ 4,50; 1 calendário pequeno; 2 folhetos; 1 papel datilografado. Num escaninho dissimulado, o dinheiro maior: Cr\$ 950,00.

A agenda foi explorada; em seu interior havia uma flor seca, a fotografia de um desenho, representando um rosto feminino de cabelos compridos, e uma carteira de estudante de medicina; na carteira, o retrato de frente de uma jovem em que não foi difícil reconhecer a moça do lotação, vista de perfil. Tive a alegria de uma descoberta; mas foi curta, pois em nenhuma folha do caderninho havia o endereço da moça. Os nomes não coincidiam, e como os endereços anotados fossem vários, pareceu incômodo e até desaconselhável discar para todos eles, indagando sobre a acadêmica de medicina. Que grau de intimidade teriam essas pessoas com ela, e por que precisavam ficar sabendo que a moça perdera sua bolsa?

Resolvi, pois, telefonar para a secretaria da Faculdade de Medicina, na manhã seguinte, e voltei a guardar na bolsa o que dela retirara. Dormi mal, preocupado com a noite que a jovem estaria passando, sem dinheiro, sem chave de apartamento, numa cidade onde as moças nem sempre estão bem protegidas. Quem sabe se mesmo à noite eu poderia tranquilizá-la? Eram 24 horas. Corri à bolsa, li o papelzinho datilografado: “Chave da Harmonia. Desejo Harmonia, Amor, Verdade e Justiça a todos os meus irmãos do Círculo da Comunhão do Pensamento. Estou satisfeita e em paz com o universo inteiro e desejo que todos os seres realizem suas aspirações mais íntimas.” Tais sentimentos me penetraram, e conciliei o sono. O resto, a seguir.

III. A busca

As nove da manhã, pelo telefone, comuniquei-me com a secretaria da

Faculdade de Medicina. Expus o objeto da consulta, de maneira a não deixar dúvida: procurava o endereço da senhorita Andreia de Poggia (era o nome da carteira) para restituir-lhe uma bolsa, não para isso assim assim. O homem ouviu-me atenciosamente, e depois:

— Ah, moço, só o senhor tocando outra vez depois das 11. Eu sou faxineiro.

Mais por pressentimento do que à base de fatos, comecei a perceber que não seria fácil desfazer-me daquele objeto. A razão dizia que dentro de duas horas o endereço de Andréia estaria em meu poder. Uma voz obscura me sussurrou: Duvido.

As 11 e 15, uma funcionária gentil tomou conhecimento do caso, certificou-se de minha honorabilidade e prometeu tocar logo que colhesse a informação. E efetivamente o fez, instantes depois.

— O senhor deve estar equivocado. Não temos aluna chamada Andréia de Poggia.

— Talvez esteja com a matrícula trancada, e não conste do fichário.

— Não senhor.

— Mas está na carteira: número 215.

— 215 é um rapaz.

Agradei e fui à agenda. Para meu desapontamento, a maioria dos nomes anotados não dispunha de telefone, ou eram casas comerciais, que não queriam conversa. Os dois ou três telefonáveis não estavam em casa ou não conheciam nenhuma Andréia. Um julgando-se vítima de trote, ia proferir uma dessas expressões comuns na Câmara de Vereadores, mas desliguei. Outro conhecia André — o André Meireles, da Sursan, que perdeu uma pasta com ações da Brahma ao portador, e quase fica maluco; eu tinha achado, é?

Expliquei-lhe que eram matérias completamente distintas, e que, já às voltas com uma bolsa feminina, eu não podia responsabilizar-me pela pasta de André, mas o homem queria de toda maneira estabelecer um vínculo entre a pasta e a bolsa.

Depois de tantas ligações infrutíferas, o jeito era botar no jornal um anúncio classificado. Verifiquei a eficácia desse meio de divulgação, em face de nove senhoras e senhoritas que, pelo fio, em carta ou pessoalmente, se declararam mais ou menos Andréia de Poggia, isto é, à procura de uma bolsa perdida. Mas todas se enganavam a respeito da própria identidade. Os nomes

não coincidiam, ou os rostos é que não coincidiam com a foto, embora alguns fossem até mais bonitos. A quarta Andreia esclareceu que ao tirar o retratinho estava mais gorda, a sétima que estava mais magra, nenhuma se zangou quando lhes expliquei que a bolsa era, indubitavelmente, de outra Andréia de Poggia — a décima, que não aparecia. Outra observação: sendo avultado o número de bolsas femininas perdidas no Rio, muitas (senhoras, não bolsas) se resignam a aceitar outra qualquer, em substituição à que perderam. Mulheres procurando bolsas, bolsas aguardando mulheres; desencontros.

Já nutrindo certo mau humor com relação a Andréia, que assim se ocultava às minhas investigações benignas, mas desejoso de cumprir até o fim o dever de um cavalheiro do velho estilo, que achou uma bolsa de senhora no lotação, anotei os nomes de ruas constantes da agenda, e empreendi pesquisas de campo. E como este rocambole já me vai caceteando, embora empolgue um ou outro leitor que me tem telefonado para saber se achei a dona da bolsa, darei o desfecho na próxima.

IV. O encontro

Bati em várias casas de bairros vários, e ninguém soube informar-me quem era Andréia de Poggia. Em geral, acolhia-se com ceticismo minha intenção de devolver alguma coisa a alguém. Na bolsa, o dinheiro se desvaloriza, e era de recear que, se um dia eu encontrasse a proprietária, já o conteúdo nada valesse.

Contemplando o retrato de Andréia, eu naturalmente lhe emprestava uma personalidade universitária; meditando a frase da Chave da Harmonia, outra Andréia se figurava à minha imaginação. Uma, racional, científica, técnica; outra, sonhadora e mágica, em ligação com o universo através das “Instruções reservadas para uso do irmão do Círculo da Comunhão do Pensamento” e das “Meditações” diárias do mesmo círculo, como se intitulavam os folhetos contidos na bolsa.

Cheguei a pensar que o objeto pertencesse em condomínio a duas moças, tão diversas me pareciam as tendências. Que uma se houvesse apoderado da bolsa da outra, não era agradável admitir. Pensei também — sem convicção — num caso de dupla personalidade, com visitas alternadas ao anfiteatro médico e a sessões espíritas; a bolsa serviria a ambos os interesses.

Nas idas e venidas em busca da moça, carregava comigo o objeto embrulhado. As vezes sentia ímpetos de atirá-lo fora, livrando-me da

obrigação incômoda. A mesma voz de antes me murmurava então “Fraco! Fraco!”. E daí, mesmo jogada do bondinho do Pão de Açúcar, ela seria talvez encontrada, iniciando novo ciclo de indagações.

Então, redobrava de cuidados, com receio de, por minha vez, perder a coisa perdida; ninguém me censuraria por isso, a não ser eu mesmo, pois a bolsa crescia em mim, cobria-me de imperativos morais, comandava-me. Sentia-me “Homem do embrulho”, vagamente suspeito à Polícia.

Quando de repente, um mês depois, na Rua Uruguaiana, dou de cara com Andreia. Ela mesma, como a vira de perfil e a decorara de retrato.

— É a senhorita Andreia de Poggia?

Não disse que sim nem que não; olhou-me com naturalidade, como se me conhecesse ou me esperasse; apenas murmurou:

— Será que o senhor,...

— Exatamente. Encontrei sua bolsa. Aqui está.

— Ah, obrigada! Eu tinha certeza de que ela voltaria, sabe? Sou espiritualista. Com licença.

E abrindo-a sem cerimônia, o que me chocou um pouco, remexeu até encontrar a agenda e retirar dela a reprodução do desenho.

— Felizmente aqui está ele!

Perguntei-lhe a quem se referia, pois a figura era feminina, de cabelos compridos.

— Não senhor, é o meu guia, um príncipe indu, de cabelos longos. Veja que nobreza!

— Tenha a bondade de contar o dinheiro — pedi-lhe, constrangido.

— Não precisa, confio em seu cavalheirismo. O essencial para mim é o retrato do guia. Eu não podia perdê-lo. Mas tinha certeza de que voltaria.

— Escute, D. Andréia...

— Não sou Andréia, interrompeu-me suavemente. Meu nome é Rita Peixoto, comerciária, sua criada.

— Então aquela carteira...

— Bem, de vez em quando a gente gosta de ir a um cineminha, o senhor compreende...

Compreendi; as carteiras de estudante são para isso. Conteí-lhe então os problemas de consciência que me assaltaram por causa de sua bolsa, os esforços por descobri-la.

— Está vendo? Foi o meu guia que agiu em tudo isso. Me fez perder a bolsa para que o senhor se aproximasse mais da humanidade. Agora está explicado!

Separamo-nos, felizes; ela, com o retrato do guia; eu, livre da bolsa, e determinado a não pegar mais nada que encontre em lotação.

O pior encontro casual

Antônio Maria

O pior encontro casual da noite ainda é o do homem autobiográfico.

Chega, senta e começa a crônica de si mesmo: “Acordo às sete da manhã e a primeira coisa que faço é tomar o meu bom chuveiro.” Como são desprezíveis as pessoas que falam no “bom chuveiro”! E segue o parceiro: “Depois peço os jornais, sento à mesa e tomo o meu café reforçado.” Ah, a pena de morte para as pessoas que tomam “café reforçado”! E a explanação continua: “Nos jornais, vocês me desculpem, mas, a mim, só interessam o artigo de Macedo Soares e as histórias em quadrinhos.” Nessa altura o autobiográfico procura colocar-se em dois planos, que lhe ficam muito bem: o que ele julga de seriedade política (Macedo) e o outro, de folgazance espiritual (histórias em quadrinhos). E vai daí para outra modesta homenagem a si mesmo: “Aí, então, é que vou me vestir. Quanto à roupa, nunca liguei muito, mas camisa e cueca, tenha paciência, eu mudo todo dia.” O “tenha paciência” é porque está absolutamente certo de que estamos com a camisa e a cueca de ontem. “Acordo minha senhora, pergunto se ela quer alguma coisa e vou para o escritório.” Gente que chama a mulher de “minha senhora” está sempre pensando que: 1º — não acreditamos que eles sejam casados no civil e no religioso; 2º — no fundo, desconfiamos de que sua mulher lhe seja infiel. E vai adiante o mal feliz: “Só aí vou para o escritório, mas nunca antes de passar no jornal, para ver se há alguma coisa.” Esse “passar no jornal” é um pouco mais difícil de explicar. Mas todo homem banal tem muita vergonha de não ser jornalista e alude sempre a um jornal, do qual tem duas ações ou pertence a um primo, ou a um amigo íntimo.

Vai por aí contando sua vidinha, que termina, melancolicamente, com esta frase: “À noite, eu sou da família!” Bonito! “Visto meu pijama, janto, deito no sofá e vou ver a televisão, com as crianças em cima de mim.” Está aí o retrato perfeito do cretino nacional. E, o que é triste, além de numeroso, está em toda parte. Que horror me causam as pessoas do “bom chuveiro”, do “café reforçado”, os de “Macedo Soares e das histórias em quadrinhos” (os que gostam só de Macedo Soares e só de histórias em quadrinhos são ótimos), que precisam dizer que mudam camisa e cueca todos os dias, os que citam “sua senhora” e os que “passam no jornal antes de ir para o escritório”. Nossa

maior repulsa, ainda, por quem janta de pijama e deita no sofá, com as crianças em cima. Ah, essa gente me procura tanto!

Os anos 1960

Discursos na rua, humor nas páginas

O mundo ficou de perna para o ar na década que mudou tudo, e a crônica, com seu jeito leve de falar das coisas agudas, estava atenta. Cadinhos Oliveira, a nova estrela surgida no período, parodiou as divergências dentro dos grupos políticos envolvidos em passeatas e comícios. Poderia dar um artigo de fundo. Acabou num texto divertido em que cães gritam questões de ordem. O jovem foi o grande personagem do período, sempre rebelde e contestando os valores. Stanislaw Ponte Preta flagrou, na cena curta da portaria de um cinema, que havia uma nova mulher em confronto com o *establishment* careta. Onde outros fariam um discurso, ele fez um esquete. A nova mulher de Lalau, ativista por seus direitos, não queria repetir a repressão sexual da viúva inconsolável, uma personagem que saía, como num último grito de submissão feminina, das crônicas de Nelson Rodrigues. Ser jovem era a grande obsessão, e Drummond, já que a liberdade estava pichada em todos os muros, se sentiu à vontade para ter a sua. Escreveu uma crônica só com palavras antigas.

Perfil de Tia Zulmira

Stanislaw Ponte Preta

Quem se dá ao trabalho de ler o que escreve Stanislaw Ponte Preta — e quem me lê é apenas o lado alfabetizado da humanidade — por certo conhece Tia Zulmira, sábia senhora que o cronista cita abundantemente em seus escritos. E a preocupação dos leitores é saber se essa Tia Zulmira existe mesmo.

Pouco se sabe a respeito dessa ex-condessa prussiana, ex-vedete do *Follies Bergère* (coleguinha de Colette), cozinheira da Coluna Prestes, mulher que deslumbrou a Europa com sua beleza, encantou os sábios com a sua ciência e desde menina mostrou-se personalidade de impressionante independência, tendo fugido de casa aos sete anos para aprender as primeiras letras, pois na época as mocinhas — embora menos insipientes do que hoje — só começavam a estudar aos 10 anos. Tia Zulmira não resistiu ao nervosismo da espera e, como a genialidade borbulhasse em seu cérebro, deu no pé.

Quando a revista “SR.” recomendou uma entrevista exclusiva com titia, conhecida em certas rodas como a “ermitã da Boca do Mato”, cobriu as propostas de *Paris Match*, de *Life* e da *Revista do Rádio*.

Esta é a entrevista.

Sentada em sua velha cadeira de balanço — presente do seu primeiro marido —, Tia Zulmira tricotava casaquinhos para os órfãos de uma instituição nudista mantida por D. Luz Del Fuego. E foi assim que a encontramos (isto é, encontramos titia), na tarde em que a visitamos, no seu velho casarão da Boca do Mato.

Antiga correspondente do *Times* (Não confundir *Times* — jornal inglês — no plural com *Time* — revista americana — das menos singulares) na Jamaica, a simpática macróbia é dessas pessoas fáceis de entrevistar porque, pertencendo ao *métier*, facilita o nosso trabalho, respondendo com clareza e desdobrando por conta própria as perguntas, para dar mais colorido à entrevista.

— Sou natural do Rio mesmo — explicou — e isto eu digo sem a intenção malévola de ofender os naturais da província. Fui eu, aliás, que fiz aquele verso do samba de Noel Rosa, verso que diz: Modéstia à parte, meus senhores, eu sou da Vila.

E é. Tia Zulmira mostra o seu registro de nascimento, feito na paróquia de Vila Isabel. Documento importante e valioso, pois uma das testemunhas é a própria Princesa Isabel (antigamente a “Redentora” e hoje nota de 50 cruzeiros). Ela explica que sua mãe foi muito amiga da Princesa, tendo mesmo aconselhado à dita que assinasse a Lei Áurea (dizem que o interesse dos moradores da Vila em libertar os escravos era puramente musical. Queriam fundar a primeira escola de samba).

— Por que se mudou de Vila Isabel para a Boca do Mato? — indagamos.

— Por dois motivos. O primeiro de ordem econômica, uma vez que esta casa é a única coisa que me sobrou da herança de papai e que Alcebiades não perdeu no jogo. O outro é de ordem estética. Saí de Vila Isabel por causa daquele busto de Noel Rosa que colocaram na Praça. É de lascar.

— O que é que tem o busto?

— O que é que tem? É um busto horrível. E se não fosse uma falta de respeito ao capital colonizador, eu diria que é um busto mais disforme do que o de Jayne Mansfield.

— Hoje estou afastada da política, meu amigo, embora, devido mais a razões sentimentais, eu pertença ao PLC (Partido Lambretista Conservador).

— Fizemos um rápido retrospecto dos apontamentos até ali fornecidos. A veneranda senhora sorri, diz que assim não vamos conseguir contar sua vida em ordem cronológica e vai explicando outra vez, com muita paciência: Nasci no dia 29 de fevereiro (Tia Zulmira é bissexta) de 1872. Aprendi as primeiras letras numa escola pública de São Cristóvão, na época de São Christovam e com muitas vagas para quem quisesse aprender...

O resto nós fomos anotando:

Mostrou desde logo um acentuado pendor para as artes, encantando os mestres com as anotações inteligentes que fazia à margem da cartilha. Completou seus estudos num convento carmelita, onde aprendeu de graça, numa interessante troca de ensinamentos com as freiras locais: enquanto estas lhe ministravam lições de matérias constantes do curso ginásial, Tia Zulmira lhes ministrava lições de liturgia. Mocinha, partiu para a Europa, para aproveitar uma bolsa de estudos, ganha num concurso de pernas; então foi morar em Paris, dividindo seu tempo entre o *Follies Bergère* e a *Sorbonne*. Nesta universidade, concedeu em ser mestra de literatura francesa, proporcionando a glória a um dos seus mais diletos discípulos, o qual ela chamava carinhosamente de Andrezinho.

Tia Zulmira suspende por momentos o relato de sua vida para lembrar a

figura de Andrezinho, que vocês conhecem melhor pelo nome completo: André Gide.

Tia Zulmira prossegue explicando que, aos vinte e poucos anos, casou-se pela primeira vez, unindo-se pelos laços matrimoniais a *François Aumert* — o Cruel. O casamento terminou tragicamente, tendo Aumert morrido vítima de uma explosão, quando auxiliava a esposa numa demonstração de radioatividade aplicada, que a mesma fazia para Mme. Curie.

A hoje encanecida senhora lamentou profundamente a inépcia do marido para lidar com tubos de ensaio e, desgostosa, mudou-se para Londres, aproveitando a deixa para disputar a primeira travessia a nado do Canal da Mancha. Houve quem desaprovasse essa decisão, dizendo que não ficava bem a uma jovem de boa família se meter com o Canal da Mancha. A resposta de Tia Zulmira é até hoje lembrada.

— O Canal da Mancha não pode manchar minha reputação. Na minha terra, sim, tem um canal que mancha muito mais (Mangue).

E ela acabou atravessando a Mancha mesmo, chegando em terceiro, devido à forte cãibra que a atacou nos últimos dois mil metros. Fez um jacaré na arrebentação da última onda e chegou a Londres para morar numa pensão em Lambeth, onde viveu quase pobre, apenas com os sustemos de uma canção que fez em homenagem ao bairro (The Lambeth Walk. [Existe uma versão de Haroldo Barbosa]).

Na pensão, onde morava nossa entrevistada, vivia no quarto ao lado o então obscuro cientista Darwin, e com ela manteve um rápido flerte. Proust (Certa vez um cronista mundano para valorizar suas próprias besteiras disse que Proust, antes de ser Proust, foi cronista mundano. Tia Zulmira gozou a coisa, dizendo que Lincoln também foi lenhador e, depois dele, nenhum outro lenhador conseguiu se eleger Presidente da República), cronista mundano francês que esteve em Londres na época, chegou a anunciar um casamento provável entre Tia Zulmira e Darwin, mas os dois acabaram brigando por causa de um macaco.

— Em 1913, onde estava eu? — pergunta a Tia Zulmira a si mesma, olhando os longes com olhar vago.

Lembra-se que houve qualquer coisa importante em 1913 e, de repente, se recorda. Em 13, atendendo a um convite de Paderewski, passou uma temporada em Varsóvia, dando concertos de piano a quatro mãos com o futuro músico, que deve a ela os ensinamentos de teoria musical.

Quando o primeiro conflito mundial estourou, ela estava em Berlim e teria ficado retida na capital alemã, não fosse a dedicação de um coleguinha

(Einstein), que lhe arranhou um passaporte falso para atravessar a fronteira suíça. Durante a Primeira Grande Guerra, a irrequieta senhora serviu aos aliados no Serviço de Contra-Espionagem, tornando-se a grande rival da Mata-Hari, mulher que não suportava a Zulmira e — muito fofqueira — tentou indispor a distinta com diversos governos europeus. Zulmira foi obrigada a casar-se com um diplomata neozelandês de nome Marah Andolas — para deixar o Velho Mundo.

E interessante assinalar que este casamento, motivado por interesse, acabou por se transformar em uma união feliz. O casal viveu dias esplendorosos em São Petersburgo, infelizmente interrompidos por questões políticas. A revolução russa de 17 acabou por envolver Andolas. O marido de Tia Zulmira foi fuzilado pelos comunistas de Lenine, somente porque conservava o hábito fidalgo de usar monóculo, sendo confundido com a burguesia reacionária que a revolução combatia. Morto Andolas, Tia Zulmira deixou a Rússia, completamente viúva, após uma cena histórica com Stalin e Trotsky, quando — dirigindo-se aos dois —, exclamou patética:

— Vocês dois são tão calhordas que vão acabar inimigos.

Dito isto Zulmira virou as costas e partiu, levando consigo apenas a roupa do corpo e o monóculo do falecido. Chegou ao Brasil pobre, mas digna, e a primeira coisa que fez foi empenhar o monóculo na Caixa Econômica, sendo o objeto, mais tarde, arrematado em leilão pelo pai do hoje Embaixador Décio Moura, que o ofertou ao filho, no dia em que ele passou no concurso para o Itamaraty.

Zulmira estaria na miséria se uma herança não viesse ter às suas mãos. O falecimento de seu bondoso pai — Aristarco Ponte Preta (O Audaz) — ocorrido em 1920 proporcionou-lhe a posse do casarão da Boca do Mato, onde vive até hoje. Ali estabeleceu ela o seu habitat, disposta a não mais voltar ao Velho Mundo, plano que fracassaria dez anos depois.

Tendo arrebatado um cano da Capela Sistina, houve infiltração numa das paredes e — em nome da Arte — Zulmira embarcou novamente para a Europa, a fim de retocar a pintura da dita. Como é do conhecimento geral, ali não é permitida a entrada de mulheres, mas a sábia senhora, disfarçada em monge e com um pincel por debaixo da batina, conseguiu penetrar no templo e refazer a obra de Miguel Ângelo, aproveitando o ensejo para aperfeiçoar o mestre. Este episódio, tão importante para a História das Artes, não chegou a ser mencionado por Van Loon, no seu substancioso volume, porque, inclusive, só está sendo revelado agora, nesta entrevista.

Nessa sua segunda passagem pela Europa, Tia Zulmira ainda era uma

coroa bem razoável e conheceu um sobrinho do Czar Nicolau, nobre que a revolução russa obrigou a emigrar para Paris e que, para viver, tocava balalaica num botequim de má fama. Os dois se apaixonaram e foram viver no Caribe, onde casaram pelo facilitário. O sobrinho do Czar, porém, não era dado ao trabalho e Tia Zulmira foi obrigada a deixá-lo, não sem antes explicar que não nascera para botar gato no foguete de ninguém.

Voltou para o Rio, fez algumas reformas no casarão da Boca do Mato e vive ali tranquilamente, com seus quase 90 anos, prenhos de experiência e transbordante de saber. Vive modestamente, com o lucro dos pastéis que ela mesma faz e manda por um de seus afilhados vender na estação do Méier. No seu exílio voluntário, está tranquila, recebendo suas visitinhas, ora cientistas nucleares da Rússia, ora Ibrahim Sued, que ela considera um dos maiores escritores da época (Aqui não ficamos bem certos se Tia Zulmira estava querendo gozar Ibrahim, ou se estava querendo gozar a época).

A velha dama para um instante de tecer o seu crochê, oferece-nos um “Fidel Castro” (Cuba-libre sem coca-cola) com gelo. É uma excelente senhora esta, que tem a cabeça branca e o olhar vivo e penetrante das pessoas geniais.

“Cãomício” no calçadão

José Carlos Oliveira

Reunidos no calçadão central da Avenida Atlântica, entre as Ruas Sousa Lima e Sá Ferreira, dezenas de cães participaram sábado à tarde de um comício autorizado, em princípio, pela Administração Regional de Copacabana. Eram cachorros das mais variadas raças e dos mais diferentes tamanhos, desde Pastores Alemães até miniaturas Pintcher. Junto ao meio-fio, no local da concentração, um carro-choque do Batalhão de Gatos, armados de unhas e dentes, garantia a ordem.

O primeiro a subir ao tablado, que era um engradado de refrigerantes emborcado, foi um Poodle branquinho, de rabinho cotó.

— Nossos donos são irresponsáveis! — gritou ele.

— Abaixo os donos irresponsáveis! — respondeu a multidão raivosa (embora toda ela vacinada).

— Todo o poder aos cachorros! — prosseguiu veemente o Poodle branco, cujo focinho lembrava vagamente o de Jane Fonda, e que era tido, entre o Posto 6 e o Posto 4, como o líder incontestado do Dog-Power.

Em seguida, pediu a palavra um Weimaraner azulado, de olhos tristes. Do alto do caixote, falou ponderadamente:

— Meus modos, if... if... (estava chorando, o coitado)... Meus modos refletem o do meu dono... Não quero mais, if... if... Não quero mais passar vergonha sujando a calçada!

— Nós também não! — responderam em uníssono os manifestantes caninos. Lá do meio do povo, alguém latiu com voz de Pointer:

— Nossos donos precisam aprender que lugar de cachorro fazer suas “coisas” é em casa!

— Bravo! Apoiado! — concordou a cãonalhada.

— Pipi-dog! Queremos pipi-dog! — puseram-se a ladrar umas cadelinhas Basset, cinco ou seis, provavelmente da mesma ninhada. — Somos moças de família, e portanto temos direito a um lugar no apartamento, onde possamos

fazer a nossa toalete sem que os intrusos invadam a nossa privacidade!

— Muito bem! Falou! Podem crer! — entoaram em coro os cinco Dobermans que moram no Edifício Chopin, um dos mais luxuosos de Copacabana, e que fazem pipi — vejam só a heresia! — na piscina do Copacabana Palace, que fica logo ali ao lado.

Agora, estava no tablado um musculoso Boxer, com sua cara abobalhada e seu tradicional bom coração.

— Senhoras e senhores — disse ele — sejamos objetivos. Desejo colocar em votação uma proposta simples, de três pontos, a qual, se aprovada, será encaminhada aos nossos donos, em forma de abaixo-assinado. Primeiro ponto:

— “Quero meu pipi-dog no apartamento.”

— Apoiado! — gritou a assembléia.

— Segundo ponto... Mas, antes, para evitar tumulto, prefiro que os distintos companheiros, em vez de latirem, ladrarem, rosnarem e coisa e tal, balancem o rabo em sinal de aprovação. Aqueles que não mais possuem rabo poderiam uivar, mas docemente, pois uma de nossas preocupações principais há de ser a de não agravar a poluição sonora, de maneira a não indispor a opinião pública contra a nossa causa...

Todos balançaram o rabo, em silêncio. A questão do orador fora aceita. Ele então prosseguiu:

— Segundo ponto: — “Queremos fazer nosso cooper canino apenas no calçadão central da Avenida Atlântica...”

Rabinhos balançaram para lá e para cá: aprovado.

— Terceiro ponto: — “E preferível que não nos levem à praia, onde involuntariamente causamos uma porção de doenças!”

Rabinhos alegres: de acordo.

— Desta forma — finalizou o Boxer — poderemos afirmar que somos felizardos e que temos donos educados!

— Nosso dono vai ser superlegal! — exclamou a assembleia, esquecendo a recomendação de só balançar o rabo.

Nessa altura, todos ali estavam com vontade de fazer cocô e pipi. Sendo assim, o Poodle branco decidiu dar por encerrada a reunião, recomendando que os manifestantes se dispersassem em ordem.

Mas nesse instante pulou no caixote um autêntico Vira-Lata, magrinho, de olhos famintos, as costelas aparecendo sob o pelo ralo, o rabo entre as pernas.

— Irmãos! — bradou ele, ou melhor, soltou essa palavra num gemido. — Irmãos! Todos somos irmãos! Todos os cachorros são iguais! Portanto, o verdadeiro problema não está no pipi-dog doméstico nem no pinicão de apartamento. O necessário é que todos nós, os de pedigrees e os da rua, os de raça e os vira-latas, tenhamos, todos, direito aos cuidados veterinários periódicos, à vacinação gratuita, à alimentação farta e balanceada, à coleira protetora com sua placa de identificação, aos banhos seguidos de talco contra pulgas... Viva pois a revolução! Todo o poder aos cachorros, sem distinção de raça, cor ou credo!

— Uh! Fora! — gritaram os cães de luxo, que pertencem todos, naturalmente, à Direita, e preferem que as coisas continuem como estão, no plano mais amplo da justiça social. — Fora! Sarnento! Babão! Comedor de restos! Ralé!

A multidão de sócios do Kennel Club avançou na direção do anarquista, rosnando ameaçadoramente. Foi preciso que os gatos salvassem o Vira-Lata do linchamento inevitável, para o que o cercaram, dispersando a cachorrada ululante com bombas de gás lacrimogêneo.

Em seguida, o Batalhão de Gatos levou o Vira-Lata para o lugar adequado a essa espécie de agitador. Ele agora está sendo processado e é capaz de passar o resto da vida num canil-presídio. Acusação: trata-se de um CÃOMUNISTA.

Conversa de pai e filha

Antônio Maria

Pai, eu tenho um namorado.

Pai, que ouve isso da filha mocinha, pela primeira vez, sente uma dor muito grande. Todo sangue lhe sobe à cabeça, e o chão do mundo roda sob seus pés. Ele pensava, até então, que só a filha dos outros tinha namorado. A sua tem, também. Um namorado presunçosamente homem, sem coração e sem ternura. Um rapazola, banal, que dominara sua filha. Que a beijará no cinema e lhe sentirá o corpo, no enleio da dança. Que lhe fará ciúmes de lágrimas e revolta; pior ainda, de submissão, enganando-a com outras mocinhas. Que, quando sentir os seus ciúmes, com toda certeza, lhe dirá o nome feio e, possivelmente, lhe torcerá o braço. E ela chorará, porque o braço lhe doerá. Mas ela o perdoará no mesmo momento ou, quem sabe, não chegará, sequer, a odiá-lo. E lhe dirá, com o braço doendo ainda: “Gosto de você, mais que de tudo, só de você. Mais que de tudo e mais que dele, o pai, que nunca lhe torceu o braço. Só de você é não gostar dele, o pai. E pensará, o pai, que esse porcaria de rapaz fará a filha mocinha beber *whisky*, e ela, que é mocinha, ficará tonta, com o estômago às voltas. Mas terá que sorrir. E tudo o que conseguir dela será, somente, para contar aos amigos, com quem permuta as gabolices sobre suas namoradas. Ah! O pai se toma da imensa vontade de abraçar-se a filha mocinha e pedir-lhe que não seja de ninguém. De abraçá-la e rogar a Deus que os mate, aos dois, assim, abraçados, ali mesmo, antes que torça o bracinho da filha. Como é absurda e egoisticamente irracional amor de pai! Mais que ódio de fera. Ele sabe disso e se sente um coitado. Embora sem evitar que todos esses medos, iras e zelos passem por sua cabeça, tem que saber que sua filha é igual à filha dos outros; e, como a filha dos outros, será beijada na boca. Ele, o pai, beijou a filha dos outros. Disse-lhe, com ciúme, o nome feio. E torceu-lhe o braço, até doer. Nunca pensou que sua namorada fosse filha de ninguém. Ele, o pai, humanamente lamentável, lamentavelmente humano. Ele, o pai, tem, agora, que olhar a filha com o maior de todos os carinhos e sorrir-lhe um sorriso completo de bem-querer, para que ela, em nenhum momento, sinta que está sendo perdoada. Protegida, sim. Amada, muito mais. E, quando ela repetir que tem um namorado, dizer-lhe apenas:

— Queira bem a ele, minha filha.

Gente

Elsie Lessa

De repente, escolhemos a vida de alguém. Era essa que a gente queria.

Naquela casa grande e branca, na rua quieta, na cidade pequena. Sim, estamos trocando tudo. Era ela que a gente queria ser, aquela serenidade atrás dos olhos claros, aquela bondade que se estende aos bichos e às coisas, tão simplesmente. E aquela mansa alegria de viver, aquele risonho voto de confiança na vida, aquela promissória em branco contra o futuro, descontada cada dia, miudamente, a plantar flores, a brunir a casa, a aconchegar os bichos.

Era naquele porto que a gente gostaria de colher as velas, trocar a ansiedade, a inquietação, a angústia latente e sem remédio, o medo múltiplo e cósmico, todas as interrogações, por aquela paz. Acordar de manhã, depois de dormir de noite, achando que vale a pena, que paga, que compensa botar dois pés entusiasmados no chão. Abrir as bandeiras das venezianas para que o sol entre, com o gesto de quem abre o coração. Qual é o hormônio, e destilado por que glândula, que dá a uma mulher o gosto de engomar, tão alvamente, a sua toalha bordada para a bandeja do café? Há uma batalha bem ganha, cotidianamente renovada, contra o pó e a traça e a ferrugem, que tudo consomem. Dentro dos muros da sua cidadela, as flores viçam, a poeira foge, nada vence o alvo imaculado das cortinas, os cães vadios acham lar e dono. E é esse um modo singelo mais difícil de ter fé. Cada bibelô tem uma história, diante de cada retrato há um vaso de flor, para cada bicho há um gesto de carinho.

“Mulher virtuosa, quem a achará? Porque o seu valor excede ao de muitos rubis” — cansei eu de ouvir, na escola dominical, e olho em torno a indagar quantos e que orientais rubis pagarão aquele miúdo, enternecido carinho, que pôs flores nos vasos e cera no chão e transparência nos vidros e ouro líquido no chá. Oh, a perdida paz fazendeira deste chá no meio da tarde, que as mulheres do meu tempo já não sabem o que seja, misturado a este morno cheiro de bolo e torradas que vem da cozinha! Somos uma geração que come de pé, que trocou os doces ritos que cercavam o nobre ato de alimentar-se, por uma apressada ingestão de calorias. Já não comemos, abastecemos-nos como

um veículo, como um automóvel encostado à sua bomba. Trocamos as velhas salas de jantar por mesas de abas, que se improvisam, às pressas, de um consolo exíguo encostado a uma parede. E o que sabe de um lar uma criança que não foi chamada, na doçura da tarde, do fundo de um quintal, para interromper as correrias, lavar mal-e-mal as mãos e vir sentar-se à mesa posta para o lanche, com mansas senhoras gordas que vieram visitar a mamãe? É a hora dos quitutes, das ingênuas vaidades doces, da exibição das velhas receitas, copiadas em letra bonita de um caderno ornado de cromos.

Somos uma geração que perdeu o privilégio de não fazer nada, aquele doce não-fazer-nada que é a mansa hora de repouso, o embalo da rede na frescura de uma varanda, a quietude ensolarada de um pomar em que o sono da tarde nos pegou de repente, a hora de armar brinquedos para as crianças, das visitas que chegam sem se fazer anunciar, pois na certa estaremos em casa para uma conversa despreocupada e sem objetivo. Somos uma geração de mulheres que saem demais de casa, para trabalhar ou para se divertir, e perde metade da vida indo ou vindo para não se sabe onde, fazendo fila para comprar, tomar condução ou assistir a um cinema. Perdemos o abençoado tempo de perder tempo, de não fazer nada, a única hora em que a gente se sente viver. O mais é canseira e aflição de espírito.

E foi tudo isso que reencontrei, de repente, na casa grande e branca da rua quieta.

Antigamente

Carlos Drummond de Andrade

I

Antigamente, as moças chamavam-se *mademoiselles* e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé-de-alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da força, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro, e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entrementes, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava manta e azulava, dando às de Vila-Diogo. Os mais idosos, depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Havia os que tomaram chá em criança, e, ao visitarem família da maior consideração, sabiam cuspir dentro da escarradeira. Se mandavam seus respeitos a alguém, o portador garantia-lhes: “Farei presente.” Outros, ao cruzarem com um sacerdote, tiravam o chapéu, exclamando: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”; ao que o Reverendíssimo correspondia: “Para sempre seja louvado.” E os eruditos, se alguém espirrava — sinal de defluxo —, eram impelidos a exortar: “*Dominus tecum.*” Embora sem saber da missa a metade, os presunçosos queriam ensinar padre-nosso ao vigário, e com isso punham a mão em cumbuca. Era natural que com eles se perdesse a tramontana. A pessoa cheia de melindres ficava sentida com a desfeita que lhe faziam, quando, por exemplo, insinuavam que seu filho era artioso. Verdade seja que às vezes os meninos eram mesmo encapetados; chegavam a pitar escondido, atrás da igreja. As meninas, não: verdadeiros cromos, umas

tenteias.

Antigamente, certos tipos faziam negócios e ficavam a ver navios; outros eram pegados com a boca na botija, contavam tudo tintim por tintim e iam comer o pão que o diabo amassou, lá onde Judas perdeu as botas. Uns raros amarravam cachorro com linguiça. E alguns ouviam cantar o galo, mas não sabiam onde. As famílias faziam sortimento na venda, tinham conta no carnicheiro e arrematavam qualquer quitanda que passasse à porta, desde que o moleque do tabuleiro, quase sempre um “cabrito”, não tivesse catanga. Acolhiam com satisfação a visita do cometa, que, andando por ceca e meca, trazia novidades de baixo, ou seja, da Corte do Rio de Janeiro. Ele vinha dar dois dedos de prosa e deixar de presente ao dono da casa um canivete roscofe. As donzelas punham carmim e chegavam à sacada para vê-lo apeiar do macho faceiro. Infelizmente, alguns eram mais do que velhacos: eram grandessíssimos tratantes.

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthma os gatos, os homens portavam ceroulas, botinas e capa-de-goma, a casimira tinha de ser superior e mesmo X.P.T.O. London, não havia fotógrafos, mas retratistas, e os cristãos não morriam: descansavam.

Mas tudo isso era antigamente, isto é, outrora.

II

Antigamente, os pirralhos dobravam a língua diante dos pais, e se um se esquecia de arear os dentes antes de cair nos braços de Morfeu, era capaz de entrar no couro. Não devia também se esquecer de lavar os pés, sem tugar nem mugir. Nada de bater na cacunda do padrinho, nem de debicar os mais velhos, pois levava tunda. Ainda cedinho, aguava as plantas, ia ao corte e logo voltava aos penates. Não ficava mangando na rua nem escapulia do mestre, mesmo que não entendesse patavina da instrução moral e cívica. O verdadeiro *smart* calçava botina de botões para comparecer todo liró ao copo d’água, se bem que no convescote apenas lambiscasse, para evitar flatos. Os bilontras é que eram um precipício, jogando com pau de dois bicos, pelo que carecia muita cautela e caldo de galinha. O melhor era pôr as barbas de molho diante de um treteiro de topete; depois de fintar e engambelar os coiós, e antes que

se pusesse tudo em pratos limpos, ele abria o arco. O diacho eram os filhos da Candinha: quem somava a candongas acabava na rua da amargura, lá encontrando, encafifada, muita gente na embira, que não tinha nem para matar o bicho; por exemplo, o mão-de-defunto.

Bom era ter costas quentes, dar as cartas com a faca e o queijo na mão; melhor ainda, ter uma caixinha de pós de perlimpimpim, pois isso evitava de levar a lata, ficar na pindaíba ou espichar a canela antes que Deus fosse servido. Qualquer um acabava enjerizado se lhe chegavam a urtiga ao nariz, ou se o faziam de gato-sapato. Mas que regalo, receber de graça, no dia-de-reis, um capado! Ganhar vidro de cheiro marca barbante, isso não: a mocinha dava o cavaco. As vezes, sem tirte nem guarte, aparecia um doutor pomada, todo cheio de nove horas; ia-se ver, debaixo de tanta farofa era um doutor de mula ruça, um pé-rapado, que espiga! E a moçoila, que começava a nutrir xodó por ele, que estava mesmo de rabicho, caía das nuvens. Quem queria lá fazer papel pança? Daí se perder as estribeiras por uma tutaméia, um alcaide que o caixeiro nos impingia, dando de pinga um cascão de goiabada.

Em compensação, viver não era sangria desatada, e até o Chico vir de baixo vosmecê podia provar uma abrideira que era o suco, ficando na chuva mesmo com bom tempo. Não sendo pexote, e soltando arame, que vida supimpa a do degas! Macacos me mordam se estou pregando peta. E os tipos que havia: o pau-para-toda-obra, o vira-casaca (este cuspiu no prato em que comera), o testa-de-ferro, o sabe-com-quem-está-falando, o sangue-de-barata, o Dr. Fiado que morreu ontem, o zé-povinho, o biltre, o peralvilho, o salta-pocinhas, o alferes, a polaca, o passador de nota falsa, o mequetrefe, o safardana, o maria-vai-com-as-outras... Depois de mil peripécias, assim ou assado, todo mundo acabava mesmo batendo com o rabo na cerca, ou simplesmente a bota, sem saber como descalçá-la.

Mas até aí morreu o Neves, e não foi no Dia de São Nunca de tarde: foi vítima de pertinaz enfermidade que zombou de todos os recursos da ciência, e acreditam que a família nem sequer botou fumo no chapéu?

Coisas abomináveis

Paulo Mendes Campos

Sem dizer das outras 8.329 coisas abomináveis, das quais não tenho tempo de me lembrar neste instante, eu denuncio na vida moderna os seguintes crimes contra a criatura humana:

Sala de espera de ministério público, de autarquia, de banco, sobretudo quando uma réstia de sol morno e antipático bate em nossa cara; atraso de avião, para reparos no motor, sobretudo quando se está sozinho em aeroporto estrangeiro, com um alto-falante incompreensível em qualquer idioma; trem que atrasa na própria estação de partida, sobretudo da Estrada de Ferro Central do Brasil no primeiro dia de carnaval (isto já me aconteceu, é claro); menino de nariz sujo (menina então nem se fala); gol do América no último minuto contra o Botafogo ou gol do Escurinho de pé direito; preencher aquele formulário hermético e algébrico da Divisão do Imposto de Renda, sobretudo quando não se tem renda, mas vai pagar assim mesmo; a penúltima hora em qualquer viagem e em qualquer tipo de transporte; torneiras secas há mais de três dias (todo carioca contemporâneo tem crédito no Paraíso); verificar que o prato pedido no restaurante está intragável; garçom que fica malcriado quando quer gorjeta além dos 10% já incluídos na conta; uísque ostensivamente falsificado; domingo às seis horas da tarde, sobretudo se há resenha esportiva, mas a televisão está enguiçada; técnico de televisão; anúncio de televisão; Marconi; buscar um registrado no Colis Postaux; desembaraçar bagagem na alfândega; delegacia de polícia, em qualquer circunstância; prostituta sem dentes; falso malandro; falso valente; sujeito falsamente importante; fila de elevador e elevador propriamente dito; bafo de respiração em nossa nuca dentro do elevador; um árabe (dizia Ovalle) vestido a caráter dentro de elevador; enguiço de elevador e a gente lá dentro; moça que não sabe que mulher só pode falar um palavrão por semana; aviso de banco; gerente de banco (o subgerente é pior) quando nos diz com sarcasmo: “Sempre os eternos 10%!”; tinta quando acaba se a gente já está enchendo a promissória (tem de pedir a caneta do gerente emprestada); pobre bajulando rico; rico bajulando pobre; rir com exagero da anedota contada pelo patrão; campainha de telefone de madrugada; esperar um telefonema com ansiedade e, vai atender, é engano; enfarte de pessoa da nossa idade; caixa, quando nos

diz para passar no dia seguinte (no dia seguinte talvez ele nos pague, mas com uma cara enjoadíssima de quem concede um favor excepcional); cachorro latindo em nossas pernas; quintal com papagaio e macaco; discurso em geral, mas, notadamente, os empolados e compridos; cara de falsa modéstia; tratar de papéis para a compra de imóvel; processo na Caixa Econômica; eletrola quando fica biruta; vacina antivariólica; rumores de epidemia de varíola; apartar briga em espanhol; brigar em francês; amar em alemão; ser puxado por alguém para dançar; enjôo de mar (mais forte que amor de mãe, diz Gilberto Amado); jornal largando tinta; pagar a mesma conta duas vezes (o poeta Keats refere-se a isso com uma sacrossanta indignação); acordar com gripe; dor de dente, sobretudo depois de trinta anos; poesia declamada por mulher gorda ou magra demais; chapéu à nossa frente no teatro; jantar perto de pessoa que nos vai devorando as fritas; “quer me dar só uma pontinha de seu bife?”; ser chamado de “bichão” ou “batuta” por pessoa que não tem intimidade conosco; beliscão; o segundo beliscão; *practical jokes*, sobretudo se o idioma é do Texas; topada; agentes de seguros (porque evitam dizer-nos a palavra morte e só pensam nisso); conta de boate, sobretudo quando o cavalheirismo nos obriga a pagar sem checar o roubo; policial empurrando a gente de leve (com força é mais que abominável); batedores de motocicleta, sobretudo no verão, no dia que a gente não tomou banho porque faltou água; os serviços em geral da Companhia Telefônica; a telefonista-chefe do serviço interurbano; demora aproximada de seis horas porque há alguns circuitos com defeito; precisar inadiavelmente de táxi em noite de chuva; esquecer a carteira em casa; perder caderneta de endereços; isqueiro quando acaba o fluido mas há ainda uma tênue esperança; perder dinheiro; achar dinheiro e o dono aparecer na mesma hora; comerciante quando nos aconselha a comprar logo porque vai subir de preço; chimpanzé metido a besta; araponga em tarde de dor-de-cotovelo; serra circular em dia de ressaca; ressaca em dia de serra circular; queda ridícula em via pública; estar com vontade de fumar e nem o motorista do táxi tem fogo; amigo que não compra cigarros para fumar pouco; ser apresentado mais de 13 vezes a uma mesma pessoa; não reconhecer uma pessoa que já nos foi apresentada; pessoa que nos diz “você não se lembra de mim”, e não conta; batida de automóvel na hora do engarrafamento; mão suada; festas juninas; sujeito que adora falar mal língua estrangeira; sujeito que fala bem demais língua estrangeira; mulher feia falando mal de mulher bonita; o abominável homem das neves.

Coisas deleitáveis

Depois de ter publicado uma lista de coisas abomináveis, pediram-me para fazer uma relação de coisas deleitáveis. Pois não:

Coleção de revistas de antes da Primeira Grande Guerra, em feriado chuvoso; cigarro depois do café da manhã, sobretudo de manhã fria, no interior; água de geladeira, às quatro horas da manhã, depois de uma festa; arrancar os sapatos depois do baile; andar descalço em relva úmida; *breakfast* em cama de hotel; cochilar em viagem de automóvel com rádio tocando canções napolitanas; montar cavalo bonito; banho de cachoeira antes do almoço; cachacinha especial depois de banho de cachoeira; banho de mar em manhã de verão na praia de Boa Viagem; grande partida de futebol à noite no Maracanã; dizer baixinho versos de Verlaine em madrugada de romantismo e vaga melancolia; ganhar discos de presente (João!); ganhar uísque de presente; conhecer gente que conheceu Machado de Assis; sombra de árvore; um bom papo em carro-restaurant; dormir cansado; viagem de segunda classe em transatlântico de luxo; lago de água límpida; andar de canoa em rio grande; acertar um sem-pulo de canhota; acertar tiro ao alvo, sobretudo garrafa; jogar novela de Conrad no mar; música de João Sebastião quando a manhã é infinita; canivete alemão; aroma de madeira; passarinho colorido quando pousa perto da gente; oferecer bebida a uma senhora de idade e ela aceitar com prazer; octogenário lúcido e lépido; casa na qual morou quem admiramos muito; tulipas e narcisos à beira do Avon; batucada bem batida; batida bem batucada; flamenco bem dançado; comida chinesa; salto acrobático que pode causar a morte do artista; *crawl* com estilo; time de basquetebol americano; passe de Didi; gol de Pelé; drible de Garrincha; lembrar os grandes craques argentinos do passado; rasgar papéis inúteis; copiar caderneta de telefones; dinheiro que não se esperava; dinheiro quando é mais do que se esperava; fisgar um peixe; ver Raimundo Nogueira diante duma travessa de caranguejos; cartomante ou palmista quando acerta alguma coisa; geladeira nova, sobretudo a primeira; mudar para apartamento maior; andar de bailarina; roupa de palhaço de circo; o olhar superior do tigre; vento de montanha; tomar ponche de rum nos Alpes; canja de galinha dum restaurante subterrâneo que existe em Hamburgo; catedral gótica; igrejas barrocas de Ouro Preto; o adro da igreja de São Francisco de Assis, em São João dei Rei; jabuticaba de Sabará; ar refrigerado; lareira em terra fria; milho cozido; bateria de cozinha novinha em folha; trazer para casa um queijo enorme; dar boneca para menina pobre; menino preto tomando sorvete; comer mexido à meia-noite; desembarcar de avião; álbum de pintura, sobretudo Paul Klee; brincar com argila; sol da manhã no inverno; foto em que a gente fica mais bonito do que é; máquina de escrever, nova; lenço de linho; atlas; mapas antigos; passear de jangada; telefonar para outro país; descobrir, quando o

cigarro acaba, que a gente ainda tem um cachimbo e uma lata de fumo; a palavra *cognac*, aprender o que é *Weltanschauung* aos 20 anos; xícara de porcelana; taça de cristal fino; facão de cozinha bem amolado; aprender que faca de pão é o instrumento ideal para descascar abacaxi; paradoxo de Bernard Shaw; cesta de cajus do Nordeste; hortalças frescas em cima do mármore; aquele coelho de relógio em *Alice no País das Maravilhas*; lembrar de repente um episódio da infância; mãe; ser cumprimentado com intimidade pelo ministro da Guerra; passagem de graça para a Europa; achar dinheiro; ilha fluvial coberta de vegetação; piracema; baleia; balança de farmácia; adega de vinho; comer pão saído do forno; brincar de cozinhar; matar aula; votar bem cedinho e ter o dia todo para não se fazer nada; pensar na confusão que havia em Jerusalém no tempo de Cristo; “sua pressão está ótima”; “no fígado o senhor não tem nada”; “assine o recibo nesta linha”; bisbilhotar biblioteca dos outros; discos dos velhos tempos; varanda de fazenda; pátio espanhol; cisterna; água nascente; a Floresta Negra; montanha-russa; *water-shoot*, apanhar com a mão a laranja que nos lançaram de longe; notar de repente que uma pessoa muito feia tem uma voz muito bonita; retirar o gesso; ducha escocesa; demonstrar teorema de geometria; mata de pinheiros; álamo; conversar com um velhinho que só entende de árvores; rever *Luzes da cidade*, o andar de Michèle Morgan; o sorriso de Ingrid Bergman; a feiura de Katharine Hepburn; encher o filtro com batida de limão em dia de feijoada; ser apresentado a um rio famoso; ver uma raposa na estrada; flores; frevo; escola de samba; aquarela de criança; bola de couro nova; ganhar uma bola de borracha maciça na aula de catecismo; a vida de São Francisco; claustro; caixa de ferramentas; janela para o mar; luvas de inverno; ter em casa uma poltrona de humorista inglês; espelho do século passado; quadro de Braque e de Morandi; motorista de táxi gentil; médico beerrão; crescimento de árvore plantada por nós; descobrir semelhança entre pessoas e objetos (por exemplo, entre uma lâmpada guarnecida por uma armação de ferro e o pai de Hamlet); o Rio visto de avião; uma porção de cinzeiros; uma porção de pentes; cheiro de capim; livro antigo; fotografia antiga; descobrir uma frase que nos revele; colega de boa memória, recordando coisas do colégio; gente engraçada; gente que sabe imitar os outros; esquilo roendo avelã; Tarzã, o filho das selvas; Sherlock Holmes; mocinho que não erra tiro; o *Blue Boy* aos 17 anos; o *Coração de De Amicis* aos 14; Papini aos 18; o *Jeca Tatu* aos 7; *Gulliver e Robinson Crusoe* em edições juvenis aos 13; *Pinóquio* em qualquer idade; ver marceneiro trabalhar; fogueira na praia, à noite; dormir em barraca; estar vivo; descobrir que viver é de graça; poder falar a verdade; os momentos que precedem o jantar em casa de amigos; chegar em casa depois de viagem; ficar de *sbort* o dia inteiro; coceira de bicho-de-pé; ler na cama; casaco de camurça;

ver jogo de futebol, na televisão, deitado; o primeiro contato com Pepino, o Breve; Luís Lopes Coelho; fazer a própria lista de coisas deleitáveis.

Flor de obsessão

Nelson Rodrigues

De vez em quando, alguém me chama de “flor de obsessão”. Não protesto, e explico: — não faço nenhum mistério dos meus defeitos. Eu os tenho e os prezo (estou usando os pronomes como o Otto Lara Resende na sua fase lisboeta). Sou um obsessivo. E, aliás, que seria de mim, que seria de nós, se não fossem três ou quatro ideias fixas? Repito: — não há santo, herói, gênio ou pulha sem ideias fixas.

Só os imbecis não as têm. Não sei por que estou dizendo isso. Ah, já sei. É o seguinte: — recebo a carta de uma leitora. Leio e releio e sinto a irritação feminina. E, justamente, a leitora me atribui a ideia fixa do “umbigo”. Em seguida, acrescenta: — “Isso é mórbido ou o senhor não desconfia que isso é mórbido?”. Corretíssima a observação. Realmente, jamais neguei a cota de morbidez que Deus me deu.

A minha morbidez. Ela me persegue e, repito, ela me atropela desde os três anos de idade. Eu ainda usava camisinha de pagão acima do umbigo. E, um dia, na rua Alegre, apareceram quatro cegos e um guia. Juntaram-se na esquina, na calçada da farmácia, e tocaram violino. Três anos. Quando os cegos partiram, caí de cama. Debaixo dos lençóis, tiritava de tristeza, como de malária. A partir de então, sou um fascinado pelos cegos.

Ainda na infância, eu fechava os olhos e, dentro de minhas próprias trevas, me imaginava cego. Claro que tudo isso é morbidez. Eis o que eu queria dizer à minha leitora: — infelizmente, não tenho nem a saúde física, nem a saúde mental de uma vaca premiada. Na sua irritação, ela continua:

— “Bem se vê que o senhor é um velho.” E, de fato, sou tão velho quanto o Antônio Houaiss.

Por coincidência, almocei, ontem, com o já referido Antônio Houaiss, o Francisco Pedro do Coutto e o José Lino Grünewald. (Vejam como Grünewald é um nome naval, sim, o nome de um primeiro-tenente morto no afundamento do *Bismarck*.) Durante o almoço, o Antônio Houaiss batia na tecla fatal: — “A minha geração é a do Nelson.” E dizia ao José Lino e ao Coutto: — “Vocês que são brotos.” E, pouco a pouco, eu e o próprio Houaiss íamos ficando lívidos de idade, amarelos de velhice, espectrais como a

primeira batalha do Marne ou como o fuzilamento de Mata-Hari.

Depois do almoço, volto para a redação e vejo a carta da leitora. Lá está a mesma e crudelíssima acusação de velhice. Cabe então a pergunta: — e por que me chama de velho? Resposta: — porque ainda me impressionam os umbigos do biquíni, do sarongue, dos bailes. E, sem querer, a leitora toca num dos mistérios mais patéticos da nossa época. Os jovens não estão interessados na nudez feminina. Essa rapaziada dourada de sol, esses latagões plásticos, elásticos, solidamente belos como havaianos não desejam como as gerações anteriores. Só os velhos é que ainda se voltam, na rua, ou na praia, para ver as belas formas. Quem o diz é a leitora.

Mas o melhor está do meio para o fim. De repente, percebo a origem da carta e da irritação. A leitora defendia alguém. Eis o caso: — no baile do Municipal, irrompeu um umbigo especialíssimo. Uma lindíssima senhora, e, se não me engano, embaixatriz, foi fotografada, televisada de sarongue. Mais tarde, os jornais e as revistas falavam do umbigo diplomático. A imprensa rendia suas homenagens à beleza. Mas a leitora via, nas fotografias e legendas, uma inconfidência visual, quase um ultraje. Parece-lhe que não estamos longe do jornalismo de escândalo ou, para usar a cor exata, marrom.

Vejam vocês como os papéis se invertem. Já a televisão foi chamada de obscena, porque pôs no vídeo a nudez coletiva, geral, ululante. Eis o que me pergunto: — queriam o quê? Que as câmaras e os microfones vestissem os nus, calafetassem os umbigos, enfiassem espartilhos nos quadris? Ao mesmo tempo, o *Jornal do Brasil* deitou um judicioso editorial afirmando que, depois da praia, a nudez perdera todo o mistério e todo o suspense. Era assim no Brasil e em todo o mundo. Portanto, segundo o velho órgão não há nada que objetar ao impudor eugênico, salubérrimo e “pra frente” da praia. E, todavia, o mesmo *Jornal do Brasil* e no mesmo editorial condena a televisão que devia ter tapado os quadris, umbigos, etc., etc.

Do mesmo modo, o caso da leitora e da embaixatriz. Que uma bela senhora ponha um sarongue assim e vá ao baile é um fato intranscendente, normalíssimo. Mas, se um cronista deixa escapar uma referência ao umbigo do Itamaraty, vem o mundo abaixo. E por que, meu Deus do céu? I moral é a televisão e não os nus frenéticos que vinham posar para as câmaras. Antigamente, havia, em torno de um beijo, todo um sigilo, toda uma solidão. Lembro-me de uns namorados, na minha infância, que iam para debaixo da escada. E, nos bailes recentes, os casais caçavam as câmaras e iam beijar para milhões de telespectadores.

Seja como for, algo restou do último Carnaval. Refiro-me aos nus

arrependidos. Na própria quarta-feira de Cinzas, cruzei, ao chegar em casa, com uma menina da vizinhança. Fora, nos quatro dias, um dos umbigos mais insistentes da televisão. Em qualquer canal, lá estava ele. E, no entanto, enterrado o Carnaval, eu via a menina passar, rente à parede, de cabeça baixa, na sua vergonha tardia e crispada.

A minha leitora, que assume a irada defesa da embaixatriz, também é outro nu arrependido. Diz, a folhas tantas: — “Eu também brinquei no Carnaval.” E levando mais longe a sinceridade, confessa: — “Vesti o meu sarongue e não me arrependo.” Mentira. Está arrependida, e insisto: — é um dos nus arrependidos da cidade.

É linda, embora inútil, essa vergonha póstuma. Também as famílias estão horrorizadas com o nudismo carnavalesco. Fui a um jantar e lá as senhoras diziam: — “Não eram meninas de família. Eram aventureiras.” Perdão: vamos dizer a casta e singela verdade: — os nus saíam dos lares. Já escrevi isto e repito, porque é meio vil trapacear com o nosso próprio impudor. Se a cidade se despiu, deve ter o nobilíssimo cinismo de o proclamar.

Mas vamos crer que não houve nus em lugar nenhum. Não adianta. Para nós não há saída. Por que ter pudor no Carnaval e não na praia? Aí está o biquíni, que é a forma mais desesperada da nudez. Como é triste o nu que ninguém pediu, que ninguém quer ver, que não espanta ninguém. O biquíni vai comprar grapete e o crioulo da carrocinha tem o maior tédio visual pela plástica nada misteriosa. E aí começa a expiação da nudez sem amor: — a inconsolável solidão da mulher.

Notas de um ignorante

Millôr Fernandes

Entre as coisas que me surpreendem e humilham figura esta, fundamental, que é a cultura de meus amigos e conhecidos. Não só a cultura no sentido clássico, mas também o conhecimento imediato das coisas e fatos que lhes estão sob os olhos no dia-a-dia da existência. Quem está a meu lado sempre leu mais livros do que eu, conhece mais política do que eu, já esteve em mais países do que eu, já teve mais casos sentimentais do que eu, estudou mais do que eu, praticou e pratica mais esportes. Paro e me pergunto que fiz dos meus anos de vida. Já fui atropelado e sofri alguns acidentes, como explosão, queda e afogamento. Mas entre os acidentados não estou na primeira fila. Tenho vários amigos que já caíram de avião, outros de cavalo, alguns sofreram pavorosos desastres de automóveis, um esteve preso num armário enquanto uma casa (não a dele, é claro!) se incendiava, outro ajudou a salvar o navio *Madalena* em meio a tremendas ondas que ameaçavam arrebentar sua lancha a todo momento. Que fiz eu de minha vida? Em matéria de cultura encontro imediatamente quinhentas pessoas, só entre as que conheço, que sabem mais línguas do que eu, leram mais, falam melhor e mais logicamente, conhecem mais de teatro e citam com precisão escolas filosóficas, afirmando que tal pensamento pertence a esta e contradiz aquela. Que fiz eu? De esportes ignoro tudo, não sei sequer contar os pontos de vôlei, só assisti até hoje a uma partida de polo, nunca joguei futebol e quando vou ver os jogos desse esporte, só consigo reconhecer os jogadores mais famosos. Esqueço o nome de todos, e no domingo seguinte já não sei mais o score da partida a que assisto neste. Nado mal, corro pedras, jamais consegui me levantar num esqui aquático, não guio lancha, joguei golfe uma vez, tênis seis meses, não entendo de velejar (o que já me causou uma grande humilhação diante de esportivíssimas americanas de quinze anos que me conduziram num passeio lá na terra delas), e, em matéria de mares, nunca lhes sei os ventos e fico parvo com o senso de direção de muitos e muitos de meus amigos que jamais supus tomassem nada de brisas e tufões. Guio, mas o motor de meu carro é para mim um mistério indevassável. Sei apenas abrir o capô e contemplar a máquina, atitude metafísica que até hoje não pôs carro algum em marcha.

Seria eu então um homem dedicado à cultura propriamente dita, aos

livros, ao estudo, ao amor da leitura e do pensamento? Não, pois meu pensamento é confuso e minha leitura parca. Conheço homens, dos que não vivem de escrever, que pensam muito melhor do que eu e leram muito mais, sem contar os especialistas, que conhecem livro pelo cheiro.

Entre os que viajam também não sou dos que tenham viajado mais. Com o agravante de que nunca sei bem onde estou, não conheço a distância que vai de Roma a Paris, nem sei se Marselha está ao Sul ou ao Norte da Itália. Fico boquiaberto quando vejo amigos meus apontarem estátuas e falarem sobre os personagens que elas representam com uma facilidade com que falaria de si próprios. Mesmo o conhecimento de nomes, pessoas e fatos adquirido em viagens eu o esqueço em três semanas. Mas não adianta o leitor querer me consolar, dizendo que talvez eu seja um bonvivã, porque nunca o fui dos maiores, tendo minha vida sido conduzida sempre numa certa disciplina, necessária a quem veio de muito longe. Onde o amigo poderá concluir então que eu sou um trabalhador infatigável, um esforçado, um denodado. E isso também não é verdade porque, com raras exceções, nunca trabalhei demasiadamente e cada vez procuro trabalhar menos, numa conquista ao mesmo tempo prática e filosófica. Bebo? Bebo mal e ocasionalmente. Não sei quando a bebida é boa ou falsificada. Não sei o nome dos vinhos mais triviais e sempre me esqueço qual é o restaurante em que eles fazem um prato que certa vez adorei. Por mais jantares a que tenha ido e por melhores alguns lugares que tenha frequentado, devo sempre esperar que alguém se sirva na minha frente para não pegar o talher errado e o copo idem. Além do que não como muito, nem tenho nenhuma particular predileção por comer. Gosto então da vida calma, sou um praticante da meditação e do ioga? Nunca dos que mais o são. Por outro lado a extrema agitação também não me é familiar.

Que fiz de minha vida? Quando há um acidente de rua, vem-me o pavor de tomar partido, pois nunca tenho realmente a convicção do lado certo. Se fala o mais poderoso eu sou inclinado a ficar de seu lado por uma tendência a defender os que hoje são mais comumente acusados de todos os males, vítimas do tempo. Se fala o mais humilde sinto-me inclinado a defendê-lo por um ancestralismo que me faz seu irmão, por ideias arraigadas que fazem com que todo homem queira lutar instintivamente pelo mais fraco. Por quê? Não sei. Sou bom de guardar nomes, caras, datas? Já disse que não. Sempre esqueço o nome dos conhecidos e troco o dos amigos mais íntimos num fenômeno parifásico que só a loucura mesma explicaria ou então a bobeira nata que Deus me deu. E política meu conhecimento chega ao máximo de saber que o Sr. Plínio Salgado pertence ao PRP, o Brigadeiro à UDN e Jango ao PTB e creio que há alguns outros partidos também. Mas mesmo essas

convicções não são inabaláveis e, se alguém me pegar desprevenido e fizer dessas letras e nomes outras combinações, lá vou eu a aceitá-las, embrulhado e tonto, até que outro interlocutor crie para mim novas combinações e novas confusões.

Mas peguem um puro e simples crime e eu nunca sei quem matou a empregada e em meu peito jamais se chegou a criar uma suspeita sólida a respeito do poeta de Minas. Isso aliás é o máximo a que vou — sei que houve um crime em Minas Gerais, alguém matou alguém. O morto não está na lista de minhas lembranças, não sei de quem se trata. Sei que o indiciado assassino é um poeta, vi sua cara barbada e meio calva em muitos jornais e revistas. Mas meus conhecidos sabem tudo. As mulheres de meus conhecidos então nem se fala. Que fiz eu de minha vida? — me pergunto de novo, honestamente, com a surpresa e a amargura com que o Senhor perguntava: “Caim, que fizeste de teu irmão?” Pois boêmio não sou, embora tenha gasto milhares de noites solto pelas ruas. Mas os boêmios me consideram um arrivista da boêmia assim como os homens cultos me consideram um marginal da cultura. E os esportistas a mesma coisa com relação aos parques esportes que pratico. Todos com carradas de razão.

E nem a maior parte do meu tempo foi gasta em conquistas amorosas, pois nesse terreno o Porfírio Rubirosa, se me conhecesse, me olharia com o mesmo desprezo com que me olham conhecidos galãs nacionais.

Dessa mente confusa, dessa existência confusa, dessas mal-traçadas-linhas de viver creio que só resta mesmo uma conclusão a que durante anos e anos me recusei por orgulho e vergonha — sou, por natureza e formação, um humorista.

Crônica social

Clarice Lispector

Era um almoço de senhoras. Não só a anfitriã como cada convidada parecia estar satisfeita por tudo estar saindo bem. Como se houvesse sempre o perigo de subitamente revelar-se que aquela realidade de garçons mudos, de flores e de elegância estava um pouco acima delas — não por condição social, apenas isso: acima delas. Talvez *acima* do fato de serem simplesmente mulheres e não apenas senhoras. Se todas tinham direito a esse ambiente, pareciam no entanto recluir o momento da gafe. Gafe é a hora em que certa realidade se revela.

O almoço estava bem servido, inteiramente longe da ideia de cozinha: antes da chegada das convidadas haviam sido retirados todos os andaimes.

O que não impediu que cada uma tivesse que perdoar um pequeno detalhe, a bem dessa entidade: o almoço. O detalhe a perdoar de certa senhora é que o garçon, cada vez que servia a sua vizinha, tocava ligeiramente no seu penteado, o que lhe dava um desses sobressaltos que pressagiam catástrofe. Havia dois garçons. O que servia esta senhora ficou-lhe invisível o tempo todo. E não se acredita que ele tivesse visto o rosto dessa senhora. Sem a possibilidade de se conhecerem jamais, suas relações se estabeleciam através de periódicos toques no penteado. E ele sentia. Através do penteado sentia-se aos poucos odiado e ele mesmo começou a sentir cólera.

Supõe-se que cada conviva teve sua pequena veia de sangue no meio do grande almoço. Cada uma deve ter tido, por um momento ao menos, esse aviso urgente e pungente de um penteado que pode desabar — precipitando o almoço em desastre.

A anfitriã usava de uma ligeira autoridade que não lhe ficava mal. Às vezes, porém, esquecia que a observavam e tomava expressões um pouco surpreendentes. Como seja, um ar de cansaço excitado e de decepção. Ou então como em certo momento — que pensamento vago e angustiado passou-lhe pela cabeça? — olhou inteiramente ausente a vizinha da direita que lhe falava. A vizinha lhe disse: “A paisagem lá é soberba!” E a anfitriã, com um tom de ânsia, sonho e doçura, respondeu pressurosa:

— Pois é... é mesmo... não é?

Quem dentre todas aproveitou melhor foi a senhora X, convidada de honra que, sempre convidadíssima por todos, já reduzira o almoço a apenas almoçar. Entre gestos delicados e grande tranquilidade, devorou com prazer o cardápio francês — mergulhava a colher na boca, e depois olhava-a com muita curiosidade, resquícios da infância.

Mas em todas as outras convidadas, uma naturalidade fingida. Quem sabe, se fingissem menos naturalidade ficassem mais naturais. Ninguém ousaria. Cada uma tinha um pouco de medo de si própria, como se se achasse capaz das maiores grosserias mal se abandonasse um pouco. Não: o compromisso fora o de tornar o almoço perfeito.

E nem havia como se abandonar, a menos que fosse admitido o ocasional silêncio. O que seria impossível. Mal um assunto vinha por acaso e natural, era truculentamente que todas lhe caíam em cima, prolongando-o até às reticências. Como todas o exploravam no mesmo sentido — pois todas estavam a par das mesmas coisas — e como não ocorreria uma divergência de opinião, cada assunto era de novo uma possibilidade de silêncio.

A senhora Z, grande, sadia, com flores no corpete, 50 anos, recém-casada. Tinha o riso fácil e emocionado de quem casou tarde. Todas pareciam em cumplicidade achá-la ridícula. O que aliviava um pouco a tensão. Mas ela era um pouco claramente ridícula demais, não devia ser essa a sua chave — se a nossa vizinha do lado nos desse tempo de procurar qualquer chave que fosse. Não dava tempo: falava.

O pior é que uma das convidadas só falava francês. O que fazia com que a senhora Y estivesse em dificuldades. A desforra vinha quando a estrangeira dizia uma daquelas frases que, como resposta, podem ser exatamente repetidas, apenas com uma mudança de entonação. “*Il n ’estpas mal*”, dizia a estrangeira. Então a senhora Y, segura de que estaria falando certo, repetia enfim a frase, bem alto, cheia de espanto e do prazer de quem pensou e descobriu: “*Ah, il n’est pas mal, il n’est pas mal.*” Pois, como disse outra convidada sem ser estrangeira e a propósito de outra coisa: “*C’est le ton qui fait la chanson.*”

Quanto à senhora K, vestida de cinza, estava sempre disposta a ouvir e a responder. Sentia-se bem em ser um pouco apagada. Descobrira que sua melhor arma era a da discrição e usava-a com certa abundância. “Desse modo de ser que arranjei ninguém me tira”, diziam seus olhos sorridentes e maternais. Arranjara mesmo sinais para a sua discrição, como a história dos espões que usavam distintivos de espões. Assim, vestia-se claramente com roupas chamadas discretas. Suas joias eram francamente discretas. Aliás, as

discretas formam uma corporação. Elas se reconhecem a um olhar, e, louvando uma a outra, louvam-se ao mesmo tempo.

A conversa começou sobre cachorros. A conversa final, na hora do licor, não se sabe por que tendência ao círculo perfeito, tratou de cachorros. A doce anfitriã tinha um cão chamado José. O que nenhuma da corporação das discretas faria. O cachorro delas se chamaria Rex, e, ainda assim, em algum momento discreto, elas diriam: “Foi meu filho quem deu o nome.” Na corporação das discretas usa-se muito falar dos filhos como de adoráveis tiranos das casas. “Meu filho acha este meu vestido horrível.” “Minha filha comprou entradas para o concerto mas acho que não vou, ela vai com o pai.” De um modo geral uma dama pertencente à corporação das discretas é convidada por causa de seu marido, homem de altos negócios, ou de seu falecido pai, provavelmente jurista de nome.

Levantam-se da mesa. As que dobram ligeiramente o guardanapo antes de se erguer é porque assim foram ensinadas. As que o deixam negligentemente largado têm uma teoria sobre deixar guardanapo negligentemente largado.

O café suaviza um pouco a copiosa e fina refeição, mas o licor mistura-se aos vinhos anteriores, dando uma vaguidão arfante às convidadas. Quem fuma, fuma; quem não fuma, não fuma. Todas fumam. A anfitriã sorri, sorri, cansada. Todas enfim se despedem. Com o resto da tarde estragada. Umas voltam para a casa com a tarde partida. Outras aproveitam o fato de já estarem vestidas para fazer alguma visita. Só Deus sabe, se não de pêsames. Terra é terra, come-se, morre-se.

De um modo geral o almoço foi perfeito. Será preciso retribuir em breve. Não.

Como conquistei a Violeteira

José Carlos Oliveira

Há casos que só acontecem comigo. Até parecem mentiras. Na primeira vez que vi um *striptease*, por exemplo, a estrela do espetáculo se apaixonou por mim. Isto aconteceu há quatro ou cinco anos, e desde então me vem freqüentemente a tentação de contar como foi, mas não o faço porque ninguém talvez acreditaria. Estava eu zanzando pela noite e acabei atracando numa boate especializada em *striptease*. Esse gênero de espetáculos não me interessava de modo algum, pois conheço lugares bem mais apropriados para a contemplação de mulheres nuas, mas na época ninguém falava em outra coisa. Todo mundo que vinha de Paris descrevia os fabulosos *stripteases* que lá são vistos; e já que a moda pegara também no Rio, fazendo o sucesso de três ou quatro boates, também fui ver. Tive a sorte de ocupar a mesa mais próxima da pista. Comecei a bebericar o uísque de praxe e a comer amendoim, e então o *show* começou.

Luzes. Música: *La Violetera*. Surge na pista a estrela, cujo nome é Não-Sei-o-Quê Soraya. (Grace Soraya, talvez; ou Brigitte Soraya; não me lembro mais.) Imensa mulher, mas com o corpo todo oculto num manto roxo e a cabeça escondida sob extravagante chapéu da mesma cor. Põe-se ela a dançar, tendo na mão uma cesta com violetas. Tira primeiro as luvas que lhe cobrem totalmente os braços e as deixa cair no chão. Todos os gestos são cadenciados por esses movimentos coleantes que alguns basbaques consideram o máximo em sensualidade. Finalmente, Soraya arranca o chapéu, num gesto brusco e calculado, e contempla os espectadores, um por um, nos olhos. Sua expressão é um convite à lascívia. Ela ainda não olhou para mim, porque sou quem está mais perto dela, faltando perspectiva no momento. Mas quando olha... Ah! Tinha esquecido de dizer que sou irresistível! Ela não consegue mais despregar os olhos de mim. Sorri, pisca maliciosamente, aproxima-se e esvazia a cesta em minha cabeça. Recebo, imperturbável, aquela chuva de violetas. Percebo que os demais espectadores estão também olhando para mim. Devem estar com inveja. Azar deles. Não é culpa minha se neste recinto só eu possuo charme e tenho feitiços capazes de hipnotizar uma mulher.

Enquanto isso, Soraya se despe. Após livrar-se de uma das meias, lançou-a na minha mesa. Tira a outra meia e novamente é a minha mesa quem a

recebe. Tudo o mais que cobre o seu opulento edifício acaba amarfanhado em cima da minha mesa. Imperturbável, prossigo bebericando o uísque e contemplo o corpo desnudo com ar de conhecedor. No fim, aplaudida por todos, ela se retira em apoteose, não sem antes piscar outra vez na minha direção, balançando levemente a cabeça em sinal de adeusinho. A boate ficará tranqüila até o próximo *show*. Quanto a mim, daqui a pouco a minha querida virá sentar-se à minha mesa...

Soraya vem. Veste-se agora como qualquer mulher do seu meio: as carnes explodem por todos os lados do vestido de veludo colante. Não sendo o meu tipo, não deixa de ser uma bela mulher; e acontece que hoje estou muito eclético. Ela se aproxima rapidamente, luminosa, sorrindo e já lançando a mão direita para que eu a beije. Levanto-me, beijo-lhe a mão, ela se inclina para beijar-me no rosto...

— Un momento... Pero... Usted no es usted!

Como assim? Eu não sou eu? Terei mudado de personalidade tão rapidamente? O fato é que a minha Soraya solta um gritinho de dolorida decepção e corre para os fundos da boate. Enfim... Não se deve especular demais sobre a sensatez das mulheres. Nenhuma delas regula bem. Sem demonstrar perturbação, continuo bebendo o meu uísque. As violetas na mesa sugerem agora o luxuoso enterro dalguma paixão...

Mais tarde surge na boate uma figura imprevista: meu amigo Raimundo, jornalista radicado em Brasília desde a fundação da cidade, e excelente praça. Sei que de vez em quando ele vem ao Rio e volta carregado de mulheres, todas sucumbidas ao seu encanto quieto. Mas não digo nada; não tenho nada com isso. Convido-o a sentar-se comigo, o que é feito. Ele fala pouco e eu, preferindo sempre o convívio silencioso, não menciono o incidente Soraya. Cinco minutos depois, *la Violetera* reaparece, outra vez luminosa, e se dirige à minha mesa. Quem entende as mulheres? Vai começar tudo outra vez... O Raimundo saberá que outra pessoa, além dele, costuma endoidecer as damas. Vem, Soraya!

Mas não. Quem se levanta agora é Raimundo. Ele a beija, ela lhe faz carícias no cabelo... E apontando para mim: “Pero es como se fuera tu hermano!”

Meus amigos, a venezuelana estava gamada pelo Raimundo, e este último é um sósia perfeito deste vosso criado. Durante anos trabalhamos juntos na imprensa carioca e nunca havíamos reparado na semelhança mútua.

Para encurtar a conversa, lá se foi ele com a Soraya. Mas me consolei,

pensando que éramos de tal modo gêmeos que, de certo modo, eu também estava indo para a intimidade das violeteiras.

Viúva inconsolável

Nelson Rodrigues

Ela fez questão que a missa de sétimo dia fosse a melhor possível. Andou perguntando:

— Pode ser dez coroinhas? Pode?

Disseram:

— Até mais!

E ela, no seu desvario de viúva:

— Até mais? — de mãos postas, balbuciou: — Então, quero mais. Mais de dez, ouviu, papai? Mais de dez!

O pai disse que sim, que estava bem. E vamos e venhamos: quem podia discutir, argumentar com uma mulher que acabava de perder seu marido? Nas costas da filha, porém, o velho conversou com os demais parentes. De lápis na mão, ia escrevendo: três padres, dez coroinhas, música, luminárias etc., etc. Os outros faziam sinais de aprovação com a cabeça. Dr. Novais indaga:

— Basta, não basta?

Admitiram:

— Para que mais? Já é muito!

Na data marcada, houve a missa de sétimo dia, em intenção de Fernando Gomes Campeio, marido de Mora, filha do Dr. Novais. A própria Mora, por entre as lágrimas da viuvez, contou, um por um, os três padres, um por um, os dez coroinhas. Guardou, da cerimônia, uma lembrança de cantos, de círios e de anjos. E mais tarde, já de volta com o pai, este perguntou:

— Não foi um missão, milha filha? Uma big missa?

A dor

Estava casada com o Campeio há 15 anos. Quinze! E quando foi ver, no

necrotério, o corpo do marido atropelado e morto na Presidente Vargas, fartava-se de repetir, na sua alucinação: “Duvido que tenha havido um marido melhor que o meu, duvido!” Até o momento de sair o enterro, não fez outra coisa senão contar passagens da sua vida matrimonial, inclusive algumas bem íntimas. Segundo ela, a vida do casal era uma lua-de-mel sem fim; tinham, 15 anos depois, arrebatamentos de uma primeira noite. Essas expansões, diante de um morto, causavam bastante mal-estar. Parentes de um lado e de outro ponderaram, em voz baixa. “Ninguém precisa saber!” Ela desprendeu-se, num repelão de louca: “Precisa, sim! Precisa!” Referiu que, ainda de manhã, ao sair pela última vez, Campeio a beijara na boca, como fazia sempre. Mora sublinhava: “E que beijo!” Houve um momento em que se dirigiu ao próprio cadáver:

— Não é verdade, meu anjo? Não é verdade que vivemos um só para o outro? Não é verdade que tu nunca me traíste?

Parecia esperar uma resposta, uma confirmação do morto, que estava com a cabeça enrolada em gazes ensangüentadas e com os olhos pavorosamente abertos. Tiveram que agarrá-la, arrastá-la aos apelos de:

— Não faça isso, D. Mora! Calma, calma!

Obsessão

Enfim, passaram aqueles momentos terríveis. Veio, depois, a missa do sétimo dia, com a pompa que a viúva exigiu. Na volta da igreja, o Dr. Novais achou que devia ter uma conversa com a filha. Chamou-a para o gabinete e, lá, trancaram-se. Ele, em pé; ela, sentada, no seu luto severo e inconsolável. O velho pigarreia:

— Bem, minha filha — começou — até agora eu não disse, não falei nada, porque, enfim, acho certas manifestações normais, legítimas. Mas tudo tem um limite, meu anjo.

Interrompeu, assoando-se:

— Que limite, meu pai?

Dr. Novais atrapalhou-se:

— Minha filha, em primeiro lugar você tem que aceitar o fato consumado. O seu marido morreu e, infelizmente, não há nada a fazer. Afinal de contas, você não morreu para o mundo.

Mora ergueu o rosto:

— Morri, meu pai. Estou morta, compreendeu? Morta!...

Era demais. Dr. Novais impacientou-se:

— Ora, milha filha, ora! E seus filhos? Você se esquece que é mãe? Esquece que é, sobretudo, mãe? Esquece que tem dois filhos?

Quis comovê-la com a evocação dos filhos, um menino e uma menina. Mora ergueu-se:

— Eu sempre coloquei meu marido acima do senhor, de mamãe, de tudo. Inclusive dos meus filhos. Não me mato, meu pai, porque as mortas não choram e eu preciso chorar meu marido. Só me interessa a memória do meu marido, só!

Dr. Novais saiu, dali, apavorado.

A grande viúva

Mora fez um apelo geral à família: “Tomem conta dos meus filhos.” Anunciou que jamais tiraria o luto. E a partir de então desinteressou-se de tudo e de todos para viver em função de um túmulo. Queria ser a viúva eterna, irreduzível. Nos primeiros vinte dias, Dr. Novais cultivava uma esperança: de que o tempo apaziguasse aquela dor obstinada e fanática. Esfregava as mãos piscando para os familiares:

— O tempo é um grande remédio. Vamos dar tempo ao tempo.

Depois começou a verificar que os dias, as semanas, os meses se escoavam, em vão. Nada mudava nos modos, sentimentos e ideias de Mora. Espalhara retratos do finado por toda a casa, da cozinha ao banheiro. Não se abria uma gaveta que não se descobrisse, lá, uma ou mais fotografias de Campeio. Numa irritação meio jocosa, Dr. Novais abria os braços: “Não sei como não há retrato, também, no galinheiro.” E, um dia, foi pior: surpreendeu a filha conversando com os sapatos do Campeio. Com um máximo de tato, o velho quis chamá-la à ordem:

— Mas o que é isso, minha filha? Você não vê que é uma loucura?

Mora reagiu:

— Não se meta, papai! Eu sei o que estou fazendo! E não tenho nenhum medo da loucura!

Dr. Novais não disse nada. Mas viu que aquilo, mais que uma extravagância, era um sintoma. Foi soprar para a mulher: “Está doente! Isso é doença, no duro!” Andando de um lado para outro, esbravejava:

— As outras viúvas sofrem 48 horas e olhe lá! Será que esse negócio de amor eterno existe mesmo? E batata?

O cemitério

O marido estava enterrado há quatro meses. Pois bem. Jamais a viúva falhara um dia, que fosse, na sua fidelidade ao túmulo do bem-amado. Comparecia ela, no seu luto fechado. Chorava as mesmas lágrimas, rezava as mesmas orações e conversava horas com a sepultura. E era óbvio que um túmulo era seu grande ou, por outra, seu único interesse vital. Não tomava conhecimento dos filhos, nem de ninguém. Com a família, as amigas, limitava-se a falar do esposo e a rememorar os seus momentos de amor. Uma das amigas arriscou a pergunta: “Será que ele merecia tanto?” Mora respondeu, com uma certeza fanática:

— Ele merecia. Fernando merecia. Nunca me traiu! E te digo mais; eu acho que sou a única mulher que não foi jamais traída!

Então, a outra, depois de vencer um escrúpulo, aventura, novamente: “Esse negócio de fidelidade é muito relativo!” Mora virou-se, chocada: “Por quê?” E a outra, vaga: “Nunca se sabe!” Mora levantou-se, insultada:

— Nunca se sabe, uma ova! Eu sei! Ponho a minha mão no fogo! Ou tu achas que eu ia chorar essas lágrimas todas por um sujeito que me tivesse traído? Não, senhora! Em absoluto!

Pouco a pouco, a família foi-se deixando tocar pela força daquele amor. Houve quem dissesse: “Ser fiel a um marido vivo não é vantagem. Bonito é a fidelidade ao que morreu.” Por último, Dr. Novais parecia envaidecido do comportamento de Mora. Dizia a um e outro:

— Isso não é doença, não. É amor no duro. Amor eterno.

Parecia-lhe uma honra, para a família, que a filha fosse uma viúva singular, inconfundível, não parecida com nenhuma outra. A propósito, contava o caso de um primo longínquo. E dizia, com grandes gestos, mordendo o charuto apagado: “Meu primo morreu de barriga d’água. Pois bem. Enquanto ele agonizava, a mulher dava em cima do médico!” Concluía:

“Viúva como a minha filha, nunca vi, sob minha palavra de honra!” Até que chegou o dia do primeiro aniversário da morte de Fernando Gomes Campeio. Mora acordou cedíssimo. Ainda brilhava, no céu, a última estrela da noite. Carregada de flores, foi a primeira a entrar no cemitério. E, apesar de tudo, apesar de suas lágrimas, de saudade infinita, ela teve o prazer de verificar que seu sentimento não arrefecera. Pelo contrário. Mesmo na lua-de-mel, não amara tanto o marido, com um exclusivismo tão fanático. Ao mesmo tempo que espalhava as flores, ela conversava com o túmulo:

— Tu sabes como eu fui fiel quando vivias. E, depois que morreste, eu não te traí nem em pensamento — e repetia: — Nem em pensamento, Fernando!...

Surpresa

Duas horas depois, saiu do cemitério, num dilaceramento total. Na rua, porém, experimenta uma violenta nostalgia do túmulo, que era sua razão de viver. Estava no poste do ônibus e voltou chorando lágrimas. Mas quando se aproximava do mausoléu, viu alguém, de joelhos, junto à sepultura de Fernando. Moderou o passo. Era uma mulher. Perguntou, de si para si: “Está ali por quê? Fazendo o quê?” E não entendia que a outra mulher viesse enfeitar o túmulo de Fernando. Durante dois ou três minutos, e já bem próxima, contemplou a cena. A outra era uma desconhecida e ainda moça, ainda bonita. No seu luto aliviado, enterrou a última flor. E, então, cai de joelhos, explodindo em soluços. Mora inclina-se, põe a mão no seu ombro: “Minha senhora...” A estranha virou-se, atônita. Mora pergunta, contida: “Era seu parente?” A mulher tem um desespero maior:

— Era meu amor! Foi todo o meu amor!

Em pé, o coração disparado, Mora pensa na sua fidelidade de todos os minutos. Olha em torno; próximo estão fazendo um mausoléu. Um dos operários é um indivíduo forte e bronzado, de braços nus e potentes. Fora de si, ela corre: tropeça aqui e ali, levanta-se e continua correndo. Está, finalmente, diante do caboclo espantado. Na ponta dos pés, abraça-se a ele e, como louca, dá-lhe um tremendo beijo na boca. Depois, vingada e feliz, foge, sem olhar para trás.

Nunca mais voltou ao cemitério.

A moça e a calça

Stanislaw Ponte Preta

Foi no Cinema Pax, em Ipanema. O filme em exibição é ruim: “O menino mágico.” Se mágico adulto geralmente é chato, imaginem menino. Mas isto não vem ao caso. O que vem ao caso é a mocinha muito da redondinha, condição que seu traje apertadinho deixava sobejamente clara. A mocinha chegou, comprou a entrada, apanhou, foi até a porta, mas aí o porteiro olhou pra ela e disse que ela não podia entrar:

— Não posso por quê?

— A senhora está de “Saint-Tropez”.

— E daí?

Daí o porteiro olhou pras exuberâncias físicas dela, sorriu e foi um bocado sincero: — Por mim a senhora entrava. (Provavelmente completou baixinho: ...e entrava bem.) Mas o gerente tinha dado ordem de que não podia com aquela calça bossa-nova e, sabe como é... ele tinha que obedecer, de maneira que sentia muito, mas com aquela calça não.

— O senhor não vai querer que eu tire a calça.

Nós, que estávamos perto, quase respondemos por ele: — Como não, dona! — Mas ela não queria resposta. Queria era discutir a legitimidade de suas apertadas calças “Saint-Tropez”. Disse então que suas calças eram tão compridas como outras quaisquer. O cinema Pax é dos padres e talvez por causa desse detalhe é que não pode “Saint-Tropez”. A calça, de fato, era comprida como as outras, mas embaixo. Em cima era curta demais. O umbigo ficava ali, isolado, parecendo até o representante de Cuba em conferências panamericanas.

— Quer dizer que com minhas calças eu não entro? — Quis ela saber ainda uma vez. E vendo o porteiro balançar a cabeça em sinal negativo, tornou a perguntar: — E de saia?

De saia podia. Ela então abriu a bolsa, tirou uma saia que estava dentro, toda embrulhadinha (devia ser pra presente). Desembrulhou e vestiu ali mesmo, por cima do pomo de discórdia. No caso, a calça “Saint-Tropez”.

Depois, calmamente, afrouxou a calça e deixou que a dita escorresse saia abaixo. Apanhou, guardou na bolsa e entrou com uma altivez que só vendo.

Enquanto rasgava o bilhete, o porteiro comentou:

— Faço votos que ela tenha outra por baixo.

Outra calça, naturalmente.

O milagre das folhas

Clarice Lispector

Não, nunca me acontecem milagres. Ouço falar, e às vezes isso me basta como esperança. Mas também me revolta: por que não a mim? Por que só de ouvir falar? Pois já cheguei a ouvir conversas assim, sobre milagres: “Avisou-me que, ao ser dita determinada palavra, um objeto de estimação se quebraria.” Meus objetos se quebram banalmente e pelas mãos das empregadas. Até que fui obrigada a chegar à conclusão de que sou daqueles que rolam pedras durante séculos, e não daqueles para os quais os seixos já vêm prontos, polidos e brancos. Bem que tenho visões fugitivas antes de adormecer — seria milagre? Mas já me foi tranquilamente explicado que isso até nome tem: cidetismo, capacidade de projetar no campo alucinatório as imagens inconscientes.

Milagre, não. Mas as coincidências. Vivo de coincidências, vivo de linhas que incidem uma na outra e se cruzam e no cruzamento formam um leve e instantâneo ponto, tão leve e instantâneo que mais é feito de pudor e segredo: mal eu falasse nele, já estaria falando em nada.

Mas tenho um milagre, sim. O milagre das folhas. Estou andando pela rua e do vento me cai uma folha exatamente nos cabelos. A incidência da linha de milhões de folhas transformadas em uma única, e de milhões de pessoas a incidência de reduzi-las a mim. Isso me acontece tantas vezes que passei a me considerar modestamente a escolhida das folhas. Com gestos furtivos tiro a folha dos cabelos e guardo-a na bolsa, como o mais diminuto diamante. Até que um dia, abrindo a bolsa, encontro entre os objetos a folha seca, engelhada, morta. Jogo-a fora: não me interessa fetiche morto como lembrança. E também porque sei que novas folhas coincidirão comigo.

Um dia uma folha me bateu nos cílios. Achei *Deus* de uma grande delicadeza.

A última crônica

Fernando Sabino

A caminho de casa, entro num botequim da Gávea para tomar um café junto ao balcão. Na realidade, estou adiando o momento de escrever. A perspectiva me assusta. Gostaria de estar inspirado, de coroar com êxito mais um ano nesta busca do pitoresco ou do irrisório no cotidiano de cada um. Eu pretendia apenas recolher da vida diária algo de seu disperso conteúdo humano, fruto da convivência, que a faz mais digna de ser vivida. Visava ao circunstancial, ao episódico. Nesta perseguição do accidental, quer num flagrante de esquina, quer nas palavras de uma criança ou num incidente doméstico, torno-me simples espectador e perco a noção do essencial. Sem nada mais para contar, curvo a cabeça e tomo meu café, enquanto o verso do poeta se repete na lembrança: “assim eu queria o meu último poema”. Não sou poeta e estou sem assunto. Lanço então um último olhar fora de mim, onde vivem os assuntos que merecem uma crônica.

Ao fundo do botequim, um casal de pretos acaba de sentar-se, numa das últimas mesas de mármore ao longo da parede de espelhos. A compostura da humildade, na contenção de gestos e palavras, deixa-se acentuar pela presença de uma negrinha de seus três anos, laço na cabeça, toda arrumadinha no vestido pobre, que se instalou também à mesa: mal ousa balançar as perninhas curtas ou correr os olhos grandes de curiosidade ao redor. Três seres esquivos que compõem em torno à mesa a instituição tradicional da família, célula da sociedade. Vejo, porém, que se preparam para algo mais que matar a fome.

Passo a observá-los. O pai, depois de contar o dinheiro que discretamente retirou do bolso, aborda o garçom, inclinando-se para trás da cadeira, e aponta no balcão um pedaço de bolo sobre a redoma. A mãe limita-se a ficar olhando, imóvel, vagamente ansiosa, como se aguardasse a aprovação do garçom. Este ouve, concentrado, o pedido do homem e depois se afasta para atendê-lo. A mulher suspira, olhando para os lados, a reassegurar-se da naturalidade de sua presença ali. A meu lado o garçom encaminha a ordem do freguês. O homem atrás do balcão apanha a porção do bolo com a mão, larga-o no pratinho — um bolo simples, amarelo-escuro, apenas uma pequena fatia triangular.

A negrinha, contida na sua expectativa, olha a garrafa de coca-cola e o pratinho que o garçom deixou à sua frente. Por que não começa a comer? Vejo que os três, pai, mãe e filha, obedecem em torno à mesa um discreto ritual. A mãe remexe na bolsa de plástico preto e brilhante, retira qualquer coisa. O pai se mune de uma caixa de fósforos e espera. A filha aguarda também, atenta como um animalzinho. Ninguém mais os observa além de mim.

São três velinhas brancas, minúsculas, que a mãe espeta caprichosamente na fatia do bolo. E enquanto ela serve a coca-cola, o pai risca o fósforo e acende as velas. Como a um gesto ensaiado, a menininha repousa o queixo no mármore e sopra com força, apagando as chamas. Imediatamente põe-se a bater palmas, muito compenetrada, cantando num balbucio, a que os pais se juntam, discretos: “Parabéns pra você, parabéns pra você...” Depois a mãe recolhe as velas, torna a guardá-las na bolsa. A negrinha agarra finalmente o bolo com as duas mãos sôfregas e põe-se a comê-lo. A mulher está olhando para ela com ternura — ajeita-lhe a fitinha no cabelo crespo, limpa o farelo de bolo que lhe cai ao colo. O pai corre os olhos pelo botequim, satisfeito, como a se convencer intimamente do sucesso da celebração. De súbito, dá comigo a observá-lo, nossos olhos se encontram, ele se perturba, constrangido — vacila, ameaça abaixar a cabeça, mas acaba sustentando o olhar e enfim se abre num sorriso.

Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.

Os anos 1970

Longe daqui, aqui mesmo

A diáspora brasileira nos anos 1970 mandou notícias de várias partes do mundo, sempre em texto macio, com assinaturas até então inéditas embaixo de uma crônica. Exilados na Europa, Chico Buarque e Caetano Yeloso estabeleceram uma colaboração com o semanário humorístico carioca *Pasquim*. Em Chico já se anuncia o estilo, completamente diferente das canções, que guiaria seus romances. Caetano trazia notícias em forma de cartas cheias de trocadilhos modernistas, um dos pilares de referências do seu movimento tropicalista na MPB. Por motivos diferentes, mas também afastados dos anos de chumbo que sufocavam o país, Ivan Lessa e Campos de Carvalho escreviam relatos do exterior com a mesma liberdade de estilo dos dois compositores, sem compromisso nenhum com a gravidade do mundo — um show de bom humor que só poderia receber a definição de crônica. No Brasil, a publicação de uma delas, assinada por Lourenço Diaféria, em 1977, resultou na prisão do autor pelo regime militar.

Londres, novembro de 1972

Campos de Carvalho

Meu caro.

O selo inglês é só você passar a língua nele e logo gruda. Aliás, a única coisa que realmente funciona mal aqui em Londres, pelo que vi, são os relógios públicos: cada um marca uma hora diferente, e tem até os que não marcam hora nenhuma. A proverbial pontualidade britânica é uma pilhéria: ou então cada um é pontual mas dentro do seu próprio horário, e todos os horários são válidos. Meu pobre relógio brasileiro já ficou maluco.

O londrino, tirante os *teenagers*, que não têm graça nenhuma, é em geral engraçadíssimo. Apieda-se pelo fato de você não ter agasalho próprio para o frio glacial que está fazendo. Perto dos franceses, são educadíssimos (o que não é nenhuma vantagem), mas também ignoram a sua existência, a menos que você se ponha a gritar no meio da rua *Help! Help!* — o que estou sempre fazendo. As mulheres são bonitas, surpreendentemente bonitas, mas todas iguais; já os homens não me agradam, e espero que eu lhes agrade ainda muito menos. Até os cachorros ingleses fumam cachimbo e trazem o olhar perdido no horizonte; *educadíssimos*: ainda não vi um cachorro sequer olhando para um poste.

Londres, pode escrever, é a cidade mais limpa do mundo: até os lixeiros aqui são impecavelmente limpos. Se você joga um pedaço de papel na rua, logo vem o guarda e o admoesta num perfeito inglês de Oxford; depois vêm os repórteres de tudo quanto é jornal e da televisão para entrevistá-lo e saber a que tribo selvagem você pertence; e depois finalmente vem o Exército da Salvação e se põe a entoar cânticos pela redenção da sua alma. Antes de sair de casa já cuspo 20 vezes seguidas por medida de precaução — e se me acontece ficar com um pedaço de papel na mão em plena rua, entro simplesmente na primeira agência do Correio e despacho-o para uma das ilhas Malvinas, com o selo da rainha e tudo. As casas, aqui, de tão limpas parecem até feitas de porcelana: não sei se o mesmo acontecerá no Soho ou nos bairros ainda mais pobres: suponho que não. A verdade é que não existe a menor relação entre o mendigo londrino e um mendigo digamos do Rio de Janeiro; o mendigo aí londrino passaria por lorde e seria recebido com um *five o'clock tea*

pela Academia Brasileira de Letras: muito mais justo, aliás, do que muitos outros chás de que já tenho ouvido falar.

Comprar cigarro em Londres é um drama: você tem que ir à Escócia. Tem casa de tudo aqui perto do meu hotel, até de incenso indiano ou de figas da Guiné: só não tem tabacaria. Parece que o puritanismo inglês se fixou todo no combate ao fumo e ao tabagismo, e até já me explicaram algo parecido com isso; os poucos cigarros que lhe vendem são todos fraquíssimos e é preciso você fumar um maço inteiro, inclusive o próprio maço, para ter a leve sensação de que algum dia alguém passou fumando perto de você. O que salva os mendigos londrinos são os turistas, sobretudo norte-americanos, que sempre jogam disfarçadamente uma guimba ou outra no meio-fio, longe dos olhares inquisidores e cobiçosos do guarda na esquina. Dizem que o *fog* londrino desapareceu de uns tempos para cá, por motivos meteorológicos e outros que ninguém sabe ainda explicar: a verdade verdadeira é que o que desapareceu mesmo foi a fumaça dos cigarros e dos charutos, a minha inclusive, para total desespero dos cancerologistas ingleses do pulmão.

O londrino tem em média dois metros de altura, do que resultam sérios problemas para quem, como eu, tem pouco mais da metade: isto porque as coisas aqui foram feitas para ele e não para mim, evidentemente. Assim, por exemplo, para apertar o botão do elevador tenho que me colocar na ponta dos pés e depois de alguns minutos pedir o auxílio de alguém por perto, alegando naturalmente que pertenço à *troupe* de anões do circo. Os mictórios públicos batem exatamente na altura do meu queixo e assim acabo urinando é mesmo no chão, onde pelo visto já andaram urinando antes de mim outros brasileiros, ou pelo menos algum cearense. Uma mulher londrina dá para dois homens brasileiros tranquilamente e ainda sobra um pouquinho para o dia seguinte: mas nem por isso deixam de ser lindas, lindas, assim como é lindo o Everest. Agora é que eu compreendo por que o inglês (a inglesa) tem fama de ser uma criatura distante, quase inacessível.

O abraço do

Campos de Carvalho

Herói. Morto. Nós.

Lourenço Diaféria

Não me venham com besteiras de dizer que herói não existe. Passei metade do dia imaginando uma palavra menos desgastada para definir o gesto desse sargento Sílvio, que pulou no poço das ariranhas, para salvar o garoto de catorze anos, que estava sendo dilacerado pelos bichos. O garoto está salvo. O sargento morreu e está sendo enterrado em sua terra.

Que nome devo dar a esse homem?

Escrevo com todas as letras: o sargento Sílvio é um herói. Se não morreu na guerra, se não disparou nenhum tiro, se não foi enforcado, tanto melhor.

Podem me explicar que esse tipo de heroísmo é resultado de uma total inconsciência do perigo. Pois quero que se lixem as explicações. Para mim, o herói — como o santo — é aquele que vive sua vida até as últimas consequências.

O herói redime a humanidade à deriva.

Esse sargento Sílvio podia estar vivo da silva com seus quatro filhos e sua mulher. Acabaria capitão, major.

Está morto.

Um belíssimo sargento morto.

E todavia.

Todavia eu digo, com todas as letras: prefiro esse sargento herói ao duque de Caxias.

O duque de Caxias é um homem a cavalo reduzido a uma estátua. Aquela espada que o duque ergue ao ar aqui na Praça Princesa Isabel — onde se reúnem os ciganos e as pombas do entardecer— oxidou-se no coração do povo. O povo está cansado de espadas e de cavalos. O povo urina nos heróis de pedestal. Ao povo desgosta o herói de bronze, irretocável e irretorquível, como as enfadonhas lições repetidas por cansadas professoras que não acreditam no que mandam decorar.

O povo quer o herói sargento que seja como ele: povo. Um sargento que

dê as mãos aos filhos e à mulher, e passeie incógnito e desfardado, sem divisas, entre seus irmãos.

No instante em que o sargento — apesar do grito de perigo e de alerta de sua mulher — salta no fosso das simpáticas e ferozes ariranhas, para salvar da morte o garoto que não era seu, ele está ensinando a este país, de heróis estáticos e fundidos em metal, que todos somos responsáveis pelos espinhos que machucam o couro de todos.

Esse sargento não é do grupo do cambalacho.

Esse sargento não pensou se, para ser honesto para consigo mesmo, um cidadão deve ser civil ou militar. Duvido, e faço pouco, que esse pobre sargento morto fez revoluções de bar, na base do uísque e da farolagem, e duvido que em algum instante ele imaginou que apareceria na primeira página dos jornais.

É apenas um homem que — como disse quando pressentiu as suas últimas quarenta e oito horas, quando pressentiu o roteiro de sua última viagem — não podia permanecer insensível diante de uma criança sem defesa.

O povo prefere esses heróis: de carne e sangue.

Mas, como sempre, o herói é reconhecido depois, muito depois. Tarde demais.

É isso, sargento: nestes tempos cruéis e embotados, a gente não leve o instante de te reconhecer entre o povo. A gente não distinguiu teu rosto na multidão. Éramos irmãos, e só descobrimos isso agora, quando o sangue verte, e quanto te enterramos. O herói e o santo é o que derrama seu sangue. Esse é o preço que deles cobramos.

Podíamos ter estendido nossas mãos e te arrancado do fosso das ariranhas — como você tirou o menino de catorze anos —, mas queríamos que alguém fizesse o gesto de solidariedade em nosso lugar.

Sempre é assim: o herói e o santo é o que estende as mãos.

E este é o nosso grande remorso: o de fazer as coisas urgentes e inadiáveis — tarde demais.

A Ipanemia

Caetano Veloso

A Ipanemia é uma doença fácil — Endepidêmica, vem em ondas como o yj. mar, e como o mar, vem em ondas sem por isso deixar de estar sempre aí mesmo. Não creio que ela se restrinja a Ipanema. Muito pelo contrário: no meu entender, a Ipanemia (como tudo) nasceu na Bahia. O Rio apenas exporta para o exterior (São Paulo).

A Ipanemia é uma doença fértil — Eu, por exemplo, recebi muitas cartas de felicitações pela minha morte, que, entre outras besteiras, eu mesmo noticieei há uns três *Pasquins*. Quero responder publicamente a todos os que me escreveram nessa oportunidade, explicando que eu quis dizer que estava morto, e não triste. Não estou nem mais alegre, nem mais triste do que antes. Nem mais nem menos poeta, tampouco. Quem nunca morreu não sabe, mas vem dar no mesmo: neve é ótimo, frio é chato, Paul McCartney assegura que está vivo, Gil manda dizer que recusa o Golfinho da Imagem e do Som. Londres é bom, fiz umas músicas bonitas que estão agradando aqui, acho que nunca vou aprender a falar inglês, mas não faz mal etc., tá legal tudo. Além do mais, não há motivo para tanta alegria: eu ainda posso ressuscitar. A nossa época é uma época de milagres. De qualquer modo, o negócio não é esse, bicho. Eu gostaria apenas que a minha morte fizesse bem à Gal Costa. Tomara que ela tenha percebido que eu morri. Digo isso porque eu mesmo não me apercebi de imediato. Alguns amigos me avisaram, mas eu não liguei, até que vi o retrato.

A Ipanemia é uma doença horrível — E na sua débil beleza, ela is supposed to be um anticorpo contra o dragão da maldade. Mas, na verdade, ela desempenha o papel da donzela, que deve ser salva pelo santo guerreiro. Só que não é mais donzela, nem nada. E não há nenhum santo em vista, e os guerreiros mal sobrevivem.

A Ipanemia é uma doença fóssil — O *Pasquim*, por exemplo, não tem modernidade para enfrentar o Nelson Rodrigues. A fossa é muito grande. A fossa é mais funda do que parece. Acredito que a Ipanemia seja anterior à alma lírica brasileira que tanto me interessa, a mim e ao Dr. Alceu, e ao Nelson Rodrigues. Eu, pessoalmente, adoro o *Pasquim* e Nelson Rodrigues e o

Chico Buarque de Hollanda e o Caetano Veloso. O que não suporto é a capacidade que a turma tem de nos suportar, ou melhor: eu adoro o *Pasquim* e eu odeio o *Pasquim* e eu odeio mais a maneira como se ama o Caetano Veloso e mais ainda a maneira como o *Pasquim* odeia o Nelson Rodrigues e a maneira fácil com quê. E sem quê. Sem quê nem por quê. E assim por diante até que eu adoro tudo em conjunto, caso contrário, eu daria um tiro na cabeça. De quem? — cabe a pergunta. A Ipanemia é uma espécie de “o-sistema-engloba-tudo” amadorístico. E Glauber é que está certo. O Zé Celso fala demais. E eu falo demais e o Rogério Sganzerla fala demais. E todo mundo se explica demais, e é uma merda. Mas talvez seja melhor: a gente se explica, se explica, se explica, e morre logo de Ipanemia e pronto. Quando a gente pensa que está lutando bravamente contra o vício de Ipanemia, a gente está se afundando cada vez mais nela. A Ipanemia é uma espécie de “o-sistema-engloba-tudo” amadorístico. Eu odeio esses brasileiros que vêm a Londres e falam mal do *Pasquim*. Porque essa vontade de falar mal exatamente do *Pasquim* é um sintoma da mesma doença congênita de que sofre o *Pasquim*. Tudo que não está além disso é a mesma porcaria. E eu não me sinto além de nada. Morrer não é ir para o além.

A Ipanemia é uma doença fútil — Portanto, eu agora quero falar da maneira mais clara possível. Quero falar de uma maneira lógica, de uma maneira à qual não estou habituado. Quero dizer que se eu falei que morri foi porque eu constatei a falência irremediável da imagem pública que eu mesmo escolhi aí no Brasil. Quando eu me congratulei com aqueles que me fizeram sofrer, eu estava querendo dizer que, dando motivo para crescer uma compaixão unânime por mim, que vira prêmios e homenagens e capas de revistas muito significativas, eles conseguiram realmente aniquilar o que poderia restar de vida no nosso trabalho. Exatamente uma capa de revista me fez ver isso de uma forma muito mais nítida. Cansei. Não dá pé explicar tudo direitinho, parece que a gente está mentindo. Eu não sei falar assim. Eu sou apenas um colaborador do *Pasquim*, um colaboracionista. Aliás, eu mesmo sou contra tudo que penso. Portanto, ninguém tome ao pé da letra nada do que eu digo. Nem ao pé da letra, nem de nenhuma outra forma. Ou melhor: tome de qualquer jeito, que vem dar no mesmo. Eu quero é me divertir como o Paulo Francis quando escreve. Eu quero é comer com coentro. Já morri que eu sou muito vivo. Além do mais, estou cansando de escrever e ainda vêm estas frases sem pé nem cabeça (como se as outras o tivessem). Enfim: eu gostaria de fazer um filme chamado *Memórias do subdesenvolvimento*.

Um lugar ao sol

Chico Buarque

O vosso correspondente em Roma não se encontra em Roma. Em Roma não ha ninguém. Fugiram todos à praia em gozo de sol e férias. Sigo a multidão com minha tenda, meu trapézio e meus leões. Essa é a vida de artista, correr aonde esta o publico para poder fingir que é o público a nos correr atras. Dia desse baixei em Capri, que, segundo o cicerone, ostenta as praias mais lindas do mundo depois do Rio de Janeiro. Comovido, agradeci, dobrei a gorjeta e fui conferir. Realmente o azul do mar, com as rochas brancas e a mata cheirosa, e um espetáculo único. Mas ir à praia, aí é que são elas. Convencime de que brasileiro não sabe tomar banho de mar, e olha que tive o maior empenho em aprender.

Paga-se a entrada!! Pois não. Paga-se o vestiário? Pois não.

O mictório também? Não tem problema.

Entrada, vestiário, mictorio, guarda-sol, cadeira, boia, desci à praia cheio de tickets e privilégios. Irrepreensível, pensei. Agora que descobri os macetes é só deitar na areia, comprar um chica-bom e pensar besteira, igual a Copacabana. Mas qual não foi minha surpresa quando cheguei à areia (pedregulhos) e a encontrei literalmente repleta de cabeças, pernas, barrigas e bumbuns. Tentei abrir caminho, pedi um passinho à frente, por favor, disse que ia saltar no próximo ponto, mas os corpos estavam surdo-moles no mormaço. Recuei alguns metros, pisei nas partes duma senhora e subi os degraus de volta. La em cima, sobre o cimento, havia um colchão de ar jogado a toa. Deitei e ameacei um cochilo mas o bilheteiro balneário veio perguntar em inglês se eu era da família americana. À minha primeira pronúncia ficou evidente que eu não era não de tão boa família, diante do que fui convidado a me retirar do colchão esplêndido. Nisso me revoltei bradando que queria um lugar ao sol, queria um lugar ao sol, frase que aprendi nos bastidores da televisão. Na minha terra, insisti, a praia é do povo como o céu é do condor.

— *Mas aqui o colchão é dos americanos — disse o bilheteiro friamente.*

Eu não ia discutir, ainda mais que os americanos tinham acabado de

invadir a lua, uns dias antes. Eu não ia discutir por causa dum colchão de ar. Não discuti mas fiquei com aquilo atravessado na garganta, por isso fui até o bar para engolir melhor. Uma droga dum colchão de ar. Sentei no bar e fiquei vendo os americanos prostrados ao sol. Pareciam cada vez mais bonitos, saudáveis, bronzeados, e eu muito cinzento e verde. Assim passavam-se as horas e nada de vagar um só buraquinho. Pelo contrário, chegavam sempre novos banhistas, desses gordos, sem ossos, gelatinas. Iam falando please e acabavam se encaixando. O aglomerado já formava uma massa tão comprimida que dali a pouco, com mais um aperto, dava a impressão que uns e outros iam estourar para o alto que nem pipoca. E quando alguém se levantava, deixava sempre um chapéu para garantir a vaga. As cinco e meia resolvi desistir, mas aí abriram um primeiro espaço. Saiu um, saíram dois, saí eu e corri a reservar meus pedregulhos. Sobrou uma cadeira, tomei conta. Apossei-me duma bola, dum colchão, dum guarda-sol, tudo junto. Afinal eu tinha os tickets, estava no meu direito. Só achei estranho aquele êxodo assim precipitado, pois em poucos minutos eu estava sozinho na praia. Engraçado, porque americano não é de abandonar um bom lugar sem mais nem menos. Que diabo, se eles foram embora é porque algo de ruim vem por aí. Pensei em chuva, tempestade, tubarão, mas nada. Só os bilheteiros que estavam recolhendo tudo, o bar que estava fechando, o último ônibus que estava partindo e eu que estava sendo expulso. Expulsão não é bem a palavra, não é exata. Mas ficam aqueles garçons resmungando e olhando para a sua cara. E vem aquele empregado mandando você erguer os pés, os dois ao mesmo tempo, para passar o escovão debaixo. Como boteco de português à meia-noite. Que é isso, perguntei, vai fechar a praia? Pois é claro, disse o empregado, às seis horas nós fechamos tudo. E continuou a esfregar sabão na praia. Não era o caso de contestar a organização lá deles, mas confesso que fiquei perturbado. Ainda mais quando, ao deixar o local, olhei para o mar e vi o que vi. Aliás, não sei se vi mesmo, é difícil acreditar. Vai ver que o sol me batera na cabeça de mau jeito. Ou então fora o gin, sei lá, gin é uma bebida desleal. Não posso jurar nem peço que me creiam, mas o que vi foi o seguinte: o mar esvaziando, esvaziando, os barcos acomodando se entre as pedras e o Mediterrâneo sendo chupado pelo ralo, dando lugar a magníficas auto-estradas, caminhões, ferrovias, semáforos, supermercados, perdendo-se de vista no horizonte.

Coisas & Pessoas

Mario Quintana

Desde pequeno, tive tendência para personificar as coisas. Tia Tula, que achava que mormaço fazia mal, sempre gritava: “Vem pra dentro, menino, olha o mormaço!” Mas eu ouvia o mormaço com M maiúsculo. Mormaço, para mim, era um velho que pegava crianças! Ia pra dentro logo. E ainda hoje, quando leio que alguém se viu perseguido pelo clamor público, vejo com estes olhos o Sr. Clamor Público, magro, arquejante, de preto, brandindo um guarda-chuva, com um gogó protuberante que se abaixa e levanta no excitação da perseguição. E já estava devidamente grandezinho, pois devia contar uns trinta anos, quando me fui, com um grupo de colegas, a ver o lançamento da pedra fundamental da ponte Uruguaiana-Libres, ocasião de grandes solenidades, com os presidentes Justo e Getúlio, e gente muita, tanto assim que fomos alojados os do meu grupo num casarão que creio fosse a Prefeitura, com os demais jornalistas do Brasil e Argentina. Era como um alojamento de quartel, com breve espaço entre as camas e todas as portas e janelas abertas, tudo com os alegres incômodos e duvidosos encantos de uma coletividade democrática. Pois lá pelas tantas da noite, como eu pressentisse, em meu entredormir, um vulto junto à minha cama, sentei-me estremunhado e olhei atônito para um tipo de chiru, ali parado, de bigodes caídos, pala pendente e chapéu descido sobre os olhos. Diante da minha muda interrogação, ele resolveu explicar-se, com a devida calma:

— Pois é! Não vê que eu sou o sereno...

E eis que, por um milésimo de segundo, ou talvez mais, julguei que se tratasse do silêncio noturno em pessoa. Coisas do sono? Além disso, o vulto, aquele penumbroso e todo em linhas descendentes, ajudava a ilusão. Mas por que desculpar-me? Quase imediatamente compreendi que o “sereno” era um vigia noturno, uma espécie de anjo da guarda crioulo e municipal.

Por que desculpar-me, se os poetas criaram os deuses e semideuses para personificar as coisas, visíveis e invisíveis... E o sereno da Fronteira deve andar mesmo de chapéu desabado, bigode, pala e de pé no chão... sim, ele estava mesmo de pés descalços, decerto para não nos perturbar o sono mais ou menos inocente.

O time de Neném Prancha

João Saldanha

Já faz muito tempo, acho que durante a guerra, os jogadores do Posto 4 FC, campeoníssimo da praia, dirigido pelo “Trenier” mais famoso da Costa do Atlântico, Neném Pé de Prancha, tinham resolvido dar uma festa de fim de ano, na garagem da casa de um tio do Renato Estelita. O Lá Vai Bola FC aderiu ao baile e compraram três barris de chope.

Eu não topei e disse na esquina do Café do Baltazar: “Não vou. Na festa do ano passado, na garagem do Pé de Chumbo, quebraram tudo e até hoje o clube não pagou a cristaleira da avó dele que estava guardada lá. Não vou mesmo. Chega de encrenca.”

Meu irmão Aristides, o Hélio Caveira-de-Burro e o Orlando Cuíca me acompanharam na ideia de não ir ao baile e fomos tomar um chope, sossegados, num bar vazio, na esquina da Avenida Atlântica com Rua Constante Ramos. A noite estava boa e o papo também. Mais tarde, passou por ali o Jaime Botina e disse: “Caí fora do baile. Tem gente demais e muito nego bêbado. Vai dar galho.” E eu emendei: “Não disse?”

Lá pelas duas horas da manhã, parou um táxi daqueles grandes e saltou o doutor A. Coruja, esfregando os óculos, nervoso. O doutor Coruja era um impetuoso lateral direito. Só dava bico na bola de borracha e Neném Prancha decretou: “Só joga se cortar as unhas. Uma bola está custando cinco pratas.” Seu controle de bola não era dos melhores, mas quebrava o galho na lateral direita. O galho ou o ponta-esquerda adversário.

Mas chegou e foi falando incisivo: “Se vocês são machos e meus amigos, têm de ir lá comigo. Fui desacatado mas eram muitos.” E foi logo dando ordens: “Entrem aqui no táxi e vamos lá.”

“Lá aonde?” disse o Hélio. Coruja explicou: “E na Rua Joaquim Silva. A mulher me desacatou, ofendeu minha mãe e não pude reagir porque ela estava com três caras na mesa. Vocês têm de ir comigo ou não são meus amigos.” Repetiu isto umas cinco vezes e completou: “Como é, poetas? Vamos ou não vamos? Vocês agora deram para medrar?”

Eu cochichei para o Cuíca: “O Coruja está de porre. Não vou me meter

nisto.” O Cuíca respondeu: “Ele vai chatear a gente o ano inteiro por causa disso. O Coruja quando bebe é assim. Fica remoendo os troços. Olha, ele veio de lá até aqui e gastou meia hora. Para voltar, outra meia hora. Os caras já não estão mais lá, a pensão já deve estar fechada e a mulher dormindo com alguém.” E virando-se para o doutor Coruja: “Tá bem, nós vamos, mas vem tomar um chopinho com a gente.” Coruja topou e mandou o português do táxi esperar.

Tomamos o chope bem devagarinho e fomos, ainda devagar, para a Rua Joaquim Silva. O táxi “disse” que não esperava mais e foi embora. Subimos a escada de madeira, comprida e estreitinha, e demos numa sala de uns três metros por quatro, se tanto. Quatro mesinhas, só duas ocupadas por fregueses, e, nas outras, umas três mulheres com cara de sono. O diabo é que numa das mesas estava a tal mulher papeando com os três caras. Doutor Coruja partiu direto e foi dizendo: “Repete agora, sua vaca.”

Os homens levantaram, o que estava mais perto levou um soco do doutor e o pau comeu solto. O lugar era apertado e eu me lembrei da cristaleira da avó do Renato. Um dos caras era uma parada, brigava bem. O garçom não parecia homem mas era e as mulheres fizeram uma gritaria dos diabos. As mesas e as cadeiras foram para o vinagre, um dos caras se mandou escada abaixo, quando alguém apagou a luz. Escutei a voz de Hélio Caveira-de-Burro, que era muito experiente: “Vamos dar o fora.”

Sáímos rápido e ainda levei com uns detritos atirados pelas mulheres da janela. Um guarda apitou e saímos pelas ruas da Lapa. Uns se mandaram pela Conde Laje e outros pela Glória. Eu fui parar no Passeio Público, arrumei um táxi e voltei para o ponto de saída. Quando cheguei, Orlando Cuíca já estava e disse: “O guarda começou a dar tiro e quase me pega. Tive sorte.

Depois chegaram Hélio e meu irmão, que vieram noutro táxi. Hélio falou: “O grande era uma parada. Mas peguei ele bem com a perna da cadeira. Senão a gente não ganhava.” Meu irmão estava com a camisa rasgada e disse que foi a mulher que se atracou nele. “Não bati mas tive de dar uma ‘banda’ nela. Juntou pé com cabeça. Depois que Hélio dominou o grandalhão, foi barbada. Dei uma no de terno marrom que ele se mandou pela escada.” E eu disse: “Ficou tudo quebrado e a mulher que o Coruja bateu não levantou, mas eu não vi sangue.”

E ficamos relaxando um pouco quando chegou um táxi e o doutor Coruja saltou esfregando os óculos com um lanho no rosto. Hélio perguntou: “Como é doutor, se machucou?” “Nada, um arranhãozinho à toa.” E prosseguiu: “Puxa, agora estou satisfeito. *Há mais de três meses* que eu estava para ir a esta

forra.”

“O quê?” — berramos em coro — “O negócio foi há três meses!?” E Coruja explicou, calmamente: “Foi sim e eu não bati nela porque estava acompanhada.” Então meu irmão perguntou: “Quer dizer que os caras que apanharam não eram os mesmos?” Coruja respondeu: “Claro que não, meus poetas, mas o que tem isto demais?”

Nesta altura, o sol já estava aparecendo lá na Ponta do Boi, iluminando o primeiro dia do ano e desejando boas entradas para a excelentíssima senhora mãe do doutor A. Coruja.

Uma boneca ao relento

Ivan Lessa

Meu marido adoeceu gravemente logo após termos contraído núpcias em março de 1970. Nosso velho amigo, o dr. Rangel, após tratamento com antibióticos, recomendou uma temporada de repouso em São Lourenço. Meu casamento com Evaldo fora uma extensão natural da longa amizade reinante entre nossas duas famílias e o desdobramento da relação que eu e Evaldo mantínhamos quase que desde crianças. Havíamos brincado de prenda e berlinda, trocamos nosso primeiro beijo antes que ele completasse dezesseis anos e eu doze, vimos o sol se pôr sobre a serra de Goiás. Enquanto eu me aprimorava em prendas domésticas, Evaldo varava noites preparando-se para o exame na Faculdade de Economia. Após o cineminha, ele me falava de seus sonhos para o futuro e eu o ouvia fascinada e temerosa de sequer sugerir que minha maior ambição era compartilhar com ele as horas, dias e anos que, aqui na Terra, cabem a Homem e Mulher.

Assim que ele foi nomeado para promissor cargo no Banco Central — não posso negar que nossos sobrenomes mais os relacionamentos do dr. Rangel não tenham contribuído para a auspiciosa ocasião — ouvi, entre incrédula e louca de felicidade, as palavras que, então, fizeram de mim a mulher mais feliz do mundo. Sim! Sim! Sim! Mil vezes sim! Claro que eu aceitava ser sua esposa. Para o melhor e para o pior, não importa o que acontecesse. Recebemos cartão congratulatório do então presidente Médici. Cristina, minha melhor amiga, ajudou-me na decoração de nosso apartamento em Brasília. Lembro-me como se fosse hoje dos primeiros meses de nossa felicidade comum. Cada dia uma nova descoberta, as semanas se sucedendo numa procissão de alegrias. A felicidade dura pouco, diz o povo, e logo descobri a verdade dessas palavras. Evaldo adoeceu e nossos recursos financeiros eram escassos. Meu instinto de mulher disse-me que ele jamais aceitaria de mim algo mais que não amor e compreensão. Era orgulhoso como todos os homens. Somado a isso, papai e mamãe não dispunham de fundos a que eu pudesse recorrer. Casal honesto e trabalhador, viviam ambos do salário auferido por meu progenitor em sua posição na Agência Nacional, cargo obtido na época distante do dr. Getúlio. Até hoje guardo uma foto de papai apertando a mão do saudoso presidente quando este ainda governava a Nação

lá do Palácio do Catete.

Cega de dor fui obrigada a recorrer aos préstimos do sr. Lobato, um cavalheiro de menor importância dentro da vasta estrutura do Banco Central mas que, devido aos seus modos insinuantes e natureza servil, caíra nas boas graças de meu amado cônjuge. Expliquei-lhe — haviam se esgotado minhas alternativas — a delicada situação. Ele se ofereceu para resolver o caso mediante uma simples promissória devidamente avalizada pelo senhor meu pai. Qual a mulher que, em meu lugar, não faria o mesmo? Assinei tudo que pediu e fiquei de obter o devido aval de papai. Não há dor que não venha sozinha. Quando vem é em borbotões. Papai morreu antes que eu pudesse expor diante de seus olhos cansados meu dilema e implorar-lhe sua colaboração. Enterrei-o na segunda, falsifiquei sua assinatura na terça. Na quinta, o dinheiro do sr. Lobato saiu. No Planalto, abriu-se meu vale de tristezas.

São Lourenço surtiu o efeito preconizado pelo dr. Rangel. Evaldo, talvez devido à sua moléstia, jamais chegou a indagar em maior profundidade sobre a quantia que permitiu nosso *relax*. O tempo, que a tudo cicatriza, passou e, meses depois, Evaldo, são e lépido, reassumiu seu cargo, cumpriu a trajetória de sucessos que todos que o conheciam previam. Eu, silente e exultante, assisti de camarote a tudo isso. Mal sabia o preço que deveria pagar...

Em 1972, com o general Geisel no poder, Evaldo ocupava posto da maior proeminência. Com ele, qual sanguessuga vil, subira também o sr. Lobato. Prontamente, ao fim do mês, eu saldava minha dívida de amor e dedicação. Uma mulher, uma verdadeira mulher, faz tudo por seu marido. Nossa vida era um paraíso. Mas não há, todavia, paraíso sem a sua serpente e, um belo dia, sorrateiramente, o sr. Lobato procurou-me para informar que sua posição no Banco Central periclitava, segundo ele, por “mero capricho” de meu marido, que ameaçava despedi-lo por questões que fugiam à minha compreensão. Deu-me o ultimato: ou eu intercedia a seu favor ou ele revelaria tudo. Meu castelo de sonhos ameaçava desabar. Confiei meu segredo de mulher e esposa ao dr. Rangel, que, na época, beirava os setenta anos. Como somos tolas, nós mulheres! Pensei que o dr. Rangel fosse o tio que me faltara, o irmão que meu pai nunca tivera. Destino meu o de alimentar quimeras. Foi uma transformação surpreendente. Sim, ele me auxiliaria contanto que eu satisfizesse certos desejos longamente contidos em seu peito viril. Queria possuir-me de qualquer maneira. Disse-me, com a maior naturalidade, que, uma vez despida, ele iria me dar um “banho de língua”, que ia ter “muito dedo e sacanagem”. Ruborizada de vergonha, em total desespero, concordei com tudo. Baixei os olhos e vi o volume crescer em suas calças. Expondo-se,

ordenou: “Tocar flauta!” Flauta toquei. Hediondas melodias dissonantes! Ao final, deu-me dois tapas na cara e mandou-me, essas suas palavras, “Enfiar-me noutra caceta!” Bestas-feras! Em nada eu me “enfiara”, Deus é minha testemunha. Desesperada, procurei Cristina e relatei-lhe os fatos. Ela prometeu-me — bendito vínculo que nos liga a nós, mulheres! — interceder junto ao sr. Lobato. Mal sabia eu que este demônio já havia escrito para meu esposo anexando xerox do maldito documento que destruiria minha vida e a de meus filhos! (Não os mencionei na esperança de poupar-lhes algo de minha humilhação.) Cristina e o sr. Lobato entenderam-se às mil maravilhas. Mais tarde, confidenciou-me, para meu espanto, tudo que se passara entre os dois no motel onde, no corpo de Cristina, meu destino fora traçado. O sr. Lobato era um verdadeiro “tarado”. Fez coisas do arco-da-velha com Cris, que, nova surpresa, confessou-me ter “amado cada segundo” de toda aquela pouca-vergonha. Se eu ainda levava na boca o gosto amargo de uma flauta maldita, ela, Cris, trazia em cada poro e orifício o veneno que só os homens sabem destilar. Senti-me contaminada. Contemplei a possibilidade do suicídio, telefonei para uma prima envolvida com elementos “subversivos”. Minha degradação não conhecia limites. Reuni minhas forças e, qual brava guerreira, tudo confessei diante de Evaldo. Triste sina a da mulher! Sua única preocupação era o escândalo, sua posição no Banco Central. Eu não sabia onde esconder-me.

Por uma ironia do destino, o sr. Lobato, cativado por Cris, devolveu, por mensageiro especial, minha promissória, os documentos que selaram minha sorte. O regozijo de Evaldo afrontou-me como os desejos imundos do dr. Rangel. Passada a crise, Evaldo estava disposto a me perdoar. Seu mundo, até há pouco caído, erguera-se novamente. Sua posição diante do novo governo que vinha aí, o do general Figueiredo, estava garantida. Seríamos novamente felizes. Não há mal que não venha para o bem. Depois da tempestade...

Mas não! Não para mim! Tenho um resquício de amor-próprio e vergonha na cara. Reuni minhas forças e deixei tudo: marido, situação social, filhos! Eu conhecia algo de inglês, de datilografia e estenografia, poderia recomeçar distante de toda aquela imundície. Fiz minhas malas. Serenamente fiz minhas malas. Abandonei Evaldo, Cris, o sr. Lobato, o dr. Rangel e todo aquele mundo de falsidades. Peguei o primeiro avião para o Rio. Eu não quero mais amar. Eu não quero mais sofrer desilusão. Eu fechei a porta do meu coração. Eu sou Nora, outrora de Goiás, hoje do Rio. A luta apenas se inicia.

Os abridores de bar

José Carlos Oliveira

Apresento-lhes Vaguinho, o abridor de bar. Está numa fase péssima, conforme ele próprio reconhece: não consegue parar. De madrugada desaba na cama, sem força sequer para tirar os sapatos. As 10 horas da manhã abre um olho atônito para a realidade — a luz do dia — que não lhe agrada de forma alguma. No banheiro, escova os dentes com mãos trêmulas. Examina-se no espelho, está vivo; sobreviveu. A barba por fazer. E vai ficar assim mesmo: não se sente em condições neurológicas de manejar o aparelho de barbear. Tem um calombo na testa, que dói latejando, e um arranhão no nariz. Deve ter dado uma cabeçada em alguma porta, parede ou poste, durante a noite, se não desabou durinho no chão do bar. Não se lembra de nada, nem mesmo como conseguiu enfiar a chave yale na fechadura. Está sujo, desgostoso, atormentado por um remorso do tamanho de todos os pecados cometidos ao longo da vida.

Desce e vai indo. No primeiro botequim, que não frequenta, pois é homem de bares de primeira categoria (boa comida, boas mulheres, bebida importada), pede um maço de cigarros e um cafezinho. Ergue a xícara: ela começa a balançar, o café se derrama no pires, todo o seu corpo treme agora. Desiste. Afasta-se do botequim sem beber o café. Segue seu caminho angustiado, tendo a sensação de que todos o observam e julgam: “um rapaz tão novo!” Vinte metros adiante, o primeiro bar. A porta fechada. Mas lá dentro há barulhos, os garçons estão arrumando o ambiente. Ele bate, frenético:

— Abre essa porta, Franklin! Vamos abrir essa porcaria, Franklin!

Franklin, sem camisa, com uma vassoura na mão, obedece.

Vaguinho vai entrando, finalmente são e salvo.

— Me dá logo uma abrideira, Franklin! Um caubói, rápido! Senão, como é que vai ser?

Franklin encosta a vassoura, passa para dentro do balcão e enche um copinho com uísque puro. Vaguinho vira o copinho num gole só.

— Manda outro, que hoje eu não estou nos meus grandes dias. E vá logo

fazendo um normal, com gelo.

Vira o segundo copinho: é o uísque do caubói, aquele que o mocinho bebe no balcão, vigiando pelo espelho os bandoleiros que estão às suas costas, antes de começar o tiroteio no *saloon*.

Vaguinho agora está sentado no lugar de sempre. Todo bêbado que se preza tem um cantinho de fé nos bares que constituem o seu périplo cotidiano. Já não treme tanto. O *shimmie* está passando. *Shimmie* é como se chama a descoordenação motora provocada pelo excessivo consumo de álcool. Nisto batem na porta:

— Abre essa joça, Franklin!

Vaguinho sorri. Já não está só. Eis chegando um novo abridor de bar. E esse já vem *a mil*:

— Adentra o gramado o popular Robertão!

Sentados um em frente ao outro.

— Como é que você está, garoto?

— Mais ou menos — responde Vaguinho. — Mais para menos do que para mais. Estou me recuperando de um *shimmie* desgraçado...

— Isso é bom, isso é bom...

Robertão não precisa pedir nada. Franklin já está preparando o seu gim-tônica.

— Você sabe que eu não sei onde foi que estive ontem? Me deu um branco, rapaz...

— Bem, eu te vi aqui mesmo, ali pelas oito horas. Você já estava num fogo dos diabos; já estava como o diabo gosta. Com três garotas, todas três muito bem-apanhadas. Depois vocês quatro saíram, e a partir daí, eu também ignoro onde é que você possa ter ido.

— Rapaz, é isso aí... Amnésia alcoólica...

— E quem eram as garotas?

— Sei lá... Rapaz, aquelas minas bebem mais do que nós dois juntos... Devem estar *escomadas* por aí...

— Mulher quando dá pra beber é sempre mais corajosa do que homem. Elas é que vão até o fundo do poço. Aliás...

No que disse aliás, entrou no bar o Vitorio Morgado, o Morgadinho:

— Hoje ninguém me segura!

— Já somos três — observou Vaguinho. — Podemos iniciar os trabalhos.

— E isso mesmo — disse Robertão. — Já temos quorum. Eh Franklin! Põe música nessa vitrola que a festa vai começar!

A escrita é outra

Fernando Sabino

Leio no jornal uma entrevista com o autor de *Cem Anos de Solidão*. Só que seu nome é Gabriel Garcia Márquez e não Marques, como saiu publicado.

Não que eu seja lá muito cioso dessas coisas, pelo contrário: meus lapsos ortográficos costumam ser bem mais graves que uma simples troca do z pelo s. Fixei na memória a grafia certa do nome do escritor, não só por ter sido com Rubem Braga o seu primeiro editor no Brasil, mas principalmente por causa daquela sensacional entrevista sobre ele, que dei na época a uma estagiária de um jornal do Rio.

— Me mandaram fazer com você uma entrevista sobre o marquês — e ela foi ligando logo o gravador.

— Que marquês? — estranhei.

— Esse que vocês editaram.

— Não editamos nenhum marquês, que eu saiba.

— O autor desse best-seller de vocês, *Cem Anos de Perdão*.

— De solidão.

— Ou isso: de solidão. Ele não é marquês?

— Não. Ele não é marquês. O nome dele é Gabriel Garcia MÁRQUEZ. Com z no fim. Se duvidar, é capaz de ter até acento no a.

— Então é isso. Foi confusão minha — e ela não se deu por achada, muito menos por perdida, sempre empunhando um gravador junto ao meu nariz. — Por que é que o livro dele está fazendo tanto sucesso?

— Porque é um livro muito bom.

— Foi por isso que vocês publicaram?

Respirei fundo:

— Por isso o quê, minha filha? Por ser muito bom?

Ela me olhou como se estivesse entrevistando uma toupeira:

— O que eu estou querendo saber é por que vocês publicaram o livro dele.

— Porque nos foi recomendado como sendo um livro muito bom.

— Recomendado por quem?

— Pelo Neruda.

— Quem?

— Pablo Neruda. Quando ele esteve no Rio pela última vez, falou com o Rubem que se tratava do romance mais importante em língua espanhola desde Dom Quixote.

— Quem é esse?

— Esse quem? O Rubem?

— Não: o outro.

— Dom Quixote?

— Não: esse cara que você falou antes. O que recomendou o livro. Resolvi deixar cair:

— Você vai me desculpar, minha filha, mas não dá. A entrevista fica para outra vez, quem sabe. É muita honra para um pobre marquês, mas infelizmente... Ou Márquez, se você não se incomoda. No mais, muito obrigado.

— Eu é que agradeço!

Ela desligou o gravador, com ar satisfeito, despediu-se e foi embora.

Tudo depende do nosso ponto de vista em relação ao assunto. O meu era de frente, em relação a esta outra: uma estudante de seus dezoito anos (vestibular do curso de Letras) que vinha a ser um verdadeiro esplendor.

Esplendor de nossa raça, bem entendido: direi em resumo que tinha competência para passar no vestibular do que quisesse, no que dependesse de apresentação física. Sua pele era da cor de sorvete de chocolate, daquele mais claro, mas não tão fria, muito antes pelo contrário, viva e cálida como a de um fruto — cor de jambo, como se dizia antigamente, só que já não me lembro bem da cor do jambo, faz tempo que não vejo um. O rosto era brejeiro, como também se dizia antigamente. E o corpo perfeito como... como...

— Como?

— Eu perguntei o que faz um redator.

Sentada à minha frente, ela deixara o eterno gravador ligado sobre a mesinha entre nós e esperava pela minha resposta, pernas cruzadas, joelhos à mostra. Descruzei as minhas:

— Não entendi bem a pergunta. Antes de mais nada, como é mesmo o seu nome?

— Lindalva — respondeu, com voz de criança.

— O que foi mesmo que você me perguntou, Lindalva?

— Eu perguntei o que faz um redator.

— Um redator? Um redator redige, não é isso mesmo? Mas por que você está me perguntando isso?

Ela descruzou as pernas:

— Você não é um redator?

Cruzei as minhas:

— Bem, de certa maneira... no jornal não sou propriamente um redator, mas um cronista. Ou um colunista, se você prefere. Também redijo, não há dúvida, mas o que eu sou na realidade é um escritor.

— E o que faz um escritor? — ela perguntou então, inalterável.

Meu Deus, ia começar de novo.

— Um escritor escreve — respondi, com um suspiro resignado.

— Não é isso que eu quero saber — reagiu ela, fazendo beicinho.

— Então pergunte o que você quer saber, Lindalva.

— Quero saber o que eu perguntei: o que faz um escritor — e ela tornou a cruzar as pernas.

Descruzei as minhas. Eu já lhe mostro o que faz um escritor:

— Um escritor é um sujeito que só sabe perguntar e não responder a perguntas. Ainda mais perguntas como essa.

De repente entendi:

— Ah, você está querendo saber não a função que exerce um escritor, mas as qualidades intrínsecas que fazem de uma pessoa um escritor, não é isso mesmo?

— Isso mesmo: o que é que faz um escritor?

— As qualidades intrínsecas — arrematei.

— Qualidades o quê?

— Intrínsecas.

— Ah, sei...

Ela mostrou os dentes, abrindo os lábios num sorriso. Pensou um pouco, e não lhe ocorrendo mais nada a perguntar, desligou o gravador, dando a entrevista por encerrada.

Chegou a minha vez de perguntar:

— Que faz uma pessoa como você, Lindalva?

— Como eu, como?

— Como eu como?

Cruzei as pernas, sem que ela descruzasse as suas:

— Estou querendo dizer é que acho surpreendente uma moça como você perdendo tempo em me entrevistar.

Acompanhei-a até a porta:

— Por que não entrevista o Sargentelli, e suas lindas mulatas do Oba-Oba? Você tem futuro.

— Ele também é escritor?

Disse-lhe que não: a escrita dele era outra.

— Gosto muito dos seus escritos — concedeu ela, com um trejeito.

— E eu dos seus.

— Dos meus escritos?

— Dos seus encantos — emendei.

— Então tá — e ela estendeu o rosto me oferecendo a face, muito faceira,

para um beijo de despedida.

Morreu o Valete de Copos

João Antônio

Morreu Esdras Passaes. O duende morreu.

Morreu o homem que sabia ouvir a música dos copos. Morreu um homem que quando começaram a demolir a Lapa, escreveu que todo cidadão que se prezasse, a partir daquele momento, estaria fora do tempo e do espaço, desde que estivesse no Rio. Morreu o nosso amigo, aquele que gostava de tango, era compadre de Nelson Cavaquinho, tratava marafona como princesa e havia consumido quase tudo de Francis Scott Fitzgerald. Matou-se de viver e de beber o criador pouco badalado de uma heroína da Lapa, a Ritinha Maconha dos miserês e dos gatos da Cinelândia, malhados, pardos ou quizilentos.

A alma de cristal acabou de solitédio. Primo de Toulouse-Lautrec, contraparente de Leon Tolstói, personagem póstumo de Scott Fitzgerald e discípulo do xerife do cinema-novo Décio Vieira Otoni, não é do meu conhecimento o que constou em seu atestado de óbito. Mas a causa mortis pode ter sido, sentidamente, uma só — a alma de cristal.

Esdras Passaes bateu com as dez, apagou a vela, fechou o paletó, foi pra chácara dos pés juntos, apitou. E aqui de onde escrevo, nesta cidade de trezentos mil habitantes e só quarenta anos de vida, eu faço pavana para um bêbado morto. É uma espécie, a meu jeito e gosto, de ditirambo, para que a dor de toda a minha geração não seja mais a dor inútil de toda uma geração de calados à força, de enganados e manipulados pelos patrões, de artistas de seu próprio sofrimento. A geração dos feios e malditos.

Não deixou obra completa, nem nada. Mas teve uma grande briga em vida: era um homem de Ipanema e da Lapa ao mesmo tempo. E, entendamos, um sujeito nessas condições não pode ser um homem bem-comportado e direitinho neste planeta. Muita vez, bebeu até os sapatos.

Escrevo de Londrina, Norte do Paraná, cidade desconcertante, eu desconcertado, 90 por cento são forasteiros, pingentes da vida e o mais bobo já aprendeu a acender cigarro no relâmpago, que a terra não perdoa — sua poeira ou lama fica impregnada, entranhada na roupa, na pele e na alma. Uma terra roxa e barrenta, terra de siena, que se intromete em tudo porque ninguém vem ao Norte do Paraná impunemente.

Esdras Passaes, professor de solidão (e não de solidude, o que já seria fricote deste aqui), jornalista e pingente urbano, cujo grande sinal particular foi o de fino cavalheiro, entenderia essa coisa tangencial que empurra o forasteiro para a frente.

Nosso Esdras Passaes, cavaleiro da noite, amigo dos oprimidos, solidário das marafonas, merduncho entre merdunchos, apelidado Paçoca, dono dessa grandeza paradoxal dos homens de uma época de transição — gostava de tango, baixelas e pratarias e ainda de uma carne-seca com jerimum no Beco da Fome.

Aos que não o conheceram em vida, dou em homenagem ao falecido que morreu de viver uma antologia precária de seus mais fecundos comportamentos:

De 1 a 20 - inteligência. Acompanhada de absoluta falta de juízo. Sempre.

21 - foi um homem na medida dos personagens de Lima Barreto. Vivia numa reserva de sonho. Assim, todos ganharam dinheiro e glória com a sua produção. Menos ele.

22 - tinha a grandeza de entender que noticiar os bang-bangs com dignidade tem tanta importância que falar do último congresso em reunião da Casa Branca.

23 - seu horror à mediocridade era conhecido. Costumava dizer: “Que é isso, amigo? Todos têm altos e baixos, mas o senhor só dá baixaria.”

24 - usava cigarro na cigarreira, bebia por cem e cometia uma loucura extrema: virava quadros de cabeça para baixo.

25 — em seus textos (ah, a magia de tanta economia e até magreza vocabular que sempre desnorteava os desavisados) nunca escreveu a palavra noite com letra minúscula. Escrevia sem gaguejar.

26 — era amigo pessoal de Ringo, o que não perdoa, mata; era concorrente de si mesmo, pois consumia nostalgia muito antes da onda chegar e se identificava de um modo estranho. F. Scott Fitzgerald dizia: “Muito prazer. Meu nome é Dostoievski.” Esdras Passaes dizia: “Muito prazer. Meu nome é Francis Scott Fitzgerald. Eu escrevi Belos e Malditos, Suave É a Noite e A Derrocada. O senhor já leu?”

27 — usava relógio de bolso, patacão que vivia parado. Encostava o ouvido na boca dos copos e revelava: “Ouçam, que música!”

28 — gostaria de escrever um romance, Os Últimos Dias da Lapa, não

escreveu. Gostaria de escrever outro romance, Os Trombadinhas, não escreveu. Adoraria escrever ainda outro, Os Alegres Rapazes da Imprensa Carioca, não escreveu. Queria ir a Paris, Buenos Aires e ao Caribe, mas viveu de Lapa em Lapa. E correu tudo isso num corpo a corpo com a vida.

29 — aos chatos e bem-comportados, tirava palavra e dava destino final: “Continuando assim, amigo, o senhor vai morrer com um câncer na próstata, velho e casado com uma mulher gorda e enfadonha como a Prascóvia Fiodorovna do Ivan Ilich.”

30 — dizia que a verdade, se existe uma, mora nos olhos das mulheres e no fundo dos copos.

31 — alertava aos menos acordados que todo homem tem de ter uma diferença na vida. E era preciso passar isso a limpo.

32 — anti-herói, foi um herói: afinal, foi ele quem marcou o momento de sua morte.

Só não disse que esta vida marota não faz graça nem dá talento de graça a ninguém. Quase sempre, cobra alto. Afinal, quem julgar que este mundo é fácil entrou no planeta errado.

Nos últimos quinze anos, lutou-se inutilmente para que Esdras Passaes não se matasse de beber. Mas a força maior ganhou, como sempre. Afinal, in vino veritas.

Nos últimos quinze anos também pedi a alguma consciência cósmica deste ou de outro mundo que não precisasse carregar a alça de seu caixão no dia de seu enterro. Essa última briga nem travei. Ganhei só por acaso.

Descansa, Esdras. Dorme, cara. O porre acabou.

Medo da Eternidade

Clarice Lispector

Jamais esquecerei o meu aflitivo e dramático contato com a eternidade.

Quando eu era muito pequena ainda não tinha provado chicles e mesmo em Recife falava-se pouco deles. Eu nem sabia bem de que espécie de bala ou bombom se tratava. Mesmo o dinheiro que eu tinha não dava para comprar: com o mesmo dinheiro eu lucraria não sei quantas balas.

Afinal minha irmã juntou dinheiro, comprou e ao sairmos de casa para a escola me explicou:

— Tome cuidado para não perder, porque esta bala nunca se acaba. Dura a vida inteira.

— Como não acaba? — Parei um instante na rua, perplexa.

— Não acaba nunca, e pronto.

Eu estava boba: parecia-me ter sido transportada para o reino de histórias de príncipes e fadas. Peguei a pequena pastilha cor-de-rosa que representava o elixir do longo prazer. Examinei-a, quase não podia acreditar no milagre. Eu que, como outras crianças, às vezes tirava da boca uma bala ainda inteira, para chupar depois, só para fazê-la durar mais. E eis-me com aquela coisa cor-de-rosa, de aparência tão inocente, tornando possível o mundo impossível do qual eu já começara a me dar conta. Com delicadeza, terminei afinal pondo o chicle na boca.

— E agora que é que eu faço? — Perguntei para não errar no ritual que certamente deveria haver.

— Agora chupe o chicle para ir gostando do docinho dele, e só depois que passar o gosto você começa a mastigar. E aí mastiga a vida inteira. A menos que você perca, eu já perdi vários.

Perder a eternidade? Nunca.

O adocicado do chicle era bonzinho, não podia dizer que era ótimo. E, ainda perplexa, encaminhá-vamo-nos para a escola.

— Acabou-se o docinho. E agora?

— Agora mastigue para sempre.

Assustei-me, não saberia dizer por quê. Comecei a mastigar e em breve tinha na boca aquele puxa-puxa cinzento de borracha que não tinha gosto de nada. Mastigava, mastigava. Mas me sentia contrafeita. Na verdade eu não estava gostando do gosto. E a vantagem de ser bala eterna me enchia de uma espécie de medo, como se tem diante da ideia de eternidade ou de infinito.

Eu não quis confessar que não estava à altura da eternidade. Que só me dava era aflição. Enquanto isso, eu mastigava obedientemente, sem parar.

Até que não suportei mais, e, atravessando o portão da escola, dei um jeito de o chicle mastigado cair no chão de areia.

— Olha só o que me aconteceu! — Disse eu em fingidos espanto e tristeza. Agora não posso mastigar mais! A bala acabou!

— Já lhe disse, repetiu minha irmã, que ela não acaba nunca. Mas a gente às vezes perde. Até de noite a gente pode ir mastigando, mas para não engolir no sono a gente prega o chicle na cama. Não fique triste, um dia lhe dou outro, e esse você não perderá.

Eu estava envergonhada diante da bondade de minha irmã, envergonhada da mentira que pregara dizendo que o chicle caíra da boca por acaso.

Mas aliviada. Sem o peso da eternidade sobre mim.

Ser gagá

Millôr Fernandes

Ser Gagá não é viver apenas nos idos do passado: é muito mais! É saber que todos os amigos já morreram e os que teimam em viver, são entrevados. E sorrir, interminavelmente, não por necessidade interior, mas porque a boca não fecha ou a dentadura é maior do que a arcada.

Ser Gagá é ficar pensando o dia inteiro em como seria bom ter trinta anos ou, vá lá, quarenta, ou mesmo, ó Deus, sessenta! É ficar olhando os brotinhos que passeiam, com o olhar esclerosado, numa inútil esperança. É ficar aposentado o dia inteiro, olhando no vazio, pensando em morrer logo, e sair subitamente, andando a meia hora que o separa dos cem metros da esquina, porque é preciso resistir. É dobrar o jornal encabulado, quando chega alguém jovem da família, mas ficar olhando, de soslaio, para os íntimos da coluna funerária. Ser Gagá é saber todos os mortos inscritos no *Time*, em *Milestones*. Não é saber o *Who is who*, mas os *WHEN*. É só pensar em comer, como na infância. E em certo dia passar fome as vinte e quatro horas, só de melancolia. É, na hora mais ativa do mais veloz Bang-Bang, descobrir, lá no terceiro plano, um ator antigo, do cinema mudo, e sentir no peito a punhalada. É surpreender, subitamente, um olhar irônico que trocam dois brotinhos, que, no entanto, o ouvem seriamente. É querer aderir à bossa nova, falar “Sossega Leão” e morrer de vergonha ao perceber o fora. É não querer, não querer, mas cada dia ficar mais necessitado de amparo do que outrora. É ter estado em Paris, em 19. É descobrir, de repente, um buraco na roupa e dar graças a Deus, por ser na roupa.

Ser Gagá é sentir plenamente que tudo que se leu, que se aprendeu, que se viu e se viveu não vale nada diante do que estua. Ser Gagá é estar sempre na iminência de ouvir em plena rua: “Olha o tarado!” E ficar contente em ver Chaplin e Picasso como os “mais charmosos” de sessenta! É chamar de menina à quarentona. E ter uma esperança senil nos cientistas. É reparar, nos mais jovens, o imperceptível sinal de decadência. É ficar olhando o detalhe, nos amigos; a lentigem nas mãos, o cabelo que afina, a pele que vai desidratando. Ser Gagá é o orgulho vão de ainda ter cabelo e poucos brancos! A vaidade tola de não ter barriga; a felicidade de ter dentes próprios. E fazer grandes planos quinquenais que espantam os jovens que acham cinco anos a

própria eternidade, mas que o Gagá sabe que voam como voaram tantos, tantos, tantos.

Ê se apegar, desesperadamente, pelo tremendo impulso da existência, aos filhos, aos netos e aos bisnetos, embora saiba que eles não o querem, que a convivência com eles é apenas parte e total do egoísmo vital que o enterra. E sentir que agora, outra vez, está bem de saúde. E sentir a saúde ocasional. E carregar o corpo o tempo todo. E sentir o caixão no próprio corpo. E saber que já não há quem tenha prazer em lhe acarinhar a pele. Ê já não ter prazer em passar a mão na própria pele. E esquecer de coisas importantes e lembrar, sem saber por que, um gosto, um calor, uma palavra há tempos esquecidos.

Ser Gagá é procurar com afã a importância do cargo para de novo ser solicitado, embora pelo cargo. E sentir que nada do que faça, espantoso que seja, terá a importância do feito de outro homem, nos inícios da vida. Ser Gagá é quando dormir tarde se torna uma loucura, resgatada em feroz resfriado que dura uma semana. E ter sabido francês, e esquecido. E já não jogar xadrez como outrora! E olhar o retrato amarelado e lembrar que fotógrafo usava magnésio. Ê dizer, como um feito, que ainda lê sem óculos. E ouvir que alguém diz, quando passa na rua: “Inda está firme!” E ficar galante e baboseiro na terceira taça de champanha. Ê casar com uma mulher mais jovem e querer dar logo ao mundo a inegável prova de um filhinho.

Ser Gagá é, num esforço mortal, aceitar tudo que inventam, todas as ideias, as modas, a música, o ritmo de vida, mas não deixar de dizer numa ironia profunda e amargurada. “Eu não entendo”. E sentir de repente o isolamento. Ê ficar egoísta, e amedrontado. E não ter vez e nem misericórdia.

Ser Gagá é fogo. Ou melhor, é muito frio.

Somos todos estrangeiros

Ivan Lessa

Estrangeiro é o bairro em que moramos, estrangeira é a mulher que encoxamos no elevador, estrangeiros são nossos pais, nossos filhos. Nunca me senti em casa no Brasil, ninguém está em casa no Brasil: todo mundo foi até a esquina, todo mundo foi tomar um cafezinho. Achava que, de uma maneira ou de outra, eu estava embromando ou sendo embromado por alguém. Que viver não era nada daquilo, que eu não tinha nada com o peixe, que os verdadeiros brasileiros estavam misteriosamente ocupados com seus sofrimentos, ou então atarefados criando um Brasil melhor: gente andando rapidamente nas ruas da cidade, ou cavando uma terra dura e ingrata. Os brasileiros eram abstratos, distantes, mais calados do que comumente se supõe. Conheço algumas vozes brasileiras: gostaria de saber escrever na tonalidade do Jorge Veiga, ou do Moreira da Silva, misturada a uma retórica aborrecida e às avessas semelhante à de Ruy Barbosa — como o Hino à Bandeira acompanhado de caixinha de fósforos. Os sambinhas, claro, eram brasileiros, o pessoal que sentava ao meu lado no Maracanã era brasileiro, as piadas de papagaio eram brasileiras. Mas tudo era de mentirinha, beirando sempre o pitoresco ou se precipitando na tragédia policial ou no editorial dos jornais. A vida a sério, os seis quarteirões em que me locomovia, as seis pessoas com quem convivia não eram, digamos assim, bem brasileiros — assim como eu, tinham máquina fotográfica a tiracolo e camisas com palmeiras.

Em tudo que eu engolia ficava uma ponta de tradução atravessada em minha garganta: os filmes com legendas em português, as histórias em quadrinhos, os livros, as notícias; os *foxes*. Éramos uma versão pobre do que a vida deveria ser — e a vida vinha sempre em inglês, em francês, em alemão. Mesmo quando dizia “eu te amo”, ou “não me chateia”, eu me sentia vagamente ridículo, apropriador — feito um homem de série da televisão mal dublado: minha boca fechada e as palavras ainda saindo, um ventríloquo com descontrole psicomotor.

Reconheci, pelo paladar, pelos olhos, certos molhos, certas bossas tipicamente brasileiras (o problema é que eram *típicos*): feijoada, dendê, folha seca de Didi, Noel Rosa, escola de samba. Mas a essência, a parte que tratava

de mim (nos meus seis quarteirões, na cidade no sul do país) e de minha relação com os severinos todos, essa parte era sempre tratada em outra língua; eu pertencia aos estrangeiros, foram eles que me disseram como vim a fazer parte ou como nunca fiz parte. Eu era, como todo brasileiro, um improvisador, um adaptador, um tradutor, conseqüentemente um traidor — porque eu olhava para a cara de meu semelhante e não sabia como poderíamos nos entender, o que ele tinha a me dizer, o que eu poderia lhe dizer, como juntos conseguiríamos nos salvar. No entanto, o tempo todo, eu era, eu sou, apenas mais um João, só que em russo.

Não consegui, como tanta gente de minha geração ou mais moça do que eu, me interessar pelo folclore caboclo. A própria palavra folclore já leva embutido um desaforo urbano. No entanto, achava que o setor, devidamente estudado por profissionais competentes, me seria útil, me forneceria, por exemplo, dados para escrever com justeza para um público moço que vive de cinema, disco e que sabe, curiosamente, que há uma tremenda safadeza, uma violência no ar. Não lia, portanto, *O Negrinho do Pastoreio* — o que já preparava o terreno até para eu deixar de ler Machado de Assis ou Dalton Trevisan. Comprava *pocketbooks*, que eram mais baratos, mais engraçados, e, de certa forma, sobre mim, *a meu respeito*. Preocupado comigo mesmo, com esse “meu respeito”, descobri-me sozinho no meio da avenida repetindo *eu... eu... eu...* como um pronome enguiçado que não consegue engatar a segunda e a terceira do singular. Perdi os joões, os josés, os severinos, vim para o original, o estrangeiro, dando início a uma certa paz, tranquilidade, a noção de ordem: as legendas acabaram, sou finalmente, completamente, um estrangeiro. Posso agora conjugar-me no plural, dizer *nós*. Somos todos estrangeiros, sois todos estrangeiros, são todos estrangeiros. Não há nada a fazer a não ser descobrir esse estrangeiro que há na gente. Daí então a gente começa a falar brasileiro, coça o saco, conta como *é* que *é*. Daí então o papo, aquele papo, pode começar. Só que agora pra valer.

Londres, 7 de setembro, 1910.

Os anos 1980

Sexo e assombrações

A problemática sexual parecia resolvida de um lado, e chovem relatos sobre todo tipo de relacionamento — João Ubaldo flagrou até um Papai Noel dando uma escapadinha na noite de Natal. De outro, o drama da Aids açoita o mundo, e Caio Fernando de Abreu, uma das muitas vozes a se debruçar sobre o destino das tribos alternativas, pede que o olho bom de Deus paire “sobre os homossexuais tontos de amor não dado, as prostitutas seminuas e os travestis da República do Líbano”. O corpo, que na década de 1960 já havia avançado na liberação de tudo que lhe fosse prazer e comportamento, deixa definitivamente de ser um tabu. Mas o amor continua na moda. Louva-se a namorada ao estilo romântico e tortura-se com a súbita aparição, as assombrações anotadas por Ivan Ângelo, de “uma boca, um seio, um andar, uma risada” que há muito já se foram.

Ed Mort e o anjo barroco

Luis Fernando Veríssimo

Mort. Ed Mort. Detetive particular. Está na plaqueta. Durante meses ninguém entrara no meu escri — *escritório* é uma palavra grande demais para descrevê-lo — a não ser cobradores, que eram expulsos sob ameaças de morte ou coisa pior. De repente, começou o movimento. Entrava gente o dia inteiro. Gente diferente. Até as baratas estranharam e fizeram bocas. Não levei muito tempo para descobrir o que tinha havido. Alguém trocou a minha plaqueta com a da escola de cabeleireiros, ao lado. A escola de cabeleireiros passou o dia vazia. Voltaire, o ratão albino, que subloca um canto da minha sala, emigrou para lá. Quando recoloquei a plaqueta no lugar, Voltaire voltou. Ele gosta de sossego. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta certa.

Eu estava pensando no meu jantar da noite passada — isto é, em nada — quando ela entrou. Nem abri os olhos. Disse: “A escola de cabeleireiros é ao lado.” Mas quando ela falou, abri os olhos depressa. Se a sua voz pudesse ser engarrafada seria vendida como afrodisíaco. Ela não queria a escola de cabeleireiros.

— Preciso encontrar o meu marido.

— Claro — disse eu. — Vá falando que eu tomo nota. Meu bloco de notas fora levado pelas baratas. Uma ação de efeito psicológico. O bloco não lhes serviria para nada. Só queriam me desmoralizar. Peguei um cartão que um dos pretendentes a cabeleireiro deixara em cima da minha mesa, com um olhar insinuante, no dia anterior. Tenho um certo *charme* rude, não nego. Sou violento. Sorrio para o lado. Uso costeletas. No cartão estava escrito Joli Decorações e um nome, Dorilei. Virei do outro lado. Comecei a escrever enquanto ela falava. A Bic era alugada.

— Não fui à polícia para evitar o escândalo. Meu marido é de uma família conhecida. Isto não pode sair nos jornais.

Escrevi: “Linda. Linda!”

— Somos muito ricos. Meu marido vive de rendas. Desapareceu há uma semana.

Escrevi: “Se eu conseguir que ela prove o meu *fettucine*, está no papo.” Ela disse:

— Ele saiu para devolver um anjo barroco a uma loja de decorações. Descobriu que o anjo era falso. A loja se chamava Joli Decorações.

Escrevi: “Epa!” Era o nome do cartão. Pedi para ela esperar e fui até à escola de cabeleireiros, ao lado. Dorilei estava tendo trabalho para dominar o *boufant*.

Recebeu-me com um sorriso brejeiro. Agarrei-o, com dificuldade, pela camiseta *colant*. A escola de cabeleireiros estava cheia. Houve gritos. Senti que alguém tentava me arranhar por trás. Dei-lhe um cotovelo. Bateu no medalhão. Doeu, mas doeu mais nele. Com o rabo do olho vi que outro se aproximava aos pulos. Estava armado com um pente elétrico. Derrubei um secador de cabelo no seu caminho. Fiz Dorilei rodopiar e o usei como um escudo, ameaçando quebrar os seus dois pulsos. Isto os deteve. Mande Dorilei falar, e depressa. Qual era a sua ligação com a Joli Decorações?

— Trabalhei lá até ontem. Não pude continuar. O ambiente! Por isso vim aprender a ser cabeleireiro.

O dono da Joli Decorações tinha se metido numa encrenca. Vendera um anjo barroco falso a um ricoço. O ricoço ameaçara denunciá-lo. Tinham se trancado no escritório de Randal, o dono, durante horas. Uma briga feia. No fim, saíram do escritório e da loja.

— Os dois juntos? — Juntinhos.

Randal tinha um sítio em Teresópolis. O endereço foi a última informação que tirei de Dorilei, antes de atirá-lo contra a parede. Saí sob vaias. Gente intolerante. Mort. Ed Mort. Está na plaqueta.

Um detetive particular deve ter o poder da dedução. Deve procurar pistas e segui-las, não importa o risco. Mas às vezes a coincidência ajuda. Disse para ela que sabia onde procurar o seu marido. Ela se atirou nos meus * braços. As baratas, revoltadas, fizeram uma pequena dança de protesto. Voltaire nem olhou. Ela insistiu em ir comigo a Teresópolis. Iríamos no seu carro. O meu estava num estacionamento e eu não tinha dinheiro para pagar a estada. Três anos. Eu às vezes ia visitá-lo e chutar os pneus. Sou assim. Sentimental. Sei lá.

No caminho para Teresópolis, discutimos o caso. O marido podia ter sido seqüestrado. Ou então — foi ela mesmo quem disse — eliminado, para não contar o que sabia sobre o anjo barroco. Talvez existisse uma quadrilha de

falsificadores de anjos. Como o marido era bem relacionado no meio de compradores de antiguidades, uma palavra sua podia arruinar os falsificadores. Sugeri que avisássemos à polícia. Ela disse que confiava em mim. Perguntou se eu estava armado. Respondi que sim. Meu 38 estava empenhado, mas canivete também é arma. Pensei: se eu morrer por ela, ela será minha devedora. Mas eu não estarei aqui para cobrar. Sorri com o lado da boca que ela podia ver, mas o outro lado pendeu de preocupação. Paradoxo. Perigo. Mamãe disse que devia estudar contabilidade.

Não foi preciso chegar até à casa. De uma colina, avistamos o jardim. Randal e o marido dela caminhavam por entre os canteiros floridos. Estavam de mãos dadas.

Na volta para o Rio, ela não disse nada. Pensei em convidá-la a deixar aquela vida — apartamento na Vieira Souto, empregados, iates, viagens à Europa, aquela sujeira — e se juntar a mim. Meu *fettucine* com vinho Boca Negra a faria esquecer tudo. Tenho tudo que o Agnaldo Timóteo já gravou e ainda vou comprar uma eletrola. Perguntei se ela abandonaria o marido. Ela riu e perguntou se eu estava doido. Deixou-me na galeria. Esqueci de cobrar pelo trabalho.

O escri estava todo revirado. Frases escritas a batom nas paredes. A vingança dos cabeleireiros. As baratas só esperavam para ver a minha cara. Voltaire mudou-se para a loja de carimbos. Mort. Ed Mort. Estava na plaqueta, mas o Dorilei atirou no chão e sapateou em cima.

O dia em que nós pegamos Papai Noel

João Ubaldo Ribeiro

Na nossa turma em Aracaju — uns 15 moleques de 9 a 10 anos de idade, no tempo em que menino era muito mais besta do que hoje —, quem sabia de tudo era Neném, cujo verdadeiro nome até hoje desconheço. Neném era chamado a esclarecer todas as dúvidas, inclusive em relação a mulheres, assunto proibidíssimo, que suscitava grandes controvérsias. Ninguém sabia nada a respeito de mulheres e muitos nem sabiam direito o que era uma mulher. As mulheres usavam saias, falavam fino, tinham direito a chorar e os homens mudavam de assunto ou tom de voz quando uma delas se aproximava — e pouco mais do que isso constava do nosso cabedal de informações, razão por que Neném assumiu grande importância no grupo.

Neném sabia tudo de mulher, contou cada coisa de arrepiar os cabelos. Houve quem não acreditasse naquela sem-vergonhice toda: como é que era mesmo, seria possível uma desgraceira dessas? Quer dizer que aquela conversa de que achou a gente dentro da melancia, não sei o quê, aquela conversa... Pois isso é muito mais! — garantia Neném, e aí tome novidade arrepiante em cima de novidade arrepiante. Um menino da turma, o Jackson (em Sergipe há muitos Jacksons, por causa de Jackson de Figueiredo, é a mesma coisa que Ruy na Bahia), ficou tão abalado com as revelações que foi ser padre.

Mas, antes de Jackson se assustar mais e entrar para o seminário, chegou o primeiro Natal em que o prestígio de Neném já estava amplamente consolidado e a questão das mulheres — tão criadora de tensões, incertezas e pecados por pensamentos, palavras e obras — foi substituída por debates em relação a Papai Noel. A ala mais sofisticada lançava amplas dúvidas quanto à existência de Papai Noel e o ceticismo já se alastrava galopantemente, quando Neném, que tinha andado gripado e ficara uns dias preso em casa para ser supliciado com chás inacreditáveis, como faziam com todos nós, apareceu e, para surpresa geral, manifestou-se pela existência de Papai Noel. Ele mesmo já estivera pessoalmente com Papai Noel. Não falara nada porque, se alguém fala assim com Papai Noel na hora do presente, ele toma um susto e não bota o presente no sapato. Apenas abriu um olho cautelosamente, vira Papai Noel, com um sacão maior que um estudebêiquer, tirando os presentes lá de dentro,

foi até no ano em que ele ganhara a bicicleta, lembrava-se como se fosse hoje. Então Papai Noel existia, era fato provado.

Alguns se convenceram imediatamente, mas outros resistiram. Aquele negócio de Papai Noel era tão lorota quanto a história da melancia. Neném se aborreceu, não gostava de ter sua autoridade de fonte fidedigna contestada, propôs um desafio. Quem era macho de esperar Papai Noel na véspera de Natal? Tinha que ser macho, porque era de noite, era escuro e era mais de meia-noite, Papai Noel só chega altas horas. Alguém era macho ali?

Ponderou-se que macho ali havia, machidão é o que não falta em Sergipe, não se fizesse ele de besta de achar que alguém ali não era macho do dedão do pé à raiz do cabelo. Mas era uma questão delicada, como era que se ia fazer para enganar os pais e conseguir escapulir de casa à noite? E quem tivesse sono? Havia alguns que tomavam um copo de leite às oito horas e caíam no sono 15 minutos depois, era natureza mesmo, que é que se ia fazer? Era muito fácil falar, mas resolver mesmo era difícil.

Neném não quis saber. Disse que macho que é macho vai lá e enfrenta esses problemas todos, senão não é macho. Macho era ele, que só não ia sozinho para o quintal de Zizinho apreciar a chegada de Papai Noel porque, sem companhia, não ia ter graça e infelizmente não havia ali um só macho para ir com ele. Por que ninguém aproveitava que a Feirinha de Natal funciona até tarde e os meninos têm mais liberdade de circular à noite?

Claro, a Feirinha de Natal! Todo Natal havia a Feirinha, montada numa praça, com roda-gigante, carrossel, barracas de jogos e tudo de bom que a gente podia imaginar, iluminada por gambiarras coloridas e enfeitada por todos os cantos. Sim, não era impossível que um bom macho conseguisse aproveitar a oportunidade gerada pela Feirinha e escapulir para ver Papai Noel no quintal de Zizinho. Só que não podia ser mais perto, por que tinha de ser no quintal de Zizinho? Elementar, na explicação meio entediada de Neném: Zizinho tinha mais de dez irmãos, era a primeira casa em que Papai Noel passaria, para descarregar logo metade do saco e se aliviar do peso. Além disso, o quintal era grande, cheio de árvores, dava perfeitamente para todo mundo se esconder, cada qual num canto para manter sob vigilância todas as entradas do casarão, menos a frente, é claro, porque Papai Noel nunca entra pela frente, qualquer um sabe disso.

Eu fui um dos machos, naturalmente. E, já pelas dez horas, o burburinho da Feirinha chegando de longe com a aragem de uma noite quieta, estávamos nos dispondo estrategicamente pelo quintal, sob as instruções de Neném. Alguns ficaram com medo de cobra (macho pode ter medo de cobra, não é

contra as normas), outros se queixaram do frio, outros de sono, mas acabamos assentados em nossas posições.

Acredito que cochilei, porque não me lembro do começo do rebuliço. Alguém tinha visto um vulto esgueirar-se pela janela do quarto da empregada, que ficava separado da casa, do outro lado do quintal. Era Papai Noel indo dar o presente de Laleca, a empregada, uma cabocla muito bonita e, segundo Neném, “da pontinha da orelha esquerda”. No duro que era Papai Noel, já havia até descrições do chapéu, da barba, do riso, tudo mesmo. Como os soldados dos filmes de guerra que passavam no cinema do pai de Neném, fomos quase rastejando para debaixo da janela de Laleca. Estava fechada agora, Papai Noel certamente não queria testemunhas.

Mas como demorava esse Papai Noel! Claro que, nessas horas, o tempo não anda, escorre como uma lesma. Mas, mesmo assim, a demora estava demais.

— Estou ouvindo uns barulhinhos — cochichou Neném.

— Eu também.

— Eu também. E foi risada, ainda agora, foi risada?

— Psiu!

Silêncio entre nós, novos barulhinhos lá dentro.

— Quem é macho aí de perguntar se é Papai Noel que está aí? — perguntou Neném.

Eu fui macho outra vez. Estava louco para apurar aquela história toda, queria saber se Papai Noel tinha trazido o que eu pedira e aí gritei junto às persianas:

— E Papai Noel que está aí?

Barulhos frenéticos lá dentro, vozes, confusão. ‘

— É Papai Noel?

A barulheira aumentou e, antes que eu pudesse repetir a pergunta outra vez, a janela se abriu com estrépito e de dentro pulou um homem esbaforido, segurando uma camisa branca na mão direita, que imediatamente desabalou num carreirão e sumiu no escuro. Lá dentro, ajeitando o cabelo, Laleca fez uma cara sem graça e perguntou o que a gente estava fazendo ali.

— Era Papai Noel que estava com você?

— Era, era — respondeu ela.

Mas ninguém ficou muito convencido, até porque o homem que pulara tão depressa janela afora lembrava muito o pai de Zizinho, que por sinal, no dia seguinte, deu cinco mil réis a ele, disse que ficasse caladinho sobre o episódio e explicou ainda que Papai Noel não existia, Papai Noel eram os pais, como ele, pai de Zizinho, que todo Natal ia de quarto em quarto distribuindo presentes. De maneira que até hoje a coisa não está bem esclarecida e nós ficamos sem saber se bem era uma história de Papai Noel ou se bem era uma história de mulher daquelas de arrepiar os cabelos.

Palavra de homem

Aldir Blanc

No apartamento onde moro existe um cômodo misterioso: o escritório.

Não escrevo nele, mas lá estão os livros, o computador, a velha máquina de escrever, o fax, os discos... De vez em quando, peço licença e entro lá pra apanhar alguma coisa. O lugar é dominado por minha mulher e quatro filhas. Uma noite, fui atrás de um livro policial com Pepe Carvalho, meu detetive favorito, e dei de cara com as cinco me olhando.

Só o homem que vive com cinco mulheres sabe os riscos dessa convivência. E preciso ser o que meu amigo Mello Menezes chama de “canalha cáldo”: terno, compreensivo, com apurado senso de justiça, jamais deixando que ciúmes extrapolem, ajeita daqui, manera de lá, tentando não perder um pedacinho sequer do imenso amor que todas sentem por mim e que eu, modéstia à parte, mereço. Bom, manter essa peteca no ar sem uma certa dose de canalhice, sinceramente, não dá.

Na tal noite, que mudou minha vida, as cinco me olhavam, intensas, e pude sentir que o homem não é nada quando mulheres tomam uma decisão. Os olhares diziam mais ou menos assim: Isso é assunto nosso, morou? Estamos envolvendo você por consideração etc., mas ESSE NÃO É SEU DEPARTAMENTO, CERTO?

Uma delas me deu uma lata de cerveja geladinha, outra me passou uma cigarrilha holandesa, botaram um disco de jazz que eu amo na vitrola, e Isabel, a caçula, me jogou um beijinho como quem diz: Coragem! Cumprido esse preâmbulo ritualístico, a Rainha das Amazonas anunciou:

— Tatiana está grávida.

Elas dizem que é folclore, mas eu senti direitinho a fumaça da cigarrilha saindo pelas orelhas. Engasguei, fiz gestos estranhos, e a Patrícia suspirou:

— Eu disse que era melhor acender um troço mais forte...

Eu nasci no Estácio, pô! Qualé? Fui criado em Vila Isabel! Não vou perder a pose mole, não! Eu e o Bruce Willis somos duros de matar, neguinhas! Vou mostrar pra vocês meu famoso jogo de cintura. Quando vocês

iam, eu já estava voltando, tá legal?

Parei de espernear, levantei do chão, Isabel enxugou a lourinha entornada em minha camisa, e tomei ali, na hora, uma decisão de macho: Não vou permitir que elas percebam meus verdadeiros sentimentos. Nunca! Para o próprio bem delas, tenho que ficar frio. Vou fazer minha imitação de Robert Mitchum.

Pronto. Nervos devidamente colocados no lugar, tive um acesso de choro. Nada de BUAAÁÁAA e SNIFF, coisa de criança. Sou da Zona Norte. Foi assim: AAAMMMHHNNNN!

Vendo que eu havia conseguido o completo domínio de minha emoção, Mari Lúcia continuou:

— São gêmeos.

— AAIIIIIMHHNNHHHHIIIGRFSSSS!

Mais lenha:

— A Mariana também está grávida.

Voltei a mim, igualzinho no antigo samba, nos braços de Isabel. “Nos braços de Isabel eu sou mais homem, nos braços de Isabel eu sou um deus...” Afagando minha barba em desalinho, Isabel brincou:

— Vai ser vovô...

Mari Lúcia me abanava, Mariana pingava gotinhas de Efortil dentro de outra latinha, Jung (meu bravo e fiel cão de guarda) lambia minha cara, Patrícia rezava um mantra aprendido em Búzios, e Tatiana repetia, sorridente:

— Assim a gente mata o velho...

Minha garganta emitia sons gorgolejantes. Todas insistiam:

— Fala, tenta falar. Cê vai se sentir melhor.

Consegui articular:

— Tô com uma vontade louca de comer carambola.

É isso, amigas. Fecundado pela palavra vovô, eu estava irremediavelmente grávido de meus netos.

Deus é naja
Caio Fernando Abreu

Estás desempregado? Teu amor sumiu? Calma: sempre pode pintar uma jamanta na esquina.

Tenho um amigo, cujo nome, por muitas razões, não posso dizer, conhecido como o *mais dark*. Dark no visual, dark nas emoções, dark nas palavras: darkésimo. Não nos conhecemos há muito tempo, mas imagino que, quando ainda não havia darks, ele já era dark. Do alto de sua darkice futurista, devia olhar com soberano desprezo para aquela extensa legião de paz e amor, trocando flores, vestida de branco e cheia de esperança.

Pode parecer ilógico, mas o mais dark dos meus amigos é também uma das pessoas mais engraçadas que conheço. Rio sem parar do humor dele — humor dark, claro. Outro dia esperávamos um elevador, exaustos no fim da tarde, quando de repente ele revirou os olhos, encostou a cabeça na parede, suspirou bem fundo e soltou esta: — “Ai, meus Deus, minha única esperança é que uma jamanta passe por cima de mim...” Descemos o elevador rindo feito hienas.

Devíamos ter ido embora, mas foi num daqueles dias gelados, propícios aos conhaques e às abobrinhas. Tomamos um conhaque no bar. E imaginamos uma história assim: você anda só, cheio de tristeza, desamado, duro, sem fé nem futuro. Aí você liga para o Jamanta Express e pede: — “Por favor, preciso de uma jamanta às 20h15, na esquina da rua tal com tal. O cheque vai estar no bolso esquerdo da calça”. Às 20h14, na tal esquina (uma ótima é a Franca com a Haddock Lobo, que tem aquela descidona), você olha para a esquina de cima. E lá está — maravilha! — parada uma enorme jamanta reluzente, soltando fogo pelas ventas que nem dragão de história infantil. O motorista espia pela janela, olha para você e levanta o polegar. Você levanta o polegar: tudo bem. E começa a atravessar a rua. A jamanta arranca a mil, pneus guinchando no asfalto. Pronto: acabou. Um fio de sangue escorrendo pelo queixo, a vítima geme suas últimas palavras: — “Morro feliz. Era tudo que eu queria...”

Dia seguinte, meu amigo dark contou: — “Tive um sonho lindo. Imagina só, uma jamanta toda dourada...” Rimos até ficar com dor de barriga. E eu

lembrei dum poema antigo de Drummond. Aquele *Consolo na Praia*, sabe qual? “Vamos não chores/ A infância está perdida/ A mocidade está perdida/ Mas a vida não se perdeu” — ele começa, antes de enumerar as perdas irreparáveis: perdeste o amigo, perdeste o amor, não tens nada além de mágoa e solidão. E quando o desejo da jamanta ameaça invadir o poema, Drummond, o Carlos, pergunta: “Mas, e o *humour*?” Porque esse talvez seja o único remédio quando ameaça doer demais: invente uma boa abobrinha e ria, feito louco, feito idiota, ria até que o que parece trágico perca o sentido e fique tão ridículo que só sobra mesmo a vontade de dar uma boa gargalhada. Dark, qual o problema?

Deus é naja — descobrimos outro dia.

O mais dark dos meus amigos tem esse poder, esse condão. E isso que ele anda numa fase problemática. Problemas darks, evidentemente. Naja ou não, Deus (ou o Diabo?) guarde sua capacidade de rir descontroladamente de tudo. Eu às vezes, só às vezes, também consigo. Ultimamente, quase não. Porque também me acontece — como pode estar acontecendo a você que quem sabe me lê agora — de achar que tudo isso talvez não tenha a menor graça. Pode ser: Deus é naja, nunca esqueça, baby.

Segure seu humor. Seguro o meu, mesmo dark: vou dormir profundamente e sonhar com uma linda e fatal jamanta. A mil por hora.

Ter ou não ter namorado

Artur da Távola

Sem não tem namorado é alguém que tirou férias remuneradas de si mesmo. Namorado é a mais difícil das conquistas. Difícil porque não de verdade é muito raro. Necessita de adivinhação, de pele, saliva, lágrima, nuvem, quindim, brisa ou filosofia. Paquera, gabiru, flerte, caso, transa, envolvimento, até paixão é fácil. Mas namorado de verdade é muito difícil. Namorado não precisa ser o mais bonito, mas ser aquele a quem se quer proteger e quando se chega ao lado dele a gente treme, sua frio, e quase desmaia, a pedir proteção. Esta não precisa ser parruda ou bandoleira: basta um olhar de compreensão ou mesmo de aflição.

Quem não tem namorado não é quem não tem amor: E quem não sabe o gosto de namorar. Se você tem três pretendentes, dois paqueras, um envolvimento, dois amantes e um esposo; mesmo assim pode não ter nenhum namorado. Não tem namorado quem não sabe o gosto da chuva, cinema, sessão das duas, medo do pai, sanduíche da padaria ou dribble no trabalho. Não tem namorado quem transa sem carinho, quem se acaricia sem vontade de virar lagartixa e quem ama sem alegria. Não tem namorado quem faz pactos de amor apenas com a infelicidade. E fazer pactos com a felicidade, ainda que rápida, escondida, fugidia ou impossível de curar. Não tem namorado quem não sabe dar o valor de andar de mãos dadas, de carinho safadinho, escondido no escuro do cinema cheio, da flor catada no muro e entregue de repente, de poesia de Fernando Pessoa, Vinícius de Moraes ou Chico Buarque, lida bem devagar, de dar gargalhada quando se fala ao mesmo tempo ou descobre a meia rasgada, de ânsia enorme de viajar junto para a Escócia, ou mesmo de metrô, bonde, nuvem, cavalo, tapete mágico ou foguete interplanetário. Não tem namorado quem não gosta de dormir, fazer sesta abraçadinho, fazer compra junto. Não tem namorado quem não gosta de falar do próprio amor nem de ficar horas e horas olhando o mistério do outro dentro dos olhos dele; abobalhados de alegria pela lucidez do amor. Não tem namorado quem não redescobre a criança e a do amado e vai com ela a parques, fliperamas, beira d'água, show do Milton Nascimento, bosques enlaurados, ruas de sonhos ou filme de Woody Allen. Não tem namorado quem não tem música secreta com ele, quem não dedica livros, quem não recorta artigos, quem não se chateia

com o fato de seu bem ser paquerado. Não tem namorado quem ama sem gostar; quem gosta sem curtir; quem curte sem aprofundar. Não tem namorado quem nunca sentiu o gosto de ser lembrado de repente no fim de semana, na madrugada ou no meio-dia do dia de sol em plena praia cheia de rivais. Não tem namorado quem ama sem se dedicar, quem namora sem brincar, quem vive cheio de obrigações; quem faz sexo sem esperar o outro ir junto com ele. Não tem namorado quem confunde solidão com ficar sozinho e em paz. Não tem namorado quem não fala sozinho, não ri de si mesmo e quem tem medo de ser afetivo.

Se você não tem namorado é porque não descobriu que o amor é alegre e você vive pesando 200kg de grilos e de medos. Ponha a saia mais leve, aquela de chita, e passeie de mãos dadas com o ar. Enfeite-se com margaridas e ternuras e escove a alma com leves fricções de esperança. De alma escovada e coração estouvado, saia do quintal de si mesma e descubra o próprio jardim. Acorde com gosto de caqui e sorria lírios para quem passe debaixo de sua janela. Ponha intenção de queimar-se em seu próprio fogo e beba licor de contos de fada. Ande como se o chão estivesse repleto de sons de flauta e do céu descesse uma névoa de borboletas, cada qual trazendo uma pérola falante a dizer frases sutis e palavras de galanteio. Se você não tem namorado é porque não enlouqueceu aquele pouquinho necessário para fazer a vida parar e, de repente, parecer que faz sentido.

“Enlou-cresça.”

Então, adeus!
Lygia Fagundes Telles

Isto aconteceu na Bahia, numa tarde em que eu visitava a mais antiga e arruinada igreja que encontrei por lá, perdida na última rua do último bairro. Aproximou-se de mim um padre velhinho, mas tão velhinho, tão velhinho que mais parecia feito de cinza, de teia, de bruma, de sopro do que de carne e osso. Aproximou-se e tocou o meu ombro:

— Vejo que aprecia essas imagens antigas — sussurrou-me com sua voz débil. E descerrando os lábios murchos num sorriso amável: — Tenho na sacristia algumas preciosidades. Quer vê-las?

Solícito e trêmulo, foi-me mostrando os pequenos tesouros da sua igreja: um mural de cores remotas e tênues como as de um pobre véu esgarçado na distância; uma Nossa Senhora de mãos carunchadas e grandes olhos cheios de lágrimas; dois anjos tocheiros que teriam sido esculpidos por Aleijadinho, pois dele tinham a inconfundível marca nos traços dos rostos severos e nobres, de narizes já carcomidos... Mostrou-me todas as raridades, tão velhas e tão gastas quanto ele próprio. Em seguida, desvanecido com o interesse que demonstrei por tudo, acompanhou-me cheio de gratidão até a porta.

— Volte sempre — pediu-me.

— Impossível — eu disse. — Não moro aqui, mas, em todo o caso, quem sabe um dia... — acrescentei sem nenhuma esperança.

— E então, até logo! — ele murmurou descerrando os lábios num sorriso que me pareceu melancólico como o destroço de um naufrágio.

Olhei-o. Sob a luz azulada do crepúsculo, aquela face branca e transparente era de tamanha fragilidade, que cheguei a me comover. Até logo?... “Então, adeus!”, ele deveria ter dito. Eu ia embarcar para o Rio no dia seguinte e não tinha nenhuma ideia de voltar tão cedo à Bahia. E mesmo que voltasse, encontraria ainda de pé aquela igrejinha arruinada que achei por acaso em meio das minhas andanças? E mesmo que desse de novo com ela, encontraria vivo aquele ser tão velhinho que mais parecia um antigo morto esquecido de partir?!...

Ouça, leitor: tenho poucas certezas nesta incerta vida, tão poucas que

poderia enumerá-las nesta breve linha. Porém, uma certeza eu tive naquele instante, a mais absoluta das certezas: “Jamais o verei.” Apertei-lhe a mão, que tinha a mesma frialdade seca da morte.

— Até logo! — eu disse cheia de enternecimento pelo seu ingênuo otimismo.

Afastei-me e de longe ainda o vi, imóvel no topo da escadaria. A brisa agitava-lhe os cabelos ralos e murchos como uma chama prestes a extinguir-se. “Então, adeus!”, pensei comovida ao acenar-lhe pela última vez. “Adeus.”

Nesta mesma noite houve o clássico jantar de despedida em casa de um casal amigo. E, em meio de um grupo, eu já me encaminhava para a mesa, quando de repente alguém tocou o meu ombro, um toque muito leve, mais parecia o roçar de uma folha seca.

Voltei-me. Diante de mim, o padre velhinho sorria.

— Boa-noite!

Fiquei muda. Ali estava aquele de quem horas antes eu me despedira para sempre.

— Que coincidência... — balbuciei afinal. Foi a única banalidade que me ocorreu dizer. — Eu não esperava vê-lo... tão cedo.

Ele sorria, sorria sempre. E desta vez achei que aquele sorriso era mais malicioso do que melancólico. Era como se ele tivesse adivinhado meu pensamento quando nos despedimos na igreja e agora então, de um certo modo desafiante, estivesse a divertir-se com a minha surpresa. “Eu não disse *até logoi*”, os olhinhos enevoados pareciam perguntar com ironia.

Durante o jantar ruidoso e calorento, lembrei-me de Kipling. “Sim, grande e estranho é o mundo. Mas principalmente estranho...”

Meu vizinho da esquerda quis saber entre duas garfadas:

— Então a senhora vai mesmo nos deixar amanhã?

Olhei para a bolsa que tinha no regaço e dentro da qual já estava minha passagem de volta com a data do dia seguinte. E sorri para o velhinho lá na ponta da mesa.

— Ah, não sei... Antes eu sabia, mas agora já não sei.

A noite em que os hotéis estavam cheios

Moacyr Scliar

O casal chegou à cidade tarde da noite. Estavam cansados da viagem; e ela, em adiantada gravidez, não se sentia bem. Foram procurar um lugar onde passar a noite. Hotel, hospedaria, qualquer coisa viria bem, desde que não fosse muito caro, pois eram pessoas de modestos recursos.

Não seria um empreendimento fácil, como descobriram desde o início. No primeiro hotel, o gerente, homem de maus modos, foi logo dizendo que não havia lugar. No segundo, o encarregado da portaria olhou com desconfiança o casal e resolveu pedir documentos. O homem disse que não tinha; na pressa da viagem esquecera os documentos.

— E como pretende o senhor conseguir um lugar num hotel, se não tem documentos? — disse o encarregado. — Eu nem sei se o senhor vai pagar a conta ou não!

O viajante não disse nada. Tomou a esposa pelo braço e seguiu adiante. No terceiro hotel também não havia vaga.

No quarto — que não passava de uma modesta hospedaria — havia lugar, mas o dono desconfiou do casal e resolveu dizer que o estabelecimento estava lotado.

— O senhor vê, se o governo nos desse incentivos, como dá para os grandes hotéis, eu já teria feito uma reforma aqui. Poderia até receber delegações estrangeiras. Mas até hoje não consegui nada. Se eu fosse amigo de algum político influente... A propósito, o senhor não conhece ninguém nas altas esferas?

O viajante hesitou, depois disse que sim, talvez conhecesse alguém nas altas esferas.

— Pois então — disse o dono da hospedaria — fala para esse seu conhecido da minha hospedaria. Assim, da próxima vez que o senhor vier, talvez já possa lhe dar um quarto de primeira classe, com banho e tudo.

O viajante agradeceu, lamentando apenas que seu problema fosse mais urgente: precisava de um quarto para aquela noite.

Foi adiante.

No hotel seguinte, quase tiveram êxito. O gerente estava esperando um casal de conhecidos artistas, que viajavam incógnitos. Quando os viajantes apareceram, pensou que fossem os hóspedes que aguardava e disse que sim, que o quarto já estava pronto. Ainda fez um elogio:

— O disfarce está muito bom.

Que disfarce, perguntou o viajante. Essas roupas velhas que vocês estão usando, disse o gerente. Isso não é disfarce, disse o homem, são as roupas que nós temos. O gerente aí percebeu o engano:

— Sinto muito — desculpou-se. — Eu pensei que tinha um quarto vago, mas parece que já foi ocupado.

O casal foi adiante. No hotel seguinte, também não havia vaga, e o gerente era metido a engraçado. Ali perto havia uma manjedoura, disse, por que não se hospedavam lá? Não seria muito confortável, mas em compensação não pagariam diária. Para surpresa dele, o viajante achou a ideia boa, e até agradeceu. Saíram.

Não demorou muito, apareceram os três Reis Magos, perguntando por um casal de forasteiros. E foi aí que o gerente começou a achar que talvez tivesse perdido os hóspedes mais importantes já chegados a Belém de Nazaré.

Assombrações

Ivan Angelo

Existem uns amores que já morreram há muito tempo mas de vez em quando aparecem, como uma assombração. Não, não falo de assombrações que voltam para seduzir, como a moça-fantasma de Belo Horizonte poetizada por Carlos Drummond de Andrade; ou voltam para apimentar uma vida que ficou insossa, como o Vadinho de Jorge Amado faz com dona Flô. Não. Estas, diz o ditado, sabem para quem devem aparecer, ou seja: só aparecem com a ajuda daqueles para quem aparecem. Falo de outras, que fazem uma visita breve, uma aparição, e somem, de improviso, sem arrepiar ninguém.

Às vezes esses amores nem se mostram inteiros. Surge uma boca, um seio, uma pele, um andar, uma risada. Quando se presta atenção, a figura desaparece: era assombração. O fantasma antigo pode aparecer de repente no meio de uma leitura, ao escovarmos os dentes, e até na hora do amor. A gente pode estar conversando, discutindo um negócio, um filme, uma jogada, e se intromete aquele olhar. Pode estar dirigindo um carro e a mão que repousa hoje na nossa perna tem o mesmo peso de alguma do passado e aí vem o fantasma sem-que-fazer e puxa conversa.

Não é saudade, não é nada: é intromissão. A figura surge concreta, sensível, do mesmo modo como nos vem um gosto de doce de abacaxi ou uma chinelada de mãe. Quem governa fantasma? Quem chama? Ninguém, é ele mesmo quem se convida.

Não tem nada a ver com aquela coisa de telenovela, aqueles dramas de folhetim em que se comenta: ele ainda gosta dela, não tira essa mulher da cabeça, até hoje é apaixonado por ela etc. Nada disso. É pura farra de assombração, que irrompe de repente na hora própria ou imprópria, independentemente de vontade ou convite. Ora uma, ora outra, faz sua visita-relâmpago, muda ou falante, e some.

Que dizem? Cada visitado recebe seu recado conforme gravou. Uma confessa trêmula, temerosa de desamor: “Não sou mais virgem” — quando isso tinha importância. Outra, espantada com as descobertas: “Eu não achava que ia gostar tanto disso.” Outra, cobrando: “Você não assume.” Outra, no escuro: “Quem é você?” Amores de outro mundo não se sentem obrigados a

diálogo, dão seu recado e vão. Ou nem dão, só se entremostam.

Alguns perdem a viagem, e nos assaltam só com uma sensação, um nome, umas covinhas, tranças negras. Não têm mais aparência corpórea. Será que morreram na vida real? Desvaneceram-se no tempo, frágeis como velhas cartas que se esfarelam, como madeira sem lei. Nem por isso menos reais em sua fantasmice, menos carentes de sentido que não a própria visita inesperada.

De maneira nenhuma perturbam o amor em curso, nem é essa sua intenção, se é que aparições têm algum propósito. O amor em curso é feito de beijo e resposta — e segue intocado por essas intromissões. Também não se pode dizer: são desejos, frustrações. Não. Tiveram, no seu tempo, beijo e resposta. Nada ficou por explorar, quando seus corpos eram matéria propícia. Foram generosas no dar, alegres no receber: tiveram fartura. Não vagam por aí à procura, estão satisfeitas no seu canto.

Nem se pode dizer: são visitas malfazejas. Pelo contrário, são cordiais! São borboletas: passam, enfeitam o instante com algumas cores, voejam e partem. Se deixam alguma coisa, é um sorriso na alma do visitado.

Velhos conhecidos

João Ubaldo Ribeiro

Não tive ainda oportunidade de contar a vocês, mas aqui em Lisboa vejo sempre José Carlos Oliveira — Cadinhos Oliveira, meu aplaudido colega de letras. Quase sempre ele está descendo a Avenida dos Estados Unidos e eu vou subindo. Não nos cumprimentamos porque ele parece não me reconhecer e eu compreendo, são coisas de escritores. Vai ver que ele está ali mastigando um livro novo na cabeça e não quer gastar palavras, ainda mais com outro escritor. De forma que, quando o vejo surgir de lá, com seu elegante boné cinza e seu casaco parisiense de fino corte, limito-me a comentar comigo mesmo: “Lá vem o Cadinhos e, pela cara, está escrevendo que está danado.” Cruzamos nossos caminhos, nossos olhos se batem, ele chega a parecer que vai falar, mas terminamos por, sensatamente, manter a situação. Ele sabe quem sou eu e eu sei quem é ele, mas no momento estamos vivendo um misterioso evento literário, com o qual não se pode interferir irresponsavelmente.

Não me refiro aos dias em que Cadinhos, segundo me contam, pois ele nem me telefonou, esteve abertamente em Lisboa. Nesses dias em que, segundo ainda me contam, ele perambulou pelas ruas da cidade procurando inutilmente comer um pastel numa pastelaria, até que nem o vi aqui na Estados Unidos. Claro, pois se ele estava procurando o pastel. Aliás, bem-feito não achar: se me tivesse procurado, eu não só teria achado o pastel, como teria indicado umas chamuças inesquecíveis. Não, não me refiro a essa estada dos pastéis. Refiro-me a uma presença quase cotidiana, um rápido encontro quase diário. Tenho absoluta certeza e não adianta negar. Todo mundo sabe que essas coisas acontecem.

Por exemplo, uma vez eu estava em Cuba e, saindo de um elevador em companhia do também aplaudidíssimo Gianfrancesco Guarnieri (e ele também está aí para não me deixar mentir; não me deixe mentir Guarnieri), vi Karl Marx na porta do cabaré do Hotel Riviera. Não me assustei muito, creio que achei natural Marx estar ali, espairecendo em Cuba, disposto a tomar uns *mojitos* e apreciar um ou dois pares de pernas socialistas. Como nos retratos, não parecia cuidar muito do cabelo e da barba, meio desgrehados. Mas usava um elegante colete sob o paletó cinza-claro e aparentava estar muito bem

disposto.

— Nós já bebemos hoje? — perguntei discretamente a Guarnieri.

— Se é por causa do Marx ali, eu também já vi — disse Guarnieri, que sempre se recusa a dar uma resposta direta à pergunta “você já bebeu hoje?”.

Ficamos olhando para ele de longe. Guarnieri ainda chegou a sugerir sem muito entusiasmo que fôssemos lá fazer uma entrevista com ele. Mas depois achamos que, se fôssemos nós que estivéssemos ali, de colete e olho aceso, na porta do cabaré, não iríamos gostar da ideia de dar entrevista a um par de chatos aparecido de repente. Além disso, concluímos, enquanto Marx ajeitava o paletó e adentrava o cabaré para não mais ser visto, ninguém ia acreditar mesmo. Coisa, aliás, comprovada imediatamente, no próprio círculo familiar. Pois, assim que Marx sumiu, Vânia, mulher de Guarnieri, chegou ao saguão do hotel.

— Nós vimos Marx ali, agorinha mesmo! — anunciou Guarnieri. — De colete, ali, na porta do cabaré! Foi ou não foi?

— Foi — garanti. — Ele é um pouco mais alto do que eu pensava.

— Vocês já beberam hoje? — disse ela, olhando para a gente de cima a baixo.

E verdade que nós já tínhamos bebido, sim, mas somente um bocadinho (a gente sempre bebia somente um bocadinho) e, além disso, trata-se de um pormenor irrelevante, porque não só raramente estou bebendo quando vejo Cadinhos de Oliveira aqui em Lisboa (e ele não bebe mais, de maneira que pode dar um depoimento insuspeito, a não ser que continue a desejar permanecer incógnito e comportar-se estranhamente), como também não costumo estar bebendo quando vejo Joel Silveira na esquina da Avenida de Roma, conversando com alguns outros cavalheiros corpulentos.

Joel só apareceu de uns meses para cá. Não é como Cadinhos, que está aqui praticamente desde que eu cheguei. Em compensação, é de uma regularidade muito grande. Toda quinta-feira, por volta das cinco horas da tarde, ele pode ser visto à porta da tabacaria onde joga no totobola, esperando os amigos não só para debater suas apostas esportivas, como para ficar bebericando e brandindo jornais inflamadamente. Nós nos cumprimentamos, embora não com a efusão que seria de esperar-se, dadas as nossas ligações sergipenses. Aliás, talvez sejam essas mesmas raízes sergipenses as responsáveis por nunca havermos adiantado papo além de um cerimonioso “como passou?”. E que o nordestino é desconfiado por natureza: eu não sei o que Joel está fazendo aqui, ainda mais jogando tanto no totobola, ele não sabe

o que eu estou fazendo aqui. E tudo altamente suspeito, de maneira que ele vai fingindo que não nota nada e eu vou fingindo que não noto nada. Quando voltar ao Rio, esclareço esse assunto pessoalmente com ele (e exigirei uma porcentagem, a depender; não sei se a mulher dele sabe que toda quinta-feira ele fica por aqui enchendo a cara).

Assim, não estranho que, nas viagens de metrô que faço às segundas-feiras para levar à Varig o malote contendo estas mal traçadas, frequentemente encontre, sentado num banco lateral e lendo gravemente um exemplar de *A Capital*, o poeta Ledo Ivo. Muito composto, o poeta raramente levanta os olhos de seu jornal. Quando o comboio para à estação de Socorro, ele dobra o jornal com meticulosidade, retira os óculos do nariz para colocá-los no bolsinho do paletó, levanta-se e desce no Rossio pela saída da Praça da Figueira, de cabeça empinada e sem olhar para trás, passo rápido e jornal ao sovaco. A esse não ousa falar — não temos intimidade e ele não parece desejar perguntas que interfiram com sua apressada missão das segundas-feiras à Praça da Figueira ou adjacências.

Resta deter-me algum tempo na plataforma do metrô, acompanhando a subida ágil do poeta pelas escadas acima. Divago um pouco apesar da multidão em torno, mas sou trazido de volta à realidade pelo barulho das portas do comboio se fechando. Na cabine à frente, diante de seus comandos, um motorneiro de olhos um pouco esbugalhados, bigode mefistofélico e cabelo caído na testa, põe a cabeça para fora com impaciência, para ver se está tudo em ordem lá atrás. Quando vira a cabeça de volta, seu olhar passa na minha direção e imediatamente reconheço, naquela expressão vilanesca e na voz irritada em que saíam suas imprecações, José Lewgoy! Estremeci, mas ainda consegui falar.

— Zé! — gritei, levantando a mão.

Mas ele se limitou a me olhar rapidamente e com frieza, bateu a porta, meteu a mão nos controles e desapareceu pilotando o trem pelo túnel adentro. Há uma conspiração em andamento, estou seguro.

Zero grau de Libra
Caio Fernando Abreu

*Sobre todos aqueles que ainda
continuam tentando, Deus,
derrama teu Sol mais luminoso*

O Sol entrou ontem em Libra. E porque tudo é ritual, porque fé, quando não se tem, se inventa, porque Libra é a regência máxima de Vénus, o afeto, porque Libra é o outro (quando se olha e se vê o outro, e de alguma forma tenta-se entrar em alguma espécie de harmonia com ele), e principalmente porque Deus, se é que existe, anda distraído demais, resolvi chamar a atenção dele para algumas coisas. Não que isso possa acordá-lo de seu imenso sono divino, enfastiado de humanos, mas para exercitar o ritual e a fé — e para pedir, mesmo em vão, porque pedir não só é bom, mas às vezes é o que se pode fazer quando tudo vai mal.

Neste zero grau de Libra, queria pedir a isso que chamamos Deus um olho bom sobre o planeta Terra, e especialmente sobre a cidade de São Paulo. Um olho quente sobre o mendigo gelado que acabei de ver sob a marquise do cine Majestic; um olho generoso para a noiva radiosa mais acima. Eu queria hoje o olho bom de Deus derramado sobre as loiras oxigenadas, falsíssimas, o olho cúmplice de Deus sobre as joias douradas, as cores vibrantes. O olho piedoso de Deus para esses casais que, aos fins de semana, comem pizza com fanta e guaraná pelos restaurantes, e mal se olham enquanto falam coisas como “você acha que eu devia ter dado o telefone da Catarina à Eliete?” — e o outro grunhe em resposta.

Deus, põe teu olho amoroso sobre todos os que já tiveram um amor sem nojo nem medo, e de alguma forma insana esperam a volta dele: que os telefones toquem, que as cartas finalmente cheguem. Derrama teu olho amável sobre as criancinhas demônias criadas em edifícios, brincando aos berros em playgrounds de cimento. Ilumina o cotidiano dos funcionários públicos ou daqueles que, como funcionários públicos, cruzam-se em corredores sem ao menos se verem — nesses lugares onde um outro ser

humano vai-se tornando aos poucos tão humano quanto uma mesa.

Passeia teu olhar fatigado pela cidade suja, Deus, e pousa devagar tua mão na cabeça daquele que, na noite, liga para o CW. Olha bem pelo rapaz que, absolutamente só, dez vezes repete *Moon Over Bourbon Street*, na voz de Sting, e chora. Coloca um *spot* bem brilhante no caminho das garotas performáticas que para pagar o aluguel dão duro como garçonetes pelos bares. Olha também pela multidão sob a marquise do Mappin, enquanto cai a chuva de granizo, pelo motorista de táxi que confessa não ter mais esperança alguma. Cuida do pintor que queria pintar, mas gasta seu talento pelas redações, pelas agências publicitárias, e joga tua luz no caminho dos escritores que precisam vender barato seu texto — olha por todos aqueles que queriam ser outra coisa qualquer que não a que são, e viver outra vida que não a que vivem.

Não esquece do rapaz viajando de ônibus com seus teclados para fazer show na Capital, deita teu perdão sobre os grupos de terapia e suas elaborações da vida, sobre as moças desempregadas em seus pequenos apartamentos na Bela Vista, sobre os homossexuais tontos de amor não dado, sobre as prostitutas seminuas, sobre os travestis da República do Líbano, sobre os porteiros de prédios comendo sua comida fria nas ruas dos Jardins. Sobre o descaramento, a sede e a humildade, sobre todos os que de alguma forma não deram certo (porque, nesse esquema, é sujo dar-certo), sobre todos que continuam tentando por razão nenhuma — sobre esses que sobrevivem a cada dia ao naufrágio de uma por uma das ilusões.

Sobre as antas poderosas, ávidas de matar o sonho alheio — Não. Derrama sobre elas teu olhar mais impiedoso, Deus, e afia tua espada. Que no zero grau de Libra, a balança pese exata na medida do aço frio da espada da justiça. Mas para nós, que nos esforçamos tanto e sangramos todo o dia sem desistir, envia teu Sol mais luminoso, esse do zero grau de Libra. Sorri, abençoa nossa amorosa miséria atarantada.

Dialogando com o público leitor

João Ubaldo Ribeiro

Boa-tarde, o senhor me desculpe eu estar interrompendo sua leitura, mas é só um minutinho.

— Ah, pois não.

— É o seguinte, não é o senhor que é o escritor? O menino ali me disse que o senhor é o escritor.

— Bem, não sei se sou o escritor. Mas sou um escritor, sou, sim.

— Madalena, venha cá, é ele! Madalena! Chame Rosalvo e os meninos, é ele!

— O que foi que houve?

— Madalena é minha esposa, ela estava com vergonha de perguntar se era o senhor mesmo o escritor. Ela me disse que já tinha ouvido muito falar no senhor. E Rosalvo é meu cunhado, que conhece sua obra, é gente boa.

— Sim, eu...

— Não vou interromper nada, pode ficar descansado, o senhor pode continuar com sua leitura.

— Eu...

— Madalena, é ele mesmo! Você tinha razão, é ele. E boa gente, você sabe? Estamos aqui numa prosa ótima, ele é a simplicidade em pessoa. Olha aí, Rosalvo, é ele. Pode sentar, rapaz, ele não morde, ha-ha!

— Muito prazer, dá licença.

— Eu...

— Meu nome é Rosalvo Luiz da Anunciação Pereira, mas eu costumo assinar apenas Anunciação Pereira.

— Ah, sim, interessante.

— Admiro muito sua obra, *O sargento de milícias*.

— Mas não fui eu quem escreveu esse, foi outro. Bem que podia ter sido

eu, mas não foi eu.

— Ah, então o senhor não é autor do “Sargento”?

— Sou, mas de outro sargento, o *sargento Getúlio*.

— Ah, mas é claro, que besteira minha. *O sargento de milícias* é de Lima Duarte, não é?

— Lima Duarte? O sargento...

— Sim, Lima Duarte, do Policarpo Quaresma, grande autor, para mim maior do que Machado de Assis.

— Lima Barreto.

— Sim, claro, claro, Lima Barreto, eu sempre confundo, Lima Duarte é outro.

— E não foi Lima Barreto quem escreveu *O sargento de milícias*.

— E quem foi?

— Manoel Ant... Deixa pra lá, tudo bem, Seu Rosalvo.

— Pelo amor de Deus, nada de formalidades, que é isso de “Seu Rosalvo”, os amigos a gente trata pelo nome.

— Muito obrigado, gentileza sua.

— Que é isso que você está bebendo aí, posso dar uma cheiradinha? Ah, isso é caju! De hoje que eu não tomo uma batida de caju, vou pedir uma também enquanto a gente conversa, é coisa pouca, não vou tomar seu tempo, eu sei que você é um homem ocupado e precisa ler o jornal para estar por dentro do que acontece, o escritor tem de estar informado.

— Pois é, eu...

— Madalena, peça uma batida de caju aí no boteco e traga uns acarajés, uns abarás, uns tira-gostos, umas coisinhas. Quem bebe tem que comer, não é não?

— É, mas eu, pessoalmente, quando estou bebendo...

— Não vou tomar seu tempo, vou direto ao assunto. Eu também sou escritor.

— Ah, que bom, eu...

— Mas até hoje só publiquei um livro, que eu mesmo custeei, um livro de poemas em prosa e mais alguns escritos que eu reuni. Se eu soubesse que ia

lhe encontrar aqui, eu lhe trazia um exemplar. Chama-se *Retalhos de mim*. Não quero ser imodesto, mas muita gente boa... Não sei se você conhece o professor Martinho Lobo, conhece o professor Martinho Lobo.

— Não, infelizmente não, eu...

— Não conhece Martinho Lobo, da Academia de Odontólogos Escritores, que foi muitos anos professor de português no Central?

— Não, infelizmente...

— Bem, eu vou lhe mandar a cópia de um artigo que Martinho Lobo escreveu na *Gazeta de Ipiáú* a respeito desse livro meu, você vai ver que comentário interessante, ele foi muito feliz nas observações dele.

— Sim, mas eu...

— Ah, chegou o acarajé! O acarajé dessa baiana é uma beleza, é um dos melhores que eu já provei.

— Eu sei, eu conheço essa baiana desde menino.

— Ah, sim, claro. Com pimenta ou sem pimenta?

— Não, obrigado, eu detesto comer quando estou bebendo. Aliás, eu...

— Abará então? Hum, esse abará...

— Eu...

— Vou direto ao assunto, não quero tomar seu tempo. Para onde é que eu posso mandar uns originais que eu queria que você lesse? São 29 peças curtas, que eu prefiro não rotular, são pedaços de minha vida, de minha sensibilidade. Alguns você poderia chamar de contos. Não sei se você conhece aquela frase de Edgard de Andrade que diz que o conto é tudo aquilo que se chama de conto, conhece essa frase?

— Eu...

— Pois é, mas eu não quis chamar de contos, preferi não dar nome, chega de rótulos, de fórmulas, de coisas preestabelecidas, precisamos inovar a literatura, você não acha? Agora, se depois que você ler você achar que eu devo dizer que são contos, você é que sabe, você é que fazer o prefácio, não sou eu.

— Eu vou fazer o prefácio?

— Eu já tinha dito a Madalena e a Walter Augusto - Walter Augusto é meu cunhado, casado aqui com Madalena: eu vou lá conversar com ele e vou

ser logo sincero, vou botar as cartas na mesa. Se eu quero o prefácio, pra que ficar enrolando, é ou não é? Madalena, me dê a caneta aí, para eu tomar nota do endereço dele para mandar os originais. Eu moro aqui na Bahia mesmo, isso chega rápido pelo correio, amanhã mesmo eu mando, deve estar aqui dois ou três dias depois, quer dizer, dá para esse prefácio estar pronto daqui para o outro domingo. Mas você não precisa ter o trabalho de me mandar o prefácio e me devolver os originais, eu mesmo venho aqui pegar tudo no próximo fim de semana e assitn a gente aproveita para bater outro papo, depois que discutir o prefácio.

— Discutir o prefácio? Eu...

— Agora está na hora de uma cervejinha. Dê cá seu copo aí, que eu vou mandar lavar, que agora a gente vai numa lourinha estupidamente gelada que eu...

— Olhe aqui, meu amigo, eu não vou fazer prefácio nenhum, não quero discutir nada com o senhor, não suporto mesa atulhada de caranguejo, folha de banana, farelo de acarajé, resto de vatapá e essa tralha toda aí e, mais do que tudo, não quero nem vou tomar cerveja nenhuma, largue meu copo aí, por favor.

— Mas minha intenção...

— O senhor vai me dar licença, eu vou embora.

— E o endereço?

— Que endereço, rapaz, eu vou lá lhe dar endereço nenhum?

— É isso que acontece, Madalena, o sujeito tem um sucessozinho, vira medalhão e aí pisa nos outros! Pode ir, pode ir, eu saberei vencer sozinho! Você já viu que indelicadeza, Madalena, ele age como se tivesse o rei na barriga, não sei o que ele está pensando que é, ainda se fosse um escritor importante mesmo, agora um cara desses que ninguém sabe quem é e...

Os anos 1990

A vida privada virou uma comédia

O século fecha a tampa e vai encontrar a crônica, nem melhor, nem pior, nem mais revolucionária, mas com o mesmo espírito de leveza ousada que tinha no início, com João do Rio e Bilac. O avanço verbal é evidente. Mario Prata empurra mais um pouco os limites do que é permitido e coloca uma palavra não muito convencional, para o período, no título de um de seus trabalhos. É um dos propósitos tradicionais da crônica. Experimentar novos formatos, ousar nas palavras reprimidas, provocar assuntos com uma liberdade que no resto das páginas, por uma questão de objetividade e parâmetros jornalísticos, não é possível. Luis Fernando Veríssimo consagra o estudo das novas relações afetivas. Usa humor e sabedoria para falar de sexo, traição e tudo mais que vibrasse perplexidade na vida privada dos casais, um mundo que ficou de cabeça para baixo no balanço dos anos 1990.

O pastel e a crise

Otto Lara Resende

Quando a crise convida ao pessimismo ou ameaça descambar na depressão, está na hora de ler. Poesia ou prosa, tanto faz. A partir de certa altura, bom mesmo é reler. Reler sobretudo o que nunca se leu, como repeti outro dia a um amigo que não é chegado à leitura. Ele mergulhou no Proust sem escafandro e se sente mal quando vem à tona e respira o ar poluído aqui de fora.

Verdadeiro sábio era o Rubem Braga. Tinha com a vida uma relação direta, sem intermediação intelectual. Houvesse o que houvesse, trazia no coração uma medida de equilíbrio que era um dom de nascença, mas era também fruto do aprendizado que só a experiência dá. No pequeno mundo do cotidiano, sabia como ninguém identificar as boas coisas da vida. E assim viveu até o último instante.

Certa vez, no auge de uma crise, crivada de discursos e de diagnósticos, o Rubem estava de olho nas frutas da estação. Madrugador, cedinho já sabia das coisas. Quando o largo horizonte nacional andava borrascoso, ele se punha a par das nuvens negras, mas não mantinha o olhar fixo no pé-direito alto da crise. Baixava o olhar ao rodapé, pois o sabor do Brasil está também no rés-do-chão. Num dia de greve geral, inquietações no ar, tudo fechado, o Rubem me telefonou: Vamos ao bar Luís, na rua da Carioca? Vamos ver a crise de perto.

E lá fomos. O bar estava aberto e o chope, esplêndido. Começamos por um preto duplo, que a sede era forte. Depois mais um, agora louro. E outro. Claro que não faltou o salsichão com bastante mostarda. Calados, mas vorazes, cumpríamos um rito. Alguém por perto disse que a Vila Militar tinha descido com os tanques. Saímos dali e fomos a um sebo. O Rubem comprou *Xanã*, do Carlos Lacerda, com dedicatória. Depois pegamos o carro e voltamos pelo Aterro, onde se pode exercer o direito da livre eructação. Tinha sido um perfeito programa cultural. E sem nenhum incentivo do governo.

Vi agora na televisão que o maracujá está em baixa e me lembrei do velho Braga. Nem tudo está perdido. Fui à feira e comprei também dois suculentos abacaxis. Caem bem nesta hora de atribulação nacional. Só falta agora

descobrir um bom pastel de palmito na Zona Norte. Se o Rubem estivesse aí, lá iríamos nós atrás da deleitosa descoberta. Depois, de cabeça erguida, enfrentaríamos a crise e até o caos.

Um idoso na fila do Detran

Zuenir Ventura

O senhor aqui é idoso”, gritava a senhora para o guarda, no meio da confusão na porta do Detran da Avenida Presidente Vargas, apontando com o dedo o tal “senhor”. Como ninguém protestasse, o policial abriu caminho para que o velhinho enfim passasse à frente de todo mundo para buscar a sua carteira.

Olhei em volta e procurei com os olhos o velhinho, mas nada. De repente, percebi que o “idoso” que a dama solidária queria proteger do empurra-empurra não era outro senão eu.

Até hoje não me refiz do choque, eu que já tinha me acostumado a vários e traumáticos ritos de passagem para a maturidade: dos 40, quando em crise se entra pela primeira vez nos “enta”; dos 50, quando, deprimido, se sente que jamais vai se fazer outros 50 (a gente acha que pode chegar aos 80, mas aos 100?); e dos 60, quando um eufemismo diz que a gente entrou na “terceira idade”. Nunca passou pela minha cabeça que houvesse uma outra passagem, um outro marco, aos 65 anos. E, muito menos, nunca achei que viesse a ser chamado, tão cedo, de “idoso”, ainda mais numa fila do Detran.

Na hora, tive vontade de pedir à tal senhora que falasse mais baixo. Na verdade, tive vontade mesmo foi de lhe dizer: “idoso é o senhor seu pai”. O que mais irritava era a ausência total de hesitação ou dúvida. Como é que ela tinha tanta certeza? Que ousadia! Quem lhe garantia que eu tinha 65 anos, se nem pediu pra ver minha identidade? E o guarda paspalhão, por que não criou um caso, exigindo prova e documentos? Será que era tão evidente assim? Como além de idoso eu era um recém-operado, acabei aceitando ser colocado pela porta adentro. Mas confesso que furei a fila sonhando com a massa gritando, revoltada: “esse coroa tá furando a fila! Ele não é idoso! Manda ele lá pro fim!” Mas que nada, nem um pio.

O silêncio de aprovação aumentava o sentimento de que eu era ao mesmo tempo privilegiado e vítima — do tempo. Me lembrei da manhã em que acordei fazendo 60 anos: “Isso é uma sacanagem comigo”, me disse, “eu não mereço.” Há poucos dias, ao revelar minha idade, uma jovem universitária reagira assim: “Mas ninguém lhe dá isso.” Respondi que, em matéria de idade, o triste é que ninguém precisa dar para você ter. De qualquer maneira,

era um gentil consolo da linda jovem. Ali na porta do Detran, nem isso, nenhuma alma caridosa para me “dar” um pouco menos.

Subi e a mocinha da mesa de informações apontou para os balcões 15 e 16, onde havia um cartaz avisando: “Gestantes, deficientes físicos e pessoas idosas.” Hesitei um pouco e ela, já impaciente, perguntou: “o senhor não tem mais de 65 anos? Não é idoso?”

— Não, sou gestante — tive vontade de responder, mas percebi que não carregava nenhum sinal aparente de que tinha amamentado ou estava prestes a amamentar alguém. Saí resmungando: “não tenho *mais*, tenho só 65 anos.”

O ridículo, a partir de uma certa idade, é como você fica avaro em matéria de tempo: briga por causa de um mês, de um dia. “Você nasceu no dia 14, eu sou do dia 15”, já ouvi essa discussão.

Enquanto espero ser chamado, vou tentando me lembrar quem me faz companhia nesse triste transe. Aí, se não me falha a memória — e essa é a segunda coisa que mais falha nessa idade —, me lembro que Fernando Henrique, Maluf e Chico Anysio estariam sentados ali comigo. Por associação de ideias, ou de idades, vou recordando também que só no jornalismo, entre companheiros de geração, há um respeitável time dos que não entram mais em fila do Detran, ou estão quase não entrando: Ziraldo, Dines, Gullar, Evandro Carlos, Milton Coelho, Janio de Freitas (Lemos, Cony, Barreto, Armando e Figueiró já andam de graça em ônibus há um bom tempo). Sei que devo estar cometendo injustiça com um ou com outro — de ano, meses ou dias —, e eles vão ficar bravos. Mas não perdem por esperar: é questão de tempo.

Ah, sim, onde é que eu estava mesmo? “No Detran”, diz uma voz. Ah, sim. “E o atendimento?” Ah, sim, está mais civilizado, há mais ordem e limpeza. Mas mesmo sem entrar em fila passa-se um dia para renovar a carteira. Pelo menos alguma coisa se renova nessa idade.

Grande Edgar
Luis Fernando Verissimo

Já deve ter acontecido com você.

— Não está se lembrando de mim?

Você não está se lembrando dele. Procura, freneticamente, em todas as fichas armazenadas na memória o rosto dele e o nome correspondente, e não encontra. E não há tempo para procurar no arquivo desativado. Ele está ali, na sua frente, sorrindo, os olhos iluminados, antecipando a sua resposta. Lembra ou não lembra?

Neste ponto, você tem uma escolha. Há três caminhos a seguir.

Um, o curto, grosso e sincero.

— Não.

Você não está se lembrando dele e não tem por que esconder isso. O “Não” seco pode até insinuar uma reprimenda à pergunta. Não se faz uma pergunta assim, potencialmente embaraçosa, a ninguém, meu caro. Pelo menos não entre pessoas educadas. Você devia ter vergonha. Não me lembro de você e mesmo que lembrasse não diria. Passe bem.

Outro caminho, menos honesto mas igualmente razoável, é o da dissimulação.

— Não me diga. Você é o... o...

“Não me diga”, no caso, quer dizer “Me diga, me diga”. Você conta com a piedade dele e sabe que cedo ou tarde ele se identificará, para acabar com a sua agonia. Ou você pode dizer algo como:

— Desculpe, deve ser a velhice, mas...

Este também é um apelo à piedade. Significa “Não torture um pobre desmemoriado, diga logo quem você é!”. E uma maneira simpática de dizer que você não tem a menor ideia de quem ele é, mas que isso não se deve à insignificância dele e sim a uma deficiência de neurônios sua.

E há um terceiro caminho. O menos racional e recomendável. O que leva à tragédia e à ruína. E o que, naturalmente, você escolhe.

— Claro que estou me lembrando de você!

Você não quer magoá-lo, é isso! Há provas estatísticas de que o desejo de não magoar os outros está na origem da maioria dos desastres sociais, mas você não quer que ele pense que passou pela sua vida sem deixar um vestígio sequer. E, mesmo, depois de dizer a frase não há como recuar. Você pulou no abismo. Seja o que Deus quiser. Você ainda arremata:

— Há quanto tempo!

Agora tudo dependerá da reação dele. Se for um calhorda, ele o desafiará.

— Então me diga quem eu sou.

Neste caso você não tem outra saída senão simular um ataque cardíaco e esperar, falsamente desacordado, que a ambulância venha salvá-lo. Mas ele pode ser misericordioso e dizer apenas:

— Pois é.

Ou:

— Bota tempo nisso.

Você ganhou tempo para pesquisar melhor a memória. Quem é esse cara, meu Deus? Enquanto resgata caixotes com fichas antigas no meio da poeira e das teias de aranha do fundo do cérebro, o mantém à distância com frases neutras como *jabs* verbais.

— Como cê tem passado?

— Bem, bem.

— Parece mentira.

— Puxa.

(Um colega da escola. Do serviço militar. Será um parente? Quem é esse cara, meu Deus?)

Ele está falando:

— Pensei que você não fosse me reconhecer...

— O que é isso?!

— Não, porque a gente às vezes se decepçiona com as pessoas.

— E eu ia esquecer você? Logo você?

— As pessoas mudam. Sei lá.

— Que ideia!

(É o Ademar! Não, o Ademar já morreu. Você foi ao enterro dele. O... o... como era o nome dele? Tinha uma perna mecânica. Rezende! Mas como saber se ele tem uma perna mecânica? Você pode chutá-lo, amigavelmente. E se chutar a perna boa? Chuta as duas. “Que bom encontrar você!” e paf, chuta uma perna. “Que saudade!” e paf, chuta a outra. Quem é esse cara?)

— E incrível como a gente perde contato.

— E mesmo.

Uma tentativa. É um lance arriscado, mas nesses momentos deve-se ser audacioso.

— Cê tem visto alguém da velha turma?

— Só o Pontes.

— Velho Pontes!

(Pontes. Você conhece algum Pontes? Pelo menos agora tem um nome com o qual trabalhar. Uma segunda ficha para localizar no sótão. Pontes, Pontes...)

— Lembra do Croarê?

— Claro!

— Esse eu também encontro, às vezes, no tiro ao alvo.

— Velho Croarê!

(Croarê. Tiro ao alvo. Você não conhece nenhum Croarê e nunca fez tiro ao alvo. E inútil. As pistas não estão ajudando. Você decide esquecer toda a cautela e partir para um lance decisivo. Um lance de desespero. O último, antes de apelar para o enfarte.)

— Rezende...

— Quem?

Não é ele. Pelo menos isto está esclarecido.

— Não tinha um Rezende na turma?

— Não me lembro.

— Devo estar confundindo.

Silêncio. Você sente que está prestes a ser desmascarado.

Ele fala:

— Sabe que a Ritinha casou?

— Não!

— Casou.

— Com quem?

— Acho que você não conheceu. O Bituca.

Você abandonou todos os escrúpulos. Ao diabo com a cautela. Já que o vexame é inevitável, que ele seja total, arrasador. Você está tomado por uma espécie de euforia terminal. De delírio do abismo. Como que não conhece o Bituca?

— Claro que conheci! Velho Bituca...

— Pois casaram.

E a sua chance. É a saída. Você passa ao ataque.

— E não avisaram nada?!

— Bem...

— Não. Espera um pouquinho. Todas essas coisas acontecendo, a Ritinha casando com o Bituca, o Croarê dando tiro, e ninguém me avisa nada?!

— É que a gente perdeu contato e...

— Mas o meu nome está na lista, meu querido. Era só dar um telefonema. Mandar um convite.

— É...

— E você ainda achava que eu não ia reconhecer você. Vocês é que se esqueceram de mim!

— Desculpe, Edgar. É que...

— Não desculpo não. Você tem razão. As pessoas mudam...

(Edgar. Ele chamou você de Edgar. Você não se chama Edgar. Ele confundiu você com outro. Ele também não tem a mínima ideia de quem você é. O melhor é acabar logo com isso. Aproveitar que ele está na defensiva. Olhar o relógio e fazer cara de “Já?!”.)

— Tenho que ir. Olha, foi bom ver você, viu?

— Certo, Edgar. E desculpe, hein?

- O que é isso? Precisamos nos ver mais seguido.
- Isso.
- Reunir a velha turma.
- Certo.
- E olha, quando falar com a Ritinha e o Mutuca...
- Bituca.
- E o Bituca, diz que eu mandei um beijo. Tchau, hein?
- Tchau, Edgar!

Ao se afastar, você ainda ouve, satisfeito, ele dizer “Grande Edgar”. Mas jura que é a última vez que fará isso. Na próxima vez que alguém lhe perguntar “Você está me reconhecendo?” não dirá nem não. Sairá correndo.

Mila
Carlos Heitor Cony

Era pouco maior do que minha mão: por isso eu precisei das duas para segurá-la, 13 anos atrás. E, como eu não tinha muito jeito, encostei-a ao peito para que ela não caísse, simples apoio nessa primeira vez. Gostei desse calor e acredito que ela também. Dias depois, quando abriu os olhinhos, olhou-me fundamentalmente: escolheu-me para dono. Pior: me aceitou.

Foram 13 anos de chamego e encanto. Dormimos muitas noites juntos, a patinha dela em cima do meu ombro. Tinha medo de vento. O que fazer contra o vento?

Amá-la — foi a resposta e também acredito que ela entendeu isso. Formamos, ela e eu, uma dupla dinâmica contra as ciladas que se armam. E também contra aqueles que não aceitam os que se amam. Quando meu pai morreu, ela se chegou, solidária, encostou sua cabeça em meus joelhos, não exigiu a minha festa, não queria disputar espaço, ser maior do que a minha tristeza.

Tendo-a ao meu lado, eu perdi o medo do mundo e do vento. E ela teve uma ninhada de nove filhotes, escolhi uma de suas filhinhas e nossa dupla ficou mais dupla porque passamos a ser três. E passeávamos pela Lagoa, com a idade ela adquiriu “fumos fidalgos”, como o Dom Casmurro, de Machado de Assis. Era uma *lady*, uma rainha de Sabá numa liteira inundada de sol e transportada por súditos imaginários.

No sábado, olhando-me nos olhos, com seus olhinhos cor de mel, bonita como nunca, mais que amada de todas, deixou que eu a beijasse chorando. Talvez ela tenha compreendido. Bem maior do que minha mão, bem maior do que o meu peito, levei-a até o fim.

Eu me considerava um profissional decente. Até semana passada, houvesse o que houvesse, procurava cumprir o dever dentro de minhas limitações. Não foi possível chegar ao gabinete onde, quietinha, deitada a meus pés, esperava que eu acabasse a crônica para ficar com ela.

Até o último momento, olhou para mim, me escolhendo e me aceitando. Levei-a, em meus braços, apoiada em meu peito. Apertei-a com força,

sabendo que ela seria maior do que a saudade.

Calcinhas secretas

Ignácio de Loyola Brandão

Caminhando pelas calçadas congestionadas por camelôs que pagam propinas aos vereadores e, portanto, estão autorizados a montar suas barracas, ele hesitava diante da quantidade de bancas vendendo calcinhas e sutiãs. Desde que a Tiazinha começara a ter sucesso, as bancas exibiam modelos os mais diferentes, procurando excitar as mulheres na conquista dos amados. Percebeu que parte dos compradores eram homens e ficou na dúvida. Para eles mesmos ou para as mulheres? Parou diante de uma nordestina de rosto marcado por sulcos profundos e escolheu uma calcinha vermelha, uma preta aberta na frente e duas de renda. “Se levar meia dúzia, ganha uma de brinde”, disse a vendedora, com os olhos iluminados pela esperança. Como na feira, pensou ele. Quem compra quatro pastéis leva um de brinde. Por toda parte, promoções para segurar freguês.

Em lugar de calcinhas, pediu dois sutiãs e a vendedora mostrou-se agradecida. “Tomara que façam sucesso, que ela goste e o senhor volte.” Ela goste! A vendedora não podia, nem de longe, prever as intenções dele. Era uma ideia que tinha ocorrido de repente, ali, diante do mar colorido de peças íntimas. Foi almoçar no Ponto Chic, tomou dois chopinhos, um antes do Bauru, outro depois, consultou o relógio e seguiu para o cinema. Já havia uma fila, Mel Gibson tem um fã-club e no centro da cidade. A sala estava fresca. Escolheu uma fileira central, espectadores vieram sentar-se perto, ele trocou de lugar. Foi mudando até localizar-se em um canto deserto.

Vibrou com o Mel Gibson distribuindo porradas e tiros. Decidiu abrir o pacote e, no escuro, não soube qual das calcinhas estava sendo retirada. Não importava. Deixou a peça pendurada no braço da poltrona, pensou melhor, apanhou um sutiã, jogou no chão e mudou de lugar. Era mais completa a ação. Instalou-se num ponto estratégico e ficou à espera. O filme terminou, as luzes acenderam-se, as pessoas começaram a sair. Suspense. Será que ninguém veria as calcinhas? Uma mulher bateu os olhos, virou-se para o companheiro, apontou. Os dois gargalharam: “Aqui foi quente. Aqui, sim, passou uma máquina mortífera.” Sentaram-se, espantados e curiosos, para saborear reações. Um senhor deu com a calcinha, reprovou com um gesto de cabeça. Não demorou para que se formasse um grupo que ria, comentava e

imaginava o que se teria passado no escuro da sala. Alguém descobriu o sutiã no chão, os murmúrios cresceram. O mistério aumentou.

Um policial surgiu para ver o que acontecia. Chamou o lanterninha, um velho manco. O homem contemplou as peças rendadas e ficou parado, sem decidir o que fazer. Não teve coragem de pegar as peças. Sabe-se lá o que tinha acontecido. Disse: “O faxineiro cuida disso.” O seu rosto mostrava assombro e alegria. Algo de diferente acontecia na mesmice das sessões. Seu trabalho era quase inútil, ninguém mais precisava de um orientador no escuro. Permanecia no posto pela amizade do exibidor, com quem começara trinta anos atrás. Sempre de lanterna na mão. Devia ser o último de uma categoria em extinção. As condições de trabalho tinham piorado tanto, que ele era obrigado a comprar do próprio bolso as pilhas para a lanterna. O que fazia com alegria, uma boa luz era o seu orgulho.

O policial ficou exasperado: “Vejam que imoralidades se passam num cinema. Se eu pegasse o elemento! Chamem o gerente.” O que podia fazer o gerente? Suas atribuições não eram no escuro da sala. Situação para o lanterninha: “Eu? Quer dizer que tenho de passar a sessão inteira varrendo a sala com a lanterna? Vai ser uma bronca só. Além do mais, gastaria dez pilhas por semana. Isso é com a polícia, que fica assistindo a filme de graça.” O policial irritou-se: “Isso não pode ficar assim.” E o gerente: “O que vamos fazer?”

Calcinhas secretas II

A nova sessão começou, o gerente voltou à sua sala, o lanterninha e o policial passaram vinte minutos rodando pelos corredores, aproximando-se dos casais. Postavam-se diante deles, ostensivamente; o lanterninha iluminava-os, tentando surpreendê-los. O que provocou protestos de um homem, que se levantou, interpelando-os duramente. Com medo, o lanterninha retirou-se e o policial pareceu desistir. O homem que tinha levado o pacote de calcinhas esperou dez minutos, rondou à procura de outro lugar estratégico, repetiu a operação, deixando a calcinha à vista. Mudou de lugar e outra vez colocou pistas falsas. Aguardou.

No intervalo, as pessoas fizeram grupinhos diante das calcinhas espalhadas e logo gerente, lanterninha, policial, faxineira e dois funcionários do cinema correram, nervosos. “O que está acontecendo? Se fosse uma sala de quinta, que exibisse pornô, eu entenderia. Mas esse é o último cinema do

centro que conserva sua dignidade.” O gerente colocou os dedos no nariz do policial: “Resolva o assunto. O senhor só assiste aos filmes numa boa, come cachorro-quente de graça, dorme lá atrás em cada sessão.”

O policial riu: “Pensa que é meu chefe?” Deu as costas e foi ao hall, encostou-se no balcão da antiga bombonnière, pediu um cachorro-quente completo. A mulher reclamou: “Um só por dia, por favor.” Ela tinha vendido bombons e chocolates, balas e dropes, quando o cinema era dos mais elegantes. Mantinha a concessão do lugar, mas tivera de mudar de ramo; escolheu sanduíches rápidos e baratos. “O que está acontecendo lá dentro? O gerente ficou passado.” O policial riu: “O pessoal anda mandando brasa dentro da sala.”

O homem que tinha levado as calcinhas contemplou, deliciado, o alvoroço, desfrutou a perplexidade e imaginou a curiosidade de cada um. Teriam assunto para os escritórios, os clientes, o jantar em casa. Pena que não tivesse jornalista na plateia. Jornalista. Que boa ideia! Por que não telefonar para alguns? Chamar o Merten, o Zanin Oricchio, o Ignácio de Araújo, o Inimá Simões. O homem das calcinhas, diga-se como esclarecimento necessário, adorava cinema, lia colunas, recortava críticas. Quem sabe o Inimá escrevesse um livro: *O erotismo nas salas*?

No dia seguinte, o homem das calcinhas mudou de cinema e refez a operação, com sucesso. Foi repetindo a artimanha, percebendo gerentes cada vez mais intrigados. Deliciado, remuniciava-se na banca da nordestina de rosto marcado, tinha simpatizado com a mulher. Ela, no entanto, não entendia por que aquele homem comprava tantas calcinhas e sutiãs. Seria um revendedor? Ou eram para uso próprio? Que tipo de uso? Quem era esse homem? Um tarado?

Esgotados os cinemas do centro, ele foi para o shopping. Os resultados foram melhores. No primeiro dia, deu a maior repercussão. Um pai ia sentar-se com as filhas, percebeu a calcinha no chão. Chamou o gerente chamou todo mundo, fez escândalo, chamou o administrador do shopping gritou que ia processar, retirou-se empurrando as jovens que riam, excitadas. E o homem das calcinhas repetiu a operação na sala 2, sem tanto estardalhaço, mas, de qualquer maneira, provocando igual assombro. O que se notava era a decepção das pessoas que gostariam de ter visto o acontecido. Numa segunda sessão, ele observou que quase ninguém prestava atenção no filme, as pessoas ficavam olhando em volta, mudavam de lugar, sentavam-se perto de casais, não importava a idade. Quando, ao acender as luzes, encontravam as calcinhas e sutiãs, era um murmúrio de frustração.

Percebeu que aquelas salas começavam a lotar, todo mundo procurando resolver o mistério das calcinhas que surgiam no escuro. Só que, com as sessões lotadas, ele não podia agir, não havia espaço, nem ocasião. E então, começou a espalhar calcinhas nos banheiros de restaurantes, ônibus, metrô, portas de cursinhos, escadas de emergência dos prédios, elevadores, por toda parte. E foi gerando curiosidade. Gastava seu salário e rejubilava-se porque as rádios e televisões começaram a comentar, os jornais procuravam o casal misterioso que transava por toda parte. Houve até mesa-redonda na TV com a Silvia Poppovic discutindo com bom humor a moralidade vigente.

E ele coleciona recortes, cola em álbuns. Interrompe a operação por um mês, retoma em local inesperado, o assunto volta à tona. E de sua janela, num apartamento da Praça Roosevelt, ele contempla a cidade que jamais vai decifrar o enigma. E considerando-se um privilegiado, dono de um segredo que intriga a todos, nem sente a dor da solidão em que vive e já se impregnou nele.

Por que sonhas, Minas?

Roberto Drummond

Minas Gerais: há sempre uma procissão passando, um sino tocando nas igrejas e nos corações, e uma conspiração em curso.

Ah, Minas Gerais: de onde vem esse teu gosto de conspirar?

De onde vem essa tua permanente, clandestina, diária, camuflada, subversiva inconfidência?

Vem dos cristãos novos que se asilaram em tuas cidades e aportuguesaram os nomes suspeitos?

Vem dos negros que fizeram de ti a África-mãe?

E essa tua mania, Minas Gerais, de ser altaneira, de não ficar de joelhos, a não ser diante de Deus e dos teus santos de fé, e, ao mesmo tempo, ficar olhando para o chão, para os lados, de nunca encarar o teu interlocutor ou inquisidor, de onde vem teu jeito simulado, Minas Gerais?

Por que sempre parece que tens medo, Minas Gerais?

Por que tua coragem, de dar um boi para não entrar numa briga e uma boiada para não sair, vem sempre travestida, disfarçada?

Por que, Minas Gerais?

Amo em ti, Minas Gerais, não apenas essa rebelião que carregas no peito como um vulcão clandestino, amo em ti o culto dos sonhos impossíveis.

A liberdade era a amante mais desejada, mais sonhada de Tiradentes, era seu sonho impossível — e, por ele, Tiradentes morreu.

Teu filho Santos Dumont deu asas ao impossível sonho humano de voar.

E antes de Santos Dumont, o que foi o Aleijadinho, senão um mágico que transformava em realidade impossível sonhos em pedra-sabão?

Minas Gerais: Juscelino plantou uma flor de concreto, a que deu o nome de Brasília, no cerrado. Era também a realização do impossível. E teu filho e rei, Pelé, nascido em Três Corações, escolhia os mais tortuosos e difíceis caminhos para o gol, e sempre perseguiu o gol impossível, o único que não

conseguiu realizar: o de surpreender o goleiro com um chute de longa distância.

Minas Gerais: amo em ti a contradição.

És barroca em Ouro Preto, Tiradentes, Diamantina, Congonhas e Mariana, e moderna na Pampulha.

Aqui, tu acendes o fogo, incendeias os corações: ali tu és, Minas Gerais, a água na fervura, a água apagando o fogo.

Tu és sertão e cidade, és o passado e o presente, és o Rio Doce e rios amargos, trágicos, és um casarão com 38 janelas e és uma casa moderna e ensolarada.

Por que sonhas, Minas Gerais?

E por que, Minas Gerais, quando sorris, quando estás alegre, sempre acabas punindo tua própria alegria, como se ela, como teus sonhos de liberdade, te fosse proibida?

Por que sempre estás pensando que comete um grave pecado, Minas Gerais?

Por que teus filhos rezam mesmo quando são ateus?

Por que, Minas Gerais, por quê?

Sobre o amor

Ferreira Gullar

Houve uma época em que eu pensava que as pessoas deviam ter um gatilho na garganta: quando pronunciasse — *eu te amo* —, mentindo, o gatilho disparava e elas explodiam. Era uma defesa intolerante contra os levianos e que refletia sem dúvida uma enorme insegurança de seu inventor. Insegurança e inexperiência. Com o passar dos anos a ideia foi abandonada, a vida revelou-me sua complexidade, suas nuances. Aprendi que não é tão fácil dizer *eu te amo* sem pelo menos achar que ama e, quando a pessoa mente, a outra percebe, e se não percebe é porque não quer perceber, isto é: quer acreditar na mentira. Claro, tem gente que quer ouvir essa expressão mesmo sabendo que é mentira. O mentiroso, nesses casos, não merece punição alguma.

Por aí já se vê como esse negócio de amor é complicado e de contornos imprecisos. Pode-se dizer, no entanto, que o amor é um sentimento radical — falo do amor-paixão — e é isso que aumenta a complicação. Como pode uma coisa ambígua e duvidosa ganhar a fúria das tempestades? Mas essa é a natureza do amor, comparável à do vento: fluido e arrasador. E como o vento, também às vezes doce, brando, claro, bailando alegre em torno de seu oculto núcleo de fogo.

O amor é, portanto, na sua origem, liberação e aventura. Por definição, antiburguês. O próprio da vida burguesa não é o amor, é o casamento, que é o amor institucionalizado, disciplinado, integrado na sociedade. O casamento é um contrato: duas pessoas se conhecem, se gostam, se sentem atraídas uma pela outra e decidem viver juntas. Isso poderia ser uma coisa simples, mas não é, pois há que se inserir na ordem social, definir direitos e deveres perante os homens e até perante Deus. Carimbado e abençoado, o novo casal inicia sua vida entre beijos e sorrisos. E risos e risinhos dos maledicentes. Por maior que tenha sido a paixão inicial, o impulso que os levou à pretória ou ao altar (ou a ambos), a simples assinatura do contrato já muda tudo. Com o casamento o amor sai do marginalismo, da atmosfera romântica que o envolvia, para entrar nos trilhos da institucionalidade. Torna-se grave. Agora é construir um lar, gerar filhos, criá-los, educá-los até que, adultos, abandonem a casa para fazer sua própria vida. Ou seja: se corre tudo bem, corre tudo mal. Mas, não radicalizemos: há exceções — e dessas exceções

vive a nossa irrenunciável esperança.

Conheci uma mulher que costumava dizer: não há amor que resista ao tanque de lavar (ou à máquina, mesmo), ao espanador e ao bife com fritas. Ela possivelmente exagerava, mas com razão, porque tinha uns olhos ávidos e brilhantes e um coração ansioso. Ouvia o vento rumorejar nas árvores do parque, à tarde incendiando as nuvens e imaginava quanta vida, quanta aventura estaria se desenrolando naquele momento nos bares, nos cafés, nos bairros distantes. À sua volta certamente não acontecia nada: as pessoas em suas respectivas casas estavam apenas morando, sofrendo uma vida igual à sua. Essa inquietação bovariana prepara o caminho da aventura, que nem sempre acontece. Mas dificilmente deixa de acontecer. Pode não acontecer a aventura sonhada, o amor louco, o sonho que arrebatava e funda o paraíso na terra. Acontece o vulgar adultério — o assim chamado —, que é quase sempre decepcionante, condenado, amargo e que se transforma numa espécie de vingança contra a mediocridade da vida. É como uma droga que se toma para curar a ansiedade e reajustar-se ao *status quo*. Estou curada, ela então se diz — e volta ao bife com fritas.

Mas às vezes não é assim. As vezes o sonho vem, baixa das nuvens em fogo e pousa aos teus pés um candelabro cintilante. Dura uma tarde? Uma semana? Um mês? Pode durar um ano, dois até, desde que as dificuldades sejam de proporção suficiente para manter vivo o desafio e não tão duras que acovardem os amantes. Para isso, o fundamental é saber que tudo vai acabar. O verdadeiro amor é suicida. O amor, para atingir a ignição máxima, a entrega total, deve estar condenado: a consciência da precariedade da relação possibilita mergulhar nela de corpo e alma, vivê-la enquanto morre e morrê-la enquanto vive, como numa desvairada montanha-russa, até que, de repente, acaba. E é necessário que acabe como começou, de golpe, cortado rente na carne, entre soluços, querendo e não querendo que acabe, pois *o espírito humano não suporta tanta realidade*, como falou um poeta maior. E enxugados os olhos, aberta a janela, lá estão as mesmas nuvens rolando lentas e sem barulho pelo céu deserto de anjos. O alívio se confunde com o vazio, e você agora prefere morrer.

A barra é pesada. Quem conheceu o delírio dificilmente se habitua à antiga banalidade. Foi Gogol, no *Inspetor Geral*, quem captou a decepção desse despertar. O falso inspetor mergulhara na fascinante impostura que lhe possibilitou uma vida de sonho: homenagens, bajulações, dinheiro e até o amor da mulher e da filha do prefeito. Eis senão quando chega o criado, trazendo-lhe o chapéu e o capote ordinário, signos da sua vida real, e lhe diz que está na hora de ir-se pois o verdadeiro inspetor está para chegar. Ele se

assusta: mas então está tudo acabado? Não era verdade o sonho? E assim é: a mais delirante paixão, terminada, deixa esse sabor de impostura na boca, como se a felicidade não pudesse ser verdade. E no entanto o foi, e tanto que é impossível continuar vivendo agora, sem ela, normalmente. Ou, como diz Chico Buarque: sofrendo normalmente.

Evaporado o fantasma, reaparece em sua banal realidade o guarda-roupa, a cômoda, a camisa usada na cadeira, os chinelos. E tudo impregnado da ausência do sonho, que é agora uma agulha escondida em cada objeto, e te fere, inesperadamente, quando abres a gaveta, o livro. E te fere não porque ali esteja o sonho ainda, mas exatamente porque já não está: esteve. Sais para o trabalho, que é preciso esquecer, afundar no dia-a-dia, na rotina do dia, tolerar o passar das horas, a conversa burra, o cafezinho, as notícias do jornal. Edifícios, ruas, avenidas, lojas, cinema, aeroportos, ônibus, carrocinhas de sorvete: o mundo é um incomensurável amontoado de inutilidades. E de repente o táxi que te leva por uma rua onde a memória do sonho paira como um perfume. Que fazer? Desviar-se dessas ruas, ocultar os objetos ou, pelo contrário, expor-se a tudo, sofrer tudo de uma vez e habituar-se? Mais dia menos dia toda a lembrança se apaga e te surpreendes gargalhando, a vida vibrando outra vez, nova, na garganta, sem culpa nem desculpa. E chegas a pensar: quantas manhãs como esta perdi burramente! O amor é uma doença como outra qualquer.

E é verdade. Uma doença ou pelo menos uma anormalidade. Como pode acontecer que, subitamente, num mundo cheio de pessoas, alguém meta na cabeça que só existe fulano ou fulana, que é impossível viver sem essa pessoa? E reparando bem, tirando o rosto que era lindo, o corpo não era lá essas coisas... Na cama era regular, mas no papo um saco, e mentia, dizia tolices, e pensar que quase morro!...

Isso dizes agora, comendo um bife com fritas diante do espetáculo vespéral dos cúmulos e nimbos. Em paz com a vida. Ou não.

Homem que é homem

Luis Fernando Veríssimo

Homem que é Homem não usa camiseta sem manga, a não ser para jogar basquete. Homem que é Homem não gosta de canapés, de cebolinhas em conserva ou de qualquer outra coisa que leve menos de 30 segundos para mastigar e engolir. Homem que é Homem não come suflê. Homem que é Homem — de agora em diante chamado HQEH — não deixa sua mulher mostrar a bunda para ninguém, nem em baile de carnaval. HQEH não mostra a sua bunda para ninguém. Só no vestiário, para outros homens, e assim mesmo, se olhar por mais de 30 segundos, dá briga.

HQEH só vai ao cinema ver filme do Franco Zeffirelli quando a mulher insiste muito, e passa todo o tempo tentando ver as horas no escuro. HQEH não gosta de musical, filme com a Jill Clayburgh ou do Ingmar Bergman. Prefere filmes com o Lee Marvin e Charles Bronson. Diz que ator mesmo era o Spencer Tracy, e que dos novos, tirando o Clint Eastwood, é tudo veado.

HQEH não vai mais a teatro porque também não gosta que mostrem a bunda à sua mulher. Se você quer um HQEH no momento mais baixo de sua vida, precisa vê-lo no balé. Na saída ele diz que até o porteiro é veado e que se enxergar mais alguém de malha justa, mata.

E o HQEH tem razão. Confesse, você está com ele. Você não quer que pensem que você é um primitivo, um retrógrado e um machista, mas lá no fundo você torce pelo HQEH. Claro, não concorda com tudo o que ele diz. Quando ele conta tudo o que vai fazer com a Feiticeira no dia em que a pegar, você sacode a cabeça e reflete sobre o componente de misoginia patológica inerente à jactância sexual do homem latino. Depois começa a pensar no que faria com a Feiticeira se a pegasse. Existe um HQEH dentro de cada brasileiro, sepultado sob camadas de civilização, de falsa sofisticação, de propaganda feminina e de acomodação. Sim, de acomodação. Quantas vezes, atirado na frente de um aparelho de TV vendo a novela das 8 — uma história invariavelmente de humilhação, renúncia e superação femininas —, você não se perguntou o que estava fazendo que não dava um salto, vencia a resistência da família a pontapés e procurava uma reprise do *Manixem* outro canal? HQEH só vê futebol na TV. Bebendo cerveja. E nada de cebolinhas em

conserva! HQEH arrota e não pede desculpas.

Se você não sabe se tem um HQEH dentro de você, faça este teste. Leia esta série de situações. Estude-as, pense, e depois decida como você reagiria em cada situação. A resposta dirá o seu coeficiente de HQEH. Se pensar muito, nem precisa responder: você não é HQEH. HQEH não pensa muito!

Situação 1

Você está num restaurante com nome francês. O cardápio é todo escrito em francês. Só o preço está em reais. Muitos reais. Você pergunta o que significa o nome de um determinado prato ao maître. Você tem certeza que o maître está se esforçando para não rir da sua pronúncia. O maître levará mais tempo para descrever o prato do que você para comê-lo, pois o que vem é uma pasta vagamente marinha em cima de uma torrada do tamanho aproximado de uma moeda de um real, embora custe mais de cem. Você come de um golpe só, pensando no que os operários são obrigados a comer. Com inveja. Sua acompanhante pergunta qual é o gosto e você responde que não deu tempo para saber. O prato principal vem trocado. Você tem certeza que pediu um “Boeuf à quelque chose” e o que vem é uma fatia de pato sem qualquer acompanhamento. Só. Bem que você tinha notado o nome: “Canard mélancolique.” Você a princípio sente pena do pato, pela sua solidão, mas muda de ideia quando tenta cortá-lo. Ele é um duro, pode aguentar. Quando vem a conta, você nota que cobraram pelo pato e pelo “boeuf” que não veio. Você: a) paga assim mesmo para não dar à sua acompanhante a impressão de que se preocupa com coisas vulgares como o dinheiro, ainda mais o brasileiro; b) chama discretamente o maître e indica o erro, sorrindo para dar a entender que, “Merde, alors”, estas coisas acontecem; ou c) vira a mesa, quebra uma garrafa de vinho contra a parede e, segurando o gargalo, grita: “Eu quero o gerente e é melhor ele vir sozinho!”

Situação 2

Você foi convencido pela sua mulher, namorada ou amiga — se bem que HQEH não tem “amigas”, quem tem “amigas” é veado — a entrar para um curso de Sensitização Oriental. Você reluta em vestir a malha preta, mas acaba sucumbindo. O curso é dado por um japonês, provavelmente veado.

Todos sentam num círculo em volta do japonês, na posição de lótus. Menos você, que, como está um pouco fora de forma, só pode sentar na posição do arbusto despencado pelo vento. Durante 15 minutos todos devem fechar os olhos, juntar as pontas dos dedos e fazer “rom”, até que se integrem na Grande Corrente Universal que vem do Tibete, passa pelas cidades sagradas da Índia e do Oriente Médio e, estranhamente, bem em cima do prédio do japonês, antes de voltar para o Oriente. Uma vez atingido este estágio, todos devem virar para a pessoa ao seu lado e estudar seu rosto com as pontas dos dedos. Não se surpreenda se o japonês chegar por trás e puxar as suas orelhas com força para lembrá-lo da dualidade de todas as coisas. Durante o “rom” você faz força, mas não consegue se integrar na grande corrente universal, embora comece a sentir uma sensação diferente que depois revela-se ser câimbra. Você: a) finge que atingiu a integração para não cortar a onda de ninguém; b) finge que não entendeu bem as instruções, engatinha fazendo “rom” até o lado daquela grande loura e, na hora de tocar o seu rosto, erra o alvo e agarra os seios, recusando-se a soltá-los mesmo que o japonês quase arranque as suas orelhas; c) diz que não sentiu nada, que não vai seguir adiante com aquela bobagem, ainda mais de malha preta, e que é tudo coisa de veado.

Situação 3

Você está numa daquelas reuniões em que há lugares de sobra para sentar, mas todo mundo senta no chão. Você não quis ser diferente, se atirou num almofadão colorido e tarde demais descobriu que era a dona da casa. Sua mulher ou namorada está tendo uma conversa confidencial, de mãos dadas, com uma moça que é a cara do Charlton Heston, só que de bigode. O jantar é à americana e você não tem mais um joelho para colocar o seu copo de vinho enquanto usa os outros dois para equilibrar o prato e cortar o pedaço de pato, provavelmente o mesmo do restaurante francês, só que algumas semanas mais velho. Aí o cabeleireiro de cabelo mechado ao seu lado oferece:

— Se quiser usar o meu...

— O seu...?

— Joelho.

— Ah...

— Ele está desocupado.

— Mas eu não o conheço.

— Eu apresento. Este é o meu joelho.

— Não. Eu digo, você...

— Eu, hein? Quanta formalidade. Aposto que se eu estivesse oferecendo a perna toda você ia pedir referências. Ti-au.

Você: a) resolve entrar no espírito da festa e começa a tirar as calças; b) leva seu copo de vinho para um canto e fica, entre divertido e irônico, observando aquele curioso painel humano e organizando um pensamento sobre estas sociedades tropicais, que passam da barbárie para a decadência sem a etapa intermediária da civilização; ou c) pega sua mulher ou namorada e dá o fora, não sem antes derrubar o Charlton Heston com um soco.

Se você escolheu a resposta *a* para todas as situações, não é um HQEH. Se você escolheu a resposta *b*, não é um HQEH. E se você escolheu a resposta *c*, também não é um HQEH. Um HQEH não responde a testes. Um HQEH acha que teste é coisa de veado.

Este país foi feito por Homens que eram Homens. Os desbravadores do nosso interior bravio não tinham nem jeans, quanto mais do Pierre Cardin. O que seria deste país se Dom Pedro I tivesse se atrasado no dia 7 em algum cabeleireiro, fazendo massagem facial e cortando o cabelo à navalha? E se tivesse gritado, em vez de “Independência ou Morte”, “Independência ou Alternativa Viável, Levando em Consideração Todas as Variáveis!”? Você pode imaginar o Rui Barbosa de sunga de crochê? O José do Patrocínio de *colant*? O Tiradentes de *kaftan* e brinco numa orelha só? Homens que eram Homens eram os bandeirantes. Como se sabe, antes de partir numa expedição, os bandeirantes subiam num morro em São Paulo e abriam a braguilha. Esperavam até ter uma ereção e depois seguiam na direção que o pau apontasse. Profissão para um HQEH é motorista de caminhão. Daqueles que, depois de comer um mocotó com duas Malzibier, dormem na estrada e, se sentem falta de mulher, ligam o motor e trepam com o radiador. No futebol HQEH é beque central, cabeça-de-área ou centroavante. Meio-de-campo é coisa de veado. Mulher do amigo de Homem que é Homem é homem. HQEH não tem amizade colorida, que é a sacanagem por outros meios. HQEH não tem um relacionamento adulto, de confiança mútua, cada um respeitando a liberdade do outro, numa transa, assim, extraconjugal mas assumida, entende? Que isso é papo de mulher pra dar pra todo mundo. HQEH acha que movimento gay é coisa de veado.

HQEH nunca vai a vernissage.

HQEH não está lendo a Marguerite Yourcenar, não leu a Marguerite Yourcenar e não vai ler a Marguerite Yourcenar.

HQEH diz que não tem preconceito mas que se um dia estivesse numa mesma sala com todas as cantoras da MPB, não desencostaria da parede.

Coisas que você jamais encontrará em um HQEH: batom neutro para lábios ressequidos, pastilhas para refrescar o hálito, o telefone do Gabeira, entradas para um espetáculo de mímica.

Coisas que você jamais deve dizer a um HQEH: “Ton sur ton”, “Vamos ao balé?”, “Prove estas cebolinhas”.

Coisas que você jamais vai ouvir um HQEH dizer: “Assumir”, “Amei”, “Minha porção mulher”, “Acho que o bordeau fica melhor no sofá e a ráfia em cima do puf”.

Não convide para a mesma mesa: um HQEH e o Silvinho.

HQEH acha que ainda há tempo de salvar o Brasil e já conseguiu a adesão de todos os Homens que são Homens que restam no país para uma campanha de regeneração do macho brasileiro. Os quatro só não têm se reunido muito seguidamente porque pode parecer coisa de veado.

Minhas bunda

Mario Prata

A parte carnosa do corpo formada pelas nádegas.

A principal diferença entre a revista *Playboy* americana e a *Playboy* brasileira é a língua? Errado. É a bunda.

Na americana, temos seios, úberes, verdadeiras tetas que mal cabem nas páginas duplas. Na nossa, temos bundas. Bundinhas de penugem loira, bundinhas de contorno marrom, até bundinhas cor-de-rosa.

Americano não gosta de bunda? Eu diria que americano não conhece a bunda. Aliás, no mundo inteiro, não existem bumbuns como os nossos, ou melhor, como as nossas. A bunda é um produto interno e bruto tipicamente brasileiro. Às vezes, a revista americana faz edições especiais sobre seios. Aqui, fazemos verdadeiros compêndios sobre (e sob) bundinhas. Narcisamente, o brasileiro adora a própria bunda.

Mas de onde veio a nossa bunda? Não das alvas portuguesas, muito menos das esparramadas italianas e, menos ainda, das desbundadas japonesas. Muito menos das amassadas índias. Sempre me intrigou esta tanajúrica pergunta. Quem arrebitou com pincel de ouro, com formão de prata, a bundinha brasileira?

Tinha essa dúvida até conhecer Cabo Verde, um país de dez vulcânicas ilhas na costa oeste da África. Quase fora do *mapa*. Foi lá que tudo começou.

O país tem, atualmente, mais ou menos, 300 mil bundas ambulantemente espalhadas pelo arquipélago. Bundas livres de Portugal desde 1975. E a bunda brasileira, antes de chegar aqui, passou por lá, vindo do continente africano. Ou seja, foi lá que inventaram a fórmula, o contorno quase lúdico, o molde mais que esteticamente perfeito. A bunda politicamente correta. Tenho certeza dessa afirmação e vou tentar provar.

Foi em Cabo Verde que surgiram as primeiras mulatas. Apesar de a palavra mulata ter origem espanhola, o conteúdo foi uma criação dos ingleses, holandeses e dos franceses que por lá passavam desde o começo do século

XVI, com seus navios negreiros trazendo escravos para o Brasil. Lá era o point no meio do Atlântico. E lá os brancos deixaram o sêmen (do latim *semen*, que significa semente) para a fabricação das mulatas com suas respectivas bundas. Gostavam tanto das cabo-verdianas que Sir Francis Drake, pirata-mor daqueles tempos, chegou até a saquear o país em 1590 a mando da tal Companhia das Índias Ocidentais. O saque durou sete anos e milhares e milhares de sementes foram im(plantadas). Tinham sacado a bunda.

Esta mistura deu a cor atual das nativas. Não são negras como as vizinhas senegalesas, são marrons. Ou castanhas, como preferem elas. E lindas. As cabo-verdianas são lindas. Uma espécie de Sônia Braga bem queimada. Olhos claros como dos piratas bisavós. Uma porção de Patrícia França.

Fica difícil descrever a bunda das mulheres de Cabo Verde. Tem que ver para crer. São Tomé não acreditaria em seus próprios olhos. Mas olhando uma delas passar, você percebe que ela está no doce balanço a caminho do mar (do Brasil).

Um dia estava com um amigo português, o cineasta Paulo de Souza, especialista em cinema africano, numa praça de Mindelo, a capital intelectual do país e das bundas (a capital do país chama-se Praia, pode?). Eis que passa na nossa frente uma bunda vestida com uma minissaia verde, justa. Justíssima. Não tivemos dúvida. Seguimos a bunda por vários quarteirões, em homenageante silêncio, até que ela entrou numa casa e nós voltamos para a praça sem a necessidade de dizermos nenhuma palavra um para o outro. Era uma obra-prima da natureza aquela menina. De noite, lá pelas duas da manhã, estou eu no meu hotel a dormir e batem na porta. Era o Paulo que havia ido a uma boate. Estava trêmulo, suado:

— Vem, vem, lembra daquela bunda?

— Estava sonhando com ela.

— Veste, veste! Ela está na boate. A bunda está dançando na boate!

E lá fomos nós dois para a boate. Não só a “nossa” bunda de verde (agora num fulgurante amarelo) dançava, mas uma infinidade delas. Que espetáculo.

Só que, no princípio, era o verbo e não a carne e, naquele tempo, na época do tráfico dos escravos, quando surgia a bunda no meio do Atlântico, qual ilha vulcânica, a bunda ainda não se chamava bunda. Como aliás, até hoje em Portugal não se chama. Bunda só no Brasil. Em Portugal a bunda é um cu.

Mas foi na mesma África que fomos buscar a sonoríssima e mais do que

adequada palavra bunda. Diz a lenda que a origem seria das danças dos africanos. Ficavam as mulheres dançando no meio e o crioulo em volta batendo tambor e fazendo som com a boca: bun-da!, bun-da! Mas isso é lenda. Na verdade, a palavra veio da língua quimbundo (kimbundu), da palavra bunda (mbunda, tubundas, elebunda?), lá para os lados de Angola, local onde viviam os bantos, raça negra sul-africana à qual pertenciam, entre outros, os negros escravos chamados no Brasil angolas, cabindas, benguelas, congos, moçambiques.

Nós, brasileiros e cabo-verdianos, nascemos com a bunda virada para a lua.

O estrangeiro

Arthur Dapieve

Este ano minha mãe morreu. Não no ano passado, com certeza. Embora eu não seja um *pied noir* e nem tenha matado um árabe, estou condenado à morte, como todos os Mersaults que somos. Isso esclarece tudo, esta coluna inclusive. A última coluna do ano passado se chamou “Um balanço emocional para 1994”, um balanço que abarcava apenas e tão-somente as mortes de Ayrton Senna e Kurt Cobain e a conquista do tetracampeonato.

Todo o resto era supérfluo, percalços de um ano como qualquer outro. Nos lembraremos de 1994 como o ano em que morreu o Senna, o ano em que Cobain deu um tiro nos cornos, o ano que Roberto Baggio perdeu um pênalti e assim nós ganhamos a Copa do Mundo pela quarta vez. Por nenhuma outra razão. Era um balanço pessoal, decerto. O deste ano é ainda mais pessoal. Não há, para mim, outro assunto possível. Este 1995 não será, na minha cabeça, o ano em que eu lancei o meu primeiro livro, o ano em que o Botafogo ganhou o seu primeiro campeonato brasileiro, o ano em que aconteceram, antes e depois de 22 de agosto, outras coisas boas e outras tantas coisas más, para mim, *urbi et orbi*. Não. Será sempre o ano em que minha mãe morreu. E o leitor com isso? Bem, se ele me lê é graças a ela, à sua luta centavo a centavo de Mallet Soares, de Oxford — o curso de inglês, não a universidade inglesa, óbvio — e de PUC. E suponho que ele tenha tido ou tenha mãe, suponho que ou ele saiba ou venha a saber do que estou escrevendo, embora a escrita não redima, não cure, não exorcize, não amenize chongas. Sim, todas as mães, mesmo as mais felizes, morrem um dia.

Vamos deixar logo uma coisa bem clara: eu não sou boiola. Já escuto as risotas pelas, hum, costas. “Hum, ele era ligadão na mãe, humm...” ou “Hum, já vi esse filme antes, *Psicose*.” Minha relação com minha mãe não se caracterizava por essa idolatria que certos gays têm por suas mães — e eles devem ter lá os motivos deles. Para dizer a verdade vivíamos meio às turras, distantes demais, fechados demais para nos entendermos realmente bem. Mas esta coluna também não é sobre arrependimento ou sentimento de culpa. Arrependimento de não ter dito ou feito isso ou aquilo, a palavra ou o gesto que depois diminuiriam nossa dor. Esse arrependimento existe, sim, porém não se relaciona apenas aos mortos ou aos entes queridos. De qualquer forma,

nada, palavra ou gesto, diminui a dor. Mesmo que você se prepare psicologicamente durante uma agonia de cinquenta e tantos dias em CTIs, mesmo que você quase se convença de que é preferível a morte, nada diminui a dor. E uma porrada.

E uma porrada tão grande que não dá pra ficar indiferente como o Mersault do romance *O estrangeiro* do franco-argelino Albert Camus. No primeiro parágrafo, curto, inesquecível, Mersault recebe um telegrama: “Sua mãe faleceu. Enterro: amanhã. Sentidos pêsames.” E pouco se importa, ou ao menos assim lhe parece num primeiro momento. A morte o reunirá à mãe. “Pela primeira vez em muito tempo pensei em mamãe”, se surpreende na cela, à espera do cumprimento da sentença.

Entretanto, pior que o arrependimento, o sentimento de culpa, a dor, a porrada, não necessariamente nessa ordem borgeana, é a sensação devastadora de solidão, solidão diante do mundo, aliás, uma sensação bem existencialista, mersault-camusiana. É como se, antes do acerto de contas com o Criador, tivéssemos de acertar contas com a nossa Criadora. A morte da mãe deve ser, com a provável exceção da morte de um filho (*tóc, toc, toc*), a coisa mais parecida com a própria morte que um ser humano pode experimentar em vida. E uma ponte que se queima. Estarei sendo piegas? Devo estar. Azar.

(Abro aqui um parênteses que nada e tudo tem a ver com o resto desta coluna. Durante muito tempo, fugi do “eu” — e mesmo do sujeito “eu” oculto — como o diabo da cruz. Tinha vergonha de escrever “eu acho isso”, “acredito naquilo”, quem se importa. Até me tocar que essa timidez era meio desonestidade, meio falsa modéstia. Que digitar “eu” não significa, não necessariamente, entronizar o próprio umbigo. E que mesmo o umbigo pode ser socializado, pois todos temos um, assim como todos temos/tivemos mãe. Não dava mais para fingir que eu não estava aqui escrevendo e que alguém, nem que fosse eu mesmo, atrás de letras comidas e concordâncias erradas, estava aí lendo. Ninguém escreve para não ser lido, ninguém lê achando que o autor nasceu numa chocadeira.)

Sim, a solidão. É estranho imaginar que não há mais ninguém na face da Terra que esteja se preocupando se você está bem agasalhado ou se está se alimentando decentemente, isso para ficar nas coisas mais banais. É não poder nem dizer aquela frase-shazam! para os momentos em que o computador deu *tilt* ou você se descobre um revival do personagem de *Depois de horas*: “Eu quero minha mãe!” Vais ficar querendo.

A gente aprende muito sobre a Humanidade nessa hora da morte também.

Algumas pessoas, a maioria, felizmente, nos surpreendem favoravelmente. Ganhei solidariedade e carinho de onde pouco esperava, amigos, mães de amigos, leitores desconhecidos. A todos estes, muito, muito obrigado. Outros, minoria, me falharam miseravelmente. A estes, não consigo perdoar, não consigo dar a outra face. E ainda tenho de estancar o sangue italiano a clamar por *vendetta*.

Estranho perceber que morta, dura e fria em cima da cama, minha mãe me deu uma derradeira lição de vida. Parafraseando um personagem de *O caso Morei*, de Rubem Fonseca, a morte da minha mãe me ensinou duas coisas: eu estou vivo; e isso não vai durar muito tempo.

Feliz 1996, apesar de mim.

Essa mocidade de hoje...

Marcos Rey

Realmente não está fácil educar filhos hoje em dia. Não ouvem nossos conselhos e seguem caminhos estranhos, geralmente perigosos. Coisas do fim do século, explicam. Meu filho mais velho, por exemplo. Deu de cheirar. Não entendo onde pegou esse vício terrível. Acredito que foi na leitura de velhos romances portugueses, ele que é um apaixonado por primeiras edições.

Minha mulher o defende. Diz que não faz mal. Brigamos muito por causa disso. Um cunhado, médico, também assegura que não prejudica a saúde. É quando muito um mal social, insiste. Pode até ser, concordo, afinal milhares de jovens estão fazendo o mesmo em todo o mundo, mas quem aguenta uma pessoa espirrando o tempo todo? Até nas igrejas ele abre sua caixa (que não sei como se chama) e aspira o rapé. Tento proibir: — Meu filho, você vive molhando os outros, pregando sustos, irritando. Abandone esse vício espalhafatoso, incômodo. Seria melhor fumar charuto.

Ele nem liga, sempre espirrando, em conduções, velórios, conferências, teatros, em toda parte. Não consegue se livrar desse pó maldito. É um dependente. Quando vai pedir emprego, para desinibir, cheira.

— Estou me apresentando para... atchim!

— O senhor está resfriado?

— Não — atchim, atchim, atchim etc.

Sai, claro, desempregado como entrou. Espirro não é forma de comunicação, não é argumento, não vale como currículo.

Apaixonou-se e foi pedir a mão da moça em casamento. Disseram-me que foram onze atchins consecutivos. Uns altos, outros baixos, uns fragmentados, outros explosivos, mas tudo muito monótono. O futuro sogro até que se conteve a princípio. Mas, quando o viu tirar automaticamente do bolso a caixa de rapé, perguntou:

— O senhor é viciado nisso?

— Sou — ele confessou de cabeça baixa.

E o sogro disse não.

Outro filho meu também está se desviando. Evita pais e parentes. Não gosta de estudar, de ler, mora no mundo da lua. Noite alta, salta a janela de casa e desaparece. Descobrimos isso e o forçamos a contar o que faz na rua até de madrugada. Negou-se peremptoriamente. Ameaçou até suicidar-se com gás se insistíssemos. Mas não recuamos e procuramos descobrir o que leva esse insensato a sumir dessa maneira.

— Para mim, tem música nisso — suspeitou a mãe.

— Música? É, pode ser — admiti. — Ele anda um tanto alheado.

Tinha razão. Descobrimos. O maroto anda fazendo serenata! Meu filho, seresteiro! Comprou um violão às escondidas! Agora vive fazendo barulho ao pé de janelas, nas madrugadas, despertando pessoas que precisam acordar cedo para o trabalho. E exposto alucinado ao sereno, à garoa, ao chuvisqueiro, que tão mal fazem aos pulmões. Muitos seresteiros, sabe-se, morrem de pneumonia, quando — eles que se cuidem — não são abatidos a tiros de garrucha por pais, irmãos e namorados das moças que pretendem agradar. Ou mesmo por vizinhos furiosos. As gazetas sempre trazem casos assim.

E por fim tem o menorzinho. Esse se viciou nessa tal de lanterna mágica. Conhecem, não? Chegou recentemente da Europa e está à venda nas lojas do centro. É um aparelho óptico que amplia e projeta imagens iluminadas. O menino fica numa sala escura com amiguinhos o dia inteiro vendo essas imagens. Jaulas de macacos, parques de diversões, trens, balões, banquetes, caras de reis e navios. Imagens coloridas que parecem ter dimensões e movimento. A impressão é que os garotos esquecem o lar, se afastam do mundo, rompem com a realidade. Podem imaginar uma coisa assim? O aparelho causa hipnose, fixação mórbida, idiotiza e talvez possa até cegar. Li que a lanterna mágica, projetando cerca de dez imagens por minuto, acaba causando sérias perturbações no cérebro dos jovens, levando inclusive ao enlouquecimento. Sim, ao enlouquecimento.

Pó que vicia, ritmos antissociais, máquinas diabólicas. Caluda!

Este fim de século ameaça destruir nossos jovens.

Zano
Otto Lara Resende

1. Volte, Zano

Rio de Janeiro, 11/04/1992 — Ontem reunimos o conselho familiar.

Devemos ainda ter esperança? Firme, disse eu que sim. Não me conformo. Por um momento, vi nos olhos de todos aquela cintilação. Metade fé, metade alívio. Ninguém quer se sentir culpado. Claro que tem de voltar. A menina me perguntou se era palpite ou intuição. Se era intuição pra valer, que eu jurasse. Tenho tradição no ramo. Com a ajuda de santo Antônio, já achei bicho e coisa que até Deus duvida.

Jurar, não juro. Questão de princípio. Mas quero crer que volte. Pode ser *wishful thinking*. Que seja. De repente, reaparece. Já apareceu duas vezes. Minha filha chamou-o ao jeito dela, gritou, modulou a voz com carinho — e ei-lo em pessoa. Espantadíssimo, coitado. Aproximou-se tímido, desconfiado. E lhe caiu nos braços. Guardou absoluto silêncio, como se temesse qualquer manifestação sonora. Graças a Deus, são e salvo.

Quando cheguei à noite, estava em cima do carro. Como estátua. Ameaçou fugir, os magoados olhos azuis, belíssimos. Depois identificou o amigo e chegou pra perto. O ambiente estranho o intimidava. Mais vinte e quatro ou quarenta e oito horas e se sentiria em casa. Iria na certa desarmar aquela atitude de suspeita. Não quis comer, nem beber. E assim mesmo, disse o especialista que consultamos. Será que some de novo? Expliquei ao

conselho familiar o que é etologia. Citei Konrad Lorenz. A noção do território. Podíamos dormir em paz.

Na manhã seguinte, pânico geral. Não adiantou chamar, nem gritar. O conselho se ampliou e cada qual tinha uma opinião. Uma única inaceitável. Cruelíssima: tinha sido apanhado e comido. Sim, senhor. Estão comendo muito gato neste Rio de Janeiro. Não é gato por lebre, não. Gato mesmo. Até siamês, como o Zano. Tão bonzinho, tão bonito — a hipótese é absurda. Verdadeira blasfêmia. Aos onze anos, não é bobo. Já conhece o novo endereço e volta. Claro que volta.

Foi batizado Zeno, como o personagem de Ítalo Svevo. Na língua infantil,

virou Zano, Zaném, Zaninho. Inteligentíssimo, elegantíssimo, a esta altura não vai sair por esse mundo hostil afora. Virar riponga, essa não. Tem aqui afeto, calor humano. Comidinha e ração. O que quiser. A ansiedade aumenta à medida que passa o tempo. Já é o terceiro dia do sumiço. A rua tem uma cachorrada danada, mas e daí? Ele sabe se defender dos perigos desta vida. O fato é que aqui em casa não se toma conhecimento do novo ministério, nem do Brasil, enquanto o Zano não aparecer.

2. Fuga do borralho

Gato e velho não devem mudar de casa, dizia minha mãe. O ideal, aliás, é nascer, viver e morrer na mesma casa. Mudança é quase sempre aflição de espírito. Até porque mudança mesmo, daquele tipo evangélico, que mata o velho e abre espaço ao homem novo, esta pouquíssimos fazem. Mudança de hábito, qualquer uma, é um transtorno. Já contei aqui o que aconteceu com o Zano. Ou Zeno, como foi batizado.

O Zano é um caráter forte, ao contrário do personagem do ítalo Svevo, que tinha consciência, mas era um fraco de vontade. Prometia parar de fumar e não parava. Há quem diga que de vez em quando me dá um acesso de auto-referência. Aquele professor até me acusou de não despregar os olhos do meu umbigo. Com franqueza, não me acho assim tão auto-referente. Podia ser muito mais. E se não sou é porque me policio.

No caso do Zano, me impressionou o número de pessoas que se interessaram pelo seu destino. Recebi telegramas, cartas e telefonemas. Só um sujeito mal-humorado é que me perguntou se não tenho vergonha de me preocupar com um gato, quando há tanta criança na miséria. Olhe a lógica, meu amigo. Interesse por um gato não implica descaso pelas crianças. Pelo contrário.

O Zano já apareceu em sonho e duas vezes surgiu em pessoa. Alucinação? Talvez. Quem sustenta que todos os gatos siameses se parecem é porque não conhece o Zano. Sonho e alucinação à parte, ainda temos esperança. A Luciana sabe de um gato que voltou quinze dias depois. Houve um outro que ficou sumido mais de um mês. E reapareceu. Afinal onze anos de Zano são quase uma vida. Pelo menos vida de felino.

Bicho por excelência literário, o gato tem sido o mais fiel companheiro dos escritores. A Collette acabou com cara de gato. O Guimarães Rosa conversava com os seus angorás. O da Clarice Lispector a confortava nos

momentos de angústia. Perguntem ao Sérgio Augusto se ele se separa dos seus. Pelo seu Gaspar, a Ana Miranda paga qualquer resgate. Enfim, com o sumiço do Zano, só me resta também sumir. A partir de hoje, tomo sumiço. Bem substituído aqui na *Folha*, vou ver o Brasil de longe. Mas volto logo. Descanso eu e descansam os leitores. Em todo caso, espero fazer falta. Não tanta quanto o Zano. Mas pensem em mim.

Sexo na cabeça

Luis Fernando Veríssimo

Lembro-me como se fosse há oito bilhões de anos. Eu era uma célula recém-chegada do fundo do miasma e ainda deslumbrado com a vida agitada da superfície, e você era de lá, um ser superficial, vivida, viciada em amónia, linda, linda. Nós dois queríamos e não sabíamos o quê. Namoramos um milhão de anos sem saber o que fazer, aquela ânsia. Deve haver mais do que isto, amar não deve ser só roçar as membranas. Você dizia “Eu deixo, eu deixo”, e eu dizia “O quê? O quê?”, até que um dia. Um dia minhas enzimas tocaram as suas e você gemeu, meu amor, “Assim, assim!”. E você sugou meu aminoácido, meu amor. Assim, assim. E de repente éramos uma só célula. Dois núcleos numa só membrana até que a morte nos separasse. Tínhamos inventado o sexo e vimos que era bom. E de repente todos à nossa volta estavam nos imitando, nunca uma coisa pegou tanto. Crescemos, multiplicamo-nos e o mar borbulhava. O desejo era fogo e lava e o nosso amor transbordava. Aquela ânsia. Mais, mais, assim, assim. Você não se contentava em ser célula. Uma zona erógena era pouco. Queria fazer tudo, tudo. Virou ameba. Depois peixe e depois réptil, meu amor, e eu atrás. Crocodilo, elefante, borboleta, centopeia, sapo e de repente, diante dos meus olhos, mulher. Assim, assim! Deus é luxúria, Deus é a ânsia. Depois de bilhões de anos Ele acertara a fórmula. “E isso!”, gritei. “Não mexe em mais nada!”

— Quem sabe mais um seio?

— Não! Dois está perfeito.

— Quem sabe o sexo na cabeça?

— Não! Longe da cabeça. Quanto mais longe melhor!

Linda, linda. Mas algo estava errado. Não foi como antes.

— Foi bom?

— Foi.

— Qual é o problema?

— Não tem problema nenhum.

- Eu sinto que você está diferente.
- Bobagem sua. Só um pouco de dor de cabeça.
- No caldo primordial você não era assim.
- A gente muda, né? Nós não somos mais amebas.

E vimos que era complicado. Nunca reparáramos na nossa nudez e de repente não se falava em outra coisa. Você cobriu seu corpo com folhas e eu construí várias civilizações para esconder o meu. “Eu deixo, eu deixo — mas não aqui.” Não agora. Não na frente das crianças. Não numa segunda-feira! Só depois de casar. E o meu presente? Depois você não me respeita mais. Você vai contar para os outros. Eu não sou dessas. Só se você usar um quepe da Gestapo. Você não me quer, você quer é reafirmar sua necessidade neurótica de dominação machista, e ainda por cima usando as minhas ligas pretas. O quê? Não faz nem três anos que mamãe morreu! Está bem, mas sem o chicote. Eu disse que não queria o sexo na cabeça, Senhor!

- Nós somos como frutas, minha flor.
- Vem com essa...

— A fruta, entende? Não é o objetivo da árvore. Uma laranjeira não é uma árvore que dá laranjas. Uma laranjeira é uma árvore que só existe para produzir outras árvores iguais a ela. Ela é apenas um veículo da sua própria semente, como nós somos a embalagem da vida. Entende? A fruta é um estratagema da árvore para proteger a semente. A fruta é uma etapa, não é o fim. Eu te amo, eu te amo. A própria fruta, se soubesse a importância que nós lhe damos, enrubesceria como uma maçã na sua modéstia. Deixa eu só desengatar o sutiã. A fruta não é nada. O importante é a semente. E a ânsia, é o ácido, é o que nos traz de pé neste sofá. Digo, nesta vida. Deixa, deixa. A flor, minha fruta, é um truque da planta para atrair a abelha. A própria planta é um artifício da semente para se recriar. A própria semente é apenas a representação externa daquilo que me trouxe à tona, lembra? A semente da semente, chega pra cá um pouquinho. Linda, linda. Pense em mim como uma laranja. Eu só existo para cumprir o destino da semente da semente da minha semente. Eu estou apenas cumprindo ordens. Você não está me negando. Você está negando os desígnios do Universo. Deixa.

- Está bem. Mas só tem uma coisa.
- O quê?
- Eu não estou tomando pílula.

— Então nada feito.

Mais, mais. Um dia chegaríamos a uma zona erógena além do Sol. Como o pólen, meu amor, no espaço. Roçaríamos nossas membranas de fibra de vidro, capacete a capacete, e nossos tubos de oxigênio se enroscariam e veríamos que era difícil. Eu manipularia a sua bateria seca e você gemeria como um besouro eletrônico. Asssssiim. Asssssiim.

Um dia estaríamos velhos. Sexo, só na cabeça. As abelhas andariam a pé, nada se recriaria, as frutas secariam. Eu afundaria na memória, de volta às origens do mundo. (O mar tem um deserto no fundo.) Uma casca morta de semente, por nada, por nada. Mas foi bom, não foi?

Os anos 2000

Próxima estação, internet

Nunca se escreveu tanta crônica como hoje, pois, além dos jornais e das revistas que começaram a saga do gênero, criou-se um novo veículo, a internet. Com ela veio uma multidão de sites e blogs dedicados exclusivamente a pessoas que querem colocar seu cotidiano, seus sonhos e ideias em textos caprichados e bem confessionais. A crônica ganha nova cara, mas não perde o jeitão. Se parecia fácil antes, agora, quando cada um é seu próprio editor, todos podem cronicar — e há grandes talentos. Os profissionais Xico Sá, franco-atirador em tudo que se mexe na relação afetiva entre um homem e uma mulher, e Tutty Vasques, de gatilho humorístico, publicam na internet. Paralelamente, os jornais continuam generosos e dividem seus espaços entre veteranos, como Carlos Heitor Cony e Arnaldo Jabor, e novatos, como João Paulo Cuenca e Antonio Prata. O gênero transforma-se, continuando basicamente o mesmo. Breve na parede digital do seu apartamento.

Amor é prosa, sexo é poesia

Arnaldo Jabor

Sábado, fui andar na praia em busca de inspiração para meu artigo de jornal. Encontro duas amigas no calçadão do Leblon.

— Teu artigo sobre amor deu o maior auê... — me diz uma delas. — Aquele das mulheres raspadinhas também... Aliás, que que você tem contra as mulheres que barbeiam as partes? — questiona a outra.

— Nada... — respondo. — Acho lindo, mas não consigo deixar de ver ali nas partes dessas moças um bigodinho sexy... não consigo evitar... Penso no bigodinho do Hitler, do Sarney... Lembram um sarneyzinho vertical nas modelos nuas... Por isso, acho que vou escrever ainda sobre sexo... Uma delas (solteira e lírica) me diz:

— Sexo e amor são a mesma coisa...

A outra (casada e prática) retruca:

— Não são a mesma coisa não...

Sim, não, sim, não, nasceu a doce polêmica ali à beira-mar. Continuei meu cooper e deixei as duas lindas discutindo e bebendo água-de-coco. E resolvi escrever sobre essa antiga dualidade: sexo e amor. Comecei perguntando a amigos e amigas. Ninguém sabe direito. As duas categorias se trepam, tendendo ou para a hipocrisia ou para o cinismo; ninguém sabe onde a galinha e onde o ovo. Percebo que os mais “sutis” defendem o amor, como algo “superior”. Para os mais práticos, sexo é a única coisa concreta. Assim sendo, meto aqui minhas próprias colheres nesta sopa.

O amor tem jardim, cerca, projeto. O sexo invade tudo. Sexo é contra a lei. O amor depende de nosso desejo, é uma construção que criamos. Sexo não depende de nosso desejo; nosso desejo é que é tomado por ele. Ninguém se masturba por amor. Ninguém sofre sem tesão. O sexo é um desejo de apaziguar o amor. O amor é uma espécie de gratidão *a posteriori* pelos prazeres do sexo.

O amor vem depois. O sexo vem antes. No amor, perdemos a cabeça, deliberadamente. No sexo, a cabeça nos perde. O amor precisa do

pensamento.

No sexo, o pensamento atrapalha; só as fantasias ajudam. O amor sonha com uma grande redenção. O sexo só pensa em proibições; não há fantasias permitidas. O amor é um desejo de atingir a plenitude. Sexo é o desejo de se satisfazer com a finitude. O amor vive da impossibilidade sempre deslizante para a frente. O sexo é um desejo de acabar com a impossibilidade. O amor pode atrapalhar o sexo. Já o contrário não acontece. Existe amor com sexo, claro, mas nunca gozam juntos. Amor é propriedade. Sexo é posse. Amor é a casa; sexo é invasão de domicílio. Amor é o sonho por um romântico latifúndio; já o sexo é o MST. O amor é mais narcisista, mesmo quando fala em “doação”. Sexo é mais democrático, mesmo vivendo no egoísmo. Amor e sexo são como a palavra *farmakon* em grego: remédio ou veneno. Amor pode ser veneno ou remédio. Sexo também — tudo dependendo das posições adotadas.

Amor é um texto. Sexo é um esporte. Amor não exige a presença do “outro”; o sexo, no mínimo, precisa de uma “mãozinha”. Certos amores nem precisam de parceiro; florescem até mais sozinhos, na solidão e na loucura. Sexo, não — é mais realista. Nesse sentido, amor é uma busca de ilusão. Sexo é uma bruta vontade de verdade. Amor muitas vezes é uma masturbação. Sexo, não. O amor vem de dentro, o sexo vem de fora, o amor vem de nós e demora. O sexo vem dos outros e vai embora. Amor é bossa nova; sexo é carnaval.

Não somos vítimas do amor; só do sexo. “O sexo é uma selva de epiléticos” ou “O amor, se não for eterno, não era amor” (Nelson Rodrigues). O amor inventou a alma, a eternidade, a linguagem, a moral. O sexo inventou a moral também do lado de fora de sua jaula, onde ele ruge. O amor tem algo de ridículo, de patético, principalmente nas grandes paixões. O sexo é mais quieto, como um caubói — quando acaba a valentia, ele vem e come. Eles dizem: “Faça amor, não faça a guerra.” Sexo quer guerra. O ódio mata o amor, mas o ódio pode acender o sexo. Amor é egoísta; sexo é altruísta. O amor quer superar a morte. No sexo, a morte está ali, nas bocas... O amor fala muito. O sexo grita, geme, ruge, mas não se explica. O sexo sempre existiu — das cavernas do paraíso até as saunas *relax far men*. Por outro lado, o amor foi inventado pelos poetas provençais do século XII e, depois, revitalizado pelo cinema americano da direita cristã. Amor é literatura. Sexo é cinema. Amor é prosa; sexo é poesia. Amor é mulher; sexo é homem — o casamento perfeito é do travesti consigo mesmo. O amor domado protege a produção; sexo selvagem é uma ameaça ao bom funcionamento do mercado. Por isso, a única maneira de controlá-lo é

programá-lo, como faz a indústria das sacanagens. O mercado programa nossas fantasias.

Não há saunas relax para o amor. No entanto, em todo bordel, finge-se um “amorzinho” para iniciar. O amor está virando um *hors-d’oeuvre* para o sexo. Amor busca uma certa “grandeza”. O sexo sonha com as partes baixas. O perigo do sexo é que você pode se apaixonar. O perigo do amor é virar amizade. Com camisinha, há sexo seguro, mas não há camisinha para o amor. O amor sonha com a pureza. Sexo precisa do pecado. Amor é o sonho dos solteiros. Sexo, o sonho dos casados. Sexo precisa da novidade, da surpresa. “O grande amor só se sente no ciúme.” (Proust) O grande sexo sente-se como uma tomada de poder. Amor é de direita. Sexo, de esquerda (ou não, dependendo do momento político. Atualmente, sexo é de direita. Nos anos 60, era o contrário. Sexo era revolucionário e o amor era careta). E por aí vamos. Sexo e amor tentam mesmo é nos afastar da morte. Ou não; sei lá... e-mails de quem souber para o autor.

Quando as mulheres acordam

Xico Sá

Impagável uma mulher quando acorda. Nada mais lindo e misterioso do que uma mulher acordando. Do que uma mulher antes das 10h da manhã, como uma vez vi umas fotos num livro de arte inglês, pelo que me lembro ou sonho. Uma mulher e suas verdades nos olhinhos que se espantam com o mundo como uma criatura que acaba de sair do útero, o maior dos sustos, o maior dos assombros da existência.

Umas têm um mau humor tremendo, meu Deus, te deixam acuado, são capazes de te xingar, espezinhar, te maldizer, para depois te amar ainda mais.

Outras acordam paranóicas com os cabelos, tenham caracóis, segredos, ou sejam lisos, loiros ou negros. Ainda mais se for no começo do amor, do caso, do namoro, do ensaio de casamento. Estas nos deixam na cama e correm para o espelho. Tudo por uma rápida conferência de Narciso. Se acham que estão “horríveis”, naquele jeito, como naquele hiperbólico julgamento, dote tão feminino, te abandonam por horas no banheiro... E voltam as mais lindas desse mundo.

Existem aquelas que não estão nem aí, estas são raras, acordam e te presenteiam com aquele sorriso, como se tivessem sonhado com a possibilidade do nirvana ao teu lado, cria da tua costela, como canta o outro Chico, uma beleza de menina!

Os mistérios de uma mulher quando acorda são muitos.

Umas simplesmente silenciam, no máximo um monossílabo, isso quando são, por alguma razão, indagadas. Elas têm dúvidas, ainda não sabem se amam ou não amam, elas ainda guardam velhas heranças amorosas, tudo bem, coisas da vida.

Algumas acordam assustadas, como se dissessem, “que besteira eu fiz, nunca mais eu bebo”.

Outras te mandam embora antes da aurora, para dormir o sono dos justos, o sono que livra de pesos na consciência e possíveis laços imediatos. Certíssimas.

Adoráveis aquelas que mantêm a posição de “conchinha”, embora os motores da cidade já ronquem, apesar de todos os despertadores, todos os celulares. Estas são plácidas, jamais submissas.

Existem aquelas que acordam e põem logo uma música, uma música de acordo com o clima. Se tem sol, rock’n’roll, se faz frio, jazz, algo cool... Se o dia está cinza, toca aquela, que diz assim, como não quer nada, uma porrada, “ah insensatez, que você fez, coração mais sem cuidado...”.

Nada mais lindo e misterioso do que uma mulher acordando, seus gestos, a dramaturgia, o arranque para a vida ou a inércia nos teus braços.

Os barulhos de uma mulher acordando, a música dos ossos se espreguiçando, os gerúndios tantos das ações e silêncios, o chuveiro ao longe a nos dizer tantos desejos e coisas, meu Deus, aquela água já escorre linda e faz pocinhas líricas nas saboneteiras...

Quantas dúvidas e quantas certezas acordam juntas quando uma mulher acorda.

Receita da amante ideal

Carlos Heitor Cony

Do ponto de vista poético, jamais saberia definir a amante ideal, nem sequer a namoradinha descompromissada, da qual Pablo Neruda e Vinicius de Moraes, cada um a seu modo, cantaram o gesto, a graça e a glória. Tampouco saberia produzir um ensaio moral (ou amoral) sobre a dita amante — e tremo em pensar que jamais haverá a amante ideal, pelo menos como a desejamos.

Mas há. Ao longo de alguns anos no exercício do duro ofício de homem, cruzei e descruzei com mulheres, amantes umas, amadas outras — todas deram problemas, espantos e triunfos. No calor do momento, todas pareciam únicas, primeiras e eternas, o que é uma banalidade da carne, da nossa carne e do nosso espírito. Cada qual tem seu gosto, sua cólera, seu roteiro de prazer e dor.

Como Siegfried, que, para se tornar imortal, banhou-se no sangue do dragão, mas uma folha caiu em suas costas e este ponto ficou vulnerável ao dardo mortal, mulher é um Siegfried andrógino; todas têm um ponto oculto, vulnerável, decisivo.

Mas a amante ideal existe. Pelas leis do mundo, que costumam ser cruéis para homens e mulheres, é possível que, no rolar das pedras, a cada homem caiba apenas uma única amante ideal, por mais que sua experiência e fome sejam extensas e fundas. Ela não será bela, necessariamente, pois a beleza jamais será fundamental.

Ela será gostosa — não no sentido grosseiro da boazuda, mas feita ao “gosto” de nossos sentidos e apetites. Terá em síntese, às vezes de forma incompleta, tudo o que procuramos e perdemos em outras mulheres. Será honesta, mas não muito, o suficiente para, quando nos trair, deixar bem claro, a nós e ao outro, que o dono, o deus e o escravo delas continua o mesmo, ou seja, nós.

Voltará sempre e sempre perdoará até mesmo as nossas cachorradas. Será um pouco masoquista e em silêncio assumirá a sua condição de amante ideal, pagando o preço de tudo, mas jamais esquecendo as injúrias, não as graves, que jamais serão esquecidas, mas as banais, que juntas farão em sua carne uma mistura de raiva e desejo, fome a nos devorar com a pérfida boca da

vingança — e, aí sim, ela encontrará sabedoria e calma para esperar.

A amante ideal terá, mais ou menos, de oito a 12 anos menos que o seu amo e senhor. Nem muito moça para os desvios do gosto e do jeito nem muito velha para lembrar — a nós homens — as mulheres que não deram certo. Pois a amante ideal sempre dará certo.

Um dia, descobriremos que a desejamos espantosamente, de 15 em 15 dias, de mês em mês, até que o tempo passou, 15 anos ou mais, e ela sobreviveu, com sua força e sua tenacidade às duas ou três mulheres que durante o período passaram pelas nossas vidas, deixando escombros em nossa carne e no orgulho dela. Com o tempo, a amante ideal falará dessas mulheres em tom neutro, poderá repetir em causa própria o velho ditado machista segundo o qual o que é do homem o bicho não come.

A amante ideal sabe que tem a sua hora e vez. E espera. Saber esperar é o diferencial que torna a mulher verdadeiramente ideal, pois as outras mulheres nunca esperam, ao contrário, desesperam-se e partem para cobranças abomináveis, alusões torpes, reivindicações mesquinhas. Quanto mais amaram ou pensaram que amaram, mais se tornam abomináveis nas cobranças e mesquinhas nas vinganças todas.

Ela mesma já está resignada a ser amante ideal, e nada pede, nada reclama. É paciente, humilde e laboriosa. Conhece nossas fraquezas, nossos medos, nossas misérias. Sobretudo nossas misérias. E a única que observa, com neutralidade: “Você hoje está muito abatido.” As outras mulheres, quando pronunciam essa mesmíssima frase, estão sendo oblíquas, na verdade estão insinuando que gastamos nossas energias com outras.

A amante ideal terá sempre na bolsa o lenço de papel que limpará nosso rosto do batom — mesmo quando o batom for de outra mulher. E quando estivermos tristes, mas tristes de não ter jeito, ela não perguntará por que e ficará triste também, só que sabendo por que ficou triste de repente.

Ventos, tufões, ventanias, coriscos, terremotos, convulsões da terra, da carne e da alma, tudo o que varre e destrói o homem tem na amante ideal o sismógrafo que registra a catástrofe. Ela se considera dotada de um sentido especial para prever essas confusões, mas ela está, a amante ideal, pronta para dizer: “Já passou.” Ou o melhor: “Eu estou aqui!” Em certo sentido, nós somos um Jesus Cristo e a mulher é o nosso Roberto Carlos sempre à disposição.

Mas a amante ideal é sobretudo a mulher que não precisamos compreender, pois ela se compreende por nós e por ela. É como as coisas que

sempre temos e nunca sabemos que temos. Não se esgota nunca e, quando nos surpreende fatigados, exaustos de outros fracassos, ela ali está, pronta, lúcida o bastante para saber cobrar a sua hora e nos ensinar o orgulho de a termos com a humildade que só ela nos pode dar.

Dê uma chance ao ser humano

Tutty Vasques

Avizinha tocou a campainha e, quando abri a porta, surpreso com a visita inesperada, ela entrou, me abraçou forte e falou devagar, olhando fundo nos meus olhos: “Você tem sido um vizinho muito compreensivo e eu ando muito relapsa na criação dos meus cachorros. Isso vai mudar!” Desde então, uma série de procedimentos na casa em frente à minha acabou com um pesadelo que me atormentou por mais de um ano. Sei que todo mundo tem um caso com o cachorro do vizinho para contar, mas, com final feliz assim, francamente, duvido. A história que agora passo a narrar do início explica em grande parte por que ainda acredito no ser humano — ô, raça!

Meus vizinhos, pelo menos assim os vejo da janela lá do cafofo, não são pessoas comuns. Falo de gente especial, um casal de artistas, ele músico, ela bailarina, dupla de movimentos suaves e silenciosos, olhar maduro, fuso horário próprio e descompromisso amplo, geral e irrestrito com a pressa na execução das tarefas domésticas que assumem sem ajuda de ninguém. A família como se imaginava nos anos 60. Um cuida do jardim, faz compras de bicicleta, bate o tapete na sacada do segundo andar. Outro lava a calçada, cozinha (sempre os imaginei vegetarianos), apara a hera na fachada de pedra... A paz mora do outro lado da rua e, confesso, morro de inveja quando me mato de trabalhar noite adentro ali adiante. Queria ser como eles.

Quando o primeiro pastor alemão chegou ainda moleque para morar com meus adoráveis vizinhos, a casa de pedra viveu dias de alegria contagiante. O bicho era uma gracinha, foi crescendo, começou a latir, mas nada que quebrasse a harmonia do lugar. (Eu moro, esqueci de dizer, no paraíso.) Quando, logo depois do primeiro acasalamento, o segundo pastor alemão fez crescer a família, cada paralelepípedo da minha rua pressentiu o que estava para acontecer. Ou não! De qualquer forma, eu achava que, se porventura aquilo virasse o inferno que se anunciava, outro vizinho decerto perderia a paciência antes de mim, que, afinal, virei tiete do jeito de viver que espiava pela janela do escritório de casa. Eu, ir lá reclamar, nunca!

Não sei se os outros vizinhos decidiram em assembleia que esperariam a todo custo por uma reação minha, mas, para encurtar a história, o fato é que

um ano e tanto depois da chegada do primeiro pastor alemão àquela casa, eu tive um ataque, enlouqueci, surtei. Imagine o mico: vinha chegando da rua com meus filhos — gêmeos de 10 anos —, chovia baldes, eu não conseguia achar as chaves e os bichos gritavam como se fôssemos assaltantes de banco. Segura o guarda-chuva! Cadê as chaves? Será que não podiam ao menos parar de latir um pouco, caramba?

— Cala a boooooocaaaa! — gritei para ser ouvido em todo o bairro. Os cachorros emudeceram por 10 segundos. Fez-se um silêncio profundo na Gávea. Os garotos me olhavam como se estivessem vendo alguém assim, inteiramente fora de si, pela primeira vez na vida. Eu mesmo não me reconhecia, mas, à primeira rosnada que se seguiu, resolvi ir em frente, impossível recuar: “Cala a boooooocaaaa! Cala a boooooocaaaa!” Silêncio total. Os meninos estavam agora admirados: acho que jamais tinham visto aqueles bichos de boca fechada.

Ninguém apareceu na janela, havia luz acesa em muitas casas e eu ali, encharcado, decidi falar para ser ouvido até no Leblon. “Não é possível que ninguém se incomode com esses cachorros! Estão todos surdos?” Acho que, intimidada, a chuva parou. A cena era patética. Fui salvo pelas malditas chaves, que, enfim, apareceram no fundo da mochila. Entrei rápido com as crianças entre arrasado e aliviado. Achei na hora que devia conversar com meus filhos, que melhor ainda seria escrever com eles uma carta educada e sincera explicando a situação aos nossos vizinhos preferidos.

Comecei pedindo desculpas pela explosão daquela noite, mas pedia licença para contar o drama que se vivia do lado de cá da rua. Havia muito tempo não entrava nem saía de casa sem que os cães dessem alarme de minha presença na rua. Tinha vivido uma época de separações, morte de gente muito querida, além de momentos de intensa felicidade, sempre com aqueles bichos latindo sem parar. De manhã, de tarde, de noite, de madrugada, manja pesadelo? “Seus cachorros são insuportáveis e, se vocês nada fizerem a respeito — estamos no Brasil, tudo é possível —, eu vou me embora, me mudo, sumo daqui...” — escrevi algo assim, mais resignado que irritado, o arquivo original sumiu do computador.

Mas chegou aonde devia ou a vizinha não teria me dado aquele abraço comovido na noite em que abri a porta, surpreso com ela se anunciando no interfone, depois de meu chique diante de casa. No dia seguinte chegou carta do marido dela: “Seu incômodo é o nosso, agravado pelo fato de sermos responsáveis por essas criaturas que adotamos não para funções policiais, mas por amor mesmo. *Try a little bit harder*, diz a canção, e é o que será feito.

Desculpe os aborrecimentos. Agradeço sua paciência e educação.”

Desde então — há coisa de um mês, portanto —, meus vizinhos têm feito o possível para controlar o ímpeto de seus bichos, que já não me vigiam dia e noite, arrumaram para eles coisa decerto mais interessante a fazer no quintal. Quando o DNA de Rin-tin-tin ameaça se manifestar, são chamados à atenção, e se calam. Às vezes não acredito que isso esteja realmente acontecendo neste mundo cão em que vivemos. Se não estou vendo coisas — o que também ocorre com certa frequência —, o ser humano talvez ainda tenha alguma chance de dar certo. Pense nisso!

A mulher de Marcelo Rubens Paiva

A mulher de 14 anos é garota, apaixonada pelos pais, tios e avós, pelo cachorro, pelos professores e amigas, pelo recreio e jardim, pelas abelhas que vivem nele, pelo travesseiro molinho de fronha de bolinhas, por sorvete de morango e esmalte rosa.

A garota de 16 anos é quase mulher, vive um momento novo, é olhada de outra maneira, maneira diferente da que está acostumada: provocada. É apaixonada pelo vizinho que joga vôlei na seleção sub-20 e tem uns cabelos desalinhados e uma namorada ciumenta, com quem sempre briga no pátio do prédio, e com quem sempre faz as pazes depois de ela chorar 45 minutos ininterruptos.

A garota-mulher de 17 anos conhece no cursinho um garoto de 17 anos, por quem se apaixona. Namoram. O primeiro grande namorado. Continua apaixonada pelos pais, amigas, tios, avós, cachorro, que sente que ela já não passeia com ele como antes, pela escola e jardim, onde se deita na grama para pensar, pelo travesseiro molinho, que dorme entre as pernas agora. E nem liga para o jogador de vôlei, que está noivo daquela mala. Usa esmalte vermelho agora.

A mulher de 18 anos não namora mais aquele carinha do cursinho, moleque demais. Descobre que gosta de beber e dançar, e está apaixonada por um guitarrista. Vai a todos os shows da banda dele, canta as músicas de cor. Mas o músico, sempre bêbado, deita-se com ela e dorme, deita-se com ela e com outras; ninguém é de ninguém. Ela se pergunta se com as outras ele é mais carinhoso. Usa esmalte roxo.

A mulher de 19 anos sente uma atração forte pelo sócio do pai, sensação que a deixa perplexa, pois conhece o cara desde pequena. Sente uma atração especial por muitos homens, como se quisesse provocá-los, seduzir sem culpa, mas não é paixão pelo outro, é atração pela vida, é prazer pela reação que sua presença causa nos homens. Ela está apaixonada pela paixão e poder.

A mulher de 20 anos está apaixonada por ela mesma. Dá um beijo no sócio do pai. Fica com ele numa festa. E fica também com uma amiga no banheiro, na mesma festa. Ela sabe agora como armar sua teia, como se

apaixonar e deixar os outros apaixonados. Aproveita e fica com o jogador de vôlei, que largou o esporte e vende carros, não tem mais cabelos longos e se casou. E fica dias ouvindo Billie Holiday.

A mulher de 21 anos quer beijar todo mundo, seduzir todo mundo, viajar com todo mundo por todo o mundo, conhecer todas as tribos, dançar todas as músicas, comer todas as comidas, beber. Vai pro motel com o sócio do pai. Vira a sua amante. Ele é maduro, gostoso, tarado e divertido. Tem 30 anos a mais do que ela.

Aos 22, seu hobby é provocá-lo, quando ele e a mulher jantam na sua casa com seus pais. O que ela faz sentada na mesma mesa? Absolutamente nada. Nem olha. Nem fala. Como uma mocinha emburrada. Para de sair com ele, depois que ele no motel a chamou de criança mimada.

A mulher de 23 anos descobre que sente mais por um arquiteto duro do que sentiu por todos os homens anteriores e fica absurdamente insegura, tonta. Namoram. Ela tem um ciúme injustificável. Sofre o tempo todo. Algo mudou. Descobre que não está apaixonada, que é muito mais. Descobre que está amando, mas tem dúvidas, é isso mesmo, amor?

Depois de um namoro intenso, com idas e vindas, a mulher de 26 anos larga o primeiro amor. Ninguém a avisou que amor traz dor. Fica um tempo sozinha, na balada, bebendo com as amigas, dançando. Está apaixonada pelo trabalho. É a sua prioridade agora.

Aos 27, volta pro arquiteto; ela estava carente. Mas não descarta os outros, especialmente o irmão gostoso do seu chefe, um cliente casado, o ex de uma amiga e o amigo de 18 anos da sua irmã caçula.

A mulher de 28 anos tem uma paixão absurda por um cara que faz cinema, com quem tem afinidades e química. Briga de novo com seu primeiro amor. E promovida, ganha mais. Namora o cara. Um namoro calmo, mas inseguro. Porque ela acha o cara demais. Ela e todas as vacas da cidade, que não param de ligar pra ele, mandar e-mails. O cara fez três curtas já e capta para um longa que ele mesmo roteirizou.

A mulher de 29 anos, pela primeira vez na vida, encontra um cara com quem pensa em se casar, o cineasta, e se sente muito insegura. Muito apaixonada. Muito mulher. Por isso, volta a sair com o ex, o arquiteto duro. Sai com os dois. Surpreendentemente, na véspera do Natal, briga com os dois. E vai sozinha pra Bahia, com uma pilha de livros de poesia (Sylvia Plath, T. S. Elliot e Leminski). Escreve no seu diário: "I don't fell like a part of anything."

A mulher de 30 anos não é apaixonada por ninguém, quer apenas concluir o mestrado e passar um tempo em Barcelona. Não quer se casar, nem pensa em engravidar. Amor é para profissionais. Fica com um cozinheiro catalão, perdão, um chefe de cozinha. E morre de saudades do Brasil. E do seu cachorro, que morreu. Pinta as unhas de preto.

A mulher de 31 cansa de ser estrangeira, volta ao Brasil e quer se casar, mas não com o catalão, que não sai da Espanha. Ela volta pra sua cidade, seu País, aluga um apê nos Jardins. Ela sabe que o ideal é um carinha bonzinho, que lhe dá segurança, que pode ser um grande pai. Liga pro ex, o primeiro amor, que conheceu aos 23 anos, largou a arquitetura e trabalha com o pai, que fabrica esmaltes. Era o único com quem trocava e-mails de Barcelona. Ela, pouco a pouco, o seduz, e ele se deixa levar. Namoram. Todos os amigos recriminam: “De novo?!” Foda-se o mundo. Casam-se. Nada oficial; ele vai morar com ela.

A mulher de 32 anos apaixona-se pelo filho que acaba de nascer. A coisa mais fofa do mundo. Casar é duro, ela descobre. Casamento é outra praia. De tombo e correntezas. Casamento é insistir num projeto contra o que as tentações conspiram. Vai ao cinema quando pode. Ao invés de assistir ao filme do ex-namorado cineasta, que estreava, entra na sala ao lado.

A mulher de 33 anos está firme no trabalho, tem babá, uma infra legal e o marido que é dedicado, tão apaixonado pelo filho, que até dá um certo ciúme. Eles não têm aquela vida sexual de antigamente. Jogam gamão na casa de amigos. Não querem, de jeito nenhum, que o filho atrapalhe a rotina de um casal padrão.

A mulher de 34 anos se apaixona pelo novo filhinho, o segundo, que figura, que lindura, que fofúra... O casal compra uma tevê de plasma enorme, com um som potente. Convidam amigos. Agora, ele cozinha, abre vinhos; fez até curso com um sommelier famoso e comprou aquela geladeirinha própria. Pensam em construir uma piscina nos fundos para as crianças. No Natal, ela dá um chapéu de chefe de cozinha com o nome dele grafado. Mas não ganha presentes. De ninguém.

A mulher de 36 se pergunta se é ainda apaixonada pelo marido bonzinho. Tem sonhado muito com outros homens, sonhos eróticos e proibidos, loucos e sem sentido, sonhos que nem uma sonhadora entende. Um sonho erótico pode perturbar mais do que uma noite de amor, porque não se escolhe o personagem. Através do Orkut, acha alguns casos do passado. Como o guitarrista que namorou, que atualmente é de uma igreja fundada por surfistas. Corresponde-se com ele. Chega a marcar um encontro numa

livraria. Mas ela não vai. A mulher de 37 anos tem uma rotina estafante: casa, trabalho, filhos, marido, academia, pais doentes, a construção da piscina, que nunca termina, e cursos de mitologia. Começa a ir sozinha aos cinemas às tardes, já que o marido vive de aeroporto em aeroporto. Numa tarde, assiste ao segundo filme do antigo namorado cineasta, o cara com quem ela teve mais afinidade, a última paixão antes de se casar. Ficou possessa quando se viu na personagem do filme. O enredo era sobre ela! Ele também não a esqueceu. Possessa e vaidosa. Na calçada, diante do pipoqueiro, liga para ele. Surpreendentemente, ele atende, é o mesmo número, tem ainda aquela voz rouca, que acelera o seu coração. Ele diz: “Vem pra cá agora!” Ao invés disso, ela compra pipoca e decide fazer terapia.

A mulher de 38 se apaixona pelo terapeuta, que, a informaram, é gay. Mas todos se apaixonam pelo terapeuta. Ainda mais por esse lacaniano gostoso e lindo de morrer. Também, por que foi escolher justo ele? Resolveram discutir esta maluquice numa sessão, quando, antes do ponto crítico, ouve a confissão que a abala: o terapeuta também está apaixonado por ela.

A mulher de 39 anos está apaixonada pelo amante lacaniano, com quem se encontra semanalmente, especialmente nos cinemas, em que se pegam por duas horas na última fileira comendo pipoca. Há um ano, ela não transa com o marido. Desconfia que o marido tem outra. Briga com o amante. Resolve se dedicar à família, à qualidade de vida, ao corpo: malha, corre, faz meditação, massagem e, vez por outra, um ebó para Iansã. Para de comer pipoca.

A mulher de 40 anos, ao acordar numa tarde chuvosa, encontra o marido na sala com três malas, que diz: “Precisamos conversar.” E recebe a notícia de que ele está apaixonado por uma aeromoça de 24 anos da BRA vai se mudar para o flat dela. Enquanto ele enumera os motivos, ela pensa: “Da BRA?! Por que não da British ou Air France?” E fala uma frase que causa no marido um ataque de risos: “Agora que acabou a reforma da piscina?”

A mulher de 41 anos liga para o terapeuta, ex-amante, sai com ele e diz que quer ter um filho. O cara, apesar de lacaniano maduro, dá um sumidão sem classe.

A mulher de 42 anos sai com as amigas para beber e dançar. Vai a lugares de gente jovem, recebe cantadas de moleques, sai com alguns deles: um escritor bissexual de 25 anos, um DJ dinamarquês todo tatuado, um judeu que toca salsa no piano de um bar cubano.

Aos 43 anos, tomando café nos Jardins, reencontra o ex-namorado, o cineasta, que está com o terceiro longa a caminho de Cannes. Tomam quatro

cafés. Falam de todos os filmes que viram na década. Ele finalmente pergunta por que ela o largou. Ela sugere pedir a conta. Vão a um motel imediatamente. Vão para Cannes dois dias depois; ele faz parte do festival de cinema. Ela se diverte com o glamour da cidade, com toda a atenção que recebem e com o charme e as gentilezas do ex. Mas detesta seu terceiro filme, que passa na mostra paralela. Detesta tanto, que volta na manhã seguinte para São Paulo.

O cineasta brasileiro de três longas sorri quando lê o bilhete entregue no hotel com um champanhe e flores da acompanhante pedindo desculpas, afirmando que aquele mundo não era dela, que ela ficou lisonjeada pelo convite, que a França é tudo, mas que voltava para a sua vida e filhos. Ele sabe que ela não gostou do filme. Sentiu isso na première e no jantar posterior. Ele nem pensou em fazer as malas, correr para o aeroporto. Não deixaria sua agente para trás, que montara uma agenda com encontros importantes, contratos, roteiristas, produtores e um café-da-manhã com Scarlett Johansson, que falou sem parar, enquanto ele se lembrava da ex.

Fim do festival. Ele pega o avião para o Brasil. Em São Paulo, dirige-se direto para a casa da mulher de 43 anos que tanto ama. Abre a porta um menino num skate, seguido por um menor vestido de Batman. Aparece a mãe que, ao vê-lo, sorri sem graça. Ele entrega uma pilha de recortes de jornal. Ela lê de relance. São críticas em várias línguas arrasando com o filme. Ela ri e apresenta os filhos. O almoço está na mesa. A mulher de 43 anos então pergunta por que o cineasta de três longas não se junta a eles.

Pro Beleléu
André Sant'Anna

Detesto São Paulo.

Antes eu gostava quando eu era do Rio e eu vinha pra São Paulo ver show da Vanguarda Paulista e eu saía de noite e eu era muito jovem e eu estava aprendendo a tocar contrabaixo e eu era mineiro e eu tenho uns tios que são mineiros e moram em São Paulo há muito tempo e eles são músicos e eu queria ser músico que nem eles, os meus tios, e eu saía de noite com o meu tio que tinha uns amigos que eram da Vanguarda Paulista e tinha o Gigante que era amigo do meu tio e tocava com o Itamar Assumpção e eu fui no ensaio do Itamar Assumpção com o meu tio no dia que a Elis Regina morreu e de noite fazia um frio que eu achava gostoso e eu botava uns casacos que eram muito bonitos e elegantes que só dava pra eu usar quando eu vinha pra São Paulo e eu achava que São Paulo era igual Nova York e eu ia em vários bares e eu ia no Teatro Municipal ver o Macunaíma do Antunes Filho e eu ia no camarim do teatro porque o Antunes era amigo do meu pai e era de São Paulo e a mulher do meu tio era atriz do Macunaíma e eu ficava vendo as atrizes paulistas do Antunes que ficavam peladas andando pelo camarim achando normal ficarem peladas na minha frente e eu ficava maluco porque eu nunca tinha trepado e aquelas mulheres de São Paulo eram as mulheres que eu queria ter e eu batia muita punheta pensando nelas e eu queria muito vir morar em São Paulo porque no Rio não tinha Vanguarda Paulista, não tinha o grupo do Antunes, não tinha aquele frio gostoso de noite, não parecia com Nova York e as meninas do Rio eram gostosas de biquíni, todas bronzeadas, mas não tinham aquele lance de ficar com casacos elegantes de noite vendo shows de vanguarda e eu fui uma vez naquele lugar do Nelson Motta lá no Pão de Açúcar pra ver um show do Arrigo e os cariocas ficaram jogando latas de cerveja no palco e eu fiquei pensando que o Rio era uma província e ficou pior ainda quando aqueles grupos de rock começaram a aparecer e ninguém gostava mesmo da Vanguarda Paulista só eu e os paulistas aí eu fiquei sendo paulista de coração. Eu tinha um grupo de vanguarda no Rio de Janeiro e saiu uma matéria no *Jornal do Brasil* lançando a Vanguarda Carioca. Eu era da Vanguarda Carioca e eu tinha uma banda igual à banda do Arrigo e eu era o Arrigo e namorava a cantora da banda que tinha uma voz aguda e era igual a

Tetê Espíndola e a gente sempre tocava no Circo Voador e eu achava que o Rio ia melhorar e ficar igual a São Paulo.

Eu adorava São Paulo.

Eu vim morar em São Paulo no ano de 1992 quando eu voltei da Alemanha e o Collor era presidente e todo mundo estava sem dinheiro e o Rio estava muito pobre e eu trabalhava com publicidade e as agências de publicidade do Rio estavam fechando porque o Rio é mais pobre do que São Paulo porque São Paulo é uma cidade que foi inventada só pro pessoal fazer uma grana e eu vim fazer uma grana em São Paulo e eu achava que São Paulo era a cidade mais parecida com Berlim que é a cidade que eu mais gosto e que é muito mais bacana que Nova York e muito melhor do que o Rio mas aí eu reparei que não era bem assim, que o Arrigo tinha sumido, não tinha mais Vanguarda Paulista, só tinha gente tentando ganhar dinheiro e eu não tinha mais banda e eu não era mais de vanguarda e eu trabalhava numa firma deprimente e as paulistas da firma e da Faria Lima não tinham deselegância discreta porra nenhuma e a poluição fazia meus olhos ficarem ardendo e todo mundo ficava só trabalhando e ganhando dinheiro e bebendo chops depois do trabalho e aqueles paulistas eram todos muito caretas com aqueles cortes de cabelo caretas que os chefes das firmas gostam, e aquelas mulheres caretas com aqueles conjuntinhos caretas de andar na Avenida Paulista na hora do almoço, indo para aqueles restaurantes de quilo caretas e eu sofria tanto com tanta saudade do Rio e dos meus amigos cariocas de vanguarda e de São Paulo quando São Paulo era de vanguarda e eu andava tanto de ônibus e ficava tanto tempo no trânsito com aqueles paulistas e eu morei numa rua que só tinha ferro-velho e tinha uma favela sem charme atrás da casa do amigo onde eu morava e até a favela de São Paulo era careta e eu não via Nova York em lugar nenhum e dava vontade de chorar só de ver uma imagem do Pão de Açúcar na televisão e eu não conhecia ninguém em lugar nenhum e eu nunca mais vi um show do Itamar Assumpção e eu passei muitos anos assim sem nada de vanguarda, só firma, só restaurante de quilo, só Paulo Maluf que é uma das coisas mais paulistas que há e eu ficava com muita vontade de eu ir morar no Rio de novo e eu fui trabalhar no Rio e os meus amigos de vanguarda não eram mais de vanguarda e trabalhavam numas firmas e ganhavam muito mal e eu ganhava muito mais dinheiro em São Paulo do que no Rio e eu detesto dinheiro.

Adoro São Paulo.

Antes eu detestava quando eu achava que o Rio era muito melhor até que eu percebi que as coisas não são bem assim, quando eu percebi que eu sempre

preferia outra cidade do que aquela cidade na qual eu estava morando antes e quando deu tudo errado naquele emprego que me levou de volta para o Rio e eu voltei de novo pra São Paulo pra fazer uma grana e eu comecei a reparar num monte de coisa boa que eu acho bom em São Paulo, que nem a Rua Augusta e a Avenida Paulista iluminada de noite no inverno e o fato de São Paulo ser uma das maiores cidades do mundo e ser um mundo tão grande e tão impossível de conhecer inteiro e o centro da cidade que é muito louco e o provincianismo muito grande, tão grande que chega a ser até moderno e os paulistas que são meio provincianos, mas de um provincianismo simpático na fila pra ver filme do Godard que ninguém gosta mais só eu e uns paulistas provincianos modernos e as músicas do Bebelê, que é o Itamar Assumpção falando de São Paulo à meia-noite e o sol alaranjado morrendo atrás dos prédios que nunca acabam no horizonte sem oceano e o zeppelin que fica passando na minha janela e o silêncio dos feriados e a noite alaranjada e as avenidas marginais alaranjadas na madrugada e a solidão que dói tanto e eu fico sentindo que há poesia em toda parte e o Itamar Assumpção morreu e São Paulo ficou tão sozinha à meia-noite e eu e São Paulo somos tão sozinhos e o universo é tão sozinho e a poesia é uma coisa dos sozinhos e eu em São Paulo gostando de sentir essa dor do Bebelê que morreu e da vanguarda que acabou e daquele tempo que eu adorava São Paulo, aquele tempo que eu detestava São Paulo. Foi tudo pro Bebelê aqui no meu coração em São Paulo.

Um casal feliz

Danuza Leão

Era um fim de tarde entre o Natal e o Ano-Novo, e caía uma chuva fininha que não dava um minuto de trégua, como acontece no inverno de Paris. O boulevard St. Germain estava todo iluminado, as vitrines uma verdadeira festa, e um casalzinho jovem parou diante de uma delas para olhar.

Estava claro que eles vinham de uma cidade pequena para o fim de ano em Paris; todo mundo andava rápido para não se molhar, mas eles nem ligavam, tão embevecidos estavam com o que viam. Detalhe: a loja era de roupas e acessórios e na vitrine não havia o preço de nada.

Depois de conversarem muito tempo, bem baixinho, eles entraram; entraram, veio uma vendedora, ela pediu para ver uma echarpe e procurou um espelho para ver como ficava.

À vendedora foi junto e houve uma longa sessão em que foram mostradas as diversas formas de usar uma echarpe: fazendo duas voltas em torno do pescoço e deixando as pontas nas costas; dando um nó do lado e jogando uma ponta para a frente e a outra para trás; sobre a cabeça, cruzando na parte da frente do pescoço; enrolada na alça da bolsa; por dentro do casaco e as mil outras que todas as mulheres já nascem sabendo — como ela. Mas eles deveriam estar de acordo, os dois, para que a compra fosse feita. Estava claro que eram casados há pouco tempo e se amavam.

Detalhe: em países ricos como a França, a compra de uma echarpe é uma coisa banal e rápida — e aquela nem custava caro —, mas para o jovem casal, via-se, era uma transação importante, e uma mulher que ama não faz uma compra dessas sem a opinião do marido.

A vendedora foi atender outro tipo de clientes, aquelas que em um minuto decidem se compram ou não, se era sim tiravam o cartão de crédito, pagavam e saíam, mas o casal tinha todo o tempo do mundo e trocava ideias sobre se deviam ou não levar a echarpe. Afinal, estavam em Paris, e provavelmente aquele seria o presente de viagem dele para ela. A vendedora percebeu que devia deixá-los em paz e eles olharam a loja inteira — sempre com a echarpe na mão.

Ela voltou para a frente do espelho — com ele ao lado —, fez mais algumas experiências de como poderia usá-la, os dois se olharam e tomaram a decisão: iam comprar. Procuraram a vendedora e ele — ele — disse que haviam resolvido. A echarpe foi embrulhada em papel de seda e colocada numa sacola de papel grosso, e não na costumeira sacola vermelha de tecido com o logotipo da loja, para ser protegida da chuva. A conta foi paga com cartão, e na hora de ir embora a moça perguntou baixinho à vendedora se não poderia botar dentro da sacola de papel a sacola de algodão vermelho, para levar de recordação — o que foi feito.

Eles saíram debaixo da chuva que caía um pouco mais forte, de mãos dadas, mais felizes do que se tivessem comprado o mais valioso diamante da mais luxuosa joalheria da cidade, e quem acompanhou tudo teve um pequeno aperto no coração e uma inexplicável e rápida vontade de chorar.

Gente simples, ingênua e feliz às vezes provoca essas reações bobas.

Pessoas habitadas

Martha Medeiros

Estava conversando com uma amiga, dia desses. Ela comentava sobre uma terceira pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a como sendo boa gente, esforçada, ótimo caráter. “Só tem um probleminha: não é habitada.” Rimos. É uma expressão coloquial na França — *habité*— mas nunca tinha escutado por estas paragens e com este sentido. Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma parecida, também costuma dizer “aquela ali tem gente em casa” quando se refere a pessoas que fazem diferença.

Uma pessoa pode ser altamente confiável, gentil, carinhosa, simpática, mas se não é habitada, rapidinho coloca os outros pra dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demo, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. A Suíça, de fato, é um país de contos de fada onde tudo funciona, onde todos são belos, onde a vida parece uma pintura, um rótulo de chocolate. Mas falta uma ebulição que a salve do marasmo. Retornando ao assunto: pessoas habitadas são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões. Os habitados estão preenchidos de indagações, angústias, incertezas, mas não são menos felizes por causa disso. Não transformam suas “inadequações” em doença, mas em força e curiosidade. Não recuam diante de encruzilhadas, não se amedrontam com transgressões, não adotam as opiniões dos outros para facilitar o diálogo. São pessoas que surpreendem com um gesto ou uma fala fora do script, sem nenhuma disposição para serem bonecos de ventríloquos. Ao contrário, encantam pela verdade pessoal que defendem. Além disso, mantêm com a solidão uma relação mais do que cordial.

Então são as criaturas mais incríveis do universo? Não necessariamente. Entre os habitados há de tudo, gente fenomenal e também assassinos, perversos e demais malucos que não merecem abrandamento de pena pelo fato de serem, em certos aspectos, bastante interessantes. Interessam, mas assustam. Interessam, mas causam dano. Eu não gostaria de repartir a mesa de um restaurante com Hannibal Lecter, “The Cannibal”, ainda que eu não tenha dúvida de que o personagem imortalizado por Anthony Hopkins renderia um

papo mais estimulante do que uma conversa com, sei lá, Britney Spears, que só tem gente em casa porque está grávida. Zzzzzzzzzzzz.

Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer é nos fascinar e nos manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é melhor ainda.

Carta aberta para um amigo além-mar

João Paulo Cuenca

Caro Chico, li o e-mail que você me mandou mas não tive tempo de respondê-lo antes. Fico feliz em saber que tudo vai bem por aí: os estudos, o trabalho e a mulher. Manda beijo pra Ana. Tenho saudades de vocês, temo que fiquem por aí de vez. Há dias em que acho que seria bom negócio. Lembro que você estava assustado com a leitura dos jornais brasileiros pela internet e me perguntou se o bicho estava pegando mesmo por aqui.

Está, não está. Tudo continua dando um jeito diferente de continuar igual. Os senhores barrigudos de sunga continuam tomando chope no boteco da esquina da Paissandu, as meninas com roupa de lycra continuam rebolando pelos quarteirões e os sujeitos continuam cada vez mais fortes e altos — se continuar assim, nossos netos terão 2 metros de altura e 130 quilos. O nosso Mengão continua numa eterna hora da xepa, sétimo técnico em 16 meses. Fluminense levou o título do estadual num jogo roubado (como sempre) e a seleção do Parreira continua com o jogo embaçado.

A maioria dos nossos amigos continua encostada na casa dos pais, reclamando da vida, sem bom emprego e grana no bolso. A TV continua cada vez pior e cada vez mais batendo recordes de audiência, 80% de *share*, retorno total de mídia. A música que toca na rádio continua cada vez mais conchavos e jabá. A polícia continua metendo bala, os traficantes também. Lula, Garotinha e César continuam agindo como três patetas do inferno. E o povo na mesmíssima: esgarçado no meio do tiroteio. A coisa aqui, meu caro, tá pretíssima.

Nunca saí tão pouco à noite. A última moda são aquelas festinhas anos 80, lembra delas? Perderam a graça em 95, mas ninguém notou. Por semana aqui no Rio são no mínimo dez. Lotam o Circo Voador. No século passado, o Circo lançava tendência. Hoje em dia a tendência é a banda cover de música ruim. Barrigudinhos de 30 anos que não viveram adolescência se olham no espelho retrovisor, ajeitam a camisa para dentro da calça, tentam recuperar tempo perdido. Adolescentes difusos pegam nostalgia emprestada — zumbis de olhar ermo, mendigando sentido. Tocando o gado, os organizadores ganham boa grana com a indigência existencial dos outros. E quer saber?

Estão certíssimos. Há de se ganhar o qualquer um e a vida.

Sabe aquela música do Bob Dylan, “People are crazy and times are strange”? Não chego a ficar raivoso como antes. Você deve se lembrar como eu era, Chico. Hoje só consigo sentir vazio e pena. Uma enorme pena de todos nós. Dos coroas filtrando o chope dentro de suas enormes barrigas, das moças e marombados feitos de lycra, dos chatos do Estação Botafogo, das minicelebridades da internet compartilhando solidão em diários insossos, da galera se esgoelando ao som da novidade de 20 anos atrás, dos velhos jornalistas e sua boêmia enlatada, dos novos jornalistas, sem sonho ou estofo, e dos jovens e velhos escritores, compulsivos, mascando palavras e mascarando vaidades. Pena dos três poderes: policiais, traficantes e políticos. Pena do povo achando que não tem culpa, que não é com eles — digo, conosco.

De vez em quando, passa um filme no cinema ou ouço um disco bom. De vez em quando, gosto de levar a menina para dançar e às vezes dá para ir a um lugar que não esteja cheio de babacas. Fazemos um casal bonito e a amo como um pobre desesperado. Eu a transformei em personagem de crônica e os leitores gostam mais dela do que de mim. Pedem crônicas e mais crônicas sobre a menina triste de olhos verdes. Estão certíssimos. Eu também gosto mais dela.

Você contou que viu um cara muito parecido comigo no metrô de Londres. Pois talvez tenha sido eu. Se o encontrar de novo, diga que preciso de uma horinha comigo mesmo. Sabe quando o céu escurece, as nuvens pesam sobre as nossas cabeças, o ar e a luz do sol ficam de um jeito estranho e o pessoal fala “vai chover pra burro”? Ando assim: quase chovendo pra burro.

Novidade mesmo acho que só o novo sistema de ar-condicionado e iluminação do Lamas. Ficou mais bonito. Resta saber se aquele odor inconfundível pós-Lamas, de cigarro e mofo, vai continuar. O perfume do Lamas é uma tradição aqui em casa. Desculpa tanta chatice, meu amigo.

Acho que preciso de um tempo por aí. É verdade que na Inglaterra não existe chope gelado? Estou ficando velho cedo demais. Preciso sentir falta do chope gelado. E da paisagem. Essa cidade é muito bonita e a gente se acostuma. Na verdade, se acostuma com tudo, não é? Boa sorte por aí. Manda notícias. E não me leve a mal. Um grande abraço, JP.

Para você estar passando adiante

Ricardo Freire

Este artigo foi feito especialmente para que você possa estar recortando e possa estar deixando discretamente sobre a mesa de alguém que não consiga estar falando sem estar espalhando essa praga terrível da comunicação moderna, o futuro do gerúndio.

Você pode também estar passando por fax, estar mandando pelo correio ou estar enviando pela Internet. O importante é estar garantindo que a pessoa em questão vá estar recebendo esta mensagem, de modo que ela possa estar lendo e, quem sabe, consiga até mesmo estar se dando conta da maneira como tudo o que ela costuma estar falando deve estar soando nos ouvidos de quem precisa estar escutando.

Sinta-se livre para estar fazendo tantas cópias quantas você vá estar achando necessárias, de modo a estar atingindo o maior número de pessoas infectadas por essa epidemia de transmissão oral.

Mais do que estar repreendendo ou estar caçoando, o objetivo deste movimento é estar fazendo com que esteja caindo a ficha nas pessoas que costumam estar falando desse jeito sem estar percebendo.

Nós temos que estar nos unindo para estar mostrando a nossos interlocutores que, sim!, pode estar existindo uma maneira de estar aprendendo a estar parando de estar falando desse jeito.

Até porque, caso contrário, todos nós vamos estar sendo obrigados a estar emigrando para algum lugar onde não vão estar nos obrigando a estar ouvindo frases assim o dia inteirinho.

Sinceramente: nossa paciência está estando a ponto de estar estourando. O próximo “Eu vou estar transferindo a sua ligação” que eu vá estar ouvindo pode estar provocando alguma reação violenta da minha parte. Eu não vou estar me responsabilizando pelos meus atos.

As pessoas precisam estar entendendo a maneira como esse vício maldito conseguiu estar entrando na linguagem do dia-a-dia.

Tudo começou a estar acontecendo quando alguém precisou estar

traduzindo manuais de atendimento por telemarketing. Daí a estar pensando que “We’ll be sending it tomorrow” possa estar tendo o mesmo significado que “Nós vamos estar mandando isso amanhã” acabou por estar sendo só um passo.

Pouco a pouco a coisa deixou de estar acontecendo apenas no âmbito dos atendentes de telemarketing para estar ganhando os escritórios. Todo o mundo passou a estar marcando reuniões, a estar considerando pedidos e a estar retornando ligações.

A gravidade da situação só começou a estar se evidenciando quando o diálogo mais coloquial demonstrou estar sendo invadido inapelavelmente pelo futuro do gerúndio.

A primeira pessoa que inventou de estar falando “Eu vou tá pensando no seu caso” sem querer acabou por estar escancarando uma porta para essa infelicidade linguística estar se instalando nas ruas e estar entrando em nossas vidas.

Você certamente já deve ter estado estando a estar ouvindo coisas como “O que cê vai tá fazendo domingo?” ou “Quando que cê vai tá viajando pra praia?” ou “Me espera, que eu vou tá te ligando assim que eu chegar em casa”.

Deus. O que a gente pode tá fazendo pra que as pessoas sejam entendendo o que esse negócio pode tá provocando no cérebro das novas gerações?

A única solução vai estar sendo submeter o futuro do gerúndio à mesma campanha de desmoralização à qual precisaram estar sendo expostos seus coleguinhos contagiosos, como o “a nível de”, o “enquanto”, o “pra se ter uma ideia” e outros menos votados.

A nível de linguagem, enquanto pessoa, o que você acha de tá insistindo em tá falando desse jeito?

Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca

Arnaldo Jabor

Este texto é sobre ninguém. Meu avô não foi ninguém. No entanto, que grande homem ele foi para mim. Meu pai era severo e triste, mal o via, chegava de aviões de guerra e nem me olhava. Meu avô, não. Me pegava pela mão e me levava para o Jockey, para ver os cavalinhos. Foi uma figura masculina carinhosa em minha vida. Se não fosse ele, talvez eu estivesse hoje cantando boleros no Crazy Love, com o codinome Neide Suely.

Meu avô, Arnaldo Hess, foi um belo retrato do Brasil dos anos 40/50. Era um malandro carioca—em volta dele, gravitavam o botequim, a gravata com alfinete de pérola, o sapato bicolor, o cabelo com Gumex, o chapéu-palheta, o relógio de corrente, seu Patek Phillipe tão invejado, em volta dele ressoava a língua carioca mais pura e linda, com velhas gírias (“Essa matula do Flamengo é turuna!”...). Meu avô era orgulhoso de viver nesta cidade baldia e amada, o Rio que soava nos discos de 78 rpm, nas ondas do rádio, o Rio precário e poético, dos esfomeados malandros da Lapa, das mulheres sem malho e de seus sofrimentos românticos, entre varizes e celulite. Antes de morrer, ele me olhou, já meio lelê, e disse a frase mais linda: “É chato morrer, seu Arnaldinho, porque eu nunca mais vou à avenida Rio Branco.” Ali, onde ele me levava para tomar refresco na Casa Simpatia, era o centro de seu mundo. Os políticos canalhas populistas que estão hoje aí querem a volta do passado apenas pelo lado “sujo” do atraso. Mas havia também uma poética do atraso — na Lapa, no Mangue, havia um Rio que, com poucas migalhas, fabricava uma urbanidade pobre, bela e democrática.

Ele também me dava aulas de sexo. Contou-me uma vez que a melhor mulher que ele teve na vida tinha sido uma “joão”. Que era “joão”? Esse termo, ainda escravista, designava as pretinhas tão pretinhas que tinham o pixaim da cabeça ralo, quase carecas. Eram as “joão”. Pois ele me disse: “Foi no terreno baldio, ali na General Belfort... foi o melhor *nick fostene* que eu tive...” (Inventara esse nome de falso inglês de cinema americano para designar a cópula, sendo a palavra acompanhada pelo gesto vaivém de bomba de “Flit”: Nick Fostene...) Contava isso a um menino de dez anos, a quem ele dava cigarros e ensinava (a mim e ao Cláudio Acylino, meu primo) a pegar bonde no estribo, andando. Me apresentou sua amante, uma mulher ruiva chamada Celeste, que me beijava trêmula e carente como uma avó postiça e

que, sendo de “boa família” (ele me falava disso com uma ponta de orgulho), “nunca se metera em sua vida familiar oficial”. Isso ele dizia com os olhos machistas molhados de gratidão. Ou seja, ele me ensinava tudo errado e com isso me salvou.

Quase analfabeto, vivera grudado com a turma dos intelectuais da Colombo, babando com os trocadilhos de Emilio de Menezes, Olavo Bilac, Agripino Grieco nos anos 20, o que lhe deu um fascinado amor às letras que não lia, mas que o fez trazer-me sempre um livro novo, da Rio Branco, junto com a goiabada cascão e o catupiry.

Uma vez, já mais tarde, eu namorava uma moça lindíssima e virgem (claro) mas burrinha. Reclamei com ele. Resposta: “Ah, é burrinha? Você quer inteligência? Então vai namorar o Santiago Dantas!” Quando fomos aos sinistros *rendez-vous*, de onde nos floresceram as primeiras gonorréias, nossos pais severos bronquearam: “Vocês são uns porcos!” Já nosso vovô riu, sacaneando: “Poxa... boas mulheres, hein...?”

Vovô nos ensinava a conversar com as pessoas, olho no olho. Na minha família de classe média, celebravam-se as meias-palavras, o fingimento de uma elegância falsa, de uma *finesse* irreal. Só meu avô falava com os vagabundos da rua, com os botequineiros, com os mata-mosquitos. Enquanto minha família toda votava histericamente na UDN, em pleno delírio golpista, meu avô pegou o chapéu, e foi votar. Eu fui atrás dele... “Votar em quem?” “No Getúlio, seu Arnaldinho... ele gosta do povo e eu sou povo.” “E eu sou ‘povo’ também, vovô?”, perguntei. Ele riu: “Você não; você tem velocípede...”

Ele me levava ao Maracanã, ele me levava em seu ombro para ver a estrela de néon da cervejaria Black Princess (até hoje me brilha esta supernova na alma), ele, uma vez, deixou-me ver um morto na calçada, navalhado no peito (“Parecia a fita do Vasco da Gama”, ele disse) — não me escondeu a tragédia. Me ensinou tudo errado e me salvou...

Meu avô adorava a vida e usava sempre o adjetivo “esplêndido”, tão lindo e estrelado. A laranja chupada na feira estava “esplêndida”, a jabuticaba, a manga-carlotinha, tudo era “esplêndido” para ele, pobrezinho, que nunca viu nada; sua única viagem foi de trem a Curitiba, de onde trouxe mudas de pinheiros. “Esplêndidas...”

No fim da vida, já gagá, eu o levava ao Jockey para ele conversar com o Ernani de Freitas, o amigo tratador de cavalos, que lhe dava um carinho condescendente com sua gagazice, falando de cavalos que já haviam morrido. “Hoje corre a Tirolesa ou a Garbosa?”, perguntava. “A Tirolesa está

machucada, Arnaldo...”

Velho gagá, deu para dizer coisas profundíssimas. Uma vez, já nos anos 70, celebrei para ele as maravilhas lisérgicas do LSD que eu tomara. Ele me ouviu falar em “delírio de cores”, “*lucy in the skies*” e comentou: “Cuidado, Arnaldinho, pois nada é só bom...” Outra vez, vendo passar um super-ripongão sujo, “bicho-grilo brabo”, comentou: “Olha lá. Um sujeito fingindo de mendigo para esconder que realmente é...!”

Há dois anos, na exumação de um parente, o coveiro colocou várias caixas de ossos em cima do túmulo. Numa delas, estava escrito a giz: “Arnaldo Hess.” Não resisti e levantei de leve a tampa de zinco. Estavam lá os ossos de vovô. Vi um fêmur, tíbias, que eu toquei com a mão. Vocês não imaginam a infinita alegria de, por segundos, encostar em meu avô querido. Eu estava com ele de novo em 1952, sob o céu azul do Rio.

Meu avô não era ninguém. Mas nunca houve ninguém como ele.

Da arte de falar mal

Carlos Heitor Cony

Durante anos, mantive no *Correio da Manhã*, num canto da capa do segundo caderno, um espaço assim intitulado: “Da Arte de Falar Mal.” Até hoje me perguntam a razão de uma rubrica que, entre outras coisas, me levou para a prisão seis vezes por delito de opinião. Num dos interrogatórios a que fui submetido, o coronel que presidia o IPM (Inquérito Policial Militar) quis saber por que eu falava tão mal do regime militar que então se instalava. Eu respondi que não podia mudar o título da minha coluna, falando bem de qualquer coisa.

Mas a ideia do título não foi minha. Devo-a a Maura Cançado Lopes, colega no suplemento dominical do *Jornal do Brasil*, um caderno dedicado às artes, que, depois de algum tempo, já em sua fase terminal, saía pontualmente aos sábados. Ela escrevia contos maravilhosos, chamou a atenção das editoras, teve dois livros publicados, que receberam crítica consagrada. *Hospício É Deus* foi colocado à altura de Clarice Lispector, que aliás a admirava. Escreveu também *O Sofredor do Ver* — um dos melhores que já li em minha vida.

Maura namorava Luiz Reis, o Cabeleira, parceiro de Haroldo Barbosa em “Cara de Palhaço” e “Momentos São”, dois sucessos absolutos daquela época, gravados por Elizeth Cardoso. Um dia, quis sair comigo. Eu tinha um Hudson conversível, ela me perguntou se eu era rico, se eu podia comprar um navio. Respondi que sim — e ela colocou essa cena em seu romance, com meu nome e tudo.

Mas foi nessa mesma tarde que ela me fez parar na Urca, diante da baía que entardecia, e me explicou: “Chamei você para falarmos mal de todo mundo. Falar mal é uma arte.”

Nem lembro mais de quem falamos mal. Creio que não tenha escapado ninguém, a começar pelo pessoal do *JB*: Décio Pignatari, Reynaldo Jardim, Ferreira Gullar, Oliveira Bastos, Walmir Ayala, Mário Pedrosa, Cadinhos de Oliveira, os irmãos Campos, José Lino Grünewald, Assis Brasil, José Louzeiro, não abrimos exceção nem para o doce Mário Faustino, que havia morrido dias antes. Todos nossos amigos, amigos queridos por sinal.

Mais ou menos na mesma época, recebi recado de um vizinho do Posto 6 que estava gripado, ardendo em febre, mas queria me ver. Ele não tinha carro e eu guardava o meu na vaga de sua garagem; nunca me cobrou aluguel nem carona, pois adorava andar de ônibus.

Fui. Encontrei-o na cama, lendo um troço complicado que depois vim a saber que era a gramática de um dialeto do Vietnã. Embaixador aposentado, escritor de sucesso, ele gostava de aprender coisas inúteis e com elas escrevia obras-primas.

— Estou aqui — disse. — Algum recado?

— Não. Há dias que não falo mal de ninguém. Chamei-o para isso.

Três horas depois, já sem febre, ele me levou até a porta de seu apartamento. Com os olhos de gato acesos, olhou-me severamente e, com o orgulho que lhe era próprio (referia-se a si mesmo sempre na terceira pessoa), admitiu:

— Puxa! Como falamos mal de todo mundo!

Morreria em breve, poucas horas depois de um discurso que levou mais de três anos para ter coragem de fazer e no qual só falou bem dos outros. Acho que o sacrifício lhe custou a vida.

Foi ele que me ensinou a regra fundamental da arte de falar mal: “Só fale mal dos ausentes, nunca dos presentes.” Pode parecer uma obviedade. Mas o meu amigo e vizinho era também acusado de obviedades geniais em sua obra literária. Uma de suas frases mais famosas ainda é citada: “Viver é muito perigoso.”

Pulando no tempo que pulou sobre todos. Morreu o jornal em que trabalhava, morreu a Maura, morreu o meu amigo ex-embaixador, morreu até o doce Mário Faustino num desastre de avião. Ninguém é imortal, com exceção de uma amiga famosa, romancista histórica, que me quis tornar imortal como ela.

Hoje, não mais se fazem aquelas constrangedoras visitas aos imortais, antes que eles morram. Pelo contrário, a afobação de um candidato à imortalidade é letal. Adoentada, sem poder sair de casa, ela me pediu pela sobrinha e secretária que fosse à sua casa buscar o seu voto. E evidente que foi, pois muito queria vê-la.

Ela me recebeu nordestinamente afável. Sentada em sua cadeira de palhinha, com ares de senhora-de-engenho, esticou-me o envelope branco:

— Toma. Aqui estão os meus votos. Agora não falemos mais em literatura. Vamos falar mal de todo mundo!

Também saí tarde de sua casa. Não deixamos pedra sobre pedra e, seguindo o conselho do ex-embaixador, só falamos mal dos ausentes, que era o restante da humanidade, pois em sua sala só havia a visitada e o visitante.

Por essas e outras, sempre admirei o Antônio Callado, que definia os personagens do nosso tempo em duas categorias: os que tinham boa presença e os que tinham péssima ausência. Boa presença era quando todos falavam bem de um sujeito presente. Péssima ausência era quando, ausente, o sujeito monopolizava a conversa, cada qual juntando um graveto para queimar na alegre pira da maledicência.

E, com aquele jeito de único inglês da vida real, Callado completava a sua frase: “O mais gostoso de tudo isso é que o bom presente e o mau ausente são sempre a mesma pessoa.”

Bar ruim é lindo, bicho

Antonio Prata

Eu sou meio intelectual, meio de esquerda, por isso frequento bares meio ruins. Não sei se você sabe, mas nós, meio intelectuais, meio de esquerda, nos julgamos a vanguarda do proletariado, há mais de cento e cinquenta anos. (Deve ter alguma coisa de errado com uma vanguarda de mais de cento e cinquenta anos, mas tudo bem.)

No bar ruim que ando frequentando ultimamente o proletariado atende por Betão — é o garçom, que cumprimento com um tapinha nas costas, acreditando resolver aí quinhentos anos de história.

Nós, meio intelectuais, meio de esquerda, adoramos ficar “amigos” do garçom, com quem falamos sobre futebol enquanto nossos amigos não chegam para falarmos de literatura.

— O Betão, traz mais uma pra gente — eu digo, com os cotovelos apoiados na mesa bamba de lata, e me sinto parte dessa coisa linda que é o Brasil.

Nós, meio intelectuais, meio de esquerda, adoramos fazer parte dessa coisa linda que é o Brasil, por isso vamos a bares ruins, que têm mais a cara do Brasil que os bares bons, onde se serve *petit gâteau* e não tem frango à passarinho ou carne-de-sol com macaxeira, que são os pratos tradicionais de nossa cozinha. Se bem que nós, meio intelectuais, meio de esquerda, quando convidamos uma moça para sair pela primeira vez, atacamos mais de *petit gâteau* do que de frango à passarinho, porque a gente gosta do Brasil e tal, mas na hora do vamos ver uma europazinha bem que ajuda.

Nós, meio intelectuais, meio de esquerda, gostamos do Brasil, mas muito bem diagramado. Não é qualquer Brasil. Assim como não é qualquer bar ruim. Tem que ser um bar ruim autêntico, um boteco, com mesa de lata, copo americano e, se tiver porção de carne-de-sol, uma lágrima imediatamente desponta em nossos olhos, meio de canto, meio escondida. Quando um de nós, meio intelectuais, meio de esquerda, descobre um novo bar ruim que nenhum outro meio intelectuais, meio de esquerda frequenta, não nos contemos: ligamos pra turma inteira de meio intelectuais, meio de esquerda e decretamos que aquele lá é o nosso novo bar ruim.

O problema é que aos poucos o bar ruim vai se tornando cult, vai sendo frequentado por vários meio intelectuais, meio de esquerda e universitárias mais ou menos gostosas. Até que uma hora sai na *Vejinha* como ponto frequentado por artistas, cineastas e universitários e, um belo dia, a gente chega no bar ruim e tá cheio de gente que não é nem meio intelectual nem meio de esquerda e foi lá para ver se tem mesmo artistas, cineastas e, principalmente, universitárias mais ou menos gostosas. Aí a gente diz: eu gostava disso aqui antes, quando só vinha a minha turma de meio intelectuais, meio de esquerda, as universitárias mais ou menos gostosas e uns velhos bêbados que jogavam dominó. Porque nós, meio intelectuais, meio de esquerda, adoramos dizer que frequentávamos o bar antes de ele ficar famoso, íamos a tal praia antes de ela encher de gente, ouvíamos a banda antes de tocar na MTV. Nós gostamos dos pobres que estavam na praia antes, uns pobres que sabem subir em coqueiro e usam sandália de couro, isso a gente acha lindo, mas a gente detesta os pobres que chegam depois, de Chevette e chinelo Rider. Esse pobre não, a gente gosta do pobre autêntico, do Brasil autêntico. E a gente abomina a *Vejinha*, abomina mesmo, acima de tudo.

Os donos dos bares ruins que a gente frequenta se dividem em dois tipos: os que entendem a gente e os que não entendem. Os que entendem percebem qual é a nossa, mantêm o bar autenticamente ruim, chamam uns primos do cunhado para tocar samba de roda toda sexta-feira, introduzem bolinho de bacalhau no cardápio e aumentam cinquenta por cento o preço de tudo. (Eles sacam que nós, meio intelectuais, meio de esquerda, somos meio bem de vida e nos dispomos a pagar caro por aquilo que tem cara de barato.) Os donos que não entendem qual é a nossa, diante da invasão, trocam as mesas de lata por umas de fórmica imitando mármore, azulejam a parede e põem um som estéreo tocando reaggae. Aí eles se dão mal, porque a gente odeia isso, a gente gosta, como já disse algumas vezes, é daquela coisa autêntica, tão Brasil, tão raiz.

Não pense que é fácil ser meio intelectual, meio de esquerda em nosso país. A cada dia está mais difícil encontrar bares ruins do jeito que a gente gosta, os pobres estão todos de chinelo Rider e a *Vejinha* sempre alerta, pronta para encher nossos bares ruins de gente jovem e bonita e a difundir o *petit gâteau* pelos quatro cantos do globo. Para desespero dos meio intelectuais, meio de esquerda que, como eu, por questões ideológicas, preferem frango à passarinho e carne-de-sol com macaxeira (que é a mesma coisa que mandioca, mas é como se diz lá no Nordeste, e nós, meio intelectuais, meio de esquerda, achamos que o Nordeste é muito mais autêntico que o Sudeste e preferimos esse termo, macaxeira, que é bem mais assim Câmara Cascudo,

saca?).

— O Betão, vê uma cachaça aqui pra mim. De Salinas quais que tem?

Referências bibliográficas

De 1850 a 1920

O cronista entra em cena e flana pela cidade

O nascimento da crônica

Machado de Assis

ASSIS, Machado de. O nascimento da crônica. In: *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1994. p. 13-15.

Máquinas de coser

José de Alencar

ALENCAR, José de. Máquinas de coser. In: FARIA, João Roberto. *Ao correr da pena*. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 74-81. (Coleção Contistas e Cronistas do Brasil/ coordenador Eduardo Brandão.)

Modern Girls

João do Rio

RIO, João do. Modern girls. In: MARTINS, Luís. *João do Rio (uma antologia)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, [19—]. p. 83-90.

Queixa de defunto

Lima Barreto

BARRETO, Lima. Queixa de defunto. In: RESENDE, Beatriz (seleção e prefácio). *Lima Barreto*. São Paulo: Global, 2005. p. 46-48. (Coleção Melhores Crônicas/ direção Edla van Steen.)

O livreiro Garnier (8 de outubro de 1893)

Machado de Assis

ASSIS, Machado de. O livreiro Garnier (8 de outubro de 1893). In: CARA, Salete Almeida (seleção). *Melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2003. p. 271-278.

Um mendigo original

João do Rio

RIO, João do. Um mendigo original. In: MARTINS, Luís. *João do Rio (uma antologia)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, [19—]. p. 91-98.

O câmbio e as pombas (23 de agosto de 1896)

Machado de Assis

ASSIS, Machado de. O câmbio e as pombas (23 de agosto de 1896). In: CARA, Salete Almeida (seleção). *Melhores crônicas*. São Paulo: Global, 2003. p. 347-351.

As cartomantes

Olavo Bilac

BILAC, Olavo. As cartomantes. In: MACHADO, Ubiratan (seleção e prefácio). *Olavo Bilac*. São Paulo: Global, 2005. p.

143-148. (Coleção Melhores Crônicas/ direção Edla van Steen.)

O dia de um homem em 1920 (escrito em 1910)

João do Rio

RIO, João do. O dia de um homem em

1920 (escrito em 1910). In: . *João do*

Rio (uma antologia). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, [19—]. p. 69-76.

De 1920 a 1950 Com a bênção dos modernistas de bermudas

Aula de inglês

Rubem Braga

BRAGA, Rubem. Aula de inglês. In: *200 crônicas escolhidas*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 70-72.

Chorinho para a amiga

Vinícius de Moraes

MORAES, Vinícius. Chorinho para a

amiga. In: . *Para uma menina com*

uma flor. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. 21-23.

A mulher automática

Oswald de Andrade

ANDRADE, Oswald de. A mulher automática. In: . *Obras completas*. Rio de

Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1971. p. 159-160.

Genialidade brasileira

Alcântara Machado

MACHADO, Alcântara. Genialidade brasileira. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Antologia de humorismo e sátira*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, [19—]. p. 376-377.

Talvez o último desejo

Rachel de Queiroz

QUEIROZ, Rachel de. Talvez o último

desejo. In: . Um alpendre, uma rede,

um açude. Rio de Janeiro: José Olympio. © by herdeira de Rachel de Queiroz

A Sra. Stevens

Mario de Andrade

ANDRADE, Mario de. A Sra. Stevens. In:

. Os filhos da Candinha. 3ª ed. São

Paulo: Martins; Brasília: INL, 1976. p. 187-190.

A mosca azul

Humberto de Campos

CAMPOS, Humberto de. A mosca azul.

In: . Lagartas e libélulas (crônicas). São

Paulo: Editora Brasileira, 1961. p. 125-130.

Um milagre

Graciliano Ramos

RAMOS, Graciliano. Um milagre. In:

. Linhas tortas: obra póstuma. 11ª ed.

Rio de Janeiro, São Paulo: Record, 1984. p. 123-124.

Os discos voadores

Rachel de Queiroz

QUEIROZ, Rachel de. Os discos voadores. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). *Figuras do Brasil*. 80 autores em 80 anos de Folha. São Paulo: Publifolia, 2001. p. 126-128. © by herdeira de Rachel de Queiroz

Os anos 1950 A década de ouro de uma geração de craques

Ser brotinho

Paulo Mendes Campos CAMPOS, Paulo Mendes. Ser brotinho. In: *. O amor acaba.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. © by Joan A. Mendes Campos

Meu ideal seria escrever...

Rubem Braga

BRAGA, Rubem. Meu ideal seria escrever... In: *200 crônicas escolhidas*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 443-444.

Café com leite

Antônio Maria

MARIA, Antônio. Café com leite. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). *Seja feliz e faça os outros felizes*-, as crônicas de humor de Antônio Maria. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 53-54.

Batizado na Penha

Vinícius de Moraes

MORAES, Vinícius. Batizado na Penha.

In: . *Para uma menina com uma flor*.

7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

p. 48-50.

A moça e a varanda

Sérgio Porto

PORTO, Sérgio. A moça e a varanda. In: PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida (seleção de textos, notas, estudos biográfico, histórico e crítico e exercícios). *PORTO, Sérgio (Stanislaw Ponte Preta)*. São Paulo: Abril Educação, 1981. p. 74-75. (Coleção Literatura Comentada.)

Páginas das páginas

Marques Rebelo

REBELO, Marques. Páginas das páginas. In: GOMES, Renato Cordeiro (seleção e prefácio). *Marques Rebelo*. São Paulo: Global, 2004. p. 111-116. (Coleção Melhores Crônicas/ direção Edla van Steen.)

O sapo de Arubinha

Mario Filho

FILHO, Mario. O sapo de Arubinha. In: CASTRO, Ruy (org.). *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Prefácio de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 174-177.

Homem no mar

Rubem Braga

BRAGA, Rubem. Homem no mar. In: *200 crônicas escolhidas*. 24ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 272-273.

Garbo: novidades

Carlos Drummond de Andrade ANDRADE, Carlos Drummond de. Garbo: novidades. In: *Fala amendoeira*. Rio de Janeiro: Record, p. 23-25. Carlos Drummond de Andrade © Grana Drummond www.carlosdrummond.com.br

Salvo pelo Flamengo

Paulo Mendes Campos CAMPOS, Paulo Mendes. Salvo pelo Flamengo. In: PINHEIRO, Flávio (org.). *O gol é necessário*’, crônicas esportivas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 37-40. © by Joan A. Mendes Campos

Complexo de vira-latas

Nelson Rodrigues

RODRIGUES, Nelson. Complexo de vira-latas. In: CASTRO, Ruy (seleção e notas). *A sombra das chuteiras imortais*-, crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 51-52.

Os dois bonitos e os dois feios

Rachel de Queiroz

QUEIROZ, Rachel de. Os dois bonitos e

os dois feios. In: . *Um alpendre, uma*

rede, um açude. Rio de Janeiro: José Olympio. © by herdeira de Rachel de Queiroz

Os amantes

Rubem Braga

BRAGA, Rubem. Os amantes. In: *200 crônicas escolhidas*. 24^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2005. p. 253-255.

Tragédia concretista

Luís Martins

MARTINS, Luís. Tragédia concretista. In: MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Antologia de humorismo e sátira*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, [19—]. p. 412-413.

A invenção da laranja

Fernando Sabino

SABINO, Fernando. A invenção da laranja. In: CAMPOS, Paulo Mendes. *Antologia brasileira de humorismo*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1965. p. 204-206.

A bolsa e a vida

Carlos Drummond de Andrade ANDRADE, Carlos Drummond de. A bolsa e a vida. In: *A bolsa e a vida*. Rio de Janeiro: Record, p. 9-16. Carlos Drummond de Andrade © Grana Drummond
www.carlosdrummond.com.br

O inferninho e o Gervásio

Stanislaw Ponte Preta PONTE PRETA, Stanislaw. O inferninho e o Gervásio. In: CAVALCANTI, Valdemar (seleção e org.). *O melhor de Stanislaw Ponte Preta*: crônicas escolhidas. Ilustrações de Jaguar. 7^a ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 223-225.

O pior encontro casual

Antônio Maria

MARIA, Antônio. O pior encontro casual. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). *Seja feliz e faça os outros felizes: as crônicas de humor de Antônio Maria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 17-18.

Os anos 1960

Discursos na rua, humor nas páginas

Perfil de Tia Zulmira

Stanislaw Ponte Preta PONTE PRETA, Stanislaw. Perfil de Tia Zulmira. In: CAVALCANTI, Valdemar (seleção e org.). *O melhor de Stanislaw Ponte Preta: crônicas escolhidas*. Ilustrações de Jaguar. 7ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 5-9.

“Cãomício” no calçadão

José Carlos Oliveira

OLIVEIRA, José Carlos. “Cãomício” no calçadão. In: JIRO, Takahashi (edição de texto). *Para gostar de ler: crônicas*. São Paulo: Ádca, 1997. v. 7.

Conversa de pai e filha

Antônio Maria

MARIA, Antônio. Conversa de pai e filha. In: SANTOS, Joaquim Ferreira dos (org.). *Benditas sejam as moças: as crônicas de Antônio Maria*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 11-12.

Gente

Elsie Lessa

LESSA, Elsie. In: LESSA, Elsie. *A dama da noite: crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. p. 49-50.

A última crônica

Fernando Sabino

SABINO, Fernando. A última crônica. In:

. *As melhores crônicas de Fernando*

Sabino. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 213-215.

Antigamente (I e II)

Carlos Drummond de Andrade ANDRADE, Carlos Drummond de. Antigamente (I e II). In: *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Record, p. 110-113. Carlos Drummond de Andrade © Grana Drummond www.carlosdrummond.com.br

Coisas abomináveis e Coisas deleitáveis

Paulo Mendes Campos CAMPOS, Paulo Mendes. Coisas abomináveis e Coisas deleitáveis. In: *Alhos e*

bugalhos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 15-17 ep. 19-22 (respectivamente). © byjoan A. Mendes Campos

Flor de obsessão

Nelson Rodrigues

RODRIGUES, Nelson. Flor de obsessão. In: CASTRO, Ruy (seleção). *A cabra vadia: novas confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 62-64.

Notas de um ignorante

Millôr Fernandes

FERNANDES, Millôr. Notas de um ignorante. In: . *Lições de um ignorante*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 9-14.

Crônica social

Clarice Lispector

LISPECTOR, Clarice. Crônica social. In: . *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 189-192.

Como conquistei a Violeteira

José Carlos Oliveira

OLIVEIRA, José Carlos. Como conquistei a Violeteira. In: . *A revolução das bonecas*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1967. p. 186-189.

Viúva inconsolável

Nelson Rodrigues

RODRIGUES, Nelson. Viúva inconsolável. In: . *Elas gostam de apanhar*. Rio de Janeiro: Bloch, [19—]. p. 127-132. (Coleção Livros de Bolso Bloch)

A moça e a calça

Stanislaw Ponte Preta

PONTE PRETA, Stanislaw. A moça e a calça. In: . *Primo Altamirando e elas*.

3ª ed. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962. p. 140-142.

O milagre das folhas

(Clarice Lispector)

LISPECTOR, Clarice. O milagre das folhas. In: . *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 165-166.

Os anos 1970 Longe daqui, aqui mesmo

Londres, novembro de 1972.

Campos de Carvalho CARVALHO, Campos de. Londres, novembro de 1972. In: FIGUEIREDO, C Iláudio (org.). *Cartas de viagem e outras crônicas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. p. 53-56. (Coleção Sabor Literário.)

Herói. Morto. Nós.

Lourenço Diaféria

DIAFÉRIA, Lourenço. Herói. Morto. Nós. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 1º de setembro de 1977.

A Ipanemia

Caetano Veloso

VELOSO, Caetano. A Ipanemia. In: VELOSO, Caetano. *O mundo não é chato*. Apresentação e organização Eucanaã Ferraz. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 82-84.

Um lugar ao sol

Chico Buarque

BUARQUE, Chico. Um lugar ao sol. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, agosto de 1969. Disponível em: http://chicobuarque.uol.com.br/texto/menu_artigos.htm Acesso em março 2007.

Coisas & pessoas

Mario Quintana

QUINTANA, Mario. Coisas & pessoas. In: . *Caderno H*. São Paulo: Ed. Globo

bo. © by Elena Quintana

O time de Neném Prancha

João Saldanha

SALDANHA, João. O time de Neném Prancha. In: PROENÇA, Ivan Cavalcanti (comp.). *Nelson Rodrigues e João Saldanha*. a crônica e o futebol. Rio de Janeiro: Educom, 1976. p. 96-98.

Uma boneca ao relento

Ivan Lessa

LESSA, Ivan. Uma boneca ao relento. In: MAINARDE, Diogo (seleção). *Garoto da fizarca*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. p. 59 -63.

Somos todos estrangeiros

Ivan Lessa

LESSA, Ivan. Somos todos estrangeiros. In: AUGUSTO, Sérgio; JAGUAR (org.) *O melhor do*

Pasquim. [Rio de Janeiro]: Desiderata, [2006], p. 168.

Os abridores de bar

José Carlos Oliveira

OLIVEIRA, José Carlos. Os abridores de bar. In: TÉRCIO, Jason (org.). *O homem na varanda do Antonio's*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. p. 295-297.

A escrita é outra

Fernando Sabino

SABINO, Fernando. A escrita é outra. In:

. *As melhores crônicas de Fernando*

Sabino. 10ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 27-31.

Morreu o Valete de Copos

João Antônio

ANTÔNIO, João. Morreu o valete de copos. In: SILVA, Mylton Severiano da. *Paixão de João Antônio*. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2005.

Medo da eternidade

Clarice Lispector

LISPECTOR, Clarice. Medo da eternidade. In: . *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999. p. 289-291.

Ser gagá

Millôr Fernandes

FERNANDES, Millôr. Ser gagá. In: .

Lições de um ignorante. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 128-131.

Os anos 1980 Sexo e assombrações

Ed Mort e o anjo barroco

Luis Fernando Veríssimo VERÍSSIMO, LUÍS Fernando. Ed Mort e o anjo barroco. In: . *Ed Mort & outras histórias*. Porto Alegre: L&PM, 1983. p. 79-82. © by Luis Fernando Veríssimo

O dia em que nós pegamos Papai Noel

João Ubaldo Ribeiro

RIBEIRO, João Ubaldo. O dia em que nós

pegamos Papai Noel. In: . *Sempre aos*

domingos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 91-94.

Palavra de homem

Aldir Blanc

BLANC, Aldir. Palavra de homem. In: . *Um cara bacana na 19ª*: contos, crônicas e poemas. Apresentação de Ivan Lessa. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 23-26.

Deus é naja

Caio Fernando Abreu

ABREU, Caio Fernando. Deus é naja. In:

. *Pequenas epifanias*. Porto Alegre:

Sulina, 1996. p. 24-25.

Ter ou não ter namorado

Artur da Távola

TAVOLA, Artur da. Ter ou não ter namorada. In: . *Amor a sim mesmo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

Então, adeus!

Lygia Fagundes Telles

TELLES, Lygia Fagundes. Então, adeus! In:

. *Durante aquele estranho chá*. Rio de

Janeiro: Rocco. © by Lygia Fagundes Telles

A noite em que os hotéis estavam cheios

Moacyr Scliar

SCLIAR, Moacyr. A noite em que os hotéis estavam cheios. In: FISCHER, Luís Augusto (seleção e prefácio). *Moacyr Scliar*. São Paulo: Global, 2004. p. 119-120. (Coleção Melhores Crônicas/ direção Edla van Steen).

Assombrações

Ivan Angelo

ANGELO, Ivan. Assombrações. *Veja São Paulo*, São Paulo, 8 de outubro de 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/veja/sp/081003/cronica.html> Acesso em: março 2007.

Velhos conhecidos

João Ubaldo Ribeiro RIBEIRO, João Ubaldo. Velhos conhecidos. In: . *Sempre aos domingos*. Rio

de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 165-168.

Zero grau de Libra

Caio Fernando Abreu

ABREU, Caio Fernando. Zero grau de

Libra. In: . *Pequenas epifanias*. Porto

Alegre: Sulina, 1996. p. 30-32.

Dialogando com o público leitor

João Ubaldo Ribeiro RIBEIRO, João Ubaldo. Dialogando com o público leitor. In: . *Sempre aos domingos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 215-218.

Os anos 1990

A vida privada virou uma comédia

O pastel e a crise

Otto Lara Resende

RESENDE, Otto Lara. O pastel e a crise. In: SUZUKI JUNIOR, Martinas (seleção). *Bom dia para nascer*, crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 136.

Um idoso na fila do Detran

Zuenir Ventura

VENTURA, Zuenir. Um idoso na fila do

Detran. In: . *Crônicas de um fim de*

século. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999. p. 25-27. © by Zuenir Ventura

Grande Edgar

Luis Fernando Veríssimo VERÍSSIMO, Luis Fernando. Grande

Edgar. In: . *As mentiras que os homens*

contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 13-17. © by Luis Fernando Veríssimo

Mila

Carlos Heitor Cony

CONY, Carlos Heitor. Mila. In: NESTROVSKI, Arthur (org.). *Figuras do Brasil: 80 autores em 80 anos de Folha*. São Paulo: Publifolha, 2001. p. 318-319.

Calcinhas secretas I e II

Ignácio de Loyola Brandão BRANDÃO, Ignácio de Loyola. Calcinhas

secretas I e II. In: . *Calcinhas secretas*

e outras crônicas. São Paulo: Ática, 2003.

p. 16-21.

Por que sonhas, Minas?

Carlos Drummond de Andrade DRUMMOND, Roberto. Por que sonhas, Minas? In: LOPES, Carlos Herculano (seleção e prefácio). *Roberto Drummond*. São Paulo: Global, 2005. p. 57-58. (Coleção Melhores Crônicas/ direção Edla van Steen.)

Sobre o amor

Ferreira Gullar

GULLAR, Ferreira. Sobre o amor. In: . *A estranha vida banal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989. p. 105-108.

Homem que é homem

Luis Fernando Veríssimo VERÍSSIMO, Luis Fernando. Homem que é homem. In: . *As mentiras que os ho*

mens contam. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 89-95. © by Luis Fernando Veríssimo

Minhas bunda

Mario Prata

PRATA, Mario. Minhas bunda. In: .

Minhas tudo. Rio de Janeiro: Objetiva,

2001. p. 73-76.

O estrangeiro

Arthur Dapieve

DAPIEVE, Arthur. O estrangeiro. In:

. *Miúdos metafísicos*. Rio de Janeiro:

Topbooks, 1999. p. 231-234. © by Arthur Dapieve

Essa mocidade de hoje...

Marcos Rey

REY, Marcos. Essa mocidade de hoje... In: WERNECK, Humberto (organização, introdução e notas). *Boa companhia: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 201-204 .

Zano

Otto Lara Resende

RESENDE, Otto Lara. Zano. In: SUZUKI JUNIOR, Matinas (seleção). *Bom dia para nascer*, crônicas. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 206.

Sexo na cabeça

Luis Fernando Veríssimo VERÍSSIMO, Luis Fernando. Sexo na

cabeça. In: . *Sexo na cabeça*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 11-13. © by Luis Fernando Veríssimo

Os anos 2000 Próxima estação, internet

Amor é prosa, sexo é poesia

Arnaldo Jabor

JABOR, Arnaldo. Amor é prosa, sexo é

poesia. In: . *Amor é prosa, sexo é poesia*.

Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 35-39.

Quando as mulheres acordam

Xico Sá

SÁ, Xico. Quando as mulheres acordam. *Diário de Pernambuco*, Recife, 04 de junho de 2006. Modos de macho & modinhas de fêmea; *O Estado do Paraná*, (Luritiba, 04 de junho de 2006. Modos de macho & modinhas de fêmea; *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 04 de junho de 2006. Modos de macho & modinhas de fêmea. 04 de junho de 2006. Disponível em: http://carapuceiro.zip.net/arch2006-06-04_2006-06-10.html Acesso em: março 2007.

Receita da amante ideal

Carlos Heitor Cony

(X)NY, Carlos Heitor. Receita da amante ideal. In: . *O tudo e o nada*. São

Paulo: Publifolha, 2004. p. 226-228. (Coleção 101 crônicas.)

Dê uma chance ao ser humano

Tutty Vasques

VASQUES, Tutty. Dê uma chance ao ser humano. *Veja Rio*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 2006.

Disponível em: [http:// veja.abril.com.br/vejarj/ 180106/ cronica.html](http://veja.abril.com.br/vejarj/180106/cronica.html) Acesso em: março 2007.

A mulher de

Marcelo Rubens Paiva PAIVA, Marcelo Rubens. A mulher de. *O Estado de S.Paulo*, São Paulo, 2006. Caderno 2.

Pro Bebeléu

André Sant'Anna

SANT'ANNA, André. Pro Bebeléu. *Paralelos: tendências, literatura e outros subtítulos*. [Rio de Janeiro], outubro de 2003. Disponível em: [www.paralelos.org/out03/ 000142.html](http://www.paralelos.org/out03/000142.html) Acesso em: março 2007.

Um casal feliz

Danuza Leão

LEÃO, Danuza. Um casal feliz. In: .

As aparências enganam. São Paulo: Publifolha, 2004. p. 29-30. (Coleção 101 crônicas).

Pessoas habitadas

Martha Medeiros

MEDEIROS, Martha. Pessoas habitadas. *Revista O Globo*, Rio de Janeiro, 24 de julho de 2005.

Carta aberta para um amigo além-mar

João Paulo Cuenca

CUENCA, João Paulo. Carta aberta para um amigo além-mar. *JB*, Rio de Janeiro, 30/04/05. Caderno B, p. 2.

Bar ruim é lindo, bicho

Antonio Prata

PRATA, Antonio. Bar ruim é lindo, bicho. In: WERNECK, Humberto (organização, introdução e notas). *Boa companhia: crônicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 65-68.

Para você estar passando adiante

Ricardo Freire

FREIRE, Ricardo. Para você estar passando adiante. In: . *The best of xonms*. São Paulo: Mandarin, 2001. p. 154-156.

Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca

Arnaldo Jabor

JABOR, Arnaldo. Meu avô foi um belo retrato do malandro carioca. In: . *Amor é prosa, sexo é poesia*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 23-27.

Da arte de falar mal

Carlos Heitor Cony

CONY, Carlos Heitor. Da arte de falar mal. In: . *O tudo e o nada*. São Paulo: Publifolha, 2004. p. 317-320. (Coleção 101 crônicas.)

